

A movie poster for the film 'A Alma de Todo Apostolado'. The background is a dark, atmospheric scene of a woman in a long, flowing white dress standing in a room with wooden paneling. The lighting is dramatic, highlighting the dress against the dark background. The title and author's name are overlaid on the image.

JEAN-BAPTISTE CHAUTARD

A ALMA DE TODO

APOSTOLADO

1994



JEAN-BAPTISTE CHAUTARD

A ALMA DE TODO

APOSTOLADO

 EDITORA
Imaculada
★ ★ ★ ★ ★

A ALMA DE TODO APOSTOLADO

De Jean-Baptiste Chautard, O.C.R., abade de Sept-Fons

AUTÓGRAFO DE S. S. BENTO XV

Ao nosso caríssimo filho, Dom J. B. Chautard, abade da Trapa de Nossa Senhora de Sept-Fons.

Enviamos as nossas mais calorosas felicitações por ter posto em evidência, de maneira admirável, em seu livro *L'Ame de Tout Apostolat*, a necessidade da vida interior nos homens de obras, para a verdadeira fecundidade de seu ministério;

E, desejando que essa obra, em que se encontram reunidos os ensinamentos doutrinários e os conselhos práticos acomodados às necessidades do nosso tempo, continue a difundir-se a fazer bem,

Concedemos, de todo o coração, ao seu piedoso autor, uma afetuosa bênção apostólica.

Vaticano, 18 de março de 1915

Benedictus PP. XV.

S. Ex.^a, o cardeal Vico, acompanhou a remessa da carta do Sumo Pontífice com as seguintes linhas:

Apresso-me em fazer chegar a suas mãos o pergaminho incluso que S. S., o papa Bento XV, houve por bem encarregar-me de remeter-lhe.

Certamente, lerá, no augusto autógrafo, os belos elogios que Sua Santidade faz ao precioso

livro *L'Ame de Tout Apostolat*.

O Santo Padre leu esse livro com vivíssima satisfação.

Já Pio X, de santa memória, me tinha encarregado de transmitir suas felicitações ao piedoso prelado espanhol que traduzia a tua obra para a língua dele.

CARTAS DE APROVAÇÃO

Do Emmo. Cardeal Arcoverde, arcebispo do Rio de Janeiro:

Revestir-se de Jesus Cristo, viver a vida de Jesus Cristo, é a alma de todo apostolado, como diz, em teu excelente livro...

Do Emmo. Cardeal Sevin:

Teu livro é inteiramente de ouro. Devorei-o. Nunca Pio X encontrou um comentador mais piedoso, mais doutrinal, mais eloquente dos pensamentos com que encheu sua exortação ao clero e muitas outras encíclicas.

Podes ter a certeza de que dei a conhecer este tesouro às pessoas que me cercam. Teu livro é explicado em leitura espiritual em meus dois seminários maiores. A vários bispos, a numerosos sacerdotes, manifestei sincera admiração por tua obra.

Do Emmo. Cardeal Mercier, arcebispo de Malines:

As circunstâncias que acabo de atravessar não me deixaram nem o vagar nem a liberdade de espírito que me seriam necessários para ler teu trabalho com a atenção que merece e demoradamente para refletir sobre essas considerações tão elevadas que põem em relevo com ardor tão apostólico.

Ao percorrer tua obra, impressionou-me a semelhança dos seus ensinamentos com o tema de um retiro que preguei, em 1910, ao clero de minha diocese...

Do Emmo. Cardeal Vives:

Não é, certamente, pequeno mérito ter sabido, em teu excelente trabalho sobre a vida

interior e o apostolado, condensar a doutrina e o método prático.

Do Emmo. Cardeal Amette, arcebispo de Paris:

Li, com edificação, teu livro *L'Ame de Tout Apostolat* e feliz me sentirei em recomendá-lo a meus sacerdotes e às pessoas zelosas que se consagram a nossas obras. Sobretudo em Paris, onde tão absorvente é o trabalho exterior do apostolado, é mister animá-lo sempre essa seiva de vida interior, única que lhe pode assegurar a fecundidade...

Do Emmo. Cardeal Fischer, arcebispo de Colônia:

Aprovo plenamente o que escreveu com tanta erudição, tanta experiência nessa matéria e tanta união...

Do Emmo. Cardeal Luçon, arcebispo de Reims:

Aprecio a exatidão da tese que desenvolve e completamente a aprovo...

Do Emmo. e Revmo. Mons. Nunes, arcebispo de Évora (Portugal):

A Alma de Todo Apostolado é um livrinho bem digno de ocupar, na biblioteca de um bom sacerdote, um lugar a para da *Imitação de Cristo*.

Do Emmo. e Revmo. Mons. Renon, bispo de Moulins:

Considerações inéditas e profundíssimas, exemplos sobremodo empolgantes, em sua maioria por si coligidos e verificados em obras com as quais estive em íntimo contato, enfim, e sobretudo o destaque pessoal com que faz ressaltar a fecundidade do apostolado que resulta da compenetração do zelo e da piedade, por meio da vida eucarística e litúrgica, acrescentam um atrativo mais poderoso e asseguram eficácia mais completa a tudo o que já tão bem dissera na primeira exposição de sua tese fundamental.

Sacerdotes, religiosos, religiosas, pessoas do mundo que se interessem pelo apostolado nenhum pretexto poderão aduzir para deixar de possuir este *vade-mécum*...

Do Emmo. e Revmo. Mons. Marre, bispo titular de Const., abade geral dos Cistercienses Reformados:

Nada me poderia ser mais agradável que o conhecimento da reedição do teu excelente livrinho, *L'Ame de Tout Apostolat*...

Do Emmo. e Revmo. Mons. Epaminondas Nunes de Ávila, bispo de Taubaté (Brasil):

Que tesouro inestimável a sua áurea obra *L'Ame de Tout Apostolat*! E ter-se o prazer de vê-la, em boa hora, vertida para a Língua Portuguesa!

Quanto bem vai fazer a milhares de almas, já tendo contribuído eficazmente para a perfeição de tantas outras! Merecedora de todas as bênçãos celestiais, mando-lhe não uma, mas milhares, e faço a Deus votos mui sinceros por sua larga propaganda.

Admiravelmente própria para todos os estados e indivíduos, farei todo o possível para que ela tenha, nesta diocese, a maior divulgação e difusão. Digne-se Nosso Senhor abençoá-la e a seu piedoso e douto autor, de quem me subscrevo...

PREFÁCIO

Nenhum livro, talvez, tenha sacudido tão profundamente os homens dados à vida espiritual, no século XX, como *A Alma de Todo Apostolado*, do abade Chautard. Traduzido para as principais línguas, em edições sucessivas, tornou-se livro clássico das almas interiores, apesar de haver surgido um ou outra voz dissonante a criticar-lhe o conteúdo, por não lhe haver compreendido o espírito.

Muito conhecido o livro, é ignorado por muitos o autor, o piedoso trapista, que poderá parecer, a quem não conhecer sua vida, um homem fechado em um mosteiro, a vida inteira, entregue unicamente à contemplação das coisas divinas, e que uma vez apareceu no mundo para dar conselhos e novamente recluír-se cautelosamente à abadia de Sept-Fons.

Por isso, atendendo ao pedido de prefaciар *A Alma de Todo Apostolado*, outra coisa não faremos que apresentar a vida do piedoso cisterciense, como prefácio de seu livro.

Na cidade mais alta da França, Briançon, nasceu, a 12 de março de 1858, uma criança que, no dia seguinte, recebeu, na pia batismal, o nome de Agostinho. Desse nome de batismo, conservará somente o diminutivo Gustavo, até que troque pelo de João batista, ao entrar na sagrada Ordem de Cister.

O pai, Augusto Chautard, é um livreiro que raras vezes pisa na Igreja e que, sem ser antirreligioso ou anticlerical, alimenta amizade com “voltaireanos” e lê tudo o que lhe cai sob os olhos. Será dom João Batista que exercerá, mais tarde, influência sobre o pai, e não o pai sobre o filho. A educação materna de Clarice Sales, cheia de doçura, piedade e fortaleza cristã, supre as deficiências do pai.

Madame Chautard, com paciência e firmeza, se aplica a corrigir os defeitos do menino, que

se revela terrível. Mais tarde, quando abade, ele citará o método da mãe como modelo na formação das crianças, contando um dos incidentes e uma das lições recebidas na infância.

Um dia, saboreara ocultamente um doce de pêssegos feito pela mãe. Esta, ao descobrir a falta do filho, assim o repreendeu: “Jamais esconderei nada, nem fecharei nada com chave; mas, se eu não te enxergo, o bom Deus te está vendo, e se me desobedeces, ofendes Deus”. E acrescentava dom Chautard: “Eis como se forma a vontade das crianças”.

Aos sete anos, está no colégio local, declarando os mestres raras vezes terem visto um espírito tão brilhante e, ao mesmo tempo, tão equilibrado. Estudo com afinco a Religião, querendo ir ao fundo das questões e procurando argumentos para responder às objeções do pai. Começa, com grande piedade, a ajudar a missa, tornando-se, logo, o “pequeno vigário” do padre Guérin, que o apontará sempre como coroinha modelo.

Em 1869, depois de fervoroso retiro, recebe Gustavo a Primeira Comunhão e, em 1871, a Confirmação. Coroinha modelo, estudante aplicado, nem por isso deixa de ser travesso, turbulento, amigo de batalhas com bolas de neve, no inverno e de escaladas arriscadas de rochas e picos nevados.

O vigário descobrira, em Gustavo, germes de vocação sacerdotal, mas se falasse a quem melhor conhecia o menino, a sua mãe, ela, certamente admirada, responderia: Meu filho está pronto, mas é muito diabólico! E o menino será padre.

Aos catorze anos, deixa, com pena, a terra natal, depois de terminado o curso secundário, e dirige-se para a escola superior de Comércio. Nessa idade, que costumam chamar de ingrata, Gustavo, longe da família, com a paixão do pai pela leitura sem qualquer controle, cercado de companheiros não santos, começa a enfraquecer na piedade; mas, quando já pisava terreno resvaladio, é levado por alguns bons colegas à Obra da Juventude, de padre Allemand,[1] frequenta as associações, promove jogos, diverte-se, mantém-se longe dos perigos, mas, nesse momento, só pensa em um futuro risonho e brilhante, em uma fortuna, na carreira parlamentar.

Esfriara-se o fervor da Primeira Comunhão, começava a aparecer o respeito humano. Um dia, é convidado a acompanhar a procissão do Santíssimo Sacramento, devendo atravessar a grande cidade de vela na mão. Hesita, mas, afinal, diz: Aceito.

Ao passar por uma das ruas, os colegas de faculdade o surpreendem na procissão. Cochichos, risadas se seguem. Gustavo envergonha-se, fica corado, abaixa a cabeça. Mas isso foi só um instante. Ergue a cabeça e continua a oração. Na escola, no dia seguinte, os colegas caçoam dele: “Sacristão! Você em uma procissão!”. Ele responde: “Sim, eu tive vergonha, mas nunca mais me farão abaixar os olhos”. O professor, a aula, zomba em público de sua fé: “O acadêmico Chautard em uma procissão!”. Ele responde, com nobre orgulho: “Sim, senhor, e domingo eu voltarei”.

Esse incidente marca época nas ascensões rápidas do espírito para o estudante.

Como em Briançon, também em Marselha, cada fim de ano escolar assinala novos triunfos para Gustavo que, afinal, termina brilhantemente seus estudos, passando logo da teoria à prática, junto a um armador de Marselha.

Durante algum tempo, ele continua dividido entre dois senhores. Por um lado, recepções mundanas em que ele é admirado como flautista; por outro lado, grande compaixão pelas misérias humanas, que o leva a ensinar o catecismo às crianças abandonadas e a visitar os doentes dos hospitais.

Na capela de Obra da Juventude, orava, uma manhã, junto ao sepulcro do padre Allemand. Uma luz o cerca, uma grande doçura inunda sua alma, Deus se revela. Vê tudo claro. Ambições de grandeza, riquezas, tudo aparece como pó e como fumaça. Durante quinze dias, essa luz o persegue. Afinal, ele diz a Deus a palavra mais bela que se pode dizer: Sim! Será todo de Deus e todo das almas, para alcançar o Supremo Bem!

Mas onde o querará Deus?

Um dos alunos da Escola de Comércio preparava-se para entrar na Cartuxa. Gustavo ridicularizara o amigo, mas agora ele também ouve a voz de Deus.

Também hesita, durante algum tempo, entre a Companhia de Jesus, a Ordem Beneditina e a Cartuxa. Mas, um dia, cai-lhe nas mãos um livro sobre a Trapa. Fez-se a luz: será filho de São Bernardo.

Será, porém, necessário comunicar a resolução aos pais. A mãe recebeu, radiante, a notícia, mas o pai respondeu unicamente um “não” seco e categórico.

Nesse momento difícil, Deus também quis provar seu servo. A luz que brilhara tão radiante se oculta. Surge-lhe à mente todas as objeções contra a fé que lera nos muitos livros ou que ouvira em conversas. Aos seus mais íntimos, contará, sessenta anos mais tarde: “Quando era jovem, o demônio queria impedir-me de corresponder ao apelo divino e eu tinha violentas tentações contra a fé, tão violentas que quase considerava pecados. Então, tomei uma pena nova, aqueci-a ao fogo e apliquei-a sobre o braço: eu creio, meu Deus, eu creio, eis a prova”. E dom Chautard mostrava, no antebraço esquerdo, as cicatrizes ainda visíveis. “E fiz ainda outra coisa”, acrescentava. “À noite, com um canivete, eu abri a ferida, molhei a pena e escrevi com meu sangue: Creio”.

O demônio não consegue vencer sua fé, pois ele não duvida em dizer: “Eu tenho fé... até à ponta das unhas”, mas tenta vencê-lo pela sensualidade. Gustavo vence, também, com decisão, mesmo quando é necessário fugir do perigo, deixando o chapéu em uma casa aonde o levava um amigo. Lança mão de todas as armas defensivas, principalmente das duas melhores armas na luta da pureza: a mortificação e a devoção a Nossa Senhora. À noite, introduz no leito, sobre o colchão, uma tábua, e, de manhã, põe nos sapatos pequenas pedras e, assim, caminha a pé até o santuário de Notre Dame de la Garde.

Na primavera de 1877, volta à terra natal, para ver se consegue vencer a resistência do pai, indisposto contra a vida religiosa pelas calúnias da má imprensa. Augusto Chautard resiste obstinadamente.

Gustavo também não cede. Lembrando-se das romarias feitas, em outros tempos, ao santuário de Nossa Senhora de Laus, resolve fazer, desta vez, uma peregrinação a pé e com os pés descalços. No meio do caminho, sente faltarem-lhe as forças, mas diz, decididamente: “É

necessário!” e, extenuado, chega ao santuário. Reza, chora e levanta-se, consolado e com grande paz no espírito.

Os que conhecem seus projetos de ser trapista dizem: “Gustavo, à Trapa? Ele é candidato à tuberculose!”. O médico da família, examinando-o, diz ao pai: “Se ele for contrariado por mais tempo, terminará morrendo tuberculoso”.

O pobre pai termina cedendo: “Para que não se possa dizer que eu sou o culpado de tua morte, podes partir, mas sabe que acabou tudo entre nós”.

E, dessa maneira quase trágica, venceu a graça de Deus.

A 14 de abril de 1877, Gustavo Chautard chega à Trapa de Aiguebelle, um velho mosteiro construído em um lugar ermo e agreste, onde tudo é silêncio, solidão e paz. Um velho irmão de barbas brancas abre-lhe a porta e, depois de fazer com ele a primeira visita ao Santíssimo Sacramento, o introduz na comunidade, em que deverá conhecer o novo gênero de vida. Deverá conhecer bem e ser conhecido, antes de entrar para o noviciado. À medida que os dias passam, ele se convence de que não se enganara. É na Trapa que Deus o quer. Sua vocação, combatida fortemente em Briançon e Marselha, pode agora expandir-se livremente.

O mestre de noviços, por sua vez, não duvida da vocação do jovem que trocou uma carreira brilhante pela vida de Cister. A 6 de maio, prostrado no Capítulo, ele pede “a misericórdia de Deus e da Ordem”. Dom Gabriel, o abade, comenta o introito do dia, quinto domingo depois da Páscoa, *vocem jucunditatis*, e fala da alegria que se busca e se encontra no claustro.

Enquanto a comunidade canta o *Benedictus*, deixa os hábitos seculares e reveste o hábito branco de Nossa Senhora de Cister. Recebe, ainda, nesse momento, o nome de irmão João Batista, para significar que, morrendo o velho homem, nasce o novo, segundo Cristo.

Feito noviço, estuda a fundo a Regra, as Constituições e a história de sua nova família. A Regra é a do grande pai dos monges do Ocidente – a Regra, perfeitíssima, de São Bento, recebida por São Roberto, que, em 1098, fundou Cister. A Ordem de Cister tem, em São Bernardo, o filho mais ilustre, a quem dom Chautard, mais tarde, chamaria de *Illustrator Regulæ*.

Na escola desses mestres, irmão João Batista faz, com ardor, o noviciado, dando-se às três grandes ocupações: o ofício divino, a leitura e o trabalho manual.

O *Opus Dei*,^[2] principalmente à noite, o entusiasmo. Ele gosta de cantar, em nome da Igreja e da criação. Sente-se feliz em ser um continuador de Cristo, passando as noites em oração para a salvação do mundo adormecido. Quer ser uma “alma cantante” ou, melhor ainda, que identificar-se com a própria oração, quer ser uma “alma-louvor de Deus”.

Segue-se ao ofício a *lectio divina*, em que se ouve a voz de Deus, e o *opus manuum*.^[3] Para o trapista, o trabalho é, ao mesmo tempo, meio de ganhar a vida, sua primeira penitência e uma diversão, após longas horas de oração e exercício de contemplação.

Na luta contra o “velho homem”, João Batista só deve ser moderado pelos superiores, para que não arruíne a saúde com um zelo intempestivo. Ele, conforme a expressão de São Bernardo,

era sitiens Deum.[4]

Mas esse Deus, que ele buscava sedento, se ocultava, às vezes. Voltavam as tentações terríveis contra a fé. E ele usava do expediente de outros tempos. Com o próprio sangue, escrevia: Creio.

A luta, porém, continua. Recorre, confiantemente, a seu abade. Dom Gabriel proíbe-lhe renovar as imprudências passadas que poderiam arruinar-lhe a saúde ou causar, até, a morte. Mostra-lhe as mesmas lutas sofridas por Santa Joana de Chantal. Brilham, novamente, para ele os esplendores da fé.

Dois anos depois do noviciado, o irmão João Batista se apresenta para a profissão. Completara os 21 anos. O primeiro ato de sua maioridade legal será dar-se a Deus. Mas se entrega a Deus por meio de Maria. “A profissão, dirá ele mais tarde, é uma hipoteca que nós temos sobre o Coração de Maria”. “São verdadeiros direitos”.

Professo, segue com afinco os estudos da carreira sacerdotal e, ao mesmo tempo, é encarregado de importantes negócios temporais, aos quais durante toda a vida terá que dedicar-se e para os quais tem grande habilidade. Jovem professo, sendo já diácono, é encarregado pelo abade de assuntos sérios relativos ao Mosteiro. Vai a Paris. Dá todos os passos humanamente possíveis. Tudo parece em vão. Vai, então, prostrar-se aos pés de Nossa Senhora das Vitórias, falando-lhe do fundo da alma: “Mãe, Mãe, abandonareis a vossa casa? Será preciso que os vossos filhos abandonem o mosteiro, necessitados do pão de cada dia?”. Confiante na intercessão de Maria, ele se levanta e não tarda a encontrar um desconhecido que, ao reconhecer um trapista, resolve-lhe satisfatoriamente os negócios, ficando o irmão João Batista convencido de uma intervenção sobrenatural.

Aproxima-se a época da profissão solene. Tem o coração a sangrar. O pai, por cinco anos, não o perdoou. Parece sequer ler as cartas do filho.

Dom Gabriel não será abade conforme São Bento se não for “pai”. Exige que João Batista faça uma suprema tentativa junto ao pai. Humilde e obediente, irmão João parte para Briançon.

Chega. Bate à porta. Ninguém responde. Torna a bater uma e outra vez. Tudo em vão. Vai, então, ajoelhar-se naquela igreja de seu batismo, aos pés de Maria.

Volta. Bate. Afinal, o pai aparece à sacada, somente para dizer: “Vai embora, não te reconheço mais. Acabaste com minha vida. Já não és meu filho”.

O filho suplica, mas é tudo inútil.

Então, ele, pálido, lança um grito em que aparece todo o seu amor ferido e toda a sua ternura: “Já que não me quereis receber, eu vou, mas amanhã toda a cidade saberá que um pai não quis abrir a porta a seu filho”.

O pai ficou vencido: abriu a porta, os braços e o coração. Poucos dias depois, ia ver o filho, na Trapa, e, ao contemplar a alegria que inundava o coração de João Batista, disse: “Realmente, eu estava enganado”.

Feita a profissão solene, que é para ele como um novo batismo, recomeça os estudos teológicos para receber a ordenação sacerdotal, a 3 de junho de 1884. É principalmente agora que vai ser a “alma cantante”, a *hóstia laudis*. Durante cinquenta e dois anos celebrará sua Missa matinal.

Padre João Batista não foi feito para descansar. Respirando sempre os céus, ele deverá viver cercado de todas as preocupações terrenas. Deverá responder pelo bem-estar dos trapistas de Aiguebelle e das trapistas de Maubec.

As preocupações são tantas que ele, em um momento difícil, julga necessário aconselhar-se com o grande monsenhor Gay e com o padre João de Fontfroide. Ambos lhe falam da vontade de Deus, da graça e do momento presente que permitem transformar os obstáculos em meios de santificação.

Com novo entusiasmo, então, se entrega ao bem material e espiritual dos irmãos. Constrói, repara, melhora a fábrica de chocolate; instala máquinas, cuida dos operários e lhe sobram tempo e meios para deixar, em Aiguebelle, uma lembrança: a gruta de Nossa Senhora de Lourdes.

Em 1890, celebrava-se o oitavo centenário da morte de São Bernardo, o filho mais ilustre da Ordem. No meio das alegrias, havia também uma tristeza muito grande, porque Cister, o mosteiro de São Bernardo, jazia em ruínas, sem pertencer à Ordem. Quem fará surgir do meio daquelas ruínas o sagrado mosteiro?

Em 1892, dá-se a união de todos os mosteiros de observância estrita, por vontade de Leão XIII, sendo escolhido o abade de Sept-Fons para geral. Em 1896, reúne-se o Capítulo Geral, sendo então louvado publicamente o conjunto admirável de qualidades do padre João Batista. Em consequência, deve ele ir a Chambarand, para estudar uma melhor organização temporal do mosteiro; e quando, em 1897, o abade local pede demissão do cargo, o padre João Batista é eleito abade.

Para se preparar para a bênção abacial, o novo abade de Chambarand consagra dez dias ao retiro. Foi um retiro singular. Ele saía sozinho, depois da Missa, para a montanha, levando somente o breviário, o terço e um pedaço de pão, no bolso. Só voltava às oito e meia da noite.

Ele é que nos conta: “... fiquei com alma de criança, de criança de 7 ou 8 anos. Eu corria pelas montanhas, procurando enlevo para minha alma, sem procurar, como turista, belos panoramas. Cantava os cânticos de minha infância, dizia tudo o que me vinha à mente, falando com Deus, com a Santíssima Virgem e com meu bom anjo. Quando terminaram os dez dias, quando tive que descer ao vale, as lágrimas me vieram aos olhos. Deixar o céu, para encontrar a terra!”.

Esse retiro marcou época na vida de dom Chautard. De agora em diante, toda a sua atividade exterior será um simples reflexo de sua atividade interior.

A 1º de julho de 1897, recebe a bênção abacial, tendo a satisfação de ver, a seu lado, nessa ocasião, sua boa mãe.

Em Chambarand, aplica-se a conhecer e a cuidar das almas de seus religiosos. Mais livre

dos cuidados temporais, pode dedicar-se à santificação própria e à dos seus.

Mas essa “Idade de ouro”, como ele chamará, mais tarde, essa época de sua vida, não dura muito. Em 1898, chama-o o abade geral e confia a sua perícia em negócios a aquisição e restauração do mosteiro primitivo de Cister.

Sem perda de tempo, põe mãos à obra e com tanta felicidade que consegue logo que a baronesa de Rochetaillée adquira o mosteiro para doá-lo à ordem.

Começa, depois, a restauração. No dia 1º de outubro de 1898, um grupo de monges assiste, de manhã, à Missa no aposento onde nascera São Bernardo, em Fontaines, e, à tarde, cantam as primeiras vésperas da festa de Nossa Senhora do Rosário, de Cister.

Dom Chautard estuda uma restauração inteligente e perfeita com o conservador da biblioteca de Dijon, monsenhor Guignard, e consegue ressuscitar o primitivo Cister.

Restaurado o mosteiro sagrado, o abade geral pôde abandonar o título de Sept-Fons, para tomar o de Cister. A 16 de junho de 1899, realiza-se, em Sept-Fons, o Capítulo para a escolha do novo abade dessa abadia.

A escolha recai em dom Chautard. Um “não” categórico é a resposta. “Não posso aceitar”. Parece deixar-se vencer pelas razões apresentadas, mas termina sempre: “Não posso”. As condições materiais são críticas, a responsabilidade é muito grande. A honra o esmaga. “Eu não fui feito para dirigir sacerdotes”, dirá ele, durante toda a vida.

O abade geral, chegando a Roma, dirige-se a Leão XIII, que diz, simplesmente: “Que ele aceite, diga-lhe de minha parte”. Um bilhete do cardeal Mazzella diz: “Tendo exposto ao Beatíssimo Padre, na audiência desta manhã, o caso da eleição do novo abade de Sept-Fons, o Santo Padre quer que se diga ao novo eleito ser seu desejo que aceite”.

Ele aceita a nova cruz, que levará até o trono de Deus, como prova de sua fidelidade. Será abade de Sept-Fons até 1935.

Sept-Fons está, então, em seu maior esplendor. Tem numerosas casas filiais na França, na China, no Japão e na Austrália. Dom Chautard trará seus religiosos ao Brasil.

Seu lema é a vontade de Deus. Uma obra em que não apareça clara a vontade de Deus, ele a recusa decididamente. Mas, pelo contrário, quando a vontade de Deus é manifesta, entrega-se ao trabalho, de corpo e alma. Muitas vezes, perguntará com insistência: “Ajudai-me a ver a vontade de Deus! É essa a vontade de Deus? Rezai para que eu veja a vontade de Deus!”.

Estamos em 1901. Abre-se uma era de perseguição para a Igreja da França. Sob a inspiração das lojas maçônicas, sucedem-se leis e decretos, a minar a base dos institutos religiosos. Waldeck-Rousseau e Combes conquistam a triste glória de condenar ao desterro homens cujo único crime é serem o baluarte da Igreja. Enquanto reina o pânico nos conventos e a indiferença no meio do povo cristão, reúnem-se os abades cistercienses, em Paria, e encarregam dom Chautard para representar a Ordem, na luta.

Qual será a tática do abade de Sept-Fons, em face de inimigos cheios de astúcia, rancor e hipocrisia? Agir com prudência, nada de precipitação, não ceder nem um palmo de terreno e contemporizar quanto possível.

Consciente da responsabilidade que pesa sobre seus ombros, o abade não para. Quer conhecer onde está o perigo. Insinua-se nos meios políticos, trata com os parlamentares de todas as cores, a fim de poder penetrar no campo inimigo.

Com seus olhos negros, de olhar dominador, aspecto severo, ainda que temperado por um sorriso, parece feito para a luta o mando. Seu dinamismo natural, acrescido de um grande espírito de justiça, fazia que ele não temesse pessoa alguma, como se pôde ver quando teve de se apresentar ao famigerado “Tigre”. [5]

É dom Chautard mesmo que consta, na *L’Ame Cistercienne* sua primeira entrevista com Clemenceau, na véspera do dia em que o Senado devia resolver a sorte dos religiosos que ainda não tinham sido expulsos.

O primeiro-ministro ridicularizou, com ironia terrível, dom Chautard e sua qualidade de monge, mas ele, ferido no que lhe era mais caro, com olhos flamejantes, atitude enérgica e palavra fácil, firme e convincente, desenvolveu o ideal da vida do monge: o monge apaixonado por Deus, guarda de honra da Eucaristia.

O “Tigre” fica estupefato diante da coragem do monge que não termia diante dele, que fazia o que queria do parlamento.

Quando o abade termina de falar, diz Clemenceau: “Eu compreendo o ideal do monge, eu compreendo, quando o é tão profundamente vivido que se pode estar orgulhoso de o ser. Considere-me seu amigo”.

E com o apelativo de “amigo” é que, depois de 25 anos, Clemenceau escreverá a dom Chautard. Este não podia deixar de admirar algumas qualidades de Clemenceau: “Tendo de ser condenado,”, escrevia, em 1903, “prefiro sê-lo por um inimigo inteligente e que se apresenta de viseira erguida”.

Quando alguém o criticava, ao vê-lo nas salas de espera dos inimigos da Igreja, dom Chautard lembrava o *nos stulti propter Christum*, [6] de São Paulo.

Essas incertezas e lutas duraram 12 anos mortais, em que ele devia preocupar-se com a vida de todos os nove mosteiros cistercienses da França, sem deixar de lado o cuidado material e espiritual de seu mosteiro de Sept-Fons, pois essa casa, tendo sido muito generosa para com as outras, encontrava-se em situação material muito precária, ainda que vigorasse a mais fiel observância e grande espírito religioso.

É mais um período heroico da vida de dom Chautard. Período de atividade exaustiva, em que chega a trabalhar vinte horas por dia, passando, algumas vezes, até três dias sem um instante de sono. A saúde não resistiu a essa prova: perdeu o sono para todo o resto da vida. Seguem-se dolorosas noites de insônia, em que ele esperava, em vão, descansar para recuperar as forças necessárias para o trabalho. Sentia-se muito feliz quando podia dormir três ou quatro horas.

No meio de todas essas penas e trabalhos, sente-se feliz, vendo o bom espírito da comunidade e o grande número de noviços que se formam no mosteiro. Mas como não vê grandes esperanças de poder conservar o mosteiro de Sept-Fons, pensa em preparar um lugar onde seus filhos possam viver o ideal monástico. Recebe pedidos de vários pontos: Escócia, Polônia, Brasil etc. Viaja a esses países e outros, para conhecer bem as vantagens que podem oferecer para a vida religiosa.

Depois de muito hesitar, escolhe o Brasil.

A 10 de agosto de 1904, um grupo de religiosos deixa Sept-Fons, em direção ao Brasil. Cerimônias tocantes acompanham a despedida do berço da vida religiosa e da terra natal. Ele quer ver todos, os que partem e os que ficam, unidos no Coração de Jesus pelo Coração da Estrela do Mar.

O novo mosteiro chamar-se-á *Maristella*, “Estrela do Mar”. E quanta solicitude não terá ele por seus queridos filhos do Brasil, que visitará a cada dois anos, interessando-se, com coração de pai, por seu bem espiritual e temporal.

Em 1908, traz, também, para o Brasil as religiosas trapistas. Não é levado pela atividade natural que atravessa tantas vezes o oceano, que se preocupa das coisas terrenas, que vive em lutas e agitações constantes. A tudo se submete unicamente por obediência. O abade geral pode dizer do abade de Sept-Fons: “Ele é o mais obediente dos abades”.

O abade Chautard é um grande pai de sua família religiosa. Esse pai deve preocupar-se, não há dúvida, com o pão cotidiano, mas sua paternidade é, acima de tudo, sobre as almas. Alimentá-las, fazê-las crescer, levá-las para Deus: eis sua ocupação primordial. O trabalho material desempenha um papel secundário.

O ofício do abade é instruir e adestrar para as lutas do espírito.

Ele ensina. Com que autoridade e vida ele prega a seus religiosos! Por meio do capítulo, pela manhã, pela instrução sobre a Sagrada Escritura, pelas exortações do retiro, faz reviver continuamente o espírito monástico. Ele possui o dom de conquistar o auditório, sem precisar de períodos harmoniosos e gestos solenes e estudados. Dom Chautard põe vida e alma nas palavras e dá expressão a cada um de seus gestos. Apoia-se, primeiramente, sobre a palavra do Mestre, o Evangelho. Depois, dá lugar aos autores preferidos: São Bento e São Bernardo. Nunca deixa a Regra de São Bento – sabe-a de cor quase toda. São Bernardo é, para ele, São Bento em ação.

Mas o ofício de abade não é somente instruir. Deve, também, adestrar na vida espiritual.

Ele ensina com o exemplo e com sábios conselhos que dá a cada um de seus filhos. Manifesta, nesses contatos íntimos, grande respeito às almas. Esse amor dita e dirige repreensões, mas com tanta bondade que um monge que acaba de ser repreendido, um dia, pode dizer: “Eu gosto mais das repreensões do padre abade do que das felicitações dos outros”.

Tratando-se dos doentes, quer que se observe a palavra de São Jerônimo: “Um religioso doente deve ser tão bem tratado que não tenha de lamentar sequer a ausência dos cuidados maternos”.

Dom Chautard conserva listas de todos os membros de seu mosteiro e, frequentemente, lê essas listas para rezar por cada um, em particular.

Tem solicitude particular pelas religiosas trapistas confiadas a seus cuidados, pois, como ele diz: “Um mosteiro de religiosas exige mais cuidados que três de religiosos”.

Certa vez, tem de percorrer as ruas da cidade, entre dois policiais, e responder a longos interrogatórios, acompanhados de ameaça de prisão, só porque protestara e tudo fizera para impedir uma batida policial em um mosteiro de religiosas trapistas.

Em 1914, durante a guerra,[7] ele, como pai, não teve sossego diante das ruínas dos mosteiros e ao ver seus religiosos mobilizados. Com o distintivo da cruz vermelha no braço, ele corre até as linhas de frente, mostrando-se audacioso para forçar os regulamentos militares, com o fim de se tornar útil a seus religiosos. “Nada é custoso”, repetia, “quando se trata de ser útil a meus filhos”.

Data dessa época a maior atividade de dom Chautard como escritor. Ele se torna cada vez mais o homem de uma ideia. Toda a sua vida e a sua doutrina podem resumir-se em uma palavra: vida interior. Essa é sua “ideia-mestra”, “ideia-força”. Necessidade e fecundidade da vida interior.

Já em 1907, publicara um opúsculo que é como o esboço de *A Alma de Todo Apostolado: Catecismo de apostolado e vida interior: tese e exemplos, por um Abade de Cister*. [8]

Em 1909, em vista da grande aceitação do opúsculo, generaliza mais a tese, em um livrinho com o título *Vida interior, base de todo apostolado*. [9]

Em 1910, já aparece a tese desenvolvida e admiravelmente resumida no livro *A Alma de Todo Apostolado*, que o haveria de consagrar para sempre.

Durante o duro e longo período da primeira grande guerra, dom Chautard percebe os grandes riscos que correm os sacerdotes e seminaristas mobilizados, principalmente os que ficam nos ócios da retaguarda. Para evitar esse perigo, toma a iniciativa de propor ao episcopado e, em particular, ao cardeal Sevin, a fundação de uma revista de vida interior. O periódico aparece com o título de *Padre e Apóstolo*. [10] O abade colabora assiduamente: todos os meses, dirige aos sacerdotes um artigo em forma de carta, assinada pelo “Irmão Mais Velho”. [11] Muitos sacerdotes devem a perseverança a essas páginas.

A colaboração em *Padres nos exércitos* [12] foi ocasião para o abade estudar melhor os meios de aperfeiçoar e desenvolver a vida interior. A edição de 1911 de *A Alma de Todo Apostolado* vem enriquecida dessa grande experiência.

E continua a atividade febril de dom Chautard, fruto de profunda vida interior, antes vivida que ensinada. A personalidade definida do abade de Sept-Fons, o sucesso de seu livro e a situação preponderante de sua abadia fizeram dele um homem que já não mais pertencia a si mesmo. É assediado de trabalhos, de preocupações, de pedidos para orientar e dirigir toda classe de obras.

As Irmãs de São José de Cluny querem que lhes pregue o retiro. Ele não pode recusar, quando se lembra de que uma irmã de São José lhe deve os primeiros germes da vocação religiosa.

Quando Herriot revela seus planos sectários para liquidar as congregações religiosas, dom Chautard, sempre combativo, por caráter, por vontade e por dever, anima a constituição da Liga dos Direitos dos Veteranos Religiosos. Será ele o melhor apoio dessa liga, nas horas mais difíceis.

Em 1925, prega um retiro a um grupo de bispos. O resultado: novos convites insistentes para os anos seguintes. O abade foi irredutível: não aceitou, por não achar esse ministério próprio de um monge.

Leva encorajamento às novas formas de apostolado: a Juventude Operária Cristã, a Juventude Estudantil Cristã, Juventude Agrícola Católica, Juventude Marítima Cristã, pregando sempre a necessidade das elites espirituais, formadas na vida interior.

Dom Chautard pronunciava com respeito a palavra “operário”. Contava a emoção que sentiu quando Leão XIII o interrogou: “Amas os operários?”. Desde Aiguebelle, sentia paixão em tratar com os operários. Fê-los participar dos lucros da indústria do mosteiro, gostava de conversar com eles, interessando-se por suas famílias, e vendo sob a blusa ou a camisa rasgada a imagem de Nosso Senhor, feito operário. Costumava dizer: “Não sou democrata nem demagogo, sou demófilo”.[13]

Em 1927, pensa-se em restaurar o velho mosteiro de Orval. Resolve, então, fechar as casas do Brasil. As dificuldades do recrutamento de vocações e a distância do centro da Ordem levam-no a essa decisão. Apesar do segredo com que procedeu, logo correu a notícia da retirada próxima dos monges trapistas. Todos os meios foram empregados para impedir a partida dos bons religiosos. Vários bispos recorreram à Santa Sé para conservar entre nós, a qualquer custo, a vida cisterciense. Dom Chautard, ainda que muito apegado ao Brasil, mostrou-se irredutível.

O abade de Sept-Fons não tem descanso. Parte, doente e alquebrado já, pela idade, para visitar seus filhos na Palestina e na China. O mosteiro de Nossa Senhora da Consolação, no Vicariato Apostólico de Pequim, é um modelo. O mesmo Pio XI, incitando as ordens contemplativas a fundarem casas na China, fala com entusiasmo do mosteiro de Nossa Senhora da Consolação: “... Nós vemos, em espírito, o grande mosteiro que os cistercienses reformados da Trapa fundaram no Vicariato Apostólico de Pequim. Lá, uma centena de monges, na maior parte chineses, ganha merecimentos pelo exercício das virtudes mais perfeitas, pela assiduidade na oração, pela vida rude, suportando os sofrimentos, ao mesmo tempo em que atraem as bênçãos e o perdão de Deus sobre os infiéis e os atraem a Cristo pela eficácia do exemplo”.

Da China, passa ao Japão, onde visita os dois mosteiros cistercienses, voltando pelos Estados Unidos, dando a volta ao mundo em quatro meses de estafantes viagens, feitas em navios da pior classe, por espírito de pobreza.

Em 1932, os monges fazem questão de celebrar solenemente seu quinquagésimo aniversário de profissão solene.

Nesse mesmo ano, celebra a abadia de Sept-Fons seu oitavo centenário. Mal haviam terminado as festas centenárias quando, em Sept-Fons, se passa uma cena nunca vista. Há muito tempo a Pathé[14] queria filmar o mosteiro e a vida dos monges. O abade sempre resistira, mas, ao saber que se projetava rodar os filmes sob as ogivas de uma antiga abadia, com os habituais artista, que faziam as vezes dos monges, abriu, de par em par, as portas de Sept-Fons. Em 1933, apareceu o filme, com o título *Un Monastère*. [15] Calorosamente aplaudido, teve de ouvir, também, alguma voz discordante; mas, afinal, pôde ficar tranquilo quando, na reunião dos bispos, o cardeal arcebispo de Paria louvou publicamente dom Chautard por ter permitido rodar, em Sept-Fons, o filme *Un Monastère*, chamado a fazer grande bem.

Durante toda a vida, o abade estivera em luta com as doenças. Estando avançado em anos e achacoso, contava com a morte a qualquer hora, mas, apesar disso, não perdera a juventude e o otimismo de espírito. “Viva a alegria de se dar aos trabalhos pelo bom Deus!”, dizia.

Estamos em 1934. A obediência o obriga a descansar. É como um retiro para a morte. Ele, que começara a vida nas montanhas, vai passar agora, também, umas semanas na montanha, que tanto e tão bem fala de Deus a seu coração.

Durante três semanas, em contato com a montanha, ele quer ser *Pour Son de Marie*, isto é, *être sauvage avec les créatures, et n’être épanoui qui s’il faut donner Dieu or recevoir Dieu*. [16]

A 3 de junho de 1934, dom Chautard celebra as bodas de ouro de sacerdócio. Nesse dia, não recebeu uma pessoa, não abriu uma carta, quis passar o dia em ação de graças a Deus.

Seus filhos o amavam e sabiam que eram amados pelo abade, mesmo quando, em cumprimento do dever, os fazia sofrer. Sofria ainda mais o bom pai, a ponto de dizer: “Como é duro, em certas circunstâncias, ser abade!”.

A 29 de setembro de 1935, o mosteiro está em festa com a recepção de hábito de um candidato, festa que deve ser animada com a presença de 40 escoteiros.

Na sala do capítulo, termina o canto do Martirológio e da Regra. Dom Chautard não aparece.

Sai o prior e o encontra caído por terra, à porta do capítulo. Transportado ao quarto do prior, pode receber, ainda, a absolvição e a Extrema Unção, no meio das orações e lágrimas de seus filhos e dos meninos que cercam seu leito. Momentos depois, comparece com a alma em festa, como sempre vivera, diante do Deus Vivo. Suas mãos seguravam, ainda, o esquema do discurso que deveria dirigir aos escoteiros. O esquema assim terminava:

Tempus modicum, filioli...

Novissima hora est

140.000 créatures fauchées chaque jour![17]

Naquela tarde, triste tarde, os filhos levam à última morada os terrenos despojos mortais do

pai. Os filhos choravam aquelas palavras: *Chorus angelorum te suscipiat!*[18]

Assim terminava sua vida terrena o apóstolo da vida interior!

Londrina, 1º de maio de 1962.

✠ Geraldo, bispo de Londrina

PROÊMIO

Ex quo ómnia

per quem ómnia

in quo ómnia[19]

Ó Deus magnífico e bondosíssimo, como são admiráveis e deslumbrantes as verdades que a fé nos manifesta acerca de vossa vida íntima!

Pai santo, Vós eternamente vos contemplais na vossa perfeita imagem, o Verbo, o vosso Verbo estremece, enlevado em vossa beleza, e do vosso êxtase comum jorra um grande incêndio de amor, o Espírito Santo.

Só Vós, ó **Trindade adorável**, sois a vida interior perfeita, superabundante, infinita.

Bondade sem limites, desejais difundir fora de Vós a vossa vida íntima. Dizeis uma palavra e as vossas obras arrojam-se do nada para manifestar vossas perfeições e cantar vossa glória.

Entre Vós e a poesia animada por vosso sopro existe um abismo; vosso Espírito de amor quer preenchê-lo – assim terá meio de satisfazer sua imensa necessidade de amar e de se dar.

Provoca, pois, em vosso seio o decreto de nossa divinização.

Este lodo afeiçoado por vossas mãos poderá – ó, prodígio! – ser deificado e participar de vossa felicidade eterna.

Vosso Verbo se oferece para realizar essa obra.

E Ele se fez carne para que nós nos tornássemos deuses[20].

Sem embargo, Vós, ó Verbo, não haveis abandonado o seio de vosso Pai. Lá subsiste a vossa vida essencial, e dessa fonte é que hão de promanar as maravilhas do vosso apostolado.

Ó Jesus, Emanuel, Vós que confiais a vossos apóstolos o vosso Evangelho, a vossa cruz, a vossa Eucaristia e lhes confiais a missão de irem gerar para vosso Pai filhos de adoção.

Depois, voltais para vosso Pai.

E a Vós, Espírito divino, que, para o futuro, incumbe a tarefa de santificar e de governar o corpo místico do Homem-Deus[21].

A fim de fazer descer a vida divina da cabeça para os membros, Vos dignais escolher colaboradores para a vossa obra. Abrasados pelos fogos do Pentecostes, por toda a parte eles irão semear nas inteligências o verbo que ilumina e, nos corações, a graça que inflama, comunicando, assim, aos homens essa vida divina, da qual sois a plenitude.

Ó fogo divino, excitai em todos aqueles que participam do vosso apostolado os ardores que transformaram os felizes que estavam em retiro no cenáculo e eles, então, já não serão apenas simples pregadores do dogma e da moral, senão “transfundidores” vivos do sangue divino nas almas.

Espírito de luz, gravai-lhes nas inteligências em traços indeléveis a verdade seguinte: que seu apostolado somente será eficaz conforme a medida em que eles próprios viverem dessa vida sobrenatural íntima de que Vós sois o **Princípio** supremo e Jesus Cristo, a **Fonte**.

Ó Caridade infinita, abrasai suas vontades em uma sede ardente da vida interior. Penetrai seus corações com os vossos suaves e poderosos eflúvios e dai-lhes a sentir que, ainda neste mundo, a verdadeira felicidade apenas se encontra nessa vida, imitação e participação da vossa e da do Coração de Jesus no seio do Pai de todas as misericórdias e de todas as ternuras.

Ó Maria imaculada, rainha dos apóstolos, dignai-vos abençoar estas modestas páginas. A todos aqueles que as lerem, alcançai-lhes a graça de compreenderem bem que, se aprover a Deus servir-se de sua atividade como de um instrumento regular de sua Providência para difundir nas almas seus bens celestes, essa atividade, para produzir qualquer resultado, deverá, de alguma sorte, participar da natureza do ato divino, tal como Vós o contempláveis no seio de Deus, quando, em vossas entranhas virginais, se encarnou Aquele a quem devemos o poder chamar-vos nossa Mãe.

PRIMEIRA PARTE:

DEUS QUER AS OBRAS E A VIDA INTERIOR

1. As obras e, portanto, o zelo, são desejados por Deus

Apanágio da natureza divina é ser sumamente liberal. Deus é bondade infinita. A bondade tão somente aspira a difundir-se e a comunicar o bem que desfruta.

A vida mortal de nosso Senhor foi sempre uma contínua manifestação dessa inesgotável liberalidade. O Evangelho mostra-nos o Redentor semeando por seu caminho os tesouros do amor de um Coração ávido de atrair os homens para a verdade, para a vida.

Esta chama de apostolado foi, por Jesus Cristo, comunicada à Igreja, dádiva do seu amor, difusão da sua vida, manifestação da sua verdade, resplendor da sua santidade. Animada pelos mesmos ardores, a Esposa mística de Cristo continua, no decurso dos séculos, a obra de apostolado do seu divino Exemplar.

Desígnio admirável, lei universal estabelecida pela Providência! É por meio do homem que o homem deve conhecer o caminho da salvação[22]. Foi somente Jesus Cristo quem derramou o sangue que resgata o mundo. Por si só, Ele também teria podido aplicar a virtude desse sangue e operar de modo imediato sobre as almas, como faz pela Eucaristia. Quis, porém, colaboradores na distribuição dos seus benefícios. Por quê? Sem dúvida porque a Majestade divina assim o exigia; mas, não menos a isso o compeliavam as suas ternuras pelo homem. E, se o mais eminente dos monarcas tem toda a conveniência em governar, na maioria dos casos, por intermédio dos seus ministros, que condescendência da parte de Deus dignar-se associar pobres criaturas a seus labores e a sua glória!

Nascida sobre a cruz, saída do lado traspassado do Salvador, a Igreja perpetua, por meio do ministério apostólico, a ação benéfica e redentora do Homem-Deus. Desejado por Jesus Cristo, torna-se esse ministério o fator essencial da propagação dessa Igreja pelas nações e o mais habitual instrumento das suas conquistas.

Na primeira linha, o **clero**, cuja hierarquia constitui o quadro do exército de Cristo, clero ilustrado por tantos bispos e sacerdotes santos e zelosos, e tão gloriosamente honrado pela recente canonização do santo Cura de Ars,[23] Ao lado desse clero oficial, desde as origens do cristianismo surgiram companhias de voluntários, verdadeiros corpos de escol, cuja perpétua e luxuriante vegetação há de ser sempre um dos fenômenos mais patentes da vitalidade da Igreja.

Logo nos primeiros séculos, aparecem as Ordens contemplativas, cuja oração incessante e as rudes macerações tão poderosamente contribuíram para a conversão do mundo pagão. Na Idade Média, surgem as Ordens predicantes, as Ordens mendicantes, as Ordens militares e as Ordens votadas à heroica missão do resgate dos cativos em poder dos infiéis. Enfim, os tempos modernos veem nascer enorme quantidade de milícias docentes, Institutos, Sociedades de Missionários, Congregações de toda espécie, cuja missão é espalhar o bem espiritual e corporal sob todas as formas.

Além disso, em todas as épocas de sua história, a Igreja encontrou colaboradores preciosos

nos simples fiéis, como esses fervorosos católicos, hoje uma legião, “pessoas de obras”, segundo a expressão consagrada, corações ardentes, os quais, sabendo unir suas forças, põem, sem reserva, ao serviço de nossa Mãe comum, tempo, capacidades, fortuna, sacrificando amiúde sua liberdade e, às vezes, até seu próprio sangue.

Como é, certamente, admirável e consolador o espetáculo dessa florescência providencial de obras, nascendo no momento preciso e adaptando-se tão maravilhosamente às circunstâncias! Todas as necessidades novas para satisfazer, todos os perigos a conjurar – a história da Igreja o atesta – viram, invariavelmente, aparecer a instituição reclamada pelas exigências do momento.

Assim é que, em nossa época, vemos oporem-se a males de singular gravidade uma multidão de obras, que ontem ainda mal se conheciam: catecismos de preparação para a primeira comunhão, catecismos de perseverança, catecismos para as crianças abandonadas, congregações, confrarias, reuniões e retiros para homens e moços, para senhoras e donzelas, apostolado da oração, apostolado da caridade, ligas para o repouso dominical, patronatos, círculos católicos, obras militares, escolas livres, boa imprensa etc., enfim todas as formas de apostolado, suscitadas por esse espírito que inflamava a alma de um São Paulo: *Ego autem libentissime impendam et superimpendar ipse pro animabus vestris*[24], e que deseja espargir por toda parte os benefícios do sangue de Jesus Cristo.

Oxalá estas humildes páginas sejam de proveito aos soldados que, inteiramente cheios de zelo e de ardor por sua nobre missão, se expõem, precisamente, por causa da atividade que desenvolvem, ao perigo de não serem, antes de tudo, homens de vida interior, e que se, um dia, fossem por esse motivo punidos, tanto com maus êxitos aparentemente inexplicáveis, como com graves danos espirituais, poderiam ser tentados a abandonar a luta e a voltar desanimados para a tenda.

Os pensamentos desenvolvidos neste livro a nós mesmo nos auxiliaram na luta contra a exteriorização pelas obras. Oxalá possam eles evitar a alguns esses desgostos e guiar melhor a sua coragem, mostrando-lhes que o Deus das obras jamais deve ser abandonado pelas obras de Deus e que o *Vae enim mihi est si non evangelizavero*[25] não nos outorga o direito de olvidar o *Quid enim prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur*[26].

Os pais e mães de família para quem a *Introdução à vida devota*[27] não é livro antiquado, os esposos cristãos, que se consideram um para com o outro obrigados a um apostolado que, ao mesmo tempo, exercem sobre seus filhos para formá-los no amor e na imitação do Salvador, podem também facilmente aplicar a si os ensinamentos dados por estas páginas modestas. Oxalá eles compreendam melhor a necessidade de uma vida, tão piedosa quanto interior para tornarem eficaz o seu zelo e perfumarem seu lar com o espírito de Jesus Cristo e dessa paz inalterável que, malgrado as provações, há de ser sempre o apanágio das famílias profundamente cristãs.

2. Deus quer que Jesus seja a vida das obras

A ciência toda se ufana com seus imensos triunfos, e é certo que tem títulos legítimos para disso se ufanar. No entanto, uma coisa até hoje lhe tem sido impossível e impossível lhe será de futuro: criar a vida, fazer sair um grão de trigo, uma larva, do laboratório de um químico. As estrondosas derrotas dos partidários da geração espontânea já nos ensinaram o que devíamos pensar acerca dessas pretensões. Deus guarda o poder de criar a vida.

Na ordem vegetal e animal, os seres vivos podem crescer e multiplicar-se e, ainda assim, sua fecundidade apenas se realiza dentro das condições estabelecidas pelo Criador. Ao tratar-se, porém, da vida intelectual. Deus reserva-a para si e Ele é quem diretamente cria a alma racional. Um domínio há, contudo, de que Ele é ainda mais cioso – o domínio da vida sobrenatural, emanção da vida divina comunicada à humanidade do Verbo encarnado.

Per Dóminum nostrum Jesum Christum. Per ipsum et cum ipso et in ipso[28]. A Encarnação e a Redenção constituem Jesus Fonte e **Fonte única** dessa vida divina, da qual todos os homens são chamados a participar. A ação essencial da Igreja consiste em difundir essa vida por meio dos sacramentos, da oração, da pregação e de todas as obras que com isso se relacionam.

Deus tudo faz por meio de seu Filho: *Omnia per ipsum facta sunt, et sine ipso factum est nihil*[29]. Isto já é verdade na ordem natural; mas quanto mais o é ainda na ordem sobrenatural, desde que se trata de comunicar a sua vida íntima e de tornar os homens participantes da sua natureza para torná-los filhos de Deus.

Ego veni ut vitam hábeant. In ipso vita erat. Ego sum vita[30]. Que precisão nestas palavras! Que luz nessa parábola da videira e dos sarmentos, em que o Mestre desenvolve essa verdade! Como Ele se empenha em gravar no espírito de seus apóstolos este princípio fundamental: que unicamente Ele, Jesus, é a vida; e esta consequência: que, para participar dessa vida e comunica-la aos outros, é preciso que sejam enxertados no Homem-Deus!

Os homens chamados à honra de colaborar com o Salvador em transmitir às almas essa vida divina devem, portanto, considerar-se como modestos canais encarregados de haurir tal vida nessa fonte única.

Grosseiro erro teológico deixaria transparecer um homem apostólico, se desconhecesse esses princípios e julgasse que podia produzir o mínimo vestígio de vida sobrenatural sem ir totalmente buscá-la em Jesus.

Desordem menor, mas também insuportável aos olhos de Deus, seria se o apóstolo, reconhecendo embora que o Redentor é a causa primordial de toda a vida divina, em sua ação olvidasse essa verdade e, obcecado por louca presunção injuriosa a Jesus Cristo, apenas contasse com suas próprias forças.

Tão somente falamos aqui da desordem intelectual, que, teórica ou praticamente, implica a negação de um princípio ao qual devemos tanto a adesão de nosso espírito como a conformidade da nossa conduta; e não da desordem moral do homem de obras, o qual, reconhecendo realmente o Salvador como fonte de toda a graça e esperando d'Ele todo o bom êxito, tenha o próprio coração em desacordo com o d'Ele, devido ao pecado ou à tibieza voluntária.

Ora, o proceder praticamente, ao ocupar-se de obras, como se Jesus não fosse o único princípio da vida delas, é qualificado pelo cardeal Mermillod de “heresia das obras”. Com essa expressão, estigmatiza ele a aberração de um apóstolo que, esquecendo-se de seu papel secundário e subordinado, unicamente esperasse o bom êxito de seu apostolado, de sua atividade pessoal e de seus talentos. Praticamente, não é isso a negação de grande parte do Tratado da Graça? Essa consequência, à primeira vista, revolta; mas por pouco que sobre ela se reflita, logo se vê que é, infelizmente, muito verdadeira.

Heresia das obras! A atividade febril substituindo-se à ação de Deus; a graça desconhecida; o orgulho humano querendo destronar Jesus; a vida sobrenatural, o poder da oração e a economia da Redenção atirados, pelo menos na prática, à categoria das abstrações, eis um caso que longe está de ser imaginário e que a análise das almas revela como frequentíssimo, embora em graus diversos, neste século de naturalismo em que o homem julga, sobretudo, pelas aparências e procede como se o bom êxito de uma obra dependesse principalmente de engenhosa organização.

A vista de uma alma pagã, recusando-se a atribuir ao Autor de todo o bem e de todos os dons as maravilhas de seus talentos naturais, já seria motivo de indignação para um espírito esclarecido, quanto mais não seja pela filosofia.

Que sentimento experimentará então um católico instruído em sua religião, perante o espetáculo de um apóstolo que ostentasse, pelo menos implicitamente, a pretensão de não querer saber de Deus para comunicar às almas, quanto mais não fosse, o mínimo grau de vida divina?

“Que insensato!”, diríamos nós ao ouvir um operário evangélico usar da seguinte linguagem: “Meu Deus, não levanteis obstáculos a minha empresa, não lhe traveis o funcionamento e eu me encarrego de levá-la a bom termo”.

Esse sentimento nosso seria um reflexo da aversão que em Deus provoca a vista de tal desordem, a vista de um presunçoso levando o orgulho a ponto de querer dar a vida sobrenatural, produzir a fé, fazer cessar o pecado, conduzir à virtude, gerar almas para o fervor, unicamente com as suas forças e sem atribuir esses efeitos à ação direta, constante, universal e efusiva do Sangue divino, preço, razão de ser e meio de toda a graça e de toda a vida espiritual.

A humanidade de seu Filho exige, pois, que Deus confunda esses falsos cristos, paralisando suas obras de orgulho, permitindo que elas apenas provoquem uma miragem efêmera.

Salvo em tudo o que opera sobre as almas *ex opere operato*,^[31] Deus deve ao Redentor o subtrair ao apóstolo, cheio de arrogância, suas melhores bênçãos para reservá-las ao ramo que humildemente reconhece que somente pode haurir sua seiva no tronco divino. De outra sorte, se abençoasse com resultados profundos e duradouros uma atividade envenenada por esse vírus a que chamamos heresia das obras, Deus daria mostras de animar essa desordem e permitir seu contágio.

3. Que é a vida interior?

Se, algumas vezes, empregarmos as palavras vida de oração, contemplação, vida

contemplativa – termos que se encontram nos Santos Padres e nos escolásticos –, nossa intenção é sempre designar a vida interior normal acessível a todos e não os estados pouco ordinários de oração que a teologia mística estuda, e *a fortiori*[32] êxtases, visões, arroubamentos etc.

Sairíamos de nosso plano se nos demorássemos em um estudo de ascetismo. Limitamo-nos a recordar, em poucas palavras, o que **cada qual**, para o governo íntimo da sua alma, é obrigado a aceitar como absolutamente certo.

1ª Verdade: A vida sobrenatural é a vida do próprio Jesus Cristo em mim, pela fé, pela esperança e pela caridade.

A presença de Nosso Senhor por meio dessa vida sobrenatural não é a presença real própria da sagrada comunhão, senão uma presença de **Ação Vital**, como a ação da cabeça ou do coração nos membros; ação íntima que Deus quase sempre oculta a minha alma para aumentar o mérito da minha fé; ação, portanto, habitualmente insensível a minhas faculdades naturais e que unicamente a fé me obriga formalmente a crer; ação divina que deixa subsistir meu livre arbítrio e utiliza todas as causas segundas, acontecimentos, pessoas e coisas, para me fazer conhecer a vontade de Deus e deparar-me ocasiões de adquirir ou aumentar minha participação na vida divina.

Essa vida, inaugurada no batismo pelo estado de graça, aperfeiçoada pela confirmação, conservada e enriquecida pela Eucaristia, é minha **vida cristã**.

2ª Verdade: Jesus Cristo comunica-me o seu Espírito por meio dessa vida. E, assim, torna-se o princípio de atividade superior que me leva, caso eu lhe não ponha obstáculos, a pensar, a julgar, a amar, a querer, a sofrer, a trabalhar com Ele, n'Ele, por Ele, como Ele. Minhas ações exteriores tornam-se a manifestação dessa vida de Jesus em mim. Assim, tendo para a realização do ideal de Vida Interior formulado por São Paulo: Já não sou eu que vivo, é Jesus Cristo que vive em mim.[33]

Vida cristã, piedade, vida interior, santidade não diferem essencialmente; são os diversos graus de um só e mesmo amor; são o crepúsculo, a aurora, a luz, o esplendor de um mesmo sol.

Minha vida interior há de ser, pois, minha vida cristã aperfeiçoada. O essencial da vida cristã limita-se aos esforços necessários para conservar a graça santificante. A vida interior vai mais além. Visa ao desenvolvimento dessa graça, procura atrair graças atuais abundantes e corresponder a elas.

Posso, pois, defini-la como o estado de atividade de uma alma que **reage**, a fim de **regular** suas inclinações naturais e se esforça por adquirir o **hábito** de julgar e de se dirigir **em tudo** consoante às luzes do Evangelho e aos exemplos de nosso Senhor.

Portanto, dois movimentos. Por via do primeiro, a alma subtrai-se a tudo quanto o criado possa ter de contrário à vida sobrenatural e procura estar incessantemente presente a si mesma:

Avérsio a creaturis. [34] Por via do segundo, a alma tende para Deus e com Ele se une: *Convénio ad Deum*. [35]

Assim é que essa alma quer ser fiel à graça que Nosso Senhor lhe oferece a cada momento. Em suma, vive unida a Jesus e realiza o *Qui manet in Me et Ego in eo, hic fert fructum multum* [36].

3ª Verdade: Privar-me-ia de um dos mais poderosos meios de adquirir essa vida interior se não me esforçasse por ter fé precisa e certa dessa presença ativa de Jesus em mim e, sobretudo, por alcançar que essa presença se torne em mim uma realidade viva, vivíssima até, que vá penetrando cada vez mais a atmosfera das minhas faculdades. Tornando-se, por essa forma, Jesus minha luz, meu ideal, meu conselho, meu apoio, meu recurso, minha força, meu médico, minha consolação, minha alegria, meu amor, em uma palavra minha vida, hei de adquirir todas as virtudes. Somente então poderei dizer, com toda a sinceridade, a admirável oração de São Boaventura que a Igreja me propõe na ação de graças, depois da missa: *Transfige dulcissime Dómine Jesu...* [37]

4ª Verdade: Minha vida sobrenatural pode crescer a cada instante em proporção com a intensidade do meu amor a Deus, por meio de nova infusão da graça da presença ativa de Jesus em mim; infusão produzida:

a) Por ocasião dos **atos meritórios** (virtude, trabalho, sofrimentos sob suas diversas formas: privação das criaturas, dor física ou moral, humilhação, abnegação; oração, missa, ato de devoção a nossa Senhora etc.).

b) Pelos **Sacramentos**, sobretudo a Eucaristia.

É, pois, certo, e essa consequência esmaga-me com sua sublimidade e profundidade, mas enche-me sobretudo de júbilo e de coragem, é, pois, certo que por meio de cada acontecimento, pessoa ou coisa, vós, Ó Jesus, vós próprio vos apresentais objetivamente a mim e em todos os momentos. Ocultais sob essas aparências vossa sabedoria e vosso amor, e solicitais minha cooperação para aumentar em mim vossa vida.

Ó minha alma, é sempre **Jesus** que a ti se manifesta por meio da **graça do momento presente**, oração a dizer, missa a celebrar ou a ouvir, leitura a fazer, atos de paciência, de zelo, de renúncia, de luta, de confiança, de amor a praticar. Ousarás desviar teus olhares ou esconder-te?

5ª Verdade: A tríplice concupiscência, causada pelo pecado original e aumentada por meio de cada um de meus pecados atuais, gera em mim elementos de morte opostos à vida de Jesus. Ora, esses elementos diminuem o exercício dessa vida, na medida do grau em que se desenvolverem. Podem até – ai! – chegar a suprimi-la.

Sem embargo, inclinações e sentimentos contrários a essa vida, tentações, embora violentas e prolongadas, nenhum prejuízo lhe causa enquanto minha vontade a tudo isso se opuser. E então, verdade consoladora, contribuem, até, como qualquer elemento de combate espiritual, para aumentá-la, e isso conforme a medida do meu zelo.

6ª Verdade: Sem o emprego fiel de certos meios, minha inteligência há de obcecar-se e minha vontade tornar-se mui fraca para cooperar com Jesus no aumento e na conservação de sua vida em mim. Desde logo, ocorrem diminuição progressiva dessa vida e marcha para a **tibieza da vontade**[38]. Por dissipação, covardia, ilusão, cegueira, eu pactuo, então, com o pecado venial. Portanto, insegurança para a minha salvação, porque disposição fácil para o pecado mortal.

Se por desgraça viesse a cair nessa tibieza (e, *a fortiori*, se ainda estivesse mais baixo), deveria tentar tudo para dela sair: a) Reavivar meu temor de Deus, pondo-me de maneira decidida em presença de meu fim, da morte, dos juízos de Deus, do inferno, da eternidade, do pecado etc.; b) Fazer reviver minha compunção de amor pelo conhecimento de vossas chagas, ó misericordioso Redentor. Em espírito, no Calvário, eu me prostrarei a vossos pés sacratíssimos, a fim de que vosso sangue vivo, correndo por minha cabeça e pelo coração, dissipe minha cegueira, derreta o gelo de minha alma e galvanize o entorpecimento de minha vontade.

7ª Verdade: Mui deveras devo temer o não possuir o grau de vida interior que Jesus **exige** de mim.

a) Se cesso de aumentar minha sede de viver de Jesus, sede que me dá tanto o desejo de agradar a Deus em tudo, como o temor de lhe desagradar seja no que for. Ora, com toda a certeza cesso, se não mais ponho em prática os meios, mormente: meditação matutina, exames [de consciência] particular e geral, leitura espiritual, missa e sacramentos; ou se, por culpa minha, esses meios já não me são proveitosos.

b) Se não tenho aquele mínimo grau de recolhimento que me permita, no decurso de minhas ocupações, conservar meu coração em uma pureza e em uma generosidade suficientemente grandes para não ser abafada a voz de Jesus, assinalando-me os elementos de morte que se apresentam, e convidando-me a combatê-los. Ora, esse grau mínimo há de, por certo, faltar-me, se me abster de meios que podem assegurá-lo: vida litúrgica, orações jaculatórias – sobretudo em forma de súplica, comunhões espirituais, exercício da presença de Deus etc.

Sem ele, os pecados veniais hão de chegar a pulular em minha vida, e poderei até não fazer caso deles. Para ocultá-los e até para esconder de mim mesmo um estado mais lamentável, a ilusão há de servir-se das aparências de uma piedade mais especulativa que prática, de zelo pelas obras etc. No entanto, fico responsável por minha cegueira, já que fiz nascer e alimento a causa dela, devido à ausência desse recolhimento indispensável.

8ª Verdade: Minha vida interior há de ser o que minha guarda do coração for: *Omni custodia serva cor tuum, quia ex ipso vita procedit*[39].

Essa guarda do coração outra coisa não é senão a solícitude **habitual**, ou pelo menos frequente, em preservar todos os meus atos, à medida que eles se vão apresentando, de tudo o que poderia viciar sua **causa motriz** ou sua **prática**.

Solícitude tranquila, natural, sem contensão, mas bastante enérgica, pois se baseia no recurso filial a Deus.

É um trabalho mais do coração e da vontade que do espírito, o qual deve ficar livre para a prática de seus deveres. Longe de embaraçar a ação, a guarda do coração aperfeiçoa-a, regulando-a pelo espírito de Deus e acomodando-a aos deveres do estado.

Esse exercício pratica-se a todos os momentos. É uma vista, por meio do coração, das ações presentes e uma atenção moderada às diversas partes de uma ação à medida que ela se vai pondo em prática. É a observância exata do *age quod agis*. [40] Como sentinela vigilante, a alma exerce sua solícitude sobre todos os movimentos de seu coração, sobretudo quanto se passa em seu interior: impressões, intenções, paixões, inclinações, em uma palavra, sobre todos os seus atos interiores e exteriores, pensamentos, palavras, ações.

A guarda do coração exige certo recolhimento; a alma dissipada não pode pô-la em prática. Por meio da frequência desse exercício, pouco a pouco se vai adquirindo o hábito dele.

Quo vadam et ad quid?[41] Que faria Jesus? Como se comportaria Ele em meu lugar? Que me aconselharia? Que Ele exige de mim neste momento? Tais são as questões que, espontaneamente, se apresentam à alma ávida de vida interior.

Para a alma que vai a Jesus por Maria, essa guarda do coração reveste-se de um caráter ainda mais afetuosos, e o recurso a essa boa mãe torna-se uma como incessante necessidade para seu coração.

9ª Verdade: Jesus Cristo reina na alma quando esta aspira a imitá-lo seriamente, em tudo e com todo o afeto. Nessa imitação há dois graus: a) A alma esforça-se por se tornar indiferente às criaturas consideradas em si, quer sejam conformes quer contrárias a seus gostos. A exemplo de Jesus, apenas quer, como sua regra única e universal, a vontade de Deus: *Descendi de cælo, non ut faciam voluntatem meam, sed voluntatem ejus, qui misit me*[42]; b) *Christus non sibi placuit*[43]. A alma inclina-se de melhor vontade para o que a contraria e repugna à natureza. Realiza, então, o *agendo contra* de que fala Santo Inácio, em sua célebre meditação do Reino de Cristo. É a ação contra a natureza, a fim de preferir o que imita a pobreza do Salvador e seu amor pelos sofrimentos e pelas humilhações. Segundo a expressão de São Paulo, é então que a alma conhece verdadeiramente a Cristo: *Didicistis Christum*[44].

10ª Verdade: Seja qual for meu estado, Jesus oferece-me, caso eu queira orar e tornar-me

fiel s sua graça, todos os meios de regressar a uma vida interior que me restitua sua intimidade e me permita desenvolver em mim sua vida. Então, no decurso de seus progressos, minha alma não cessará de possuir a alegria, até no seio das provações, e nela se realizarão as palavras de Isaías: “Então, tua luz surgirá como a aurora, e tuas feridas não tardarão a cicatrizar-se; tua justiça caminhará diante de ti, e a glória do Senhor seguirá em tua retaguarda... Então, às tuas invocações, o Senhor responderá, e a teus gritos dirá: ‘Eis-me aqui’... O Senhor te guiará constantemente, ele te alimentará no árido deserto, renovará teu vigor. Serás como um jardim bem irrigado, como uma fonte de águas inesgotáveis”[45].

11ª Verdade: Se Deus exigir assim de mim a aplicação da minha atividade a minha santificação, como às obras, antes de mais nada hei de arraigar em minha alma esta convicção firme: Jesus deve ser e quer ser a vida dessas obras.

Meus esforços por si nada são, absolutamente nada: *Sine me nihil potestis facere*[46]. Somente serão úteis e abençoados por Deus, quando eu, por meio de uma verdadeira vida interior, os trazer constantemente unidos à ação vivificadora de Jesus. Então, se tornarão onipotentes: *Omnia possum in eo, qui me confortat*[47]. Se promanassem de uma capacidade orgulhosa, da confiança em meus talentos, do desejo de bons êxitos, seriam rejeitados por Deus, porquanto não seria acaso sacrílega loucura da minha parte querer arrebatá-lo a Deus, para com ela me adornar, uma porção de sua glória?

Longe de gerar em mim a pusilanimidade, essa convicção será minha força. E como ela me fará sentir a necessidade da oração para obter essa humildade, tesouro para minha alma, segurança do auxílio de Deus e penhor de bom êxito para minhas obras!

Compenetrado da importância desse princípio, hei de fazer, durante meus retiros, sério exame de consciência para reconhecer – se minha convicção da nulidade de minha ação quando desacompanhada e de sua força quando unida à ação de Jesus não está abalada – se excludo, implacavelmente, qualquer complacência ou vaidade, qualquer contemplação do meu “eu” em minha vida de apóstolo, se me mantenho em uma desconfiança absoluta de mim mesmo e se peço a Deus que vivifique minhas obras e me preserve do orgulho, primeiro e principal obstáculo a seu concurso.

Este **credo** da vida interior, tornado a base da existência para a alma, assegura-lhe, já neste mundo, a participação da felicidade celeste.

Vida interior, vida dos predestinados.

Corresponde ao fim que Deus se propôs ao criar-nos[48].

Corresponde ao fim da Encarnação: *Filium suum unigénitum misit Deus in mundum, ut vivamus per eum*[49].

Estado bem-aventurado: *Finis humanæ creaturæ est adhærere Deo: in hoc enim felicitas ejus consistit*[50]. Ao contrário das alegrias do mundo, se exteriormente existem nele espinhos, dentro subsistem as rosas. “Como se deve lamentar essa pobre gente do mundo!”, dizia o santo

cura de Ars. Pesa-lhes sobre os ombros um manto de espinhos; não podem fazer um movimento sem se picarem; ao passo que os verdadeiros cristãos têm um manto forrado de arminho. *Crucem vident, unctionem non vident*[51].

Estado celeste! A alma torna-se um céu vivo[52].

Como santa Margarida Maria, ela canta:

Eu possuo constantemente,

E acompanha os passos meus,

O Deus do meu coração

E o coração do meu Deus.

É o começo da bem-aventurança: *Inchoatio quædam beatitudinis*[53]. A graça é o céu em germe.

4. Quão desconhecida é essa vida interior

São Gregório Magno, tão hábil administrador e zeloso apóstolo corno grande contemplativo, com uma só palavra: *secum vivebat*[54], caracteriza o estado de alma de São Bento, que, em Subiaco, lançava os fundamentos de sua regra, tornada uma das mais poderosas alavancas de apostolado de que Deus se tem servido na terra.

É precisamente o contrário que se deve afirmar da grande maioria de nossos contemporâneos; viver consigo mesmo, em si mesmo, querer-se governar e não se deixar governar pelas coisas exteriores, reduzir a imaginação, a sensibilidade e até a inteligência e a memória ao papel de servas da vontade e conformar, constantemente, essa vontade com a vontade de Deus é programa que, dia a dia, se vai aceitando cada vez menos, neste século de agitação que viu nascer um ideal novo: o amor da ação pela ação.

Para frustrar essa disciplina das faculdades, bons se julgam todos os pretextos: negócios, cuidados de família, higiene, boa fama, amor da pátria, prestígio da corporação, pretensa glória de Deus, procuram à porfia impedir-nos de viver em nós mesmos. Essa espécie de delírio da vida fora de si chega até a exercer sobre nós uma fascinação irresistível.

Devemos admirar-nos, então, de que a vida interior seja desconhecida?

Desconhecida, é ainda dizer pouco; essa vida é amiúde desprezada e ridicularizada, até por

aqueles mesmos que mais deveriam apreciar suas vantagens e sua necessidade. Foi necessária, inclusive, a memorável carta dirigida por Leão XIII ao cardeal Gibbons, arcebispo de Baltimore, para protestar contra as consequências perigosas de uma admiração exclusiva pelas obras.

A fim de evitar o trabalho da vida interior, o homem da igreja chega a desconhecer a excelência da vida com Jesus, em Jesus, por Jesus; chega a esquecer que, no plano da Redenção, tudo, ainda que construído sobre a rocha de Pedro, nem por isso deixa de ter seus fundamentos na vida eucarística. Relegar para o segundo plano o **essencial**, eis no que inconscientemente trabalham os partidários dessa espiritualidade moderna, designada pela palavra: **americanismo**. Para eles, a igreja não é ainda um templo protestante. O sacrário não está ainda vazio. Mas a vida eucarística, em sua opinião, quase não pode adaptar-se, nem sobretudo bastar às exigências da civilização moderna; e a vida interior que necessariamente promana da vida eucarística, já passou da moda.

Para as pessoas, e são uma legião, imbuídas dessas teorias, a comunhão perdeu o verdadeiro sentido que nela encontravam os primeiros cristãos. Acreditam na Eucaristia, mas não a consideram já como um elemento de vida tão necessário para elas como para suas obras. Visto que os colóquios íntimos com Jesus-Hóstia quase não existem já para essas pessoas, nenhuma admiração nos deve causar o fato de se considerar a vida apenas como uma lembrança da Idade Média.

Realmente, ao ouvir a maneira como esses homens de obras falam das suas empresas, seríamos levados a pensar que o Onipotente, o qual criou os mundos sem esforço algum e perante quem o universo mais não é do que poeira e nada, não pode prescindir de seu concurso! Sutilmente, grande número de fiéis, e até de sacerdotes e religiosos, ao prestarem tanto culto à ação, chegam a fazer dela uma espécie de dogma, que inspira sua atitude e seus atos e os leva a entregarem-se desenfreadamente a uma vida fora de si mesmos. “A Igreja, a diocese, a paróquia, a congregação, a obra carecem de meus serviços”. Como eles se julgariam felizes em poder dizer isto: “Eu sou mais que útil a Deus”. E se não ousam manifestar tal ênfatuação, existe, entretanto, latente no fundo de suas almas, tanto a presunção que lhe serve de base, como a atenuação de fé que lhe deu origem.

Com frequência ordena-se ao neurastênico que se abstenha, e às vezes por largo período de tempo, de todos os trabalhos. Remédio para ele insuportável, porque sua doença o lança precisamente em excitação febril, que tornada como segunda natureza, o impele a procurar incessantemente novo dispêndio de forças e comoções que lhe agravam o mal.

Assim sucede quase sempre ao homem de obras, com relação à vida interior. Tanto mais a desdenha – que digo? –, tanto maior repugnância sente por ela, quanto somente em sua prática se encontra o remédio para seu estado mórbido. Procurando de preferência atordoar-se cada vez mais sob a avalanche de trabalhos crescentes e mal dirigidos, vai, dessa sorte, afastando toda a possibilidade de cura.

O navio desliza a todo o vapor. E enquanto aquele que o dirige admira a velocidade da marcha, Deus julga que esse navio, por falta de piloto prudente, corre à ventura e com perigo de soçobrar. Adoradores em espírito e em verdade, eis o que Nosso Senhor exige, antes de tudo. Ilude-se o “americanismo”, pensando que contribui para a maior glória de Deus, visando

principalmente aos resultados exteriores.

Esse estado de espírito explica bem o fato contemporâneo de se apreciarem ainda as escolas, os dispensários, as missões, os hospitais e de se compreender, ao contrário, cada vez menos a dedicação em sua forma íntima, pela penitência e pela oração. Não tendo já forças para acreditar na virtude da imolação oculta, muitos não se contentam apenas com chamar de covardes e de iluminados os que a ela se consagram na solidão do claustro, sem ficarem inferiores no zelo ardente pela salvação das almas aos mais infatigáveis missionários; expõem, ainda, a ridículo as pessoas de obras que julgam indispensável roubar alguns instantes às ocupações mais úteis, para irem purificar e inflamar seu zelo junto do sacrário, e obter do Hóspede divino maiores e melhores resultados para seus trabalhos.

5. Resposta a uma primeira objeção: É ociosa a vida interior?

Este livro apenas se dirige a homens de obras, animados por ardente desejo de trabalhar pela salvação das almas, mas expostos a negligenciar as medidas necessárias para que sua dedicação produza frutos fecundos nas almas, sem que para eles próprios se torne um dissolvente de vida interior.

Estimular os pretensos apóstolos que prestam culto ao repouso; galvanizar as almas iludidas pelo egoísmo que lhes mostra na ociosidade um meio de favorecer a piedade; sacudir a indiferença desses indolentes, desses inertes que, com a esperança de alguns proveitos ou honras, estão dispostos a aceitar certas obras, contanto que elas em nada perturbem seu sossego e seu ideal de tranquilidade: tal não é nosso objetivo. Essa tarefa reclamaria uma obra especial.

Deixando, pois, a outros o cuidado de fazer compreender a essa categoria de apáticos as responsabilidades de uma existência que Deus quisera ativa e que o demônio, de acordo com a natureza, torna, infecunda por falta de atividade e de zelo, voltemos aos queridos e veneráveis colegas para quem especialmente escrevemos.

Nenhuma comparação pode exprimir bem a intensidade infinita de atividade que existe no seio de Deus. A vida interior do Pai é tal que gera uma pessoa divina. Da vida interior do Pai e do Filho procede o Espírito Santo.

A vida interior comunicada aos apóstolos no cenáculo imediatamente lhes inflamou o zelo.

Para todas as pessoas instruídas que se não esforçam por desvirtuá-la, essa vida interior é um princípio de dedicação.

Ainda que se não revelasse por manifestações exteriores, a vida de oração é sempre em si e intimamente **fonte de atividade**, a nenhuma outra comparável. Nada mais falso do que ver nela um oásis, servindo de refúgio aos que sossegadamente querem passar sua vida. Basta que seja o caminho que mais diretamente conduz ao reino dos céus para que o texto: *Regnum cælorum vim patitur, et violenti rapiunt illud*[55] lhe deva ser especialmente aplicado.

D. Sebastião Wyart, que conhecera tão bem os trabalhos do asceta como as fadigas da vida militar, o labor do estudo e os cuidados inerentes ao cargo de superior, comprazia-se em dizer amiúde que havia três espécies de trabalhos:

1º. O trabalho quase exclusivamente físico daqueles que exercem uma profissão manual, do lavrador, do artista, do soldado. Esse trabalho, afirmava ele, pense-se o que se quiser, é o menos rude dos três;

2º. O trabalho intelectual do sábio, do pensador, procurando, por vezes, tão arduamente a verdade, o do escritor, do professor, que empenham todos os esforços para fazê-la penetrar em outras inteligências, o do diplomata, do negociante, do engenheiro etc., os esforços de cabeça do general, durante o combate, para prever, dirigir e decidir. Em si, diz ele, esse trabalho é muito mais penoso que o primeiro, e o adágio **“a função gasta o órgão”** exprime essa prioridade.

3º. Enfim, o trabalho da vida interior. Dos três – e ele não hesitava em proclamá-lo –, é o mais penoso, quando levado a sério[56]. Mas é também o que nos oferece maior número de consolações neste mundo. É também o mais importante. Constitui não só a profissão do homem, mas o próprio homem. Quantos se ufanam de ser corajosos nos dois primeiros gêneros de trabalhos e alcançam fortuna e êxito, mas não passam de inertes, de preguiçosos, de covardes, quando se trata do trabalho para a virtude!

O ideal do homem decidido a adquirir a vida interior é esforçar-se por se dominar incessantemente a si mesmo e a tudo aquilo que o rodeia, a fim de que todas as suas ações redundem em glória de Deus. Para realizá-lo, esforça-se por se conservar unido a Jesus Cristo em todas as circunstâncias, com os olhos fitos no escopo a atingir, e pesa tudo à luz do Evangelho. *Quo vadam et ad quid?*[57], repete com santo Inácio. Tudo, portanto, nele, tanto a inteligência e a vontade como a memória, a sensibilidade, a imaginação e os sentidos, tudo depende de um princípio.

Mas quão enorme soma de trabalho lhe custa o chegar a esse resultado! Quer se mortifique ou se entregue a um ou outro recreio lícito, quer reflita ou execute, quer trabalhe ou descanse, quer ame o bem ou sinta aversão pelo mal, quer deseje ou tema, quer aceite a alegria ou a tristeza, cheio de esperança ou de temor, indignado ou tranquilo, sempre e em tudo se esforça com energia por manter a cana do leme na direção da plena vontade divina. Na oração, sobretudo junto da Eucaristia, ainda mais completamente se isola dos objetos visíveis, a fim de chegar a falar com Deus invisível como se o visse com os próprios olhos[58]. No decurso dos trabalhos apostólicos, procura realizar esse ideal que São Paulo admira em Moisés.

Adversidades da vida, tormentas suscitadas pelas paixões, nada logra fazê-lo desviar um só ápice da linha de conduta que se impôs. Se, porventura, fraqueja um momento, depressa recobra ânimo e continua com mais vigor a marcha para frente.

Que trabalho! Como facilmente se compreende que Deus recompense, já neste mundo, com alegrias especiais aquele que não recua perante o esforço exigido por esse trabalho!

Ociosos, concluía dom Sebastião, ociosos os verdadeiros religiosos, os padres interiores e cheios de zelo! Deixem de histórias! Eles, os mundanos mais azafamados, que venham analisar se seu trabalho se pode comparar com o nosso.

Quem não o tem experimentado? Às vezes, sentimo-nos inclinados a preferir longas horas de uma ocupação fatigante a meia hora de oração bem feita, a assistência séria à missa, à reza seguida de um ofício[59]. Padre Faber manifesta-se desolado em verificar que, para alguns, “o quarto de hora que se segue à comunhão é o quarto de hora mais enfadonho do dia”. Tratando-se de breve retiro de três dias, quantas repugnâncias para certas pessoas! Separar-se por três dias da vida fácil, embora ocupadíssima, e viver no sobrenatural, infiltrando-o durante esse retiro em todas as minúcias da existência; obrigar o próprio espírito a contemplar tudo, durante esse tempo, somente aos clarões da fé, e o próprio coração a esquecer tudo para somente aspirar a Jesus e a sua vida; conservar-se face a face consigo mesmo e pôr a nu as próprias enfermidades e fraquezas da alma; lançar essa alma no crisol, sem piedade por suas recriminações: eis uma perspectiva que faz recuar grande número de pessoas prontas, todavia, para todas as fadigas, contanto que apenas se trate de dispêndio de atividade puramente natural.

E se três dias de tal ocupação já parecem tão penosos, que sentirá a natureza perante a ideia de uma vida inteira que gradualmente se pretenda submeter ao regime da vida interior?

Certo é que, nesse trabalho de desprendimento, a graça entra em larga escala, tornando o jugo suave e o fardo leve. Mas quão grande é a matéria para esforços que a alma aí encontra! Sempre lhe há de custar o regresso ao caminho reto e a volta ao *Conversatio nostra in cælis est*[60]. Santo Tomás explica isso perfeitamente: o homem, diz ele, está colocado entre as coisas deste mundo e os bens espirituais, nos quais reside a felicidade eterna. Quanto mais adere a uns, tanto mais se afasta dos outros, e vice versa[61]. Na balança, se um dos pratos se abaixa, o outro proporcionalmente se eleva. Tendo a catástrofe do pecado original transtornado a economia de nosso ser, tornou este duplo movimento de aderência e de afastamento de efetivação penosa. Para restabelecer e conservar pela vida interior a ordem neste “pequeno mundo” que é o homem, é, desde então, necessário trabalho, pena e sacrifício. Trata-se de um edifício desmoronado a reconstruir e, em seguida, a preservar de nova ruína.

Arrancar constantemente aos pensamentos da terra, pela vigilância, pela renúncia e pela mortificação, este coração onerado com todo o peso da natureza corrompida, *gravi corde*[62]; reformar o próprio caráter, especialmente nos pontos em que ele menos se assemelha à fisionomia da alma de Nosso Senhor: dissipação, arrebatamento, complacência em si mesmo ou fora de si, manifestações de orgulho ou de naturalismo, dureza, egoísmo, falta de bondade etc.; resistir ao engodo do prazer presente e sensível, com a esperança de uma felicidade espiritual, que somente se desfrutará após longa expectativa; desapegar-se de tudo quanto é susceptível de lhe fazer amar o mundo; fazer do conjunto das criaturas, desejos, cobiças, concupiscências, bens exteriores, vontade e juízo próprios, um holocausto sem reserva... Que tarefa!

E, todavia, isso tudo é ainda tão somente a parte negativa da vida interior. Depois desse “peito a peito” que fazia gemer São Paulo[63] e que o padre Ravignan exprimia por estas palavras: “Perguntais-me o que fiz durante o noviciado? Éramos dois, atirei um pela janela fora e fiquei sozinho”, depois desse combate sem tréguas contra um inimigo sempre prestes a renascer, é necessário proteger contra os mínimos regressos do espírito natural um coração que, purificado pela penitência, arde agora em desejos de reparar os ultrajes feitos a Deus, desenvolver toda a energia para conservá-lo sempre apegado às belezas invisíveis das virtudes a adquirir para imitar as de Jesus Cristo, esforçar-se por conservar até nas particularidades mínimas da existência a

confiança absoluta na Providência: é esse o lado positivo da vida interior. Quem não adivinha o campo ilimitado de trabalho que aqui se patenteia! [64]

Trabalho íntimo, assíduo, constante. E, no entanto, precisamente por meio desse trabalho é que a alma adquire maravilhosa facilidade e surpreendente rapidez de execução para os trabalhos apostólicos. Só a vida interior possui esse segredo.

As obras imensas levadas a cabo, apesar de uma saúde precária, por um Agostinho, um João Crisóstomo, um Bernardo, um Tomás de Aquino, um Vicente de Paulo, causam-nos assombro. Esse assombro sobe, porém, de ponto ao vermos esses homens, a despeito e seus trabalhos quase incessantes, manterem-se na mais constante união com Deus. Mais do que outros quaisquer, apagando a sede na fonte da vida pela contemplação, esses santos iam nela haurir amplíssima capacidade de trabalho.

É isso que expressava um de nossos grandes bispos, sobrecarregado de afazeres, quando disse a um estadista, como ele também muito atarefado de negócios, que lhe perguntara o segredo da sua serenidade constante e dos resultados admiráveis das suas obras: “A todas as suas ocupações, meu caro amigo, ajunte ainda meia hora de meditação todas as manhãs. Desta sorte, não só despachará todos os seus negócios, como há de encontrar ainda tempo para realizar outros”.

Enfim, não vemos o santo rei Luís IX encontrar, nas oito ou nove horas que habitualmente consagrava aos exercícios da vida interior, o segredo e a força de se dedicar aos negócios do estado e ao bem dos seus súditos com tanta solícitude que, na confissão de um orador socialista, jamais, em nossa época, se fez tanto a favor das classes operárias como sob o reinado desse príncipe?

6. Resposta a uma segunda objeção: É egoísta a vida interior?

Não falamos nem do preguiçoso nem do glutão espiritual, que fazem consistir a vida interior nas alegrias de uma ociosidade agradável e que procuram as consolações de Deus muito mais que o Deus das consolações. A sua é uma piedade falsa. Contudo, não tem melhor compreensão da vida interior aquele que, ou porque não refletiu, ou porque recusa deixar um preconceito, declara egoísta a vida interior.

Já dissemos que essa vida é a fonte pura e abundante das mais generosas obras de caridade para com as almas e da caridade que visa ao alívio dos sofrimentos deste mundo. Examinemos a utilidade dessa vida por outro prisma.

Egoísta e estéril a vida interior de Maria e de José!

Que blasfêmia e que absurdo! E, contudo, nenhuma obra exterior lhes é atribuída. A irradiação sobre o mundo de uma vida interior intensiva, os méritos das orações e dos sacrifícios aplicados à extensão dos benefícios da Redenção bastaram para constituir Maria, rainha dos

apóstolos, e José, padroeiro da Igreja universal[65].

Soror mea reliquit me solam ministrare[66], diz servindo-se das palavras de Marta o tolo presunçoso que não vê senão as próprias obras exteriores e seus resultados.

Sua fatuidade e sua diminuta compreensão das vias divinas não chegam ao extremo de fazê-lo supor que Deus precisa absolutamente dele. Todavia, de boa vontade, repete, ainda, com Marta, incapaz de apreciar a excelência da contemplação de Madalena: *Dic ergo illi, ut me adiuvet*[67] e chega até a exclamar: *Ut quid perditio hæc?*[68], censurando como desperdício de tempo os momentos que os colegas no apostolado, mais interiores do que ele, se reservam, a fim de assegurar sua vida íntima com Deus.

Santifico-me por eles, **para que** também eles sejam santificados pela verdade[69], responde a alma que compreendeu todo o alcance desta palavra do Mestre: **“Para que”**, e ela, conhecendo o valor da oração e do sacrifício, une às lágrimas e ao sangue do Redentor as lágrimas de seus olhos e o sangue de um coração que, cada dia, se vai purificando mais.

Com Jesus, a alma interior ouve a voz dos crimes do mundo subir até ao céu e atrair sobre seus autores o castigo, cuja sentença ela retarda pela onipotência da súplica, capaz de deter a mão de Deus prestes a fulminar raios.

“Aqueles que oram”, dizia, depois da sua conversão, o eminente estadista Donoso Cortés, “fazem mais pelo mundo do que aqueles que combatem, e se o mundo caminha cada vez pior é porque há mais batalhas que orações”.

“As mãos erguidas”, diz Bossuet, “desbaratam mais batalhões do que as mãos que ferem”. E no meio de seus desertos, os solitários da Tabaida tinham, muitas vezes, no coração o fogo que animava São Francisco Xavier: pareciam, diz santo Agostinho, ter abandonado o mundo mais do que seria preciso: *Videntur nonnulli res humanas plus quam oportet deseruisse*. Mas não se pensa, acrescentava, que as suas orações tornadas mais puras por esse grande afastamento do mundo eram por isso mesmo de maior influência e mais **necessárias** para esse mundo corrompido.

Ordinariamente, uma oração curta, mas fervorosa, contribui muito mais para apressar uma conversão do que longas discussões e excelentes discursos. Aquele que ora trata com a **Causa primeira**. Opera diretamente sobre ela. Tem, dessa sorte, em mãos todas as causas segundas, visto como estas recebem somente desse princípio superior sua eficácia. Por isso, o efeito desejado é, então, obtido com maior segurança e rapidez.

Dez mil hereges, no dizer de uma revelação respeitável, foram convertidos por uma só oração inflamada da seráfica Santa Teresa, cuja alma ardendo em amor de Cristo não podia compreender uma vida contemplativa, uma vida interior, que se desinteressasse das solitudes apaixonadas do Salvador pela redenção das almas. “Aceitaria o purgatório”, diz ela, “até ao juízo final, para livrar uma só dessas almas. E que me importaria a duração de meus sofrimentos, se assim pudesse livrar uma só alma e, sobretudo, muitas para maior glória de Deus!” E, dirigindo-se a suas religiosas: “Dirigi para esse fim inteiramente apostólico, minhas filhas, vossas orações, vossas disciplinas, vossos jejuns, vossos desejos”.

Tal é, com efeito, a obra das carmelitas, das trapistas, das clarissas. Vede-as seguir a marcha dos apóstolos, alimentá-los com a superabundância de suas orações e de suas penitências. Suas súplicas precipitam-se do alto, em um espaço tão dilatado como a marcha da cruz e o brilho do Evangelho, sobre as almas, essas presas divinas! Ou antes, é seu amor oculto, mas ativo, que excita por toda parte, no mundo dos pecadores, as vozes de misericórdia.

Ninguém conhece, neste mundo, o porquê dessas conversões longínquas de pagãos, da paciência heroica desses cristãos perseguidos, da alegria celeste desses missionários martirizados. Tudo isso está invisivelmente ligado à oração de alguma humilde freira. Com os dedos sobre o teclado dos perdões divinos e das luzes eternas, sua alma silenciosa e solitária preside à salvação das almas e às conquistas da Igreja[70].

“Quero trapistas neste vicariato apostólico”, dizia monsenhor Favier, bispo de Pequim. “Desejo até que eles se abstenham de qualquer ministério exterior, a fim de que nada os distraia do trabalho, da oração, da penitência e dos santos estudos. Porque sei quanto grande será o auxílio prestado aos missionários pela existência de um fervoroso mosteiro de contemplativos no meio dos nossos pobres chineses”. E, mais tarde: “Conseguimos, enfim, penetrar em uma região até hoje inacessível. Atribuo esse fato aos nossos queridos trapistas”.

“Dez carmelitas orando”, dizia um bispo de Cochinchina[71] ao governador de Saigon, “auxiliar-me-ão mais do que vinte missionários pregando”.

Padres seculares, religiosos e religiosas votados, assim, à vida ativa como à vida interior, participam do mesmo poder sobre o coração de Deus que as almas do claustro. Um padre Chevrier, um São João Bosco, um padre Antônio Maria, são frisantes exemplos. A bem-aventurada Ana Maria Taigi, nas suas funções de pobre dona de casa,

era tão apóstolo como São Bento José Labre fugindo dos caminhos frequentados. O santo homem de Tours, o sr. Dupont, o coronel Paqueron etc., abrasados no mesmo ardor, eram poderosos nas suas obras, porque eram homens de vida interior. E o general de Senis, entre duas batalhas, encontrava na união com Deus o segredo de seu apostolado.

Egoísta e estéril a vida de um cura de Ars! O silêncio era a única coisa que mereceria tal afirmação. Todo espírito criterioso atribui precisamente à perfeição de sua intimidade com Deus o zelo e os êxitos desse padre desprovido de talentos, mas que, tão contemplativo como um cartuxo, sentia sede de almas que tinham tornado inextinguível seus progressos na vida interior, e recebia de Nosso Senhor, que era sua vida, como que uma participação do poder divino para operar conversões.

Infecunda, sua vida íntima! Mas suponhamos um santo Vianney em cada diocese de um país; antes de dez anos, esse país ficaria regenerado e bem mais profundamente do que por multidões de obras insuficientemente edificadas sobre a vida interior e para cuja organização concorressem, além de grandes recursos pecuniários, o talento e a atividade de milhares de apóstolos.

Não tenhamos dúvida alguma: a principal razão de esperar a ressurreição da França e de numerosos outros países é que talvez em nenhuma outra época tenha havido o que de há alguns anos nesta parte se verifica, mesmo entre simples fiéis, a saber: uma porção de almas tão

ardentemente desejosas de viver unidas ao Coração de Jesus e de dilatar seu reinado, fazendo germinar em derredor delas a vida interior. Ínfima minoria, essas almas de escol? Talvez. Mas que importa o número, havendo a intensidade? A reconstrução da França após a Revolução deve-se atribuir a essa plêiade de sacerdotes amadurecidos na vida interior pela perseguição. Por meio deles, uma corrente de vida divina veio reanimar uma geração que a apostasia e a indiferença pareciam ter votado a uma morte que nenhum esforço humano vingaria conjurar.

Após cinquenta anos de liberdade de ensino na França, após esse meio século que viu a eclosão de obras inumeráveis e durante o qual nos passou pelas mãos a mocidade francesa e logramos, nós católicos, o apoio quase completo dos governantes, qual é a razão por que, a despeito de resultados aparentemente gloriosos, não pudemos formar na nação maioria tão profundamente cristã que lutasse contra a coligação dos sectários de Satanás? É certo que o abandono da vida litúrgica e a cessação de sua irradiação sobre os fiéis contribuíram para essa impotência. Nossa espiritualidade tornou-se acanhada, árida, superficial, exterior ou inteiramente sentimental e não mais possui aquela penetração e aquele incitamento da alma que causa a liturgia, essa grande força de vitalidade cristã.

Mas não existirá também outra causa no fato de nós, padres, educadores, à míngua de vida interior intensiva, não termos podido gerar senão almas de uma piedade superficial, sem ideal poderoso e sem profundas convicções? Professores, não temos sido nós mais zelosos em alcançar o êxito dos diplomas e o prestígio da obra do que em dar às almas uma solidíssima instrução religiosa? Não temos despendido nossas forças sem visar, sobretudo, à formação das vontades, para gravar em caracteres de rija têmpera a imagem de Jesus Cristo? E essa mediocridade não terá tido, tantas vezes, por causa a banalidade da nossa vida interior?

Houve quem dissesse: “A sacerdote santo corresponde povo fervoroso; a sacerdote fervoroso, povo piedoso; a sacerdote piedoso, povo honesto; a sacerdote honesto, povo ímpio”. Sempre um grau de vida a menos naqueles que são gerados.

Seria, talvez, exagero admitir essa proposição; julgamos, porém, que as seguintes palavras de Santo Afonso exprimem suficientemente qual é a causa a que se devem atribuir as responsabilidades de nossa atual situação: “Os bons costumes e a salvação dos povos dependem dos bons pastores. Se à frente de uma paróquia estiver um bom pároco, depressa nela se verá a devoção florescente, os sacramentos frequentados, a oração mental praticada. Daí o provérbio *“Qualis pastor talis paróchia”*, segundo esta palavra do Eclesiástico (10, 2): *Qualis est rector civitatis, tales et inhabitantes in ea*[72].

7. Objeção tirada da importância da salvação das almas

“Mas”, dirá a alma exterior à procura de pretextos contra a vida interior, “como atrever-me a limitar minhas obras de zelo? Posso, porventura, dizer que despendo forças demais, tratando-se, sobretudo, da salvação das almas? Minha atividade não substitui tudo, com muita vantagem, pelo sublime exercício da dedicação? Quem trabalha ora. O sacrifício avanteja-se à oração. E São Gregório não chama ao zelo das almas o mais agradável sacrifício que se possa oferecer a

Deus? *Nullum sacrificium est Deo magis acceptum quam zelus animarum*”[73].

Precisemos, primeiramente, o verdadeiro sentido dessa frase de São Gregório, servindo-nos da voz do Doutor angélico. Oferecer espiritualmente um sacrifício a Deus, diz ele, é oferecer-lhe alguma coisa que o glorifique. Ora, de todos os bens, o mais agradável que o homem pode oferecer é, indubitavelmente, a salvação de uma alma. Mas cada qual deve, antes de tudo, oferecer-lhe a sua própria alma, segundo o que diz a Escritura: “Quereis agradar a Deus, tende piedade de vossa alma”. Feito esse primeiro sacrifício, ser-nos-á, então, permitido proporcionar aos outros felicidade semelhante. Quanto mais estreitamente o homem unir a Deus sua alma primeiro, e depois a de outrem, tanto mais favoravelmente será acolhido seu sacrifício.

Mas essa união, tão íntima e generosa quão humilde, apenas pode contrair-se pela oração. Aplicar-se cuidadosamente ou fazer aplicar os outros à vida de oração, à contemplação, agrada, portanto, muito mais a Deus do que consagrar-se ou obrigar os outros à ação, às obras. Portanto, conclui Santo Tomás, quando São Gregório afirma que o sacrifício mais agradável a Deus é a salvação das almas, não é sua intenção dar à vida ativa preferência sobre a contemplação; quer apenas dizer que oferecer a Deus uma só alma lhe dá infinitamente mais glória e a nós muito mais méritos do que apresentar-lhe tudo quanto de mais precioso exista na terra[74].

A necessidade da vida interior está tão longe de desviar das obras de zelo as almas generosas, se a vontade de Deus claramente conhecida lhes manifestar como um dever o encarregarem-se delas, que subtrair-se a esse trabalho ou tratá-lo com negligência, desertar do campo de batalha com o pretexto de melhor cultivar a própria alma e chegar a uma união mais perfeita com Deus, seria pura ilusão e, em certos casos, origem de verdadeiros perigos. *Væ enim mihi est*, diz São Paulo, *si non evangelizavero*[75].

Feita essa reserva, apressamo-nos em dizer que consagrar-se alguém à conversão das almas, esquecendo-se de si mesmo, origina uma ilusão mais grave. Deus quer que amemos ao próximo como a nós mesmos, mas nunca mais que a nós mesmos, isto é, nunca a ponto de pessoalmente nos prejudicarmos, o que, na prática, equivale a exigir mais cuidados com nossa própria alma do que com a alma alheia, visto que nosso zelo deve ser regulado pela caridade; o *prima sibi cháritas*[76] permanece um adágio teológico.

“Eu amo Jesus Cristo”, dizia Santo Afonso de Ligório, “e por isso mesmo abraso-me em desejos de lhe dar almas, **primeiramente a minha**, depois um número incalculável de outras”. É o cumprimento do *tuus esto ubique*[77] de São Bernardo: “Não é sábio quem não o é consigo mesmo”.

O santo abade de Claraval, verdadeiro fenômeno de zelo apostólico, seguia essa ordem. Godofredo, seu secretário, no-lo descreve: *Totus primum sibi et sic tatus omnibus*[78].

Não vos digo, escreve esse mesmo santo ao papa Eugênio III, que ponhais completamente de parte as ocupações seculares. Exorto-vos apenas a que não vos dediqueis inteiramente a elas. Se sois o homem de todos, sede-o também para vós mesmo. Do contrário, de que vos serviria ganhar os outros todos, se viésseis a perder vossa alma? Reservai, portanto, alguma coisa para vós mesmo e se todos vêm beber à vossa fonte, vós mesmo não vos priveis de beber nela. Pois só vós haveis de ficar com sede? Começai sempre por vos considerar a vós mesmo. **Em vão vos**

consagraríeis a outros cuidados, se chegásseis a tratar a vós mesmo com negligência. Todas as vossas reflexões devem, portanto, **começar por vós e terminar da mesma forma.** Sede para vós o primeiro e o último, e lembrai-vos que, no negócio de vossa salvação, ninguém tem maior parentesco convosco do que o filho único de vossa mãe[79].

Bastante sugestiva a seguinte nota de retiro de monsenhor Dupanloup: ‘Tenho uma atividade terrível que me arruína a saúde, me perturba a piedade e de nada serve a minha ciência. Isso deve ser regulado. Fez-me Deus a graça de reconhecer que a atividade natural e o incitamento das ocupações são os principais obstáculos que vejo em mim para a conservação da vida interior tranquila e frutuosa. Reconheci também que essa falta de vida interior é a origem de todas as minhas faltas, perturbações, securas, repugnâncias, de minha saúde precária.

Resolvi, portanto, dirigir **todos os meus esforços** para a aquisição dessa vida interior que me falta e, com esse intento, regulei, por mercê de Deus, os pontos seguintes:

1º. Reservarei sempre algum tempo além do necessário para fazer qualquer coisa: esse é o meio de nunca ter pressa nem aceleração.

2º. Como tenho sempre mais coisas a fazer do que tempo para fazê-las, e como essa perspectiva me preocupa e me causa demasiada viveza, não mais hei de pensar nas coisas que tenho para fazer, e sim no tempo que devo consagrar-lhes. Hei de empregar esse tempo sem perder um minuto, começando pelas coisas mais importantes; e, se algumas não puder fazer, nem por isso me hei de inquietar etc...”.

A muitas safiras, prefere o joalheiro o mínimo fragmento de diamante. Da mesma forma, consoante a ordem estabelecida por Deus, nossa intimidade com Ele muito mais o glorifica do que todo o bem possível proporcionado por nós a grande número de almas, mas com prejuízo de nosso progresso. Nosso Pai celeste, que mais se aplica ao governo do coração onde reina do que ao governo natural de todo o universo e ao governo civil de todos os impérios[80], exige em nosso zelo essa harmonia. E, se vê que qualquer obra serve de obstáculo ao aumento da caridade na alma que dela se ocupa, prefere, às vezes, deixar desaparecer essa obra.

Pelo contrário, Satanás, por seu turno, não hesita em favorecer êxitos inteiramente superficiais, caso possa, mediante esse resultado, impedir que o apóstolo progrida na vida interior, tanto sua raiva adivinha onde estão os verdadeiros tesouros aos olhos de Jesus Cristo. Para suprimir um diamante, de bom grado ele concede algumas safiras.

SEGUNDA PARTE:

UNIÃO DA VIDA ATIVA E DA VIDA INTERIOR

1. Prioridade aos olhos de Deus da vida interior sobre a vida ativa

Em Deus está a vida, toda a vida, Ele é a própria vida. Ora, não é nas suas obras exteriores,

por exemplo, na criação, que o Ser infinito manifesta essa vida da maneira mais intensa, mas no que a teologia chama operações *ad intra*,[81] nessa atividade inefável cujo termo é a geração perpétua do Filho e a incessante processão do Espírito Santo. Essa é, por excelência, a sua obra essencial, eterna.

Consideremos a vida mortal de nosso Senhor, realização perfeita do plano divino. Trinta anos de recolhimento e de solidão, depois quarenta dias de retiro e de penitência preludiam a sua curta carreira evangélica; e, durante as suas excursões apostólicas, quantas vezes ainda o vemos retirar-se às montanhas ou aos desertos, a fim de orar: *Secedebat in desertis et orabat*[82], ou passar a noite em oração: *Pernoctans in oratione Dei*[83]. Um momento ainda mais significativo: Marta deseja que o Senhor, condenando a suposta ociosidade da irmã, proclame a superioridade da vida ativa; a resposta de Jesus: *Maria enim optimam partem elegit*[84], consagra a proeminência da vida interior. Que concluir daqui senão o desígnio bem patente de nos fazer sentir a preponderância da vida de oração sobre a vida ativa?

Depois do Mestre, os apóstolos, fiéis a seus exemplos, reservaram antes de tudo para si o ofício da oração, pois, para se consagrarem ao ministério da palavra, deixaram as ocupações mais exteriores aos diáconos: *Nos vero orationi et ministério verbi instantes erimus*[85].

Os papas, por sua vez, os santos Doutores, os teólogos afirmam que a vida interior em si é superior à vida ativa.

Há alguns anos, uma mulher de fé, de virtude e de grande caráter, superiora geral de uma das mais importantes congregações educacionais do Aveyron, fora convidada por seus superiores eclesiásticos a favorecer a secularização de suas religiosas.

Deveria, acaso, sacrificar as obras à vida religiosa ou abandonar esta para conservar aquelas? Perplexa, não sabendo como conhecer a vontade de Deus, parte secretamente para Roma, obtém uma audiência de Leão XIII, expõe-lhe suas dúvidas e a pressão exercida sobre ela a favor das obras.

O augusto ancião, após alguns instantes de recolhimento concentrado, deu-lhe esta resposta categórica: “Antes de tudo, de preferência a todas as obras, conserve na vida religiosa suas filhas que realmente tiverem o espírito de seu santo estado e o amor à vida de oração. E, caso lhe seja impossível conservá-las nesse espírito e nessa vida, continuando as obras, Deus saberá, sendo necessário, suscitar na França outras operárias. Quanto às religiosas, por sua vida interior, sobretudo por suas orações, por seus sacrifícios, elas certamente serão mais úteis à França, ficando verdadeiramente religiosas, embora longe dela, que continuando a viver no solo da pátria, privadas dos tesouros de sua consagração a Deus”.

Em uma carta dirigida a importante instituto exclusivamente dedicado ao ensino, Pio X abertamente manifestou seu pensamento pelas palavras seguintes:

“Chega a nosso conhecimento que começa a difundir-se uma opinião, segundo a qual, vós deveríeis considerar como coisa primária a educação das crianças e apenas como secundária a vossa profissão religiosa: que assim o exigiriam o espírito e as necessidades dos tempos. **De forma alguma queremos** que tal opinião encontre o mínimo crédito, seja de vossa parte, seja da parte dos demais institutos religiosos, que, como o vosso, têm por fim a educação. Fique,

portanto, bem assente, na parte que vos toca, que a vida religiosa é muitíssimo superior à vida comum e que, se sois gravemente obrigados ao respeito do próximo pelo dever de ensinar, sobretudo mais graves são, ainda, as obrigações que vos vinculam a Deus”. Mas não é, porventura, a aquisição da vida interior a razão de ser da vida religiosa, seu fim principal?

Vita contemplativa, diz o Angélico Doutor, *simplíciter mélior est... et pótior quam activa*[86].

S. Boaventura acumula os comparativos de superioridade para mostrar a excelência dessa vida interior: *Vita sublírior, secúrior, opuléntior, suávior, stablíior*[87].

Vita sublírior

A vida ativa ocupa-se dos homens, a vida contemplativa faz-nos entrar no domínio das mais elevadas verdades, sem tirar os olhares do próprio princípio de toda vida. *Principium quod Deus est quæritur*. [88] Mais sublime, tem um horizonte e um campo de ação sobremaneira mais amplos: *Martha in uno loco corpore laborabat circa áliqua, Maria in multis locis caritate circa multa. In Dei enim contemplatione et amore videt ómnia; dilatatur ad ómnia, comprehendit et compléctitur ómnia, ita ut ejus comparatione, Martha sollícita dici possit circa pauca*[89].

Vita secúrior

Menos perigos nela. Na vida quase exclusivamente ativa, a alma agita-se, torna-se febril, dispersa suas energias e, portanto, debilita-se. Há nela um tríplice defeito: *Sollícita es*[90] – são as inquietações do pensamento – *sollicitúlines in cogitatu; turbaris*: eis as perturbações que originam as afeições, *turbationes in affectu*; enfim, *erga plúrima*: multiplicação de ocupações, de onde há divisão no esforço, nos atos, *divisiones in actu*. Ao invés, uma só coisa se impõe para constituir a vida interior: a união a Deus: *Porro unum est necessárium*. O resto não é, não pode ser senão secundário, unicamente praticado em virtude dessa união e para fortificá-la ainda mais.

Vita opuléntior

Com a contemplação, todos os bens: *Venerunt autem mihi omnia bona pariter cum illa*[91]. É a parte sobre todas excelente: *optimam partem elegit*[92]. A ela, afluem mais méritos. Por quê? Porque aumenta, ao mesmo tempo, o esforço da vontade e o grau de graça santificante e faz que a alma opere por um princípio de caridade.

Vita suávior

A alma verdadeiramente interior abandona-se à vontade de Deus, aceita com inalterável

paciência tanto as coisas agradáveis como as penosas, e há de até chegar a mostrar-se alegre no meio das aflições, feliz por carregar a sua cruz.

Vita stablior

Por mais intensa que seja, a vida ativa tem o seu termo neste mundo: pregações, ensinamentos, trabalhos de todo gênero, tudo isso cessa no limiar da eternidade. A vida interior, essa não conhece ocaso: *Quæ non auferetur ab ea*. [93] Por meio dela, a estância neste mundo não é mais que uma contínua ascensão para a luz, ascensão que a morte tornará incomparavelmente mais rutilante e mais rápida.

Para resumir as excelências da vida interior, podem-se-lhe aplicar estas palavras de São Bernardo: “Nela o homem vive com mais pureza, cai mais raramente, levanta-se com mais rapidez, anda com mais cautela, é consolado do céu com mais frequência, descansa mais seguro, morre mais confiado, purga-se mais depressa e é premiado com mais vantagem” [94].

2. As obras não devem ser mais que o transbordamento da vida interior

Sede perfeitos como perfeito é vosso Pai celestial [95].

Guardadas todas as proporções, o modo como Deus está operando deve ser o critério, a regra da nossa vida interior e exterior.

Ora, já sabemos que Deus é naturalmente dadivoso, e a experiência nos mostra o fato de Ele, neste mundo, espalhar com profusão seus benefícios sobre todos os seres, e ainda mais especialmente sobre a criatura humana.

Dessa sorte, desde milhares, se não milhões de séculos, o universo inteiro é objeto dessa inesgotável prodigalidade, desentranhando-se sem cessar em benefício. Entretanto, nem por isso Deus fica mais pobre, e essa munificência inexaurível de forma alguma pode diminuir, seja no que for, seus infinitos recursos.

Ao homem, Deus faz mais que conceder-lhe bens exteriores; envia-lhe seu Verbo. Mas ainda aqui, nesse ato de suprema generosidade, que outra coisa não é senão o dom de si mesmo, Deus nada abandona, nada pode abandonar da integridade de sua natureza. Dando-nos seu Filho, sempre o conserva em si mesmo. *Sume exemplum de summo omnium Parente Verbum suum emittente et retinente* [96].

Por meio dos sacramentos, e especialmente por meio da Eucaristia, Jesus Cristo vem enriquecer-nos com suas graças. Sobre nós as derrama sem peso nem medida, porque Ele

também é um oceano sem limites, cujo extravasamento escorre sobre nós, sem que jamais possa exauri-lo: *De plenitudine eius nos omnes accepimus*[97].

Assim devemos ser, de alguma sorte, nós os homens apostólicos que assumimos a nobre tarefa da santificação alheia: *Verbum tuum consideratio tua, quæ si procedit, non recedat*[98]; o nosso próprio verbo é o espírito interior que a graça formou em nossas almas. Vivifique logo esse espírito todas as manifestações interiores de nosso zelo; mas, como incessantemente o despendemos em prol do próximo, sem intermissão o devemos renovar também por via dos meios que Jesus nos oferece. Seja nossa vida interior um como tronco túmido de seiva robusta a desatar-se sempre em flores de nossas obras.

Uma alma de apóstolo! Mas é ela a primeira que deve ser inundada de luz e inflamada em amor, a fim de que, refletindo essa luz e esse calor, possa esclarecer e abrasar depois as outras almas. O que viram, o que consideraram com os próprios olhos, o que quase palpavam com as mãos, eles o hão de ensinar aos homens[99]. Sua boca efundirá nos corações a abundância das doçuras celestes, diz São Gregório.

Podemos agora deduzir o seguinte princípio: **a vida ativa deve proceder da vida contemplativa, traduzida e continuada exteriormente, desligando-se dela o menos possível.**

Os Santos Padres, os Doutores à porfia proclamam essa doutrina.

Priusquam exerat proferentem linguam, diz santo Agostinho, *ad Deum levet animam sitientem ut eructet quod biberit, vel quod impléverit fundat*[100].

É necessário receber, diz o pseudo Dionísio[101], antes de comunicar, e os anjos superiores apenas transmitem aos inferiores as luzes cuja plenitude receberam. Nas coisas divinas, o Criador estabeleceu esta ordem: aquele que tem por missão distribuí-las deve ser o primeiro a participar delas e a encher-se com abundância das graças que Deus quer dispensar às almas, por seu intermédio. Então, mas somente então, lhe será permitido tornar os demais participantes delas.

Quem desconhece esta palavra de São Bernardo aos apóstolos: “Se sois sábios, sede reservatórios e não canais” – *Si sapias, concham te exhibebis, non canalem*[102]? O canal deixa correr a água recebida, sem guardar uma só gota dela. Ao invés, o reservatório enche-se primeiramente e, depois, sem se esvaziar, verte torrentes incessantemente renovadas sobre os campos que fertiliza. Dos que se devotam às obras, quantos há por aí que são apenas canais, ficando sempre secos mesmo quando procuram fecundar os corações! *Canales multos hodie habemus in Ecclesia, conchas vere perpaucas*[103], ajuntava com tristeza o abade de Claraval.

Toda causa é superior a seu efeito; logo, para aperfeiçoar os outros é mister uma perfeição maior do que para qualquer um se aperfeiçoar simplesmente a si mesmo[104]. Como a mãe não pode amamentar o filho senão na medida em que ela própria se alimenta, assim também os confessores, os diretores de almas, os pregadores, os catequistas, os professores devem primeiramente assimilar a substância com que hão de nutrir em seguida os filhos da Igreja[105]. A verdade e o amor divino são os elementos dessa substância. E só a vida interior traduz a verdade e a caridade divinas de maneira a torná-las verdadeiro alimento capaz de engendrar a vida.

3. Base, fim e meios de uma obra devem ser impregnados de vida interior

Obra digna desse nome, devemos dizer, porque algumas, em nossos dias, não merecem tal título. São uma espécie de empresas organizadas sob o rótulo da piedade, com o fim real de granjear para seus fundadores, além dos aplausos do público, nomeada de habilidade pouco vulgar; e para o bom êxito das quais eles lançam mão de todos os meios, mesmo, sendo necessário, dos menos justificáveis.

Outras obras merecem, certamente, melhor apreciação. Querem o bem. Fim e meios são nelas irrepreensíveis. No entanto, a despeito de milhares de esforços, nulos ou quase nulos foram os resultados, porque os organizadores delas apenas tinham uma fé titubeante no poder de ação da vida sobrenatural sobre as almas.

Para precisar o que deve ser uma obra, julgamos preferível ceder a palavra a um homem que ilustrou uma região inteira com o seu apostolado e relembrar a lição que dele recebemos logo nos alvares de nosso ministério sacerdotal. Procurávamos, então, fundar um patronato de jovens. Depois de ter visitado os círculos católicos de Paris e de algumas cidades da França, as obras de Val-des-Bois etc., fomos estudar em Marselha as obras de juventude do santo padre Allemand e do venerando cônego Timon-David. Apraz-nos recordar a intensa comoção de nosso coração de jovem sacerdote ao escutar atentamente as palavras deste último:

“ _ Filarmônica, teatro, projeções, ginástica, jogos etc., nada disso censuro. A princípio, eu também os julgava indispensáveis; afinal são muletas de que se lança mão à falta de coisa melhor. Quanto mais avanço, tanto mais meu fim e os meios de que uso se sobrenaturalizam, porque vou vendo com maior clareza que toda a obra fundada sobre coisas humanas é destinada a perecer e que só é abençoada pela Providência a obra que visa a aproximação de Deus e dos homens pela vida interior. Os instrumentos musicais já de há muito estão encostados, o teatro tornou-se-me inútil; entretanto, a obra mais do que nunca prospera. Por quê? É que meus colegas e eu, por mercê de Deus, vemos agora as coisas melhor que ao princípio e nossa fé na ação de Jesus e da graça centuplicou-se. Não hesite em visar ao mais alto possível, creia e ficará pasmado dos resultados. Vou explicar-me: Não tenha apenas como ideal o proporcionar aos jovens algumas distrações honestas e escolhidas, que os desviem dos prazeres ilícitos e das relações perigosas; não se contente com dar-lhes simplesmente aparências de cristianismo por meio da assistência maquinal à missa ou da recepção bastante espaçada e apenas tolerável dos sacramentos. *Duc in altum*[106]. Antes de mais nada, tenha a nobre ambição de obter, a todo custo, que certo número deles tomem a resolução enérgica de viver como cristãos fervorosos, isto é, com a prática da meditação diária, com o hábito da assistência quotidiana à missa, se for possível, com uma breve leitura espiritual e, como é evidente, com frequentes e frutuosas comunhões. Consagre todas as tuas solitudes em infundir nesse rebanho escolhido um grande amor a Jesus Cristo, o espírito de oração, de abnegação, de vigilância sobre si mesmos, em uma palavra, sólidas virtudes. Desenvolva com não menor cuidado em suas almas a fome da Eucaristia. Depois, vá pouco a pouco estimulando esses jovens à ação sobre seus companheiros. Faça deles apóstolos francos, dedicados, bons, ardorosos, varonis, sem devoções acanhadas, cheios de tato. Que jamais caiam, sob o pretexto de zelo, na triste extravagância de andar

espiando os colegas. E não é preciso que passem dois anos para me vir então dizer se lhe são ainda necessários instrumentos músicos ou decorações cênicas para lograr uma pesca frutuosa”.

“_ Percebo,” respondi, “essa minoria deve ser o fermento. Mas como proceder com os que se não possam levar a tal altura, com o conjunto, com esses jovens de todas as idades, com esses homens casados que quiçá venham a pertencer ao círculo projetado?”.

“_ Infundir-lhes uma fé robusta, por meio de uma série de conferências preparadas com todo o cuidado e que preencham muitos dos teus serões de inverno. Teus cristãos sairão delas suficientemente armados, não só para replicar vitoriosamente aos colegas de escritório e de oficina, como também para resistir à ação mais páfida do jornal e do livro. Fazer nascer nos homens convicções inabaláveis, que saibam afirmar quando for necessário sem respeito humano, já é resultado muito apreciável; torna-se, entretanto, necessário levá-los mais longe, até a piedade, uma piedade verdadeira, ardente, convicta, esclarecida”.

“_ Devo, porventura, logo no princípio, franquear a porta a qualquer um?”.

“_ O número só é desejável quando os elementos recrutados forem bem escolhidos. O desenvolvimento de teu círculo deve ser, sobretudo, o resultado da influência exercida pelo núcleo de apóstolos, dos quais Jesus, Maria, e V. Revma., como seu instrumento, hão de ser o centro.

“_ A sede será modesta; devo acaso esperar que os nossos recursos nos permitam arranjar outra melhor?”.

“_ Meu Deus! Ao princípio, salas espaçosas e cômodas podem, como um tambor, servir de chamariz para atrair atenções sobre uma obra incipiente. Mas, torno a repeti-lo, se souber pôr como base de tua associação a vida cristã, ardente, integral, apostólica, a sede estritamente necessária bastará sempre para que nela caibam todas as coisas acessórias que exige o funcionamento normal de um círculo. Oh! Como poderá, então, julgar que o ruído pouco bem faz e o bem faz pouco ruído! E como há de verificar que o Evangelho bem compreendido faz diminuir o orçamento das despesas sem prejudicar os resultados; muito pelo contrário. Mas, antes de tudo, é necessário pagar à custa de tua própria pessoa, e isso não tanto para, laboriosamente, preparar representações teatrais, sessões de ginástica, como para acumular em si a vida de oração; porque, persuada-se bem disto, na medida em que for o primeiro a viver do amor de nosso Senhor, nessa proporção será também capaz de inflamar os ardores desse amor nos corações alheios”.

“_ Em suma, baseia tudo na vida interior?”.

“_ Sim, mil vezes sim, porque dessa sorte, em vez de liga, obtém-se ouro puro. E o que acabo de dizer a respeito das obras de juventude pode-se também aplicar a outra obra qualquer; paróquia, seminário, catecismo, escola, círculo militar etc.; fie-se em minha velha experiência. Quanto bem não produz, em uma grande cidade, uma associação cristã, que verdadeiramente viva no sobrenatural! Opera como fermento poderoso e só os anjos podem dizer quão fecunda ela é em frutos de salvação. Ah! Se todos os sacerdotes, todos os religiosos, e até todas as pessoas de obras, conhecessem a força da alavanca que têm nas mãos e tomassem cada vez mais como ponto de apoio o Coração de Jesus e a vida em união com esse Coração divino, seriam

capazes de soerguer a França e qualquer país! É certo que a soergueriam, a despeito dos esforços de Satanás e de seus partidários”.

4. Vida interior e vida ativa mutuamente se reclamam

Como o amor de Deus se revela pelos atos da vida interior, assim o amor do próximo se manifesta pelas operações da vida exterior; portanto, não podendo o amor de Deus separar-se do amor do próximo, resulta daí que essas duas formas de vida não podem também, de maneira alguma, subsistir uma sem a outra[107].

De igual sorte, diz Suárez, não pode existir estado correto e normalmente ordenado para chegar à perfeição sem que participe em certa medida da ação e da contemplação[108].

O ilustre jesuíta limita-se a comentar o ensinamento de Santo Tomás. Aqueles que são chamados às obras da vida ativa, diz o Doutor Angélico, erram se julgam que esse dever os dispensa da vida contemplativa. Tal dever é um acréscimo desta vida e não lhe diminui a intensidade. Destarte, as duas vidas, longe de se excluir, reclamam-se, supõem-se, misturam-se, completam-se mutuamente; e, se de qualquer das duas se deve fazer um quinhão mais considerável, é por sem dúvida da vida contemplativa, a mais perfeita e a mais necessária[109].

A ação, para ser fecunda, carece da contemplação; quando esta atinge certo grau de intensidade, difunde sobre a primeira algum tanto de seu excedente e, por meio dela, a alma vai haurir diretamente no coração de Deus as graças que a ação se encarrega de distribuir.

Por isso é que, fundindo-se, na alma de um santo, a ação e a contemplação, em harmonia perfeita, ambas dão à vida dele unidade maravilhosa. Tal, por exemplo, São Bernardo, o homem mais contemplativo e ao mesmo tempo mais ativo do seu século, e de quem faz esta admirável pintura um de seus contemporâneos: a contemplação e a ação harmonizavam-se nele a ponto tal que esse santo a um tempo parecia inteiramente dedicado às obras exteriores e inteiramente absorvido na presença e no amor de seu Deus[110].

Comentando este texto da Sagrada Escritura: *Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum*[111], o padre Saint-Jure descreve admiravelmente as mútuas relações entre as duas vidas. Vamos resumir as suas reflexões:

O coração significa a vida interior, contemplativa. O braço, a vida exterior, ativa.

O texto sagrado fala do coração e do braço para mostrar que as duas vidas se podem aliar e harmonizar perfeitamente na mesma.

O coração é indicado em primeiro lugar porque é um órgão sobremaneira mais nobre e necessário que o braço. Da mesma forma, a contemplação é muito mais excelente e mais perfeita e merece muito mais estima que a ação.

Dia e noite, o coração palpita. Um só instante que este órgão essencial parasse, logo a morte sobreviria. O braço, parte apenas integrante do corpo humano, esse somente se move por intervalos. Do mesmo modo, devemos, algumas vezes, dar tréguas a nossos trabalhos exteriores; mas, ao invés, nunca devemos afrouxar em nossa aplicação às coisas espirituais.

O coração dá vida e força ao braço por meio do sangue que lhe envia e, sem este, o braço se dessecaria. Da mesma forma, a vida contemplativa, vida de união a Deus, graças às luzes e à perpétua assistência que a alma recebe dessa intimidade, vivifica as ocupações exteriores; só ela é capaz de lhes comunicar simultaneamente o caráter sobrenatural e a real utilidade. Sem ela, tudo fica entanguido, estéril, cheio de imperfeições.

O homem amiúde separa o que Deus uniu; por isso é que tão rara é essa união perfeita. Demais, para ser realizada, exige ela um conjunto de precauções frequentemente negligenciadas. Nada empreender que exceda as próprias forças. Ver em tudo habitual, mas simplesmente, a vontade de Deus. Não nos metemos em obras senão quando Deus quer, e na medida exata em que lhe apraz ver-nos consagrados a elas, e somente com o desejo de exercer a caridade. Logo no princípio, oferecer-lhe nosso trabalho e, no decurso de nossos labores, reanimar amiúde, por meio de pensamentos santos, por meio de ardentes orações jaculatórias, nossa resolução de não trabalhar senão por Ele e para Ele. Em suma, seja qual for a atenção que devamos prestar a nossos trabalhos, conservar-nos sempre em paz, perfeitamente senhores de nós mesmos. Quanto ao bom êxito, deixá-lo unicamente nas mãos de Deus e aspirarmos a ver-nos livres de todos os cuidados apenas para nos reencontrarmos sós por sós com Jesus Cristo. Tais são os sapientíssimos conselhos dos mestres da vida espiritual, para chegarmos a essa união.

Por vezes, as ocupações hão de multiplicar-se a tal ponto que exijam o dispêndio de todas as nossas energias, sem que, por outro lado, nos possamos desembaraçar do fardo, ou mesmo aligeirá-lo. A consequência poderá ser a privação, por um tempo mais ou menos longo, do gozo da união a Deus, mas essa união somente sofrerá algum dano se nós assim o quisermos. Prolongando-se esse estado, **é necessário por tal motivo gemer, sofrer e temer acima de tudo o habituarmo-nos a ele.** O homem é fraco, inconstante. Se descuida de sua vida espiritual, depressa perde o gosto dela. Absorvido pelas ocupações materiais, acaba por comprazer-se nelas. Pelo contrário, se o espírito interior manifesta sua vitalidade latente por meio de suspiros e gemidos, esses lamentos contínuos, como provêm de uma ferida que se não fecha mesmo no meio de uma atividade transbordante, constituem o mérito da contemplação sacrificada, ou melhor, a alma realiza essa admirável e fecunda união da vida interior e da vida ativa. Oprimida por essa sede de vida interior que não logra apagar a seu bel-prazer, a alma há de voltar com ardor, logo que possa, à vida de oração. Nosso Senhor sempre lhe há de reservar alguns instantes de entretenimento com Ele. Exige, porém, que a alma os não despreze e há de, então, compensar-lhe com o fervor a brevidade desses felizes momentos.

Como as vias de Deus se assinalam pela sabedoria e pela bondade! Que maravilhosa direção não dá Ele às almas por meio da vida interior! Conservada no seio da ação e sem embargo generosamente oferecida, essa pena profunda de termos de consagrar tanto tempo às obras de Deus, e tão pouco ao Deus das obras, tem sua compensação. Graças a ela, desvanecem-se todos os perigos de dissipação, de amor próprio, de afeições naturais. Essa disposição da alma, longe de prejudicar a liberdade do espírito e a atividade, dá-lhes um caráter mais ponderado. É ela a forma prática do exercício da presença de Deus, porque a alma, **na graça do momento**

presente, encontra Jesus vivo, oferecendo-se-lhe oculto sob a obra a realizar. Jesus trabalha com ela e ampara-a. Quantas pessoas, que desempenham cargos, hão de dever a essa pena salutar bem compreendida, a esse desejo sempre sacrificado e sempre vivo de ter mais momentos livres para estar junto do sacrário, e essas comunhões espirituais desde então quase incessantes, hão de dever, repetimos, a fecundidade de sua ação e, ao mesmo tempo, tanto a salvaguarda de sua alma como seus progressos na virtude!

5. Excelência dessa união

A união das duas vidas, contemplativa e ativa, constitui o verdadeiro apostolado, obra principal do Cristianismo, diz Santo Tomás: *Principalíssimum officium*[112].

O apostolado supõe almas capazes de ferver de entusiasmo por uma ideia, de se consagrar ao triunfo de um princípio. Sobrenaturalize-se a realização desse ideal pelo espírito interior, animem-se com o espírito de Jesus o fim, o foco de zelo e a escolha dos meios, e logo teremos a vida mais perfeita em si mesma, a vida por excelência, visto como os teólogos a preferem à simples contemplação: *Praefertur simplici contemplationi*[113].

O apostolado do homem de oração é a palavra conquistadora com o mandato de Deus, o zelo das almas, a frutificação das conversões: *Missio a Deo, zelus animarum, fructificatio auditorum*[114].

É o vapor da fé de emanções salutare: *Zelus, id est vapor fidei*[115].

O apostolado do santo é a sementeira do mundo. O apóstolo lança às almas o grão de Deus[116]. É o amor em fogo que devora a terra, o incêndio do Pentecostes irresistivelmente propagado através dos povos: *Ignem veni mittere in terram*[117].

A sublimidade desse ministério consiste em prover à salvação de outrem, sem prejuízo para o apóstolo; *sublimatur ad hoc ut áliis provideat*. Transmitir as verdades divinas às inteligências humanas! Não é esse, porventura, um ministério digno dos anjos?

Bom é contemplar a verdade; mas melhor é ainda comunicá-la aos outros. Refletir a luz é algo mais que recebê-la. Iluminar vale mais que luzir debaixo do alqueire. Pela contemplação, a alma alimenta-se; pelo apostolado, dá-se: *sicut majus est illuminare quam lucere solum, ita majus est contemplata áliis tradere, quam solum contemplare*[118].

É essa mistura do apostolado com todos os dispêndios de seu próprio zelo, e da contemplação com suas elevações sublimes que produziu os maiores santos: São Dionísio, São Martinho, São Bernardo, São Domingos, São Francisco de Assis, São Francisco Xavier, São Filipe Néri, Santo Afonso, todos tão ardentes contemplativos como apóstolos poderosos.

Vida interior e vida ativa! Santidade nas obras! União poderosa, união fecunda! Como são grandes os prodígios de conversão que vós operais! Ó Deus, concedei a vossa Igreja

corações devorados pelo desejo de se dar, uma sede ardente de vida de oração. Dai a vossos

operários essa ação contemplativa e essa contemplação ativa: então, vossa obra há de ter sua realização e vossos obreiros evangélicos hão de alcançar essas vitórias que lhes anunciastes antes de vossa Ascensão gloriosa.

TERCEIRA PARTE:

A VIDA ATIVA, PERIGOSA SEM A VIDA INTERIOR, UNIDA A ESTA ASSEGURA O PROGRESSO NA VIRTUDE

1. As obras, meio de santidade para as almas interiores, tornam-se perigo para a salvação das outras almas

a) Meio de santidade: Das criaturas que associa a seu apostolado, exige nosso Senhor, de maneira formal, não só que se conservem na virtude, como também que nela progridam. A prova existe em cada página das epístolas de São Paulo a Tito e a Timóteo e nas apóstrofes do Apocalipse aos bispos da Ásia.

Por outro lado, já no princípio o demonstramos, as obras são desejadas por Deus.

Ver, portanto, nas obras, em si, um obstáculo à santificação e afirmar que, emanando, embora, da vontade divina, elas hão de afrouxar nossa marcha para a perfeição, seria uma injúria, uma blasfêmia irrogada à sabedoria, bondade e providência divinas.

Dilema inevitável: ou o apostolado, seja qual for a forma que revista, se é **desejado** por Deus, não só não tem em si, como efeito, o poder de alterar a atmosfera de sólida virtude na qual deve andar uma alma cuidadosa de sua salvação e progresso espiritual, sempre se torna para o apóstolo um meio de santificação, caso o exerça **nas condições requeridas**; ou então, a pessoa escolhida por Deus como cooperadora e obrigada, portanto, a corresponder ao apelo divino, teria o direito de alegar a atividade, as penas e os cuidados despendidos em prol da obra mandada, como legítimas desculpas de sua negligência em se santificar.

Ora, consequência da economia do plano divino, Deus **deve a si mesmo** o conceder ao apóstolo de sua escolha as graças necessárias para ele realizar a união das ocupações absorventes não só com a segurança da sua salvação, senão ainda com a aquisição das virtudes levadas até a santidade.

Os socorros que dispensou a um Bernardo, a um Francisco Xavier, **Deus também os deve**, na medida do necessário, ao mais modesto dos obreiros evangélicos, ao mais humilde dos religiosos professores, à mais ignorada das irmãs enfermeiras. Não tenhamos temor de repetir: é essa uma verdadeira **dívida do Coração de Deus** para com o instrumento que escolheu. E todo apóstolo, caso cumpra as condições exigidas, deve ter confiança absoluta em seu direito rigoroso às graças requeridas por um gênero de trabalhos que lhe hipotecam o tesouro infinito dos auxílios divinos.

Aquele que se consagra às obras de caridade, diz Álvares de Paz, não deve pensar que elas lhe hão de fechar a porta da contemplação e torná-lo menos capaz de se entregar a ela. Deve, ao invés, ter a segurança de que o hão de dispor de maneira admirável para essa contemplação. Estas verdades são-nos ensinadas não só pela razão e pela autoridade dos santos Padres, como também pela experiência quotidiana, porquanto vemos certas almas que se dedicam às obras de caridade para com o próximo, confissões, pregação, catecismos, visita dos enfermos etc., elevadas por Deus a tão alto grau de contemplação que, com toda a razão, se podem comparar aos antigos anacoretas[119].

Por esta frase “grau de contemplação”, o eminente jesuíta, como todos os mestres da vida espiritual, designa o dom do espírito de oração, que é caracterizado pela exuberância de caridade em uma alma.

Os sacrifícios exigidos pela caridade haurem na glória de Deus e na santificação das almas tal valor sobrenatural, tal fecundidade de méritos, que, caso queira, o homem votado à vida ativa pode, cada dia, ir-se elevando a um maior grau de caridade e de união a Deus, em uma palavra, de santidade.

É certo que, em alguns casos, nos quais haja perigo grave e próximo de pecado formal, especialmente contra a fé e a virtude angélica, **Deus quer** que nos afastemos das obras. Feita, porém, essa ressalva, por meio da vida interior, Deus concede a seus operários o meio de ficarem imunes de pecado e de progredirem na virtude. Distingamos, todavia, com cuidado em que consiste esse progresso. Uma palavra paradoxal da tão criteriosa quão arguta Santa Teresa permite-nos precisar nosso pensamento: “Desde que sou priora, onerada de trabalhos numerosos e obrigada a frequentes viagens, cometo maior número de faltas. E, sem embargo, como combato generosamente e só trabalho para Deus, sinto que cada vez mais me aproximo d’Ele”. Sua fragilidade manifesta-se, então, mais amiúde que no repouso e no silêncio claustral. A santa o confessa, mas sem se perturbar. A generosidade inteiramente sobrenatural de sua dedicação e de seus esforços, mais acentuados do que antes, para o combate espiritual, deparam-lhe como recompensa ocasiões de vitórias que largamente contrabalançam as surpresas de uma fragilidade que já existia, mas em estado latente. Nossa união com Deus, diz São João da Cruz, reside na união de nossa vontade com a d’Ele e mede-se unicamente por ela. Santa Teresa não pensa que a possibilidade de progresso na união com Deus só existe na tranquilidade e na solidão: seria conceber falsamente a espiritualidade. Julga, pelo contrário, que a atividade verdadeiramente imposta por Deus e exercida nas condições por Ele requeridas, alimentando seu próprio espírito de sacrifício, sua humildade, sua abnegação, seu ardor e sua dedicação pelo reino de Deus, há de aumentar a união íntima de sua alma com Nosso Senhor que nela vive e anima seus trabalhos e, assim, há de encaminhá-la para a santidade.

A santidade, com efeito, reside antes de tudo na caridade; e a obra do apostolado digna desse nome é caridade em ato: *Probatio amoris*, diz São Gregório, *exhibítio est óperis*. O amor prova-se pelas obras de abnegação, e Deus exige de seus obreiros essa prova de devotamento.

Apascenta meus cordeiros, apascenta minhas ovelhas, tal é a forma de caridade que nosso Senhor exige do apóstolo como prova de sinceridade dos reiterados protestos de seu amor.

S. Francisco de Assis não julga poder dizer-se amigo de Jesus Cristo, senão quando a sua

própria caridade se consagra à salvação das almas. *Non se amicum Christi reputabat, nisi ánimas foveret quas ille redemit*[120].

E se Nosso Senhor considera como feitas a si mesmo as obras de misericórdia, mesmo corporais, é porque em cada uma delas descobre a irradiação dessa mesma caridade[121] que anima o missionário ou sustenta o anacoreta nas privações, combates e orações do deserto.

A vida ativa entrega-se às obras de dedicação. Caminha pelos atalhos do sacrifício em seguimento de Jesus obreiro e pastor, missionário, taumaturgo, remediador e médico universal, dispensador terno e infatigável para todos os necessitados deste mundo.

A vida ativa lembra-se e vive desta palavra do Mestre: Eu estou no meio de vós como servo[122]. O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir[123].

Vai pelos caminhos da miséria humana, anunciando o verbo que ilumina, semeando em redor, dela uma messe de graças, que se desatam em todo gênero de benefícios.

Graças às clarividências de sua fé, graças às intuições de seu amor, descobre no pior dos desgraçados, nos mais mofinos dos desditosos, o Deus nu, lastimoso, desprezado de todos, o grande leproso, o misterioso condenado que a justiça eterna persegue e acabrunha com os seus golpes, o homem das dores que Isaías viu erguer-se no luxo horroroso das suas chagas, na púrpura trágica do sangue, de tal sorte desfigurado e retalhado pelos cravos e pelos instrumentos de flagelação que se contorcia como o verme que se esmaga.

Também nós o vimos e não o reconhecemos, exclama o profeta[124].

Ó vida ativa, tu perfeitamente o reconheces; e, de joelhos, de olhos banhados de lágrimas, tu o serves nos pobres.

A vida ativa melhora a humanidade. Fecundando o mundo com suas generosidades, com seus trabalhos, com seus suores, semeia méritos para o céu.

Vida santa que Deus recompensa, porque dá o paraíso tanto ao copo de água do pobre, como aos escritos do doutor, aos suores do apóstolo. No dia derradeiro, perante o céu e a terra reunidos, Deus há de canonizar todas as obras de caridade[125].

b) Perigo para a salvação: Ah! Quantas vezes, nos retiros particulares que temos dirigido, chegamos a verificar que as obras, que deveriam ser para seus organizadores meios de progresso, se tornavam instrumentos de ruína do edifício espiritual.

Um homem de obras, convidado, logo no início de seu retiro, a examinar sua consciência e a procurar a causa dominante de seu estado lastimoso, fazia um juízo exato de si, dando-nos esta resposta, à primeira vista incompreensível: “Foi a dedicação que me perdeu! Minhas disposições naturais causavam-me sentimentos de alegria quando me devotava, de felicidade quando prestava algum serviço. Auxiliado pelo bom êxito aparente de meus empreendimentos, Satanás envidou todos os esforços, durante largos anos, para me criar ilusões, para excitar em mim o delírio da ação, tornar-me aborrecido qualquer trabalho interior, e finalmente atrair-me ao precipício”.

Esse estado de alma, anormal, para não dizer monstruoso, explica-se em poucas palavras. O operário de Deus, inteiramente absorvido na satisfação de dar livre curso a sua atividade natural, deixara desvanecer em si a vida divina, esse calórico divino que, nele acumulado, tornava o apostolado fecundo e protegia sua alma contra o gélido frio do espírito natural. Trabalhara, mas longe do sol vivificante. *Magnæ vires et cursus celérrimus, sed præter viam*[126]. Pelo mesmo motivo, as obras, santas em si mesmas, tinham-se voltado contra o apóstolo, como arma perigosa no manejo, espada de dois gumes, que fere aquele que não sabe servir-se dela.

Foi contra igual perigo que São Bernardo quis acautelar o papa Eugênio III, quando lhe escreveu: “Temo que no meio de vossas ocupações, que são inumeráveis, desesperando de jamais lhes ver o fim, deixeis endurecer vossa alma. Andareis com muito mais prudência **subtraindo-vos a essas ocupações**, por alguns instantes que seja, do que permitindo que elas vos dominem e que, pouco a pouco, infalivelmente vos arrastem para onde não quereis de forma alguma ir. ‘Então, para onde?’, direis talvez. **Para o endurecimento do coração**. Eis até onde vos podem levar essas **malditas ocupações, hæ occupationes maledictæ**, se ainda continuais, como já ao princípio fizestes, a consagrar-vos inteiramente a elas, nada reservando de vós para vós mesmo”[127].

Que há aí de mais augusto, de mais santo que o governo da Igreja? Haverá nada mais útil para a glória de Deus e para o bem das almas? E, contudo, malditas ocupações, exclama São Bernardo, se hão de servir para impedir a vida interior daquele que a elas se dedica.

“Ocupações malditas”, que expressão! Vale por um livro inteiro, tanto ela amedronta e tanto obriga a refletir. E estaria exigindo um protesto, se não caísse da pena tão precisa de um doutor da Igreja, de um São Bernardo.

2. Do homem de obras sem a vida interior

Uma palavra o caracteriza: ainda talvez não esteja, mas há de fatalmente tornar-se túbio. Ora, ser túbio, e de uma tibieza, não de sentimento ou de fragilidade, senão de vontade, é pactuar com a dissipação e a negligência habitualmente consentidas ou não combatidas, pactuar com o pecado venial deliberado e, por isso mesmo, é tirar à alma a segurança da salvação eterna, dispô-la, levá-la até ao pecado mortal[128]. Tal é, sobre a tibieza, a doutrina de Santo Afonso, tão bem exposta e comentada pelo padre Desurmont, seu discípulo.

Como é então que o homem de obras, sem a vida interior, necessariamente desliza para a tibieza? Necessariamente, dissemos, e para prova disso bastam-nos as palavras seguintes, dirigidas por um bispo missionário a seus sacerdotes, palavras tanto mais terríveis de verdade quanto promanam de um coração devorado de zelo pelas obras e de um espírito cujas tendências diretamente se opunham a tudo o que cheirasse a quietismo: “É necessário”, diz o cardeal Lavigerie, “que nos persuadamos bem disto: para um apóstolo, não há meio termo entre a santidade completa, ao menos desejada e procurada com fidelidade e coragem, e a perversão absoluta”.

Recordemo-nos, em primeiro lugar, do germe de corrupção que a concupiscência nutre em nossa natureza, a guerra sem tréguas que nos fazem os nossos inimigos tanto interiores como exteriores, os perigos que por todos os lados nos ameaçam.

Dito isso, procuremos esboçar o quadro do que sucede a uma alma que se consagra ao apostolado sem estar suficientemente precavida e armada contra os seus perigos.

Certa pessoa sente despertar dentro de si o desejo de se dedicar às obras. Carece ainda de experiência. Suas predileções pelo apostolado dão-nos o direito de nele supor ardor, alguma vivacidade de caráter, de imaginá-lo comprazendo-se na ação, quiçá até no combate. Supomo-lo correto em sua conduta, dotado de piedade e de devoção, mas piedade mais de sentimento que de vontade, devoção que não é o reflexo de uma alma resolvida a procurar apenas a vontade de Deus, mas rotina piedosa, restos de hábitos louváveis. Sua oração, se é que pratica a oração, é apenas uma espécie de devaneio, e suas leituras espirituais, um exercício de curiosidade, sem influência real em sua conduta. Talvez até Satanás, iludindo-o com um sentido artístico que essa pobre alma toma por vida interior, o leve a gostar de leituras que tratem das vias elevadas e extraordinárias da união com Deus, e a admirá-las com entusiasmo. Somado tudo, pouca ou nenhuma vida interior verdadeira nessa alma que ainda conserva, concedamo-lo, certo número de bons hábitos, muitas qualidades naturais e tal ou qual desejo sincero, mas muito vago, de permanecer fiel a Deus.

Vai, pois, nosso apóstolo, impregnado do desejo de trabalhar nas obras, consagrar-se com zelo a esse ministério tão novo para ele. Em pouco tempo, precisamente em virtude das circunstâncias que essas novas ocupações originam (qualquer pessoa habituada às obras nos compreenderá), em pouco tempo, como íamos dizendo, se lhe deparam mil circunstâncias para fazê-lo viver cada vez mais fora de si mesmo, mil engodos para a sua curiosidade ingênua, mil ocasiões de quedas, contra as quais, como é lícito supor, até então o tinham em parte protegido a atmosfera tranquila do lar doméstico, do seminário, da comunidade, do noviciado, ou pelo menos a tutela de um prudente diretor.

Não só a dissipação crescente ou curiosidade perigosa de tudo conhecer, as impaciências ou suscetibilidades, a vaidade ou o ciúme, a presunção ou o abatimento, a parcialidade ou a difamação, como também a invasão progressiva das fragilidades do coração e de todas as formas mais ou menos sutis da sensualidade, vão obrigar a um combate ininterrupto essa alma mal preparada para tão rudes e contínuos assaltos. Portanto, frequentes são as feridas.

De mais a mais, essa alma de piedade tão superficial pensará acaso em resistir, ela que está então inteiramente absorvida na satisfação, já muito natural, de despendar sua atividade em favor de uma causa excelente? Por outro lado, Satanás está à espreita da ocasião, porque já fareja uma presa. E bem longe de contrariar essa satisfação, excita-a o mais possível.

Chega, entretanto, o dia em que se entrevê o perigo: o anjo da guarda falou, a consciência reclama. Seria necessário controlar-se, examinar-se no sossego de um retiro, tomar a resolução enérgica de seguir à risca um regulamento que se não pusesse de lado, embora fosse necessário descurar essas ocupações tão afagadas, Mas, ai!, é já tarde. A alma já saboreou o prazer de ver seus esforços coroados pelos êxitos mais animadores: Amanhã, amanhã, exclama ela. Hoje é impossível; falta-me o tempo, porque devo continuar esta série de sermões, escrever este artigo,

organizar este sindicato, esta associação de caridade, preparar esta récita, fazer esta viagem, pôr em dia a minha correspondência etc. Como ela se sente feliz em poder tranquilizar-se com todos esses pretextos! Porque só o pensamento de encarar a sério sua consciência se lhe tornou insuportável. Chega o momento em que Satanás pode, à vontade, trabalhar em sua obra de ruína em um coração que tão bem soube tornar-se seu cúmplice. O terreno está preparado para isso. Sua vítima apaixonara-se pela ação; pois bem: Satanás instila-lhe a febre da ação. Sua vítima não podia suportar o esquecimento do tumulto dos negócios, o recolhimento; o demônio insufla-lhe horror de tudo isso e chega até o ponto de embriagar a alma com novos projetos, aos quais sabe habilmente dar as aparências de zelo pela glória de Deus e pela salvação das almas.

E esse homem, pouco havia ainda tão cheio de hábitos virtuosos, irá deslizando de fraquezas em fraquezas cada dia mais acentuadas, até chegar a pôr o pé num declive tão resvaladio que não mais logrará manter-se firme em sua queda. Digno realmente de lástima, tendo uma vaga consciência de que toda essa agitação não é conforme ao coração de Deus, atira-se, mais desatinadamente do que nunca para o turbilhão, a fim de sufocar seus remorsos. As faltas vão-se fatalmente acumulando. O que outrora perturbava a consciência reta dessa alma, agora não são mais que vãos escrúpulos que se desprezam. De bom grado proclama que é necessário saber ser homem de seu tempo, saber lutar com armas iguais às dos inimigos e por isso preconiza as virtudes ativas, tendo apenas palavras de desprezo para o que desdenhosamente chama piedade de outras eras. De mais a mais, as obras vão de vento em popa; o público aplaude-as. Cada dia vê desabrochar novos êxitos. “Deus abençoa a nossa obra”, exclama essa alma iludida, sobre a qual amanhã, talvez, devido a suas faltas graves, chorem os anjos do céu.

Como caiu esta alma em estado tão lamentável? **Inexperiência, presunção, vaidade, imprevidência e relaxação.** Não pensando em seus poucos recursos espirituais, lançou-se à ventura através dos perigos. Esgotadas suas provisões de vida espiritual, vê-se na situação do nadador temerário que, já sem forças para lutar contra a corrente, se deixa arrastar para o abismo. Detenhamo-nos um instante para medir com o olhar o caminho percorrido e a profundidade do precipício. Procedamos ordenadamente e contemos as etapas.

Primeira etapa: Em primeiro lugar, a alma foi progressivamente perdendo (se é que as chegou a ter!) a nitidez e a força das convicções sobre a vida sobrenatural, o mundo sobrenatural e a economia do plano e da ação de Nosso Senhor quanto à relação da vida íntima do obreiro evangélico com as obras. A alma não mais contempla essas obras senão por meio de um prisma enganador. É a própria vaidade que, sutilmente, serve de pedestal à pretensa boa intenção: “Que querem? Deus concedeu-me o dom da palavra: devo agradecer-lho”, respondia aos lisonjeiros um pregador enfatuado de vã complacência e inteiramente exteriorizado. A alma, mais que a Deus, procura-se a si mesma. Reputação, glória, interesses pessoais estão em primeiro plano. O *Si adhuc hominibus placerem, Christi servus non essem*[129], torna-se para ela palavra vazia de sentido.

Não falando da ignorância dos princípios, **a ausência da base sobrenatural** que caracteriza esta etapa tem, ora como causa, ora como consequência imediata, a dissipação, o esquecimento da presença de Deus, o abandono das orações jaculatórias e da guarda do coração, a falta de delicadeza de consciência e de regularidade de vida. A tibieza aproxima-se, se é que

não começou já.

Segunda etapa: O homem sobrenatural é escravo do dever; por isso é que ele, avaro de seu tempo, ordenadamente o distribui, vivendo conforme um regulamento. Compreende que, sem isso, sua vida é vida de naturalismo, vida cômoda e caprichosa, do levantar ao deitar.

O homem de obras, sem base sobrenatural, não tarda em experimentá-lo. A falta de espírito de fé no emprego do tempo leva-o a pôr de parte sua leitura espiritual. Por outro lado, se ainda lê, já não estuda. Preparar durante a semana inteira a homilia do domingo era bom para os padres da Igreja. A não ser que sua vaidade esteja em jogo, ele prefere improvisar, e sai-se sempre tão bem... assim pelo menos pensa. Aos livros, prefere as revistas. Nenhum método mais, nenhuma perseverança. Borboleteia. Desperdiça as horas livres, cuida demasiadamente em procurar distrações e assim se vai furtando à lei do trabalho, a essa grande lei de preservação, de moralização e de penitência.

Considera molesto e puramente teórico tudo o que estorva sua liberdade de movimentos. Não lhe chega o tempo para tantas obras e obrigações sociais e até para o que julga necessário a sua saúde e a suas recreações. Realmente, diz-lhe Satanás, consagras tempo demasiado aos exercícios de piedade: meditação, ofício, missa, atos do ministério. É necessário cortar o supérfluo. E começa, invariavelmente, por abreviar a meditação, por fazê-la irregularmente e talvez até chegue, pouco a pouco, a deixá-la de todo. Como já se acostumou a deitar-se bastante tarde, ele lá sabe por quê, logicamente cada vez mais vai abandonando o ponto indispensável para permanecer fiel à oração: levantar-se à hora certa. Ora, na vida ativa, abandonar a meditação, ou reduzi-la à duração de dez a quinze minutos equivale a render-se ao inimigo.

Algumas pessoas atribuem a Santa Teresa o dito seguinte: “Dai-me alguém que faça, diariamente, um quarto de hora de oração e lhe darei o céu”. Ignoramos até que ponto é autêntico esse dito, mas a nossa experiência de almas sacerdotais ou religiosas consagradas às obras leva-nos a crer que um obreiro apostólico que não se obrigue a meia hora, pelo menos, de meditação e de meditação metódica, séria, concluída com uma resolução leal, baseada na desconfiança de si mesmo e na confiança na oração, de praticar, nesse mesmo dia, atos custosos relativos a um vício a combater ou a uma virtude a adquirir, cai fatalmente na tibieza da vontade.

Evidentemente já se não trata de evitar imperfeições. São os pecados veniais que pululam. A impossibilidade em que a alma se abisma de velar pela guarda do coração oculta à consciência a maior parte dessas faltas: a alma pôs-se em estado de já não ver. Como poderá combater o que já não distingue como defeituoso? A doença de languidez vai já bastante adiantada. E essa é a consequência da segunda etapa, a qual é caracterizada pelo abandono da **meditação** e de qualquer **regulamento**.

Tudo está maduro para **Terceira etapa**, cujo sintoma é a negligência na recitação do Breviário. A oração da Igreja, que ao soldado de Cristo devia dar alegria e força para, de quando em quando, remontar até Deus e haurir n’Ele o meio de pairar sobre o mundo visível, torna-se-lhe carga insuportável. A vida litúrgica, fonte de luz, de alegria, de força, de méritos e de graças

para si e para os fiéis, já não é mais que a ocasião de um dever desagradável que de má vontade se cumpre. A virtude íntima da religião está mais que atingida. Contribuiu para ressequi-la a febre das obras. A alma já não vê o culto de Deus senão ligado a pomposas manifestações exteriores.

O sacrifício pessoal e obscuro, mas afetuoso de louvor, de súplica, de ação de graças, de reparação, já nada lhe diz. Não há muito, durante a recitação das suas orações vocais, ela repetia com legítima altivez, como se quisesa rivalizar com um coro de monges: eu também *in conspectu angelorum psallam tibi*[130]. O santuário dessa alma, outrora perfumado de vida litúrgica, tornou-se praça pública, onde reinam o ruído e a desordem.

A solicitude exagerada pelas obras e a dissipação habitual encarregam-se de multiplicar consideravelmente as distrações que, de mais a mais, cada vez são menos combatidas. *Non in commotione Dominus*[131]. Ali já não há oração verdadeira. Precipitação, interrupções não justificadas, negligências, sonolência, atrasos, adiamento para a última hora, com perigo de ser vencido pelo sono e, talvez, de quando em quando, omissões, transformam o remédio em veneno e o sacrifício de louvor em ladainha de pecados, que chegarão talvez a não ser já simplesmente veniais!

Quarta etapa: Tudo se encadeia. O abismo traz consigo o abismo. Os Sacramentos! Ah! Esses são recebidos ou administrados como coisa respeitável por certo, mas já não se sente palpitar a vida que eles encerram. A presença de Jesus no Sacrário ou no santo tribunal já não é capaz de fazer vibrar até à medula da alma todas as energias da fé. **A própria missa**, o sacrifício do Calvário, é um jardim cerrado. Certo que a alma está ainda, queremos crê-lo, longe do sacrilégio. Mas não sente já o calor do Sangue divino. Suas consagrações são frias e as suas comunhões tibias, distraídas, superficiais. Familiaridade desrespeitosa, rotina e talvez tédio já andam à espreita dessa alma.

O apóstolo assim desfigurado vive fora de Jesus, e já não é favorecido com essas palavras íntimas que Jesus quer dizer apenas aos seus verdadeiros amigos.

De vez em quando, o Amigo celeste faz chegar um remorso, uma luz, um apelo. Espera, bate, pede para entrar: “Vem a mim, pobre alma ferida, vem, vem depressa, que eu te curarei” – *Venite ad me omnes... et ego reficiam vos*[132]; porque eu sou a tua salvação: *Salus tua ego sum*[133]. Eu vim salvar o que, tinha perecido: *venit Filius hominis quærere et salvum facere quod perierat*[134]. Essa voz tão doce, tão terna, tão discreta, tão instantânea, procura momentos de comoção, veleidades de melhor procedimento. Mas como a porta do coração apenas está fracamente entreaberta, Jesus não pode entrar e esses bons movimentos da alma ficam frustrados. A graça passa debalde e vai voltar-se contra a alma. Em sua misericórdia, para não acumular tesouros de cólera, Jesus talvez até cesse de lhe falar: *Time Jesum transeuntem et non revertentem*[135].

Vamos agora mais longe, penetremos até ao âmago dessa alma cuja fisionomia esboçamos.

Assim na vida sobrenatural como na vida moral e intelectual, o papel dos pensamentos tem grande preponderância. Quais são os pensamentos que preocupam essa alma e a que corrente

obedecem? Humanos, terrenos, vãos, superficiais, egoístas, vão esses pensamentos convergindo cada vez mais para o eu ou para as criaturas, e amiúde sob as aparências de dedicação e de sacrifício.

A essa desordem na inteligência corresponde o desregramento na imaginação. Nenhuma potência carece mais de repressão do que esta. E nem sequer se cuida em refreá-la. Por isso ela, vendo-se de rédea solta, parte em carreira desabalada. Corre para todos os extravios, para todas as loucuras. A supressão progressiva da mortificação da vista permite que essa doidinha encontre pasto abundante, um pouco por toda parte.

A desordem segue o seu curso. Da inteligência e da imaginação, desce até as afeições. O coração já somente se alimenta de quimeras. Que sucederá a esse coração dissipado, que já quase se não inquieta com o reinado de Deus nele e que se tornou insensível aos entretenimentos com Jesus, à poesia sublime dos mistérios, às belezas severas da liturgia, aos apelos e aos atrativos do Deus da Eucaristia, em uma palavra, um coração insensível às influências do mundo sobrenatural? Irá, acaso, reconcentrar-se em si mesmo? Seria isso um suicídio. Não! Ele carece de afeição. Não encontrando mais a felicidade em Deus, há de amar as criaturas. Fica à mercê da primeira ocasião e lança-se nela desatinadamente, imprudentemente, quiçá sem respeito algum pelos votos mais sagrados, nem pelo interesse supremo da Igreja, nem pela própria reputação. Supomos, contudo, que ainda profundamente o perturba a perspectiva da apostasia; entretanto, o escândalo das almas não lhe causa já tanto temor.

Certo é que chegar por essa forma até a última consequência é, por favor de Deus, rara exceção. Mas quem não vê que o tédio de Deus e a aceitação do prazer proibido podem levar o coração até as piores desventuras? Do *Animalis autem homo non percipit*[136], há de forçosamente chegar-se ao *Qui nutriebatur in coccinis, amplexati sunt stercora*[137]. A ilusão obstinada, a cegueira do espírito, o endurecimento do coração vão progredindo. Tudo se pode esperar.

Para cúmulo da desgraça, a vontade encontra-se não destruída, mas reduzida a tal estado de enfraquecimento, de moleza, que quase equivale à impotência. Peçam-lhe não que reaja energicamente, que isso seria inútil, mas que tente um simples esforço, e apenas granjearão esta resposta desanimadora: “Não posso”. Ora, quem neste ponto não é já capaz de esforços, está a caminho das piores catástrofes.

Um ímpio ilustre ousou dizer que de forma alguma acreditava na fidelidade aos votos e obrigações por parte de certas almas, imiscuídas por suas obras na vida do século. “Elas caminham”, acrescentava ele, “por uma corda bamba. Forçosamente hão de cair”. A esta injúria a Deus e à Igreja, é preciso responder sem hesitação que essas quedas **com certeza** se evitam quando nos sabemos servir da preciosa maromba da vida interior e que ao abandono desse meio **infalível** se devem atribuir a vertigem e os passos em falso, os passos escandalosos para o precipício.

O admirável jesuíta padre Lallemant remonta à causa inicial dessas catástrofes, quando diz: “Muitos homens apostólicos nada fazem puramente por Deus. Procuram-se em tudo e sempre misturam interesse próprio com a glória de Deus em seus melhores empreendimentos. Passam, desse modo, a vida inteira, nessa mistura de natureza e de graça. Chega, por fim, a morte e só

então é que abrem os olhos, só então veem sua ilusão, e tremem ao avizinhar-se do terrível tribunal de Deus[138].

Longe de nossa intenção está, sem dúvida, o incluir no número dos apóstolos que se pregam a si mesmos esse zeloso e esforçado missionário que se chamou o célebre padre Combalot. Mas será, porventura, inoportuna a citação de suas palavras, poucos momentos antes de morrer? “Tenha confiança, meu caro amigo”, dizia-lhe o sacerdote depois de lhe ter administrado os últimos sacramentos. “Tenha confiança, porque conservou sempre íntegra sua vida sacerdotal e seus milhares de sermões hão de, por certo, diante de Deus, servir de atenuante à insuficiência de vida interior de que fala”. “Meus sermões! Oh! Como eu agora os vejo por um prisma diferente! Meus sermões! Se Nosso Senhor não for o primeiro a falar-me deles, não serei eu que começarei”. Ao clarão da eternidade, esse venerável sacerdote, em suas melhores obras de zelo, via imperfeições que inquietavam sua consciência e que atribuía à falta de vida interior.

O cardeal Du Perron, à hora da morte, mostrava-se arrependido porque, durante a vida, mais se dedicara ao aperfeiçoamento de sua inteligência pelas ciências que ao da vontade pelos exercícios da vida interior[139]. Ó Jesus, apóstolo por excelência, houve, porventura, alguém que jamais se prodigalizasse tanto como vós, enquanto entre nós habitáveis? Hoje, ainda com maior abundância vos dais aos homens por meio de vossa vida eucarística, sem que para isso jamais deixeis o seio de vosso Pai! Oxalá nunca esqueçamos que vós quereis tomar conhecimento apenas daqueles nossos trabalhos que forem animados por um princípio verdadeiramente sobrenatural e que mergulharem suas raízes em vosso Coração adorável.

3. A vida interior, base da santidade do obreiro apostólico

Não sendo a santidade mais que a vida interior levada até à estreitíssima união de nossa vontade com a vontade de Deus, via de regra e salvo um milagre de graça, a alma não atinge esse termo senão depois de ter percorrido, por meio de múltiplos e penosos esforços, todas as etapas da vida purgativa e iluminativa. Frisemos, como lei da vida espiritual que, no decurso da santificação, a ação de Deus e a da alma seguem marcha inversa: as operações de Deus assumem, de dia para dia, papel cada vez mais considerável, ao passo que a alma vai operando cada vez em menor escala.

Diferente é a ação de Deus nos perfeitos e nos que começam. Menos aparente nestes, provoca especialmente e ampara neles a vigilância e a súplica, oferecendo-lhes, dessa sorte, o meio de alcançarem a graça para novos esforços. Nos perfeitos, Deus opera de forma mais completa e, às vezes, até não exige mais que o simples consentimento que une a alma a sua ação suprema.

O principiante e mesmo o tíbio e o pecador que o Senhor quer aproximar de si, sentem-se, primeiramente, inclinados a procurar a Deus; depois, a provarem-lhe, cada vez mais, o próprio desejo de lhe agradecer; finalmente, a rejubilarem-se com todas as ocasiões providenciais que lhes permitam destronar o amor próprio, para porem em seu lugar unicamente o reino de Jesus. Nesse caso, a ação divina limita-se a incitamentos, a auxílios.

No santo, é muito mais poderosa e muito mais completa essa ação. Em meio das fadigas e dos sofrimentos, assoberbado de humilhações ou acabrunhado pela doença, basta, por assim dizer, que o santo se abandone à ação divina, sem a qual ele seria incapaz de suportar as agonias que, consoante os desígnios de Deus, devem servir de remate a seu amadurecimento. Nele plenamente se realiza o texto seguinte: *Deus subiecit sibi omnia, ut sit Deus omnia in omnibus*[140]. Vive de tal sorte de Jesus que parece não mais viver por si mesmo. Este é o testemunho que de si deu o apóstolo: *Vivo autem iam non ego: vivit vero in me Christus*[141]. Só o espírito de Jesus pensa, decide e opera. É certo que a divinização está longe de atingir a intensidade que há de lograr na glória, contudo esse estado já reflete as características da união beatífica.

Julgamos inútil frisar que assim não sucede com o principiante ou o túbio, e até com o simples fervoroso. A seus estados se adapta uma série inteira de meios que, de mais a mais, podem igualmente servir tanto a um como a outro. O principiante, porém, como qualquer aprendiz, há de molestar-se muito, avançará com lentidão e, afinal, há de desempenhar-se mediocrementemente de sua tarefa. O fervoroso, artista já adestrado, por seu lado, há de executar depressa e bem sua tarefa e, com poucas dificuldades, há de granjear maiores proveitos.

Contudo, seja qual for a categoria de apóstolos de que se trate, invariáveis são sempre as intenções da Providência a respeito deles. Sempre e para todos, Deus quer que as obras sejam um meio de santificação. Mas, ao passo que para a alma já chegada à santidade, o apostolado nenhum perigo sério oferece, nenhuma força a esgota e tudo lhe fornece abundantes ocasiões de crescer em virtude e em méritos, vimos com que facilidade o apostolado causa a anemia espiritual e, portanto, o retrocesso no caminho da perfeição às pessoas fracamente unidas a Deus e nas quais pouco desenvolvimento têm ainda o gosto pela oração, o espírito de sacrifício e, sobretudo, a guarda habitual do coração.

Deus jamais recusa esse hábito à oração instante e a alma generosa que, mediante propósitos sempre renovados, foi, pouco a pouco, transformando suas faculdades, tornando-as dóceis às inspirações divinas e capazes de aceitar alegremente contradições e maus êxitos, perdas e decepções.

Vejamos, agora, como a vida interior, mediante seis características principais, se infiltra em uma alma para dotá-la de verdadeiras virtudes.

a) Acautela-a contra os perigos do ministério exterior

Difficilius est bene conversari curo cura animarum propter exteriora pericula[142]. Já falamos deste perigo no capítulo precedente.

Ao passo que o obreiro evangélico desprovido de espírito interior ignora os perigos a que as obras dão origem e assim se assemelha ao viajante que atravessa desarmado uma floresta infestada de bandidos, o verdadeiro apóstolo teme esses perigos e todos os dias contra eles se acautela, mediante sério exame de consciência, que lhe serve para descobrir os pontos fracos.

Ter consciência de um perigo incessante: outra vantagem não trouxesse a vida interior e já esta contribuíra eficazmente para nos preservar das surpresas da jornada: perigo previsto já é perigo meio afastado. Mas muito diferente é sua utilidade. A vida interior torna-se, para o homem de obras, uma armadura completa: *Induite armaturam Dei, ut possitis stare adversus insidias diaboli*[143], armadura divina que lhe permitirá não só resistir às tentações e evitar as ciladas do demônio – *Ut possitis resistere in die malo*,[144] senão também santificar todos os seus próprios atos: *Et in omnibus perfecti stare*. [145]

A vida interior cinge-o da pureza de intenção que em Deus concentra pensamentos, desejos e afeições e não permite que o homem de obras se tresmalhe à procura de comodidades, prazeres e distrações: *Succincti lumbos vestros in veritate*. [146]

Reveste-o da couraça da caridade, que lhe dá um coração varonil e o defende das seduções da criatura e do espírito do século e, outrossim, dos assaltos do demônio: *Induti lorica[m] justitiæ*. [147]

Calça-o com a discrição e com o recato, a fim de que em todos os seus passos logre aliar a simplicidade da pomba à prudência da serpente: *Calceati pedes in præparatione Evangélii*. [148]

Satanás e o mundo hão de procurar confundir-lhe o entendimento com os sofismas da falsa doutrina, enervar-lhe a energia com o engodo das máximas relaxadas. A essas mentiras, a vida interior oporá o escudo da fé que faz brilhar aos olhos da alma o esplendor do ideal divino: *In omnibus sumentes scutum fidei in quo possitis omnia tela Maligni ignea extinguere*. [149]

Conhecimento de seu nada, solicitude por sua própria salvação, convicção de que nada absolutamente pode sem o socorro da graça e, portanto, oração instante, suplicante e fervorosa, tanto mais eficaz quanto mais cheia de confiança, eis para a alma um como capacete de bronze, que há de, por certo, amortecer os golpes do orgulho: *Galeam salutis assumite*. [150]

Assim armado dos pés à cabeça, poderá o apóstolo entregar-se sem temor às obras, e seu zelo, inflamado pela meditação do Evangelho, fortificado pelo Pão eucarístico, há de tornar-se uma espada que a um tempo lhe servirá assim para combater os inimigos de sua própria alma como para conquistar grande número de almas para Jesus Cristo: *Gladium spiritus quod est verbum Dei*. [151]

b) A vida interior restaura as forças do apóstolo

Só o santo, já o dissemos, em meio da confusão dos negócios e malgrado o contato habitual com o mundo, logra salvaguardar o seu espírito interior e dirigir sempre seus pensamentos e as suas intenções unicamente para Deus. Qualquer dispêndio de atividade exterior nele se encontra de tal maneira sobrenaturalizado e abrasado em caridade que, longe de vingar diminuir as suas forças, antes necessariamente lhe granjeia aumento de graça.

Nas outras pessoas, embora fervorosas, ao cabo de certo tempo, mais ou menos dilatado, consagrado às ocupações exteriores, a vida sobrenatural parece sofrer alguma perda. Preocupadíssimo com o bem a fazer ao próximo, sobremaneira absorvido em uma compaixão

insuficientemente sobrenatural pelas misérias a aliviar, seu coração imperfeito parece dirigir para Deus chamadas menos puras, escurecidas pelo fumo de numerosas imperfeições.

Deus não punirá essa fraqueza pela diminuição da graça e não tratará com rigor esses desfalecimentos, se vir que se fazem esforços sérios de vigilância e de oração durante a ação e que a alma está disposta a voltar para junto d'Ele, acabado o trabalho, a fim de repousar e reparar as próprias forças. Essa perpétua renovação de propósitos, causada pelo enlace da vida ativa e da vida interior, alegra-lhe o coração paternal.

De mais a mais, naqueles que lutam, vão-se tornando cada dia menos frequentes e profundas essas imperfeições, à medida que a alma vai aprendendo a recorrer infatigavelmente a Jesus, que sempre se encontra pronto a dizer-lhe: “Volve para mim, pobre cervo ofegante, sequioso pelo comprimento da jornada. Vem encontrar nas águas vivas o segredo de nova agilidade para novas carreiras. Aparta-te um instante da multidão, que não logrará ministrar-te o alimento de que carecem as tuas forças esgotadas: *Venite vos ipsi seorsum in desertum locum et requiescite pusillum*[152]. No sossego, na paz que junto de mim desfrutarás, hás de reencontrar, em pouco tempo, teu primeiro vigor e hás de aprender ainda o meio de fazer mais com menor dispêndio de forças.

Elias, fatigado, desanimado, viu suas energias instantaneamente reanimadas por um pão misterioso. De igual sorte procederei contigo, ó meu apóstolo, nessa invejável tarefa que me aprouve impor-te, não só com minha palavra que é toda vida, senão também com minha graça, isto é, com meu sangue, hei de procurar orientar de novo teu espírito para os horizontes eternos e renovar entre o teu e o meu coração um pacto de intimidade. Vem, que eu te consolarei das tristezas e das decepções da viagem. E, no crisol do meu amor, retemperarás, então, o aço das tuas resoluções: *Venite ad me, omnes, qui laboratis et onerati estis, et ego reficiam vos*[153].

c) A vida interior multiplica suas energias e seus méritos

Tu ergo, fili mi, confortare in gratia[154]. A graça é uma participação da vida do Homem-Deus. A criatura possui certa medida de força e pode até, de alguma sorte, considerar-se, definir-se como força. Jesus é a força por essência. N'Ele reside, em toda a sua plenitude, a força do Pai, a onipotência da ação divina, e Espírito de força se chama o seu Espírito.

Ó Jesus, exclama São Gregório de Nazianzo, somente em Vós reside toda a minha força. Fora de Cristo, diz por sua vez São Jerônimo, eu sou de todo impotente.

O Doutor Seráfico, no quarto livro de seu *Compendium theologiæ* enumera os cinco caracteres principais em que nos reveste a força de Jesus: o primeiro é empreender coisas difíceis e enfrentar resolutamente os obstáculos: *Viriliter agite, et confortetur cor vestrum*[155].

O segundo é o desprezo das coisas da terra: *omnia detrimentum feci et arbitror ut stercora*[156].

O terceiro, a paciência nas tribulações: *Fortis est ut mors dilectio*[157].

O quarto, a resistência às tentações: *Tanquam leo rugiens circuit... cui resistite fortes fide*[158].

O quinto é o martírio interior, o testemunho, não do sangue senão da própria vida que clama a Jesus: Quero ser todo vosso. Consiste em combater as concupiscências, em domar os vícios e em trabalhar com energia na aquisição das virtudes: *Bonum certamen certavi*[159].

Ao passo que o homem exterior conta com suas forças naturais, o homem interior apenas vê nelas auxiliares úteis, sem dúvida, mas insuficientes. O sentimento de sua própria fraqueza e a sua fé na onipotência de Deus dão-lhe, como a São Paulo, a medida exata de suas forças. A vista dos obstáculos que sucessivamente se vão erguendo perante ele, exclama com humilde altivez: *Cum enim infirmor, tunc potens sum*[160].

Sem vida interior, diz São Pio X, hão de faltar as forças para aguentar com perseverança os aborrecimentos que qualquer apostolado acarreta, a frieza e o escasso concurso dos próprios homens de bem, as calúnias dos adversários e, às vezes, até os ciúmes dos amigos, dos companheiros de armas... Só uma virtude paciente, fortalecida no bem e ao mesmo tempo suave e delicada, é capaz de remover ou diminuir essas dificuldades[161].

Mediante a vida de oração, como seiva que escorre da cepa para os sarmentos, a força divina desce à alma do apóstolo para lhe fortalecer a inteligência, dando-lhe fé mais viva. Então progride, porque essa virtude alumia seu caminho com luzes mais esplendentes. Então avança resoluto, porque sabe aonde quer ir e como deve atingir seu fim.

Essa iluminação é acompanhada de tal energia sobrenatural de vontade que até os próprios caracteres fracos e versáteis se tornam capazes de atos heroicos.

Assim é que o *Manete in Me*[162], a união com o Imutável, com aquele que é o Leão de Judá e o pão dos fortes, explica a maravilha da constância invencível e da firmeza tão perfeita que, nesse admirável apóstolo chamado São Francisco de Sales, se aliavam à doçura e humildade incomparáveis. O espírito e a vontade fortificam-se com a vida interior porque o amor se fortifica. Jesus vai, progressivamente, purificando, dirigindo e aumentando esse amor. Torna-o participante dos sentimentos de compaixão, de dedicação, de abnegação e de desinteresse do seu Coração adorável. Se esse amor se torna paixão, eleva então a seu máximo grau e utiliza todas as forças naturais e sobrenaturais do homem para seu próprio proveito.

É fácil, portanto, julgar o aumento de méritos resultantes da multiplicação das energias que dá a vida de oração; basta recordar-nos de que o mérito consiste menos na dificuldade que possa haver na prática de um ato, de que na intensidade de caridade com que ele se pratica.

d) A vida interior dá-lhe alegria e consolação

Só o amor ardente e inabalável logra alegrar a existência, porque o amor possui o segredo de dilatar o coração, ainda no meio das dores ingentes e das fadigas acabrunhadoras.

Cadeia de sofrimentos e de trabalhos é a vida do homem apostólico. Se o apóstolo não está

convencido de que Jesus o ama, muitíssimas serão para ele as horas tristes, inquietas e sombrias, por jovial que seja seu caráter; a não ser, é claro, que o caçador infernal deslumbre a ingênua avezinha com o espelho das consolações humanas e com êxitos aparentes a fim de melhor a atrair para seus laços intrincados. Só o Homem-Deus pode fazer soltar este grito sobre-humano da alma: *Superabundo gaudio in omni tribulatione nostra*[163]. Em meio das minhas íntimas provações, diz o apóstolo, a parte superior de meu ser, como a de Jesus em Getsêmani, desfruta uma felicidade que nada tem, por certo, de sensível, mas cuja realidade é tal que, a despeito da agonia da parte inferior, não a trocaria eu por todas as alegrias humanas.

Venham embora as provações, as contradições, as humilhações, o sofrimento, a perda de bens, a perda dos seres amados, a alma aceitará essas cruces com sentimentos inteiramente diversos dos que tinha nos alvares de sua conversão.

Dia a dia vai ela crescendo em caridade. Pouco importa que sem brilho se manifeste seu amor; que o Mestre a trate como alma forte, levando-a pelas vias de um aniquilamento cada vez mais profundo, ou pela senda austera da expiação ou pelo mundo. Favorecido pelo recolhimento, alimentado pela Eucaristia, o amor não cessa de aumentar; disso é prova essa generosidade com que a alma se sacrifica e se abandona; essa dedicação que a faz correr, sem pensar nos trabalhos, à procura de almas junto das quais seu apostolado se exerce com paciência, com prudência, tato, compaixão, ardor, somente explicáveis pela penetração da vida de Jesus nela: *Vivit vero in me Christus*.

O sacramento do amor deve ser o da alegria. Não pode ser interior a alma que não é eucarística, e, portanto, a alma que não se deleita intimamente com o dom de Deus, que não goza de sua presença, que não experimenta a doçura do ser amado que possui e que adora.

A vida do homem apostólico é vida de oração. “Vida de oração”, diz o santo cura de Ars, “eis a grande felicidade dêste mundo. Ó vida admirável! ó admirável união da alma com nosso Senhor. A eternidade não é demasiadamente longa para se compreender essa felicidade... A vida interior é banho de amor em que a alma se mergulha... Fica como afogada no amor... Deus ampara a alma interior como a mãe sustenta em suas mãos a cabeça do filho para cobri-la de beijos e de carícias”.

Contribuir para tornar servido e honrado o objeto de seu amor é, outrossim, alimento de alegria. O homem apostólico conhece todas essas felicidades.

Servindo-se das obras para aumentar o amor, sente, ao mesmo tempo, crescer a alegria e a consolação. *Venator animarum*,[164] tem a dita de contribuir para a salvação de almas que talvez se condenariam; portanto, tem o prazer de consolar a Deus, dando-lhe corações dos quais talvez tivesse de se separar eternamente, o prazer enfim de saber que dessa sorte granjeia para si mesmo uma das mais sólidas garantias de progresso no bem e de glória eterna.

e) A vida interior acrisola a pureza de intenção

O homem de fé aprecia as obras de um ponto de vista inteiramente diverso do daquele que vive exteriormente. Vê nelas não tanto o aspeto aparente como o papel que desempenham no

plano divino e nos resultados sobrenaturais.

Desse modo, considerando-se simples instrumento, vai alimentando na alma o horror por qualquer complacência nas próprias aptidões tanto mais quanto vai baseando a esperança dos bons êxitos sobre a própria impotência e sobre a confiança exclusiva em Deus.

Assim é que ele se fortifica no estado de abandono. No decurso das dificuldades, como é grande a diferença entre sua atitude e a atitude do homem apostólico que não conhece as intimidades com Jesus!

De mais a mais, esse abandono não logra diminuir o ardor por qualquer empreendimento. Trabalha como se o bom êxito unicamente dependesse de sua atividade, mas de fato apenas o espera unicamente de Deus[165]. Nada lhe custa subordinar todos os projetos e esperanças aos desígnios incompreensíveis desse Deus que, para o bem das almas, com mais frequência se serve dos reveses que dos triunfos.

Daí resulta para a alma um estado de santa indiferença pelos bons ou maus êxitos de suas empresas. “Vós, ó meu Deus”, está ela sempre pronta a dizer, “não quereis que se acabe a obra começada. Preferis que eu me limite a trabalhar com generosidade, e sempre em paz, a investir esforços para atingir o resultado, deixando-vos o cuidado de decidir se o bom êxito vos granjeará mais glória que o ato de virtude que um revés me dará ocasião de praticar. Mil vezes bendita seja vossa santa e adorável vontade. Oxalá, com o auxílio da graça, logre recalcar os mínimos sintomas de vã complacência, se abençoardes meus projetos, tão bem como humilhar-me e adorar, se vossa providência julgar conveniente reduzir a nada o fruto de minhas fadigas”.

Certo é que o coração do apóstolo sangra quando contempla as tribulações da Igreja; mas a maneira como ele sofre é completamente diversa da do homem não animado pelo espírito sobrenatural. A melhor prova disso está na conduta e na atividade febril deste, quando sobrevêm as dificuldades, em suas impaciências e abatimento, em seu desespero e, às vezes, até em seu aniquilamento perante ruínas irreparáveis. O verdadeiro apóstolo utiliza todos os triunfos e reveses, para aumentar a esperança e dilatar a alma em um abandono cheio de confiança na providência. Qualquer particularidade, bem que mínima, de seu apostolado lhe serve de motivo para atos de fé. Qualquer momento de seu trabalho perseverante lhe fornece ensejo de praticar atos de caridade, porque, pelo exercício da guarda do coração, chega a ponto de proceder em tudo com pureza de intenção cada dia mais perfeita e, pelo abandono, a tornar o ministério cada vez mais impessoal.

Dessa forma, todas e cada uma das ações se vão impregnando, cada vez mais, das características de santidade, e como o amor pelas almas, ao princípio mesclado de muitas imperfeições, se vai aos poucos purificando, o verdadeiro apóstolo acaba por não mais ver essas almas senão em Jesus, por não mais amá-las senão em Jesus e assim por Jesus as conquista para Deus: *Filioli mei, quos iterum parturio, donec formetur Christus in vobis*[166].

f) A vida interior é um escudo contra o desânimo

O apóstolo que não logra entender bem qual deva ser a alma de seu apostolado achará

incompreensível esta frase de Bossuet: “Quando Deus quer que uma obra seja toda de sua mão, tudo reduz à impotência e a nada, e depois, opera”.

Nada ofende tanto a Deus como o orgulho. Ora, na procura de bons êxitos, podemos, por falta de pureza de intenção, chegar a ponto de nos erigirmos como que em uma divindade, princípio e fim de nossas obras. Deus tem horror desta idolatria. Por isso, quando vê que a atividade do apóstolo carece dessa impessoalidade que sua glória exige da criatura, deixa, às vezes, o campo livre às causas segundas, e o edifício não tarda em desmoronar-se.

Ativo, inteligente, dedicado, votou-se o operário ao trabalho com todo o entusiasmo de sua natureza. Conheceu, quiçá, êxitos brilhantes, alegrou-se com eles, olhou-os com complacência. É sua obra. A sua! *Veni, vidi, vici*. [167] Quase chegou a apropriar-se dessa frase célebre. Esperemos um pouco. Qualquer acontecimento permitido por Deus, uma ação direta de Satanás ou do mundo vingam atingir a obra ou a própria pessoa do apóstolo: ruína total! Mais lamentável, porém, é ainda a devastação interior, causada pela tristeza e pelo desânimo desse esforçado de ontem. Quanto mais exuberante havia sido a alegria, tanto mais profundo é agora o abatimento!

Só nosso Senhor poderia reparar essas ruínas: “Vamos, coragem”, diz Ele ao desanimado, “em vez de operares sozinho, recomeça o trabalho comigo, por mim e em mim”. Mas o infeliz já não escuta essa voz. Tão exteriorizado anda que, para ouvi-la, precisaria de um verdadeiro milagre da graça; mas já não tem o direito de contar com ele, devido ao acúmulo de infidelidades. Só uma vaga convicção na onipotência de Deus e em sua providência é que paira sobre a desolação desse desditoso e essa convicção não é suficiente para dissipar as ondas de tristeza que continuam a assaltá-lo.

Quão diferente é o espetáculo do verdadeiro sacerdote, cujo ideal é reproduzir Nosso Senhor! Os dois grandes meios de ação, assim sobre o coração de Deus, como sobre o coração dos homens, são sempre, para esse sacerdote, a oração e a santidade. Certo é que ele dispense forças e com muita generosidade. Mas julga a miragem do bom êxito perspectiva indigna de verdadeiro apóstolo. Sobrevêm as borrascas, pouco importa a causa segunda que as originou. Como trabalhou apenas com Nosso Senhor, em meio das ruínas amontoadas, esse apóstolo ouve retinir no fundo de seu coração o mesmo ***Noli timere*** [168] que outrora, durante a tempestade, restituía a paz e a segurança aos discípulos atemorizados.

Novo surto de amor para a Eucaristia, reflorescimento de devoção íntima para com Nossa Senhora das Dores, eis o primeiro resultado da provação.

Em vez de se deixar esmagar pelo revés, a alma desse sacerdote sai rejuvenescida da compressão: ***renovabitur ut áquilæ juvenus tua*** [169]. De onde procede essa atitude do humilde triunfador em meio da derrota? Não procureis em outra parte o segredo de tal atitude, porque se encontra nessa união com Jesus e nessa inabalável confiança em sua onipotência, que faziam Santo Inácio dizer: “Se a companhia chegasse a ser supressa sem qualquer culpa de minha parte, para recobrar o sossego e a paz, bastar-me-ia um quarto de hora de entretenimento com Deus”. “Como um rochedo no meio do mar, assim está o coração das almas interiores no meio das humilhações e dos sofrimentos” [170].

Certo é que o apóstolo sofre. Isso que esterilizou seus esforços e arruinou sua obra ainda será talvez a causa da perda de muitas de suas ovelhas. Tristeza amarga para esse verdadeiro pastor, por sem dúvida; mas tristeza incapaz de arrefecer o ardor com que vai recomeçar a obra. Ele sabe que toda a redenção, ainda que seja aplicada apenas a uma alma, é obra sublime que se realiza sobretudo pelo sofrimento. Basta para sustentar a certeza de que as provações generosamente suportadas aumentam seus progressos na virtude e granjeiam glória mais abundante para Deus.

Sabe, de mais a mais, que, muitas vezes, Deus exige dele apenas germes de bons êxitos. Outros serão os que hão de recolher abundantes messes e talvez julguem, então, poder atribuí-las a si mesmos. O céu, porém, saberá discernir a causa delas no trabalho ingrato e aparentemente estéril que as precedeu. ***Ego misi vos metere quod vos non laborastis; alli laboraverunt et vos in labores eorum introistis***[171].

No decurso de sua vida pública, Nosso Senhor, autor dos êxitos de seus apóstolos depois do Pentecostes, somente se contentou com lançar a semente, com deixar lições e exemplos e predizia aos apóstolos que a eles seria dado o fazerem obras maiores que as suas: ***Opera, quæ ego facio, ipse faciet et maiora horum faciet***[172].

Perder o ânimo o verdadeiro apóstolo! Deixar-se influenciar pelas resoluções dos pusilânimes! Condenar-se ao repouso após um revés! Se assim pensais, é porque não compreendeis nem a vida íntima, nem a fé em Jesus Cristo. Abelha infatigável, ele há de, por certo, reconstruir com alegria novos favos na colmeia devastada.

QUARTA PARTE

FECUNDIDADE DAS OBRAS PELA VIDA INTERIOR

1. A vida interior é condição para a fecundidade das obras

Abstraímos aqui da razão de fecundidade que os teólogos denominam *ex opere operato*. [173] Considerando apenas a que resulta *ex opere operantis*, [174] convém lembrar que se o apóstolo realiza o *Qui manet in me et ego in eo*, [175] assegurada está a fecundidade de sua obra, querida por Deus: *Hic fert fructum multum* [176]. É a lógica evidente deste texto. Em face dessa autoridade, supérfluo será provar a tese. Limitemo-nos a confirmá-la com fatos.

Durante mais de trinta anos, pudemos seguir o andamento de dois orfanatos de meninas, dirigidos por duas congregações diferentes. Ambos atravessaram um período de manifesta decadência. Por que não dizê-lo? De dezesseis órfãs recolhidas em condições idênticas e que, chegadas à maioridade, tinham saído desses asilos, três do primeiro e duas do segundo, no espaço de oito a quinze meses passaram da comunhão frequente ao estado mais aviltante da escala social. Das outras onze, só uma se conservou profundamente cristã; todas, entretanto, tinham sido colocadas, por ocasião da saída, em casas de famílias honestas.

Em um desses orfanatos, há quase onze anos apenas, houve mudança de superiora. Seis meses depois, já se comprovava radical transformação no espírito da casa.

A mesma transformação se observava, passados três anos, no outro orfanato, porque, continuando as mesmas superiores e as mesmas religiosas, apenas houvera mudança de capelão.

Ora, desde essa época, nem uma só dessas pobres meninas, que saíram por ter atingido a maioridade, foi atirada por Satanás para a lama das sarjetas. Todas, absolutamente todas, se conservaram boas cristãs.

Simplicíssima é a razão desses resultados. Nesses orfanatos não havia à testa da casa ou no confessionário uma direção interior profundamente sobrenatural: isso bastava para paralisar, ou ao menos para atenuar, a ação da graça. Em um dos casos, a antiga superiora, e no outro, o antigo capelão, ambos sinceramente piedosos, mas sem verdadeira vida interior, nenhuma ação profunda e duradoura, portanto, exerciam. Piedade de sentimento, de meio, comunicativa exclusivamente, feita de práticas e de hábitos, produzindo apenas crenças vagas, amor sem calor e virtudes sem raízes. Piedade frouxa, melíflua, toda de exterioridades, de afetação ou de rotina, piedade tal que somente servia para formar boas criaturas incapazes de fazer mal a ninguém, afetadas, que só sabiam fazer medidas, mas sem força de caráter, a reboque da sensibilidade e da imaginação. Piedade impotente para rasgar largos horizontes à vida cristã e para criar mulheres fortes, preparadas para a luta; piedade que, quando muito, só lograva conter aquelas desditosas crianças que enlanguesciam nas gaiolas e suspiravam pelo dia em que de lá poderiam sair. Eis a única vida cristã que haviam conseguido fazer germinar na alma das crianças esses obreiros

evangélicos para quem era quase desconhecida a vida interior.

Mudam essas duas comunidades, uma de superiora e outra de capelão. Tudo imediatamente muda de aspeto. Que maneira tão diferente de compreender então a oração! Como os sacramentos são mais fecundos! Como é diversa a compostura na capela e até no trabalho e na recreação! Mudanças radicais demonstradas pela análise e que manifestam alegria tranquila, grande entusiasmo, aquisição de virtudes e, em algumas almas, desejo intenso de vocação religiosa. A que atribuir tal transformação? A nova superiora e o novo capelão eram almas interiores.

Em grande número de colégios, externatos, hospitais, patronatos, paróquias, comunidades e seminários, o observador atento, sem dúvida alguma, terá também atribuído idênticos efeitos às mesmas causas.

Ouçamos São João da Cruz: “Reflitam aqui durante alguns instantes”, diz ele, “esses homens devorados pela atividade que pensam revolver o mundo com suas pregações e demais obras exteriores, e sem custo algum chegarão a compreender que muito mais úteis seriam à Igreja e muito mais agradariam ao Senhor (não falando do bom exemplo que dariam em torno deles), se consagrassem mais tempo à oração e aos exercícios da vida interior.

Certo é que, procedendo assim, com uma só obra e com muito menos trabalho fariam **maior bem** do que fazem com milhares de outras a que dedicam a vida. A oração lhes mereceria essa graça, e lhes alcançaria as forças espirituais, de que necessitam para produzir frutos. Sem ela, tudo se reduz a grande estrondo; é o malho que, ao cair sobre a bigorna, mais não faz do que acordar todos os ecos das circunvizinhanças. Sem ela, apenas se faz um pouco mais que nada, muitas vezes até absolutamente nada, ou mesmo dano. Livre-nos Deus de tal alma, se ela começa a envaidecer. Debalde militariam a seu favor as aparências; a verdade é que ela nada fará, pois é absolutamente certo que nenhuma boa obra pode realizar-se sem a virtude de Deus. Oh! Quanto se poderia escrever aqui a tal respeito, tendo em mira aqueles que abandonam o exercício da vida interior e que aspiram a obras retumbantes, capazes de pô-los em destaque e de agradar a todas as vistas. Essas pessoas nada entendem do veio da água viva, e da fonte misteriosa que tudo faz frutificar”[177].

Certas palavras do santo são tão enérgicas como a frase de São Bernardo – “ocupações malditas” –, anteriormente citada. É impossível taxá-las de exagero, se nos recordamos que as qualidades que Bossuet mais admirava em São João da Cruz são o perfeito bom senso, o zelo em acautelar contra o desejo de vias extraordinárias para chegar à santidade e a rigorosa precisão no exprimir pensamentos de notável profundidade.

Procuraremos estudar algumas das causas de fecundidade da vida interior.

a) A vida interior atrai as bênçãos de Deus

Inebriabo animam sacerdotum pinguedine, et populus meus bonis meis adimplebitur[178]. Notemos a conexão das duas partes deste texto. Deus não diz: Darei mais zelo, mais talento a meus sacerdotes, mas “inebriarei sua alma”, isto é, enchê-los-ei de meu espírito, comunicar-lhes-

ei graças escolhidas e, assim, meu povo receberá a plenitude de meus bens.

Poderia Deus ter distribuído a graça conforme quisesse, sem levar em conta nem a piedade do ministro, nem as disposições dos fiéis. Assim procede no batismo das crianças. Consoante, porém, a lei ordinária da sua providência, esses dois elementos são a medida dos dons celestes.

Sine me, nihil potestis facere[179]. Tal é o princípio. No Calvário correu o sangue redentor. Como irá Deus assegurar-lhe a fecundidade? Por meio de milagres de difusão de vida interior. Nada mais acanhado que o ideal e o zelo dos apóstolos antes do Pentecostes. O Espírito Santo transforma-os em homens interiores e, logo, maravilhas opera sua pregação. Deus não mais renovará ordinariamente o prodígio do cenáculo. Para o futuro deixará as graças de santificação a braços com a livre e laboriosa correspondência da criatura. Mas, ao fazer do Pentecostes a data oficial do nascimento da Igreja, não nos dá Ele claramente a entender que seus ministros devem considerar como prelúdio de suas obras de corredentor a santificação pessoal?

Por isso é que todos os verdadeiros operários apostólicos confiam muito mais em seus sacrifícios e em suas orações do que no exercício de sua atividade. Antes de subir os degraus do púlpito, o padre Lacordaire orava durante muito tempo e, reentrando na sua cela, dava-se a disciplina. O padre Monsabré, antes de usar da palavra em Nossa Senhora de Paris, rezava de joelhos o rosário inteiro. “Tenho a minha última infusão”, respondia ele com graça a um amigo que o interrogava sobre esse exercício.

Ambos os religiosos viviam do princípio enunciado por São Boaventura: “Os segredos do apostolado fecundo vão haurir-se muito mais aos pés de um crucifixo do que na ostentação de qualidades brilhantes”. *Manent tria hæc: verbum, exemplum et oratio; major autem his est oratio*[180], exclama São Bernardo. Palavra sobremodo enérgica, que mais não é do que o comentário da resolução tomada pelos apóstolos de deixarem certas obras, para poderem aplicar-se de preferência à oração – *Orationi*, e só depois ao ministério da palavra: *Ministério verbi*[181].

Temos acaso já notado bem, neste ponto a importância primordial dada pelo Salvador a esse espírito de oração? Lançando um olhar sobre o mundo e sobre os séculos vindouros e vendo a multidão de almas chamadas aos benefícios do Evangelho, Jesus contristado exclama: A seara é verdadeiramente grande, mas os obreiros poucos! *Messis quidem multa, operarii autem pauci*[182]. Que irá Ele propor como meio mais rápido de difundir sua doutrina? Exigirá acaso que seus discípulos vão frequentar as escolas de Atenas ou estudar, junto de césores de Roma, como se conquistam e governam os impérios?... Escutai o Mestre, homens de zelo, Ele vai nos revelar um programa, um princípio luminoso: *Rogate ergo Dominum messis ut mittat operarios in messem suam*[183]. Sábias organizações, recursos a procurar, templos a erigir, escolas a construir: nada disso menciona. *Rogate ergo*. A oração, o espírito de oração, eis a verdade fundamental que o Mestre não cessa de recordar. O resto, todo o resto daí promana.

Rogate ergo! Se o tímido murmúrio da súplica de uma alma santa é mais capaz de suscitar legiões de apóstolos que a voz eloquente de um recrutador de vocações menos cheio do espírito de Deus, que concluir daqui senão que o espírito de oração, o qual anda sempre a par do zelo no verdadeiro apóstolo, há de ser a razão principal da fecundidade de seu trabalho?

Rogate ergo! Orai, antes de tudo: só depois é que nosso Senhor acrescenta: *Euntes docete... prædicate*[184]. Certo é que Deus se utilizará desse segundo meio, porém as bênçãos que tornam o ministério fecundo estão reservadas à prece do homem de oração, prece sobremodo poderosa para sair do seio de Deus os ardentes eflúvios de uma ação irresistível sobre as almas. A voz autorizada de São Pio X assim põe em relevo a tese de nossa modesta obra:

“Para restaurar todas as coisas em Cristo pelo apostolado das obras é necessária a graça divina e, para receber esta, deve o apóstolo estar sempre unido a Cristo. Somente depois de termos formado Jesus Cristo em nós mesmos é que poderemos facilmente comunicá-lo às famílias e às sociedades. Todos aqueles que tomam parte no apostolado devem, portanto, revestir-se de verdadeira piedade”[185].

E o que dizemos da oração aplica-se também ao outro elemento de vida interior, ao sofrimento, isto é, a tudo o que vai de encontro à natureza, quer exterior, quer interiormente.

Pode-se sofrer como pagão, como condenado, ou como santo. Para sofrer verdadeiramente com Jesus Cristo, é necessário tender a sofrer como santo. O sofrimento serve, então, para nosso proveito pessoal e para a aplicação do mistério da Paixão às almas: *Adimpleo ea quæ desunt passionum Christi in carne mea pro corpore eius, quod est Ecclesia*[186]. Diz Santo Agostinho, comentando este texto: *Impletæ erant omnes, sed in capite, restabant adhuc passionibus Christi in membris*[187]. *Præcessit Christus in capite* – Jesus Cristo sofreu, mas como cabeça. *Sequitur in corpore*: Agora é a seu corpo místico que toca sofrer. Cada sacerdote pode, pois, dizer: Esse corpo sou eu, eu sou um membro de Cristo, e é necessário que eu complete, por seu corpo que é a Igreja, o que falta aos sofrimentos de Cristo.

O sofrimento, diz o padre Faber, é o maior dos sacramentos. Esse profundo teólogo demonstra sua necessidade e deduz suas glórias. Todos os argumentos de célebre oratoriano podem aplicar-se à fecundidade das obras pela união dos sacrifícios do obreiro evangélico ao sacrifício do Gólgota e, desse modo, por sua participação na eficácia infinita do sangue divino.

b) A vida interior torna o apóstolo santificador pelo bom exemplo

No sermão da montanha, o Mestre chama a seus apóstolos sal da terra, luz do mundo[188].

Sal da terra, nós o seremos na proporção em que formos santos. O sal insípido, para que serve? *Ab imundo quid mundabitur?*[189] Só presta para ser atirado aos caminhos e calcado aos pés.

Verdadeiro sal da terra, pelo contrário, o apóstolo piedoso será verdadeiro agente de conservação no meio desse mar de corrupção que é a sociedade humana. Farol a brilhar na noite, *lux mundi*, o clarão de seu exemplo, mais ainda que o de sua palavra, dissipará as trevas acumuladas pelo espírito do mundo, e fará esplender o ideal da verdadeira felicidade que Jesus traçou nas oito bem-aventuranças.

O que há de mais capaz para levar os fiéis à prática da vida cristã é precisamente a virtude daquele que tem a missão de ensinar. Ao invés, as fraquezas afastam de Deus de maneira quase

invencível: *Nomen Dei per vos blasphematur inter gentes*[190]. Por isso é que o apóstolo deve ter mais amiúde nas mãos o brandão do bom exemplo do que bonitas palavras nos lábios e, antes de pregar as virtudes, deve ele próprio praticá-las de modo eminente. Aquele que tem a missão de dizer coisas sublimes é, por isso mesmo, obrigado a traduzi-las na prática, diz São Gregório[191].

Com toda a razão alguém notou que o médico pode tratar de seus enfermos sem que ele próprio goze saúde. Porém para curar almas, é necessário que o médico delas tenha a alma sã, porque, nesse caso, dá alguma coisa de si mesmo. Os homens têm o direito de ser exigentes para com aquele que manifesta a pretensão de ensiná-los a reformarem-se. E rapidamente descobrem se há conformidade entre as obras e a palavra, ou se a moral com que se orna o pregador mais não é do que invólucro falaz. Consoante o resultado do exame, então lhe concedem ou lhe recusam confiança.

Como será grande o poder que o sacerdote há de ter para falar da oração, se o povo o vir frequentemente em colóquios íntimos com o hóspede do tabernáculo, na maioria das vezes abandonado? Como será ouvida sua palavra se, pregando o trabalho, a penitência, ele próprio for laborioso e mortificado? Apologista da caridade fraternal, encontrará corações atentos se, cuidadoso em difundir pelo rebanho o bom odor de Jesus Cristo, refletir na própria conduta a doçura e a humildade do divino exemplo. *Forma gregis ex animo*[192].

O professor sem vida interior julga ter cumprido o dever, conservando-se exclusivamente dentro das balizas de um programa de exame. Se fora interior, uma frase que lhe escapasse dos lábios e do coração, uma comoção que se lhe espelhasse no rosto, um gesto expressivo, ou mais, só a maneira de fazer o sinal da cruz, de dizer uma oração antes ou depois de uma aula, embora fosse aula de matemática, poderiam exercer maior eficácia nos alunos que um sermão.

A religiosa, em serviço num hospital ou num asilo, dispõe de poder e de meios eficazes para fazer germinar nas almas, embora fique prudentemente dentro de seu âmbito, amor profundo a Jesus Cristo e a seus ensinamentos. Falte-lhe a vida interior e ela sequer dará por esse poder, ou então apenas logrará promover atos exteriores de piedade e nada mais.

O Cristianismo propagou-se menos por frequentes e longas discussões que pelo espetáculo dos costumes cristãos, tão opostos ao egoísmo, à injustiça e à corrupção dos pagãos. Em sua obra-prima *Fabíola*, o cardeal Wiseman faz ressaltar a fascinação que o exemplo dos primeiros cristãos exercia sobre as almas pagãs mais eivadas de preconceitos contra a nova religião. Nessa narração, assistimos à ascensão progressiva e quase irresistível de uma alma para a luz. Os sentimentos nobres, as virtudes modestas ou heroicas, que a filha de Fábio descobre em certas pessoas de todas as condições e de todas as classes, impõem-se a sua admiração. Mas como é grande a mudança que nela se opera, que revelação para a sua alma, quando vai sucessivamente verificando que todos aqueles cuja caridade, dedicação, modéstia, doçura, moderação e culto da justiça e da castidade ela admira, pertencem a essa seita que sempre lhe haviam apresentado como execrável! Desde esse momento, ela é cristã.

Depois de haver terminado a leitura do livro, quem deixará de exclamar: Ah! Se os católicos, se ao menos seus homens de obras tivessem algum tanto desse esplendor de vida cristã, descrito pelo ilustre purpurado, e que afinal mais não é que a atuação prática do

Evangelho! Como seria, então, irresistível seu apostolado sobre esses pagãos modernos, quase sempre cheios de preconceitos contra o catolicismo, devido às calúnias dos sectários, ao caráter acerbo de nossas polêmicas ou à maneira de reivindicar nossos direitos, maneira que mais parece provir de orgulho ferido que do desejo de defender os interesses de Jesus!

Ó irradiação exterior da alma unida a Deus, como és poderosa! Foi ao ver o padre Passerat celebrar a santa missa que o jovem Desurmont se decidiu a entrar na Congregação do Santíssimo Redentor, que tanto deveria ilustrar.

O povo tem intuições que nada logra enganar. Pregue um homem de Deus e logo ele acorre em multidão. Cesse, porém, a conduta de um homem de obras de corresponder ao que dele se esperava, e logo a obra, por mais habilmente dirigida que seja, fica comprometida e talvez vá de encontro a uma ruína irremediável.

Videant vestra bona opera et glorificent Patrem[193], dizia nosso Senhor. São Paulo recomenda amiudadas vezes o bom exemplo a seus dois discípulos Tito e Timóteo: *In omnibus teipsum præbens exemplum bonorum operum*[194]. *Sed exemplum esto fidelium in verbo, in conversatione, in caritate, in fide, in castitate*[195]. Ele próprio exclama: *Quæ vidistis in me, hæc agite*[196]. *Imitatores mei estote, sicut et ego Christi*[197]. E sua linguagem de verdade apoia-se nessa segurança e nesse zelo que de forma alguma excluía a humildade e que faziam dizer a nosso Senhor: *Quis ex vobis arguit me de peccato?*[198]

É tão somente quando seguir as pisadas daquele de quem está escrito: *Cæpit facere et docere*[199], que o apóstolo se tornará *operarium inconfusibilem*[200].

Antes de tudo, nossos caríssimos filhos, dizia Leão XIII, lembrai-vos de que a pureza e a santidade de vida são a condição indispensável do verdadeiro zelo e o melhor penhor de vitória[201].

O homem santo, perfeito e virtuoso, diz Santa Teresa, faz muito maior bem às almas do que grande número de outros que apenas sejam instruídos e mais bem prendados.

Se o espírito não for regulado por uma conduta verdadeiramente cristã e santa, declara São Pio X, difícil será levar os próximos à prática do bem. E acrescenta: Todos aqueles que são chamados às obras católicas, devem ser homens de vida de tal sorte ilibada que a todos sirvam de exemplo eficaz[202].

c) A vida interior produz no apóstolo uma irradiação sobrenatural. Quão eficaz é essa irradiação.

O fato de Deus ser oculto, *Deus absconditus*[203], é um dos obstáculos mais graves para a conversão das almas.

Deus, porém, por efeito de sua bondade, de alguma sorte se manifesta por meio de seus santos, e até por meio de almas fervorosas. Assim é que o sobrenatural transpira aos olhos dos fiéis que vislumbram alguma coisa do mistério de Deus.

Que é, pois, essa difusão do sobrenatural? Não será o brilho da santidade, o esplendor do influxo divino chamado correntemente pela teologia graça santificante? Ou melhor, não será, talvez, o resultado da presença inefável das pessoas divinas naqueles que elas santificam?

Outra não era a explicação de São Basílio: quando o Espírito Santo, diz ele, se une às almas que sua graça purificou, é para espiritualizá-las ainda mais. Como o sol torna mais rutilante o cristal que toca e penetra com o seu raio, assim o Espírito santificador torna mais luminosas as almas onde habita, e estas, devido a tal presença, tornam-se, por sua vez, outros tantos focos que difundem em torno delas a graça santificante[204].

Essa manifestação do **Divino** que se traía em todos os gestos e até no repouso do Homem-Deus, nós a vislumbramos em certas almas dotadas de vida interior mais intensa. As conversões maravilhosas que operavam certos santos só com a fama de suas virtudes, as plêiades de aspirantes à vida perfeita que iam pedir-lhes a graça de segui-los, aí estão clamando bem alto qual é o segredo de seu silencioso apostolado. Com Santo Antão, assim se povoavam os desertos do Oriente. São Bento fez surgir essa inumerável falange de santos religiosos que civilizaram a Europa. São Bernardo exerce influencia sem par, assim na Igreja como sobre os reis e sobre os povos. São Vicente Ferrer excita, a sua passagem, entusiasmo indescritível em multidões imensas e, o que é mais, provoca a conversão delas. No encalço de Santo Inácio, ergue-se esse exército de bravos, um dos quais, Xavier, por si só basta para regenerar uma quantidade incrível de pagãos. Somente a irradiação do poder do próprio Deus, por meio desses instrumentos humanos, pode explicar a razão desses prodígios.

Que desgraça, quando não há almas verdadeiramente interiores entre as pessoas que estão à frente de obras importantes! O sobrenatural parece eclipsado, o poder de Deus fica como encadeado. É então, como os santos nos ensinam, que um país declina e que a Providência parece abandonar aos maus todo o poder de fazer estragos.

Compenetremo-nos bem desta verdade: as almas, como que intuitivamente, e sem lograrem claramente definir o que sentem, percebem essa irradiação do sobrenatural. Ah! Vede como de bom grado se vai prostrar aos pés do sacerdote e implorar o perdão esse pecador que reconhece o próprio Deus na pessoa de seu representante. E, ao invés, não é porventura desde o dia em que o conceito integral de santidade cessa de ser o ideal necessário do ministro de tal ou tal seita cristã, que essa seita se vê infalivelmente obrigada a suprimir a confissão?

Joannes quidem signum fecit nullum[205]. Sem fazer milagre algum, João Batista atraía as multidões. Bem fraca era a voz de São Vianney para se fazer ouvida da multidão que em volta dele se apinhava e, sem embargo, se o não ouviam, viam-no, viam uma custódia de Deus, e só essa vista subjugava e convertia os assistentes. Voltara de Ars um advogado. Como lhe perguntassem o que mais o tinha impressionado, respondeu: “Vi Deus num homem”.

Lícito nos seja resumir tudo por meio de uma comparação um tanto vulgar. É bem conhecida a seguinte experiência de eletricidade: colocada sobre um isolador, uma pessoa é posta em comunicação com uma máquina elétrica. Seu corpo carrega-se de fluido e mal alguém dela se aproxima, logo se deflagra a faísca que faz estremecer aquele que se põe em contato com tal pessoa. Assim acontece para o homem interior. Uma vez desapegado das criaturas, entre Jesus e ele logo se estabelece uma comoção incessante, uma como que corrente contínua. Tornado o

apóstolo acumular de vida sobrenatural, condensa em si o fluido divino que se diversifica e adapta às circunstâncias e a todas as exigências do meio em que opera. *Virtus de illo exibat et sanabat omnes*[206]. Suas palavras e atos tornam-se, então, os eflúvios dessa força latente sim, mas sumamente eficaz para derribar os obstáculos, alcançar conversões e aumentar o fervor.

Quanto mais as virtudes teologais existirem num coração, tanto mais esses eflúvios hão de ajudar a fazer nascer essas mesmas virtudes nas almas.

Por meio da vida interior o apóstolo irradia fé.

A presença de Deus nele patenteia-se às pessoas que o ouvem.

A exemplo de São Bernardo, do qual se disse: *Solitudinem cordis circumferens ubique solus erat*,[207] o apóstolo isola-se das outras pessoas e, desse modo, logra ficar interiormente solitário; mas logo se entrevê que ele não está só, que tem no coração um hóspede misterioso e íntimo, com o qual volta a conversar a cada momento, e que não fala senão de acordo com a direção, conselhos e ordens dele. Sente-se que é sustentado e guiado por esse hóspede e que as palavras saídas de sua boca apenas são o eco fiel das palavras desse Verbo interior: *Quase sermones Dei*[208]. A lógica e a força dos argumentos manifestam-se, então, menos que o Verbo interior, o *Verbum docens*,[209] falando por meio de sua criatura. *Verba quæ ego loquor vobis, a meipso non loquor. Pater autem in me manens facit opera sua*[210]. Influência profunda e duradoura, muitíssimo mais profunda que a admiração superficial ou a devoção passageira, que o homem sem espírito interior pode excitar. Este pode levar o auditório a dizer: Isso parece verdadeiro e interessante. Ora, essa impressão não passa de um sentimento totalmente impotente de si mesmo para dar às almas uma fé sobrenatural e fazê-las viver dessa fé.

Irmão Gabriel, leigo trapista[211], exercendo as funções de segundo hospedeiro, reavivava a fé de numerosos visitantes muito melhor do que vingaria fazê-lo um sacerdote douto, mas cuja linguagem falasse mais ao espírito que ao coração. O general Miribel ia, às vezes, conversar com o humilde frade e comprazia-se em dizer: Venho retemperar-me na fé.

Jamais se tem pregado, discutido e se têm escrito sábios tratados de apologética tanto como em nossos dias e jamais talvez, ao menos considerando apenas a massa dos fiéis, a fé seja menos vivaz. Amiudadas vezes, aqueles que têm a missão de ensinar só veem no ato de fé um ato de inteligência, quando ele depende também da vontade. Esquecem-se de que o crer é dom sobrenatural e que há um abismo entre a percepção dos motivos de credibilidade e o ato definitivo de fé. Só Deus e a boa vontade daquele que é ensinado logram preencher esse abismo; Ah, mas como ajuda a preenchê-lo a reflexão da luz divina produzida pela santidade daquele que ensina!

Irradia esperança.

Como não há de o homem de oração irradiar a esperança? Sua fé arraigou-lhe para sempre na alma a convicção de que a felicidade tão somente se encontra em Deus e só em Deus. Com

que tom convincente ele não fala, portanto, do céu e como são vastos os recursos de que dispõe para consolar! O meio por excelência de nos fazermos ouvir pelos homens é manifestar-lhes o segredo de carregarem alegremente as cruzes, apanágio de todo e qualquer mortal. A Eucaristia e a esperança do céu encerram esse segredo.

Como é viva a palavra de consolação do homem que, sem mentir, pode aplicar a si mesmo o *Conversatio nostra in cælis est*[212]! Outro qualquer, com mais frases e retórica, pode falar das alegrias da pátria celeste; seus discursos serão, porém, infrutuosos: ao passo que uma só palavra do primeiro, palavra convincente e reveladora do estado de alma daquele que a pronuncia, bastará para acalmar essa perturbação, aliviar essa tristeza e fazer aceitar com resignação uma dor pungente. É que a virtude da esperança, do homem interior, passou irresistivelmente para uma alma que jamais talvez fosse acalentada por essa virtude e que se iria abismar na desesperança.

Irradia caridade.

Possuir a caridade, eis o que, sobretudo, ambiciona toda alma cuidadosa de se santificar. A compenetração de Jesus e da alma, o *Manet in me et ego in eo*, eis o fim de todo homem interior.

Os pregadores experimentados são unânimes em reconhecer que, se as práticas do conhecimento sobre a morte, o juízo e o inferno são indispensáveis e sempre salutares em um retiro ou numa missão, a instrução sobre o amor de nosso Senhor produz, ordinariamente, impressão mais salutar. Dada por verdadeiro apóstolo, capaz de fazer partilhar pelo auditório os sentimentos que o animam, essa instrução assegura o êxito e determina as conversões.

Quer se trate de afastar uma alma do pecado, quer de levá-la do fervor à perfeição, o amor de Jesus é sempre a alavanca incomparável. O cristão atolado no lodo, mas capaz de adivinhar em seu semelhante um amor ardente atado nas realidades invisíveis e, considerando por outro lado as decepções e o vácuo dos amores terrestres, logo começa a sentir repugnância pelo pecado. Compreendeu alguma coisa de Deus, alguma coisa do imenso amor de Jesus por sua criatura. Sentiu dentro de si um como estremecimento da graça latente de seu batismo e de sua primeira comunhão. Jesus apresentou-se-lhe vivo, visto como as ternuras de Seu coração transpareceram por meio da fisionomia e da voz de Seu ministro. Entreviu outro amor, o amor nobre, puro, ardente e disse de si para si: Já neste mundo é, pois, possível amar com o amor que sobreleva o amor das criaturas.

Ainda algumas manifestações mais íntimas do Deus-Amor por meio de Seu arauto, e a alma acabará de sair do lodo onde se atolava e não mais lhe causarão pavor os sacrifícios necessários para adquirir o tesouro do amor divino, até então quase desconhecido para ela.

Não vale a pena desenvolver esse ponto de vista, pois facilmente se adivinham os acréscimos de amor e, por isso mesmo, os progressos que o verdadeiro pastor pode suscitar nas almas já saídas do pecado ou já fervorosas. Mesmo sem estarem revestidos do sacerdócio, os próprios homens de obras hão de também atear em volta deles, com sua caridade ardente, a mais excelsa das virtudes teológicas.

Irradia bondade.

O zelo não caritativo, diria São Francisco de Sales, procede de caridade não verdadeira. A alma há de chegar a transformar-se, saboreando, por meio da oração, a suavidade daquele a quem a Igreja chama *Bonitatis oceanum*[213]. Embora essa alma seja naturalmente inclinada ao egoísmo e à dureza, esses defeitos hão de ir, aos poucos, desaparecendo. Alimentando-se daquele em quem apareceu a benignidade de Deus para

com o mundo: *Benignitas et humanitas apparuit Salvatoris nostri Dei*[214], daquele que é a imagem, a expressão adequada da bondade divina: *Imago bonitatis illius*[215], o apóstolo participa do poder benéfico de Deus e sente a necessidade de, como Ele, ser *diffusivus*. [216]

Quanto mais o coração estiver unido a Jesus Cristo, tanto mais se tornará participante da qualidade principal do Coração divino e humano do Redentor, de sua bondade, indulgência, benevolência, compaixão; tudo nele se multiplica e sua generosidade de dedicação há de atingir as raias da imolação alegre e magnânima.

Transfigurado pelo amor divino, o apóstolo atrairá sem esforço a simpatia das almas: *In bonitate et alacritate animæ suæ placuit*[217] (2). Suas palavras e seus atos serão repassados de bondade, dessa bondade desinteressada, que não se assemelha àquela que é inspirada pelo desejo da popularidade ou pelo egoísmo sutil.

“Deus determinou”, escrevia Lacordaire, “que para se fazer qualquer bem ao homem, era necessário amá-lo, e que a insensibilidade fosse para sempre incapaz de lhe dar a luz e de lhe inspirar a virtude”. E, de fato, contra a força que quer impor-se, considera-se o resistir uma glória; à ciência que pretende sempre convencer, julga-se questão de honra opor-lhe objeções; mas, visto como nenhuma humilhação sentimos em ser desarmados pela bondade, facilmente cedemos ao atrativo de suas maneiras.

A irmãzinha dos pobres, a irmãzinha da assunção, a irmã de caridade poderiam citar um sem número de conversões operadas sem discussão e somente devidas à virtude de uma bondade infatigável e amiúde heroica.

“Deus está ali”, exclama o ímpio ou o pecador perante essas dedicações. Vejo-o tal como Ele se define: o “Deus bom”. E bom deve realmente ser para que o convívio com Ele torne um ser tão delicado capaz de aniquilar seu amor próprio e impor silêncio a suas repugnâncias mais legítimas!

Esses anjos terrestres realizam a seguinte definição do padre Faber: “A bondade é a efusão de si nos outros. Ser bom é pôr os outros em lugar de si próprio. A bondade tem convertido mais pecadores do que o zelo, a eloquência ou a instrução, e essas três coisas jamais converteram pessoa alguma sem que a bondade nisso influísse de qualquer modo. Em uma palavra, a bondade torna-nos como deuses uns para os outros. É a manifestação desse sentimento nos homens apostólicos que lhes atraindo os pecadores e que, dessa forma, concorre para sua conversão”.

E acrescenta: “Por toda parte, a bondade se mostra o melhor paladino do preciosíssimo

Sangue... É certo que os terrores do Senhor são, frequentemente, o princípio dessa sabedoria que se chama conversão; é, porém, necessário ‘amedrontar’ os homens com bondade, porque, de outro modo, o temor apenas fará infiéis...”[218]. “Tende o coração de mãe”, diz São Vicente Ferrer. “Quer tenhais de animar ou de atemorizar, mostrai entranhas de caridade para com todos; sinta o pecador que vossa linguagem é inspirada pela caridade. Se quereis ser útil às almas, começai por recorrer, de todo o vosso coração, a Deus, para que Ele difunda em vós essa caridade que é a síntese de todas as virtudes, a fim de que, mediante ela, atinjais eficazmente o fim que vos haveis proposto[219].

A bondade natural, simples fruto do temperamento, dista tanto da bondade sobrenatural da alma do apóstolo, como o humano dista do divino. A primeira poderá fazer nascer o respeito e até a simpatia pelo operário evangélico e, por vezes, desviar para a criatura a afeição que apenas deveria ter Deus como objeto. Jamais, porém, logrará determinar as almas a fazerem, tendo apenas Deus realmente em vista, os sacrifícios necessários para o regresso a seu Criador. Só a bondade que promana da intimidade com Jesus vingará realizar esse efeito.

O ardente amor por Jesus e a verdadeira dileção pelas almas darão ao apóstolo todas as audácias compatíveis com o tato e com a prudência. A um leigo eminente ouvimos contar o seguinte fato: Falando com São Pio X, tinha esse leigo, no decurso da conversação, desfechado algumas palavras mordentes sobre um inimigo da Igreja. “Meu filho”, disse-lhe o papa, “não aprovo sua linguagem. Como castigo, ouça esta história. Acabara de chegar a sua primeira paróquia um sacerdote que eu conheci muito bem. Julgou ele do seu dever visitar todas as famílias: judeus, protestantes, até maçons, ninguém foi excluído, e o pároco anunciou do púlpito que renovaria a visita todos os anos. Tanto se admiraram disso os colegas dele que se queixaram ao bispo. Este mandou logo chamar o acusado e repreendeu-o com veemência. ‘Excelência’, respondeu-lhe modestamente o pároco, “Jesus, no Evangelho, ordena ao pastor que conduza ao aprisco todas as suas ovelhas, *illas oportet me adducere*,[220] Como lograr esse resultado sem ir à procura delas? De mais a mais, eu nunca transijo com os princípios; limito-me a testemunhar meu interesse e minha caridade a todas as almas, mesmo às desgraçadas, que Deus me confiou. Anunciei essas visitas do púlpito; e se é desejo formal de V. Exa. que eu cesse de fazê-las, queira ter a bondade de me dar por escrito essa proibição, a fim de que se saiba que eu apenas obedeco às ordens de V. Exa.’. Abalado pelo acerto dessas palavras, o bispo não insistiu. O futuro veio, depois, dar razão a esse sacerdote, que teve a alegria de converter algumas dessas almas desgarradas e impôs às outras grande respeito por nossa santa religião. O humilde sacerdote veio a ser, por vontade de Deus, o papa que agora lhe dá, meu filho, esta lição de caridade. Seja, pois, inabalável nos princípios, mas estenda sua caridade a todos os homens, mesmo que sejam os piores inimigos da Igreja”.

Irradia humildade.

Facilmente se compreende que a bondade e a doçura de Jesus hajam atraído as multidões. Pode-se atribuir o mesmo poder à sua humildade? Sem dúvida alguma.

Sine me nihil potestis facere[221]. Elevado pelo Criador à dignidade de cooperador, o apóstolo há de tornar-se um agente de operações sobrenaturais, mas com a condição de que só

Jesus apareça. Quanto mais ele souber abater-se e tornar-se impessoal, tanto mais Jesus terá cuidado de se manifestar. Sem esta impessoalidade, fruto da vida interior, em vão o apóstolo plantará e regará; nada fará germinar.

A verdadeira humildade tem encantos especiais de que o próprio Jesus é a fonte. Ela respira o divino. Ao zelo que leva o homem de obras a abater-se para que só Jesus pareça operar – *Illum oportet crescere, me autem minui*[222] – corresponde, da parte de Nosso Senhor, o dom que Ele concede a seus ministros de conquistarem cada vez mais os corações.

Assim é que a humildade se torna um dos maiores meios de ação sobre as almas. “Crede-me”, dizia São Vicente de Paulo aos seus sacerdotes, “jamais nos tornaremos aptos para realizar a obra de Deus enquanto nos não persuadirmos de que de nós mesmos apenas somos mais capazes de estragar tudo que de lograr bons êxitos”.

Talvez alguém se admire de que estejamos sempre a repetir os mesmos pensamentos. É que, segundo cremos, sua repetição sobremodo contribui para gravá-los bem no espírito de nossos queridos leitores e para lhes mostrar sua importância.

As maneiras arrogantes, os ares de jactância é que, na maioria das vezes, parcialmente contribuem para a infecundidade das obras.

O cristão “moderno” pretende conservar sua independência. Aceitará, sim, a obediência a Deus, mas só a Deus. Recusar-se-á a receber ordens, direções e até conselhos do ministro de Deus, se neles verdadeiramente não vislumbrar o sinete de Deus.

Por isso mesmo é que se torna necessário que o apóstolo saiba de tal sorte abater-se e desaparecer, mediante o culto da humildade, fruto da vida interior, que chegue a não ser, aos olhos daqueles que o contemplam, mais do que um como transparente de Deus, e a realizar a palavra do Mestre: *Vos autem nolite vocari Rabbi; unus enim est Magister vester... Qui maior est vestrum, erit minister vester*[223].

Só o aspeto do homem interior se torna um ensinamento da ciência da vida, isto é, da ciência da oração[224]. Por quê? Porque, por meio da humildade, respira a dependência de Deus. E essa dependência, em que tal alma incessantemente se conserva, manifesta-se pelo hábito de recorrer a Deus em todas as emergências, seja para tomar uma decisão, seja para se consolar em cada dificuldade, seja, sobretudo, a fim de obter a energia suficiente para triunfar dessa mesma dificuldade.

No Comum dos Confessores Pontífices, o sacerdote lê estas palavras, com que São Beda tão admiravelmente comenta as palavras *Pusillus grex*: [225] “O Salvador”, diz ele, “chama ‘pequeno’ ao rebanho dos eleitos, porque o compara à multidão dos réprobos, sobretudo por causa de seu **zelo apaixonado pela humildade**, porquanto, por mais numerosa e dilatada que seja sua Igreja, Ele quer vê-la ir sempre crescendo até ao fim do mundo **em humildade**, para, desse modo, chegar ao **reino prometido, à humildade**”[226].

Inspira-se esse texto nas enérgicas lições que Nosso Senhor dá a seus apóstolos quando, por exemplo, eles pretendem que a vocação ao apostolado lhes acarrete vantagens pessoais e se mostram, nessa ocasião, tão cheios de ambição e de ciúme. “Vós sabeis”, diz-lhes Jesus, “que os

príncipes das gentes dominam os povos, e os que são maiores exercem o poder sobre eles. Não há de ser assim entre vós; antes o que é maior entre vós faça-se como o menor; e o que quiser entre vós ser o primeiro, seja como o que serve”[227].

“Mas”, diz Bourdaloue, “com isso não se enfraquece a autoridade? Sempre haverá bastante autoridade entre vós, se sempre houver bastante humildade; **não havendo humildade, a autoridade tornar-se-á onerosa e insuportável**”.

Complacência demasiada, mas, quase sempre, tendência para o despotismo: sem verdadeira humildade, o apóstolo há de cair em um ou em outro desses excessos.

Ponhamos aqui de parte a questão de doutrina. Supomos o apóstolo suficientemente esclarecido para preservar sua inteligência tanto da tolerância sem limites, como da aspereza de um zelo cujos surtos seriam certamente reprovados por Deus. Seus princípios são perfeitamente seguros e exata sua ciência. Isso posto, afirmamos que o apóstolo, desprovido de humildade, não logrará conservar-se em justo equilíbrio entre os dois extremos; a pusilanimidade ou, na maioria das vezes, o orgulho certamente há de manifestar-se em sua conduta.

Caso se deixe levar por falsa humildade, o apóstolo ou será pusilânime, deixará degenerar em fraqueza o espírito de caridade, será o homem das concessões exageradas, das conciliações a todo o custo, e seu zelo pela manutenção dos princípios desaparecerá sob mil pretextos, razões de prudência, cálculos de vistas acanhadas; ou então o naturalismo e a má direção da vontade porão em jogo o orgulho, a susceptibilidade, o eu. Daí ódios pessoais, “autoritarismo”, rancores, despeito, rivalidades, antipatias, parcialidades, cobiça, represálias, ambição, ciúmes, desejo todo humano de precedência, calúnias, maledicências, palavras ásperas, espírito de corpo todo mundano, rispidez em defender os princípios, etc.

Em vez de permanecer como fim verdadeiro, em demanda do qual se enobrecem nossas paixões, a glória de Deus será reduzida por esse apóstolo ao papel de meio e de pretexto para patrocinar, desenvolver e tornar desculpáveis essas mesmas paixões no que elas têm de mais humano. As ofensas mínimas à glória de Deus, à Igreja, hão de determinar cóleras em que o psicólogo distinguirá o ato de defesa da personalidade do obreiro apostólico ou dos privilégios da sua classe enquanto sociedade puramente humana, muito mais que a dedicação à causa de Deus, única razão de ser da Igreja enquanto sociedade perfeita fundada por nosso Senhor.

Segurança de doutrina e são critério não bastam para preservar desses desvios, já que o apóstolo sem vida interior, portanto, sem verdadeira humildade, se deixará influenciar pelas paixões. Só a humildade, mantendo-o na retidão do critério e desviando-o de operar por impressão, seria capaz de conservar na vida dele mais equilíbrio e estabilidade. Unindo-o a Deus, torná-lo-ia, para assim dizer, participante da imutabilidade divina. Tal a hera frágil que se torna forte, estável, e participa da força inabalável do carvalho, quando se liga por todas as suas fibras ao robusto tronco desse rei das florestas.

Não hesitemos em reconhecê-lo: desprovidos de humildade, se não cairmos no primeiro excesso, nossa natureza nos levará ao segundo ou então iremos flutuando, consoante as circunstâncias e as paixões, ora para um ora para outro. E assim se realizará o que diz Santo Tomás: “O homem é um ser mutável; não é constante senão em sua inconstância”.

Resultado lógico do apostolado defeituoso: ou o desprezo da autoridade pusilânime, ou a desconfiança e, muitas vezes, o ódio contra a autoridade que não reflete Deus.

Irradia firmeza e doçura.

Os santos foram, muitíssimas vezes, veementíssimos contra o erro, o contágio e a hipocrisia. São Bernardo, o oráculo de seu século, pode, segundo cremos, ser citado como um dos santos cujo zelo irradiou mais firmeza. Mas ao ler-lhe atentamente a vida, o leitor saberá distinguir até que ponto a vida interior tornara impessoal esse homem de Deus. Não recorre à firmeza senão depois de ter verificado com evidência a ineficácia dos outros meios. Muitas vezes, usa alternadamente deles e, no seu grande amor pelas almas, depois de ter, para vingar os princípios, manifestado santa indignação e exigido remédios, reparações, seguranças e promessas, vemo-lo logo consagrar-se, com ternura maternal, à conversão daqueles a quem sua consciência tinha obrigado a combater. Inexorável com os erros de Abelardo, logra tornar-se amigo daquele que vitoriosamente reduzira ao silêncio.

Tratando-se do emprego dos meios, se o santo vê que não está em jogo a causa dos princípios, arvora-se em paladino para impedir que os homens da Igreja lancem mão de procedimentos violentos. Chega, um dia, a seu conhecimento que querem arruinar e trucidar os judeus da Alemanha. Sem hesitar, deixa logo seu mosteiro para voar em defesa deles e pregar uma cruzada de paz. Devido a isso, em memorável documento que o padre Ratisbonne cita em sua *Vida de São Bernardo*, o rabino-mor desse país manifesta sua admiração pelo monge de Claraval, “sem o qual”, diz ele, “nenhum de nós teria ficado vivo na Alemanha”. E roga com instância às gerações futuras dos israelitas que jamais esqueçam a dívida de gratidão que contraíram com o santo abade. “Nós somos”, dizia São Bernardo por essa ocasião, “os soldados da paz, nós somos o exército dos pacíficos. *Deo et paci militántibus*. A persuasão, o exemplo, a dedicação: eis as únicas armas dignas de um filho do Evangelho”.

Nada vingará substituir a vida interior para obter esse espírito impessoal que caracteriza o zelo de todos os santos.

Em Chablais, todos os esforços ficam baldados antes da chegada de São Francisco de Sales. Os chefes do protestantismo preparam-se para uma luta encarniçada. A seita quer nada menos que matar o bispo de Genebra. Apresenta-se este irradiante de doçura e de humildade. Veem nele um homem no qual a desapareição do eu faz resplandecer o amor de Deus e do próximo. A história aí está para nos contar os resultados rápidos, quase inverossímeis, produzidos por esse apostolado.

Mas ele também, o doce São Francisco de Sales, soube mostrar firmeza inexorável quando esta se tornava necessária. Não hesita em invocar a força das leis humanas para confirmar os resultados obtidos pela suavidade da palavra e pelo exemplo das virtudes. Foi assim que o santo bispo aconselhou ao duque de Saboia medidas severas contra a perfídia dos hereges.

Os santos não faziam mais que copiar o Mestre. No Evangelho, o Salvador mostra-se-nos acolhendo os pecadores com misericórdia, amigo de Zaqueu e dos publicanos, cheio de bondade para com os enfermos, os aflitos e as crianças. Entretanto, Ele, a doçura e a mansidão

encarnadas, não hesita em tomar o azorrague para expulsar os vendilhões do templo. E que severidade, que força em suas expressões, quando fala de Herodes ou quando estigmatiza os vícios dos escribas e dos fariseus hipócritas.

Tão somente em alguns casos raríssimos, e só depois do se terem empregado em vão todos os demais meios ou quando é de todo evidente que esses meios seriam inúteis, é que com repugnância, para impedir o contágio, portanto por caridade, se pode recorrer a processos que pareçam violentos.

Afora essas exceções e quando não estão em jogo os princípios, é a mansidão que deve prevalecer na conduta do obreiro evangélico. “Apanham-se mais moscas”, diz São Francisco de Sales, “com uma colher de mel que com pipas de vinagre”.

Lembre-mo-nos da censura infligida pelo Senhor aos apóstolos quando estes, ofendidos e humilhados em sua dignidade humana e não inspirados por um zelo puro e desinteressado, queriam recorrer à violência e pediam que o fogo do céu descesse sobre a cidade da Samaria, a qual recusara recebê-los. “Não sabeis”, lhes disse Jesus, “de que espírito sois animados”[228].

Um de nossos atuais bispos, cuja firmeza de princípios é citada como exemplo, visitou recentemente, em sua cidade episcopal, as famílias enlutadas, em cujo seio a guerra, que neste momento nos flagela[229], tinha feito algumas vítimas. Fazendo-se tudo para todos, foi esse prelado levar suas consolações a um calvinista, que chorava um filho caído no campo de honra, e dirigiu-lhe algumas palavras cordiais e comovidas. Enternecido por esse ato de caridade, esse protestante exclamou depois: “Parecia impossível que um bispo de nascimento tão nobre e de instrução tão esmerada se dignasse transpor os umbrais de minha modesta habitação, devido à diversidade de nossas crenças. E ele, sem embargo, veio. Seu procedimento e as suas palavras tocaram-me o coração”.

O industrial, que tem a seu serviço esse empregado, ao contar-nos o fato, acrescentava: “Em minha opinião, esse protestante já está a meio caminho da conversão. Em todo caso, com sua doçura, o bispo adiantou mais essa conversão do que com longas e intermináveis discussões”. Esse pastor de almas manifestou a mansidão de Nosso Senhor. O protestante, por assim dizer, viu diante de si o Salvador, e forçosamente disse de si para si: “Uma Igreja que tem pontífices que tão excepcionalmente refletem aquele que eu admiro no Evangelho deve ser a verdadeira Igreja”.

A vida interior mantém ao mesmo tempo o espírito e a vontade ao serviço do Evangelho. Nem a indolência nem a violência injustificada logram afastar do reto caminho a alma que vê e opera segundo o coração de Jesus. Ela só tem prudência e ardor quando impulsada por esse coração adorável. Tal é o segredo de suas vitórias.

Pelo contrário, a falta de vida interior e, portanto, a manifestação das paixões humanas dão-nos a conhecer a razão de tantas derrotas.

Irradia mortificação.

O espírito de mortificação é outro princípio fecundador das obras. Tudo se resume na cruz. E enquanto não fizermos penetrar nas almas o mistério da cruz, lograremos tocá-las superficialmente. Mas quem poderá fazer aceitar um mistério que tanto repugna a esse horror pelo sofrimento, tão natural ao ser humano? Somente aquele que puder dizer com o grande apóstolo: *Christo confixus sum cruci*[230]. Somente aqueles que trouxeram em si a Jesus mortificado: *Semper mortificationem Jesu in corpore circumferentes, ut et vita Iesu in corpore nostro manifestetur*[231]. Mortificar-se é reproduzir o *Christus non sibi placuit*[232], é abnegar-se a si mesmo em todas as circunstâncias, é chegar a amar o que não agrada, é, enfim, tender para esse ideal de ser vítima incessantemente imolada.

Ora, sem a vida interior, impossível é chegar-se a essa destruição radical de nossos mais tenazes instintos.

Ao passo que o pobre de Assis, percorrendo em silêncio as ruas da cidade, só com seu aspecto prega o mistério da Cruz, em vão o apóstolo imortificado se servirá das grandes apóstrofes de Bossuet sobre o Calvário. O mundo está de tal modo entrincheirado no espírito de gozo que, para demolir essa sua cidadela, pouco valem os argumentos comuns e até mesmo os bosquejos grandiosos. É necessária a paixão tornada como sensível pela mortificação e pelo desapego do ministro de Deus.

Inimicos crucis Christi, voltaria a dizer São Paulo, inimigos da cruz são, sem dúvida, esses numerosos cristãos que na religião só veem uma forma de “esnobismo”, um hábito de práticas exteriores legadas pela tradição e cumpridas periodicamente com respeito, sim, mas sem influência na emenda da vida, na luta contra as paixões e na introdução nos costumes do espírito do Evangelho. Esse povo parece honrar-me, poderia dizer o Senhor, mas honra-me apenas com os lábios, seu coração está longe de mim[233].

Inimicos crucis Christi, inimigos da Cruz, esses cristãos efeminados que julgam coisa indispensável verem-se rodeados de todas as comodidades, cederem a todas as exigências do mundo, entregarem-se a seus prazeres desordenados, seguirem apaixonadamente todas as suas modas; esses cristãos que se ofendem com esta palavra que já não compreendem, mas que, sem embargo, Jesus Cristo disse para todos: Se não fizerdes penitência, todos perecereis da mesma maneira[234]. A cruz, segundo a expressão de São Paulo, tornou-se para eles escândalo[235].

E, contudo, poderá acaso o apóstolo, sem vida interior, produzir outros cristãos?

A numerosa assistência a certos ofícios satisfará, sem dúvida, o coração do verdadeiro sacerdote, mas não o deixam entusiasmado, se ele puder atribuir tal afluência apenas à rotina, à fidelidade respeitável a certos usos de família, a certos hábitos que em nada incomodam o curso da vida, ou se se entrevir como causa dela o prazer de ouvir boa música, de contemplar a magnífica ornamentação ou de assistir a um exercício de eloquência cuja forma apenas se vai admirar.

Pelo menos, ao que parece, esse entusiasmo não poderá ser refreado perante a comunhão frequente. Acode-me agora à memória uma lembrança de minha viagem aos Estados Unidos. Percorrendo certas paróquias, enchia-me de contentamento o fato de me dizerem que nelas bom número de homens era fiel à prática da comunhão da primeira sexta-feira do mês. “*Homo videt in facie, Deus autem in corde*”[236], disse-me um santo sacerdote de Nova Iorque. “Não se esqueça

de que está no país onde não se conhece o respeito humano e onde o blefe anda por toda parte. Reserve sua admiração para as paróquias nas quais um observador criterioso puder comprovar que as comunhões frequentes manifestam realmente, senão a emenda total da vida, ao menos esforços sinceros de vida cristã e desejo leal de não se pactuar com a intemperança, com a caça desenfreada ao dinheiro etc.”.

Longe de nós o pensamento de menosprezar os mínimos vestígios de vida cristã, sejam eles quais forem. O fim dessas linhas é, muito ao contrário, deplorar a lamentável incapacidade em que, devido à falta de vida interior, nos poderíamos achar, de não produzirmos senão resultados sobretudo mesquinhos, bem que não menosprezíveis.

Nosso Senhor quer apenas nosso coração. Foi para conquistá-lo, para possuir nossa vontade e para nos animar a segui-lo pelo caminho da abnegação que Ele veio revelar ao homem as verdades sublimes da fé.

O apóstolo habituado à vida interior, inteiramente baseada no *abneget semetipsum*[237], terá poder suficiente para fazer nascer essa abnegação, que é a base de toda a perfeição moral. Será, porém, incapaz disso aquele que apenas de mui longe seguir o Salvador, levando a sua cruz. *Nemo dat quod non habet*[238]. Sem coragem para imitar Jesus crucificado, como poderá o apóstolo pregar ao povo a guerra santa contra as paixões, à qual nosso Senhor nos convida?

Só o apóstolo desinteressado, humilde, casto, pode arrastar as almas para a luta contra a onda sempre crescente da cobiça, da ambição e da impureza. Só aquele que conhece a ciência do crucifixo será suficientemente poderoso para opor um dique a essa solicitude contínua pelas comodidades, a esse culto do prazer, que ameaça submergir tudo e destruir famílias e nações.

Ensinar a Jesus crucificado, eis como São Paulo resume seu apostolado. E porque vive de Jesus e de Jesus crucificado, consegue fazer saborear às almas o mistério da cruz e ensinar-lhes a viver desse mistério. Hoje, grande número de apóstolos não tem vida interior que lhes baste para aprofundar, assimilar e irradiar esse vivificante mistério. Consideram na religião mui exclusivamente o lado filosófico, social e estético, apto para interessar as inteligências e excitar a sensibilidade e a imaginação. Desenvolvem a tendência de ver nela, sobretudo, uma escola de poesia sublime, de arte incomparável.

É certo que a religião possui essas qualidades; mas considerar apenas esses aspetos secundários seria o mesmo que desfigurar absolutamente a economia do Evangelho, pondo como fim o que é apenas meio. Fazer do Cristo de Getsêmani, do Pretório e do Calvário apenas um Cristo “perfumado” é sacrilégio. Depois do pecado, a penitência, a reparação, o combate espiritual tornaram-se condições indispensáveis da vida. A cruz de Jesus Cristo lembra isso a cada passo. Ao zelo do Verbo encarnado pela glória do Pai, não basta granjear admiradores; são-lhe necessários imitadores.

Bento XV, em sua encíclica de 1º de novembro de 1914, não convida porventura os verdadeiros apóstolos a rasgarem sulcos mais profundos para arrancar as almas ao amor do bem-estar, ao egoísmo, à leviandade dos gostos, ao esquecimento dos bens eternos? Isto é o mesmo que fazer apelo à vida interior dos ministros do divino Crucificado.

Deus, que tanto nos deu, exige que, desde a idade de razão, o cristão una à Paixão

sanguinolenta de Jesus um pouco de si mesmo, isso a que poderíamos chamar o sangue da nossa própria alma, isto é, os sacrifícios necessários para observar as leis divinas. E como há de o fiel ser levado a praticar generosamente esses sacrifícios de bens, de prazeres, de honras, senão pelo exemplo do guia das almas, o qual por seu lado esteja familiarizado com o espírito de sacrifício?

De onde virá a salvação da sociedade, perguntam ansiosamente muitos, perante o espetáculo das vitórias repetidas do inimigo infernal? Quando chegará o dia em que a Igreja triunfe por sua vez? Com o Mestre, fácil nos é responder: *Hoc autem genus non eicitur nisi per orationem et jejunium*[239].

Quando das fileiras do sacerdócio e da milícia religiosa sair uma plêiade de homens mortificados que façam resplandecer, por meio dos povos, o mistério da cruz, esses povos, então, contemplando no padre ou no religioso mortificado as reparações pelos pecados do mundo, compreenderão a redenção pelo sangue de Jesus Cristo. É somente então que o exército de Satanás há de recuar, e que a queixa dolorosa do Salvador ultrajado, mas encontrando enfim reparadores, não mais repercutirá através dos séculos seu eco temível. *Et quæsi de eis virum, qui interponeret sæpem et staret in confractione contra me pro terra, ne dissiparem eam, et non inveni*[240].

Quis alguém analisar por que um só sinal da cruz do padre Ravignan produzia efeitos tão admiráveis sobre os indiferentes e até sobre os ímpios, que o iam ouvir por curiosidade. A conclusão de suas perguntas a numerosos ouvintes foi que a austeridade da vida íntima do pregador se manifestava de maneira cativante por meio desse sinal da cruz que o unia ao mistério do Calvário.

d) A vida interior dá ao obreiro evangélico a verdadeira eloquência.

Referimo-nos à eloquência capaz de ser canal de graça suficiente para converter as almas e levá-las à virtude. Já falamos incidentalmente dela. Limitemo-nos a acrescentar algumas palavras:

No ofício de São João, lemos o seguinte responsório: *Supra pectus Domini recumbens, Evangelii fluentia de ipso sacro Dominici pectoris **fonte potavit** et Verbi Dei gratiam in toto terrarum **orbe diffudit***[241]. Que profunda lição, nessas poucas palavras, para todos aqueles que, como pregadores, escritores ou catequistas, têm de distribuir a palavra divina! Com essas notáveis expressões não entremostra, porventura, a Igreja a seus sacerdotes a fonte da verdadeira eloquência?

Todos os Evangelistas são igualmente inspirados. Todos têm seu fim providencial. Cada um deles tem, contudo, a eloquência própria. Mais que os outros, São João tem aquela que se dirige à vontade por via do coração, onde difunde *verbi Dei gratiam*. Com as epístolas de São Paulo, seu Evangelho é o livro preferido pelas almas para as quais, vazia de sentido é a vida deste mundo sem a união com Jesus Cristo.

De onde procede, em São João, essa eloquência cativante? Esse grande fio cujas águas benéficas regam o mundo inteiro – *fluenta in toto terrarum orbe diffudit* –, em que montanha vai

buscar sua nascente?

É um dos rios do paraíso, diz o texto litúrgico: *Quase unus ex paradisi fluminibus evangelista Joannes*.

Para que servem tantas montanhas altíssimas e tantas geleiras? Não seriam, acaso, muito mais úteis, dirá o ignorante, essas superfícies imensas se em planícies se desenrolassem? E ele não pensa que sem esses píncaros elevados, as planícies e os vales seriam tão estéreis como o Saara. São, com efeito, as montanhas que, mediante o rio do qual são o reservatório, dão fertilidade à terra.

Qual é esse cume elevado do paraíso de onde brota a fonte que alimenta o Evangelho de São João? É o Coração de Jesus: *Evangelii fluentia de ipso sacro Dominici pectoris fonte potavit*. Foi por ter sentido, mediante a vida interior, as palpitações do coração do Homem-Deus e a imensidade de seu amor pelos homens que a palavra do evangelista se tornou o canal de graça do Verbo divino: *Verbi gratiam diffudit*.

De igual sorte se pode dizer que os homens interiores são também, de algum modo, raio de paraíso. Não só atraem, com suas súplicas e imolações, do céu para a terra as águas vivas da graça e desviam ou abreviam os castigos que o mundo merece, como também, indo haurir ao mais alto dos céus, no Coração daquele em quem reside a vida íntima de Deus, as ondas dessa mesma vida, abundantemente as difundem pelas almas: *Haurietis aquas de fontibus Salvatoris*. [242] Chamados a ministrar a palavra de Deus, fazem-no com eloquência cujo segredo só eles conhecem. Falam do céu à terra. Iluminam, abrasam, consolam, fortificam. Sem essas qualidades reunidas, a eloquência ficará incompleta. E o pregador jamais vingará reunir essas qualidades, se não viver de Jesus.

Pertenço eu verdadeiramente ao número daqueles que contam com a meditação, a visita ao Santíssimo Sacramento, a missa e, sobretudo, com a comunhão, para dar à eloquência o poder de ação? Assim não sucedendo, eu posso ser um estrondoso *cymbalum tinniens*, [243] posso ressoar solenemente como o bronze, *velut æs sonans*, mas não

sou o canal do amor, desse amor que torna irresistível a eloquência dos amigos de Deus.

O quadro da verdade cristã posta em relevo por pregadores dotados de ciência, mas de piedade medíocre, pode comover as almas, aproximá-las de Deus, aumentar até a sua fé. Mas para impregná-las do sabor vivificante da virtude, é preciso ter saboreado primeiro o espírito do Evangelho e, mediante a meditação, ter feito dele a substância da própria vida [244].

Só o Espírito divino, repitamo-lo mais uma vez, só o Espírito divino, princípio de toda fecundidade espiritual, opera as conversões e derrama as graças que levam à fuga do vício e à prática da virtude. A palavra do obreiro evangélico, penetrada pela unção do Espírito santificador, torna-se canal vivo que não retém em si uma só gota da ação divina. Os apóstolos, antes do Pentecostes, já tinham pregado, mas quase sem resultados. Após seu retiro de dez dias, todo de vida interior, o Espírito de Deus penetra-os, transforma-os. Seus primeiros ensaios de pregação são pescas milagrosas. Assim acontece com os semeadores evangélicos. Por meio da vida interior, eles trazem verdadeiramente Cristo consigo. Plantam e regam eficazmente. O Espírito Santo dá sempre o incremento. A palavra deles é então, ao mesmo tempo, a semente que

cai e a chuva que fecunda. O sol que faz crescer e sazonar, esse jamais falta.

Est tantum lucere vanum, dizia São Bernardo, tantum ardere parum, ardere et lucere perfectum. E mais adiante: Singulariter apostolis et apostolicis viris dicitur: Luceat lux vestra coram hominibus, nimirum tanquam accensis et vehementer accensis[245].

O apóstolo deve haurir a eloquência evangélica, tanto na vida de união a Jesus, mediante a meditação e a guarda de coração, como na Escritura Sagrada, a qual deve apaixonadamente estudar e apreciar. Toda palavra de Deus ao homem, toda expressão saída dos lábios adoráveis de Jesus, é para esse apóstolo um diamante cujas facetas ele admira à luz do dom da sabedoria, tão singularmente desenvolvido em si. Mas como é somente depois de ter orado que abre o livro inspirado, ele não se contenta com admirar, saboreia, ainda, seus ensinamentos, como se o Espírito Santo lhes tivesse pessoalmente ditado. Por isso, que unção quando ele, no púlpito, cita a palavra de Deus, e que diferença entre as luzes que dela faz jorrar e as engenhosas ou sábias aplicações que dela pode tirar um pregador auxiliado apenas pelos recursos de sua razão e de uma fé quase abstrata e morta! O primeiro mostra a verdade viva, envolvendo as almas em uma realidade que não só aspira a iluminar, mas também a vivificar. O segundo só é capaz de falar dela como se fora uma equação algébrica, certa sem dúvida, mas fria e sem relações com o íntimo da existência. Deixa-a abstrata e, por assim dizer, no estado de simples memorial ou, quando muito, apenas capaz de excitar os corações mediante isso que se chama o caráter estético do cristianismo. “A majestade das Escrituras enche-me de admiração. A simplicidade do Evangelho fala ao meu coração”, confessa o sentimental J. J. Rousseau. Mas que importavam à glória de Deus essas vagas e tão estéreis comoções! O verdadeiro apóstolo, esse possui o segredo de manifestar o Evangelho em sua verdade, não só sempre atual, como também eficaz e incessantemente renovada, porque divina, para a alma que entra em contato com ela. E sem perder tempo em atingir o sentimento, esse apóstolo, por meio da palavra divina, vai direito a essa vontade em que reside a correspondência com a verdadeira vida. As convicções que ele produz geram amor e resolução. Só ele tem a verdadeira eloquência evangélica.

Não há, porém, vida interior completa sem terna devoção a Maria Imaculada, canal por excelência de todas as graças, sobretudo das graças de primeira escolha. O apóstolo habituado a esse perpétuo recurso a Maria, sem o qual São Bernardo não podia compreender um verdadeiro filho dessa Mãe incomparável, ao explanar o dogma da Mãe de Deus e da Mãe dos homens, encontra ênfases que, além de interessarem e comoverem seus ouvintes, lhes comunicam, ainda, essa necessidade de recorrerem, na emergência de toda e qualquer dificuldade, à dispensadora do Sangue divino. Basta que ele deixe falar sua experiência e seu coração para ganhar almas para a Rainha do Céu e, mediante ela, lança-las no Coração de Jesus.

e) Porque a vida interior gera a vida interior, profundos e duradouros são seus resultados nas almas

É em forma de carta dirigida ao coração de cada um de nossos colegas que conviria escrever este capítulo, acrescentado às primeiras edições.

Já consideramos as obras como dependentes, sobretudo, da vida interior do obreiro

evangélico. A oração e a reflexão levaram-nos a analisar sob outro ponto de vista a esterilidade de certas obras, e cremos ficar dentro das balizas da verdade, formulando esta proposição:

Uma obra não criará raízes profundas, não será verdadeiramente estável e não se perpetuará enquanto o operário evangélico não gerar almas para a vida interior. Ora, não poderá gerá-las se ele mesmo não estiver fortemente impregnado de vida interior.

No capítulo III da segunda parte, citávamos as palavras do cônego Timon-David sobre a necessidade de formar em cada obra um núcleo de cristãos fervorosíssimos que, por sua vez, exercessem verdadeiro apostolado sobre seus semelhantes. Quem não vê quão preciosos são esses fermentos e até que ponto esses colaboradores podem **multiplicar** o poder de ação do apóstolo? Ele, então, já não trabalha sozinho, seus meios de ação centuplicam-se.

Digamo-lo desde já: só o homem de obras verdadeiramente interior possui vida bastante para produzir outros focos de vida fecunda. Obter zeladores capazes de propaganda e de influência mediante a camaradagem, o espírito terreno ou a rivalidade, até aí podem chegar as obras laicas. Fanatismos ou concorrência, sectarismo ou pequenas vaidades, interesse ou ambição lhe bastam para alavanca. Mas suscitar apóstolos segundo o Coração de Jesus Cristo, apóstolos que participem da sua doçura e humildade, de sua bondade desinteressada e do seu zelo exclusivo pela glória de seu Pai, que outra, senão a alavanca da vida interior intensiva, ousaria pretender tal efeito!

Enquanto uma obra não chegar a produzir esse resultado, efêmera será sua existência. Quase seguramente não logrará sobreviver àquele que foi seu fundador. Pelo contrário, a razão da perpetuidade de certas obras, não tenhamos dúvida alguma, só se encontra, ordinariamente, no fato de a vida interior ter conseguido gerar a vida interior.

Citemos um exemplo:

O padre Lallemant, morto em odor de santidade, fundou em Marselha, antes da Revolução, a obra de juventude para estudantes e empregados. Essa obra ainda conserva hoje o nome de seu fundador e, após mais de um século, ainda continua a desfrutar admirável prosperidade. Todavia, não tendo quase nenhum dote do ponto de vista natural, muito míope, tímido, sem talentos oratórios, esse sacerdote, humanamente falando, era incapaz de atividade prodigiosa exigida pelo empreendimento.

As feições naturalmente desproporcionadas de seu rosto somente serviam para as zombarias dos jovens, se ele não tivesse a beleza de sua alma a refletir-se-lhe no olhar e em toda a sua atitude. Graças a ela, o homem de Deus tinha sobre essa juventude fogosa um ascendente que a dominava e lhe impunha respeito, estima e afeição. O padre Lallemant quis basear tudo apenas na vida interior e esta foi bastante poderosa para formar, no seio de sua obra, um grupo de jovens aos quais não hesitava em pedir, na medida inteira permitida pela condição deles, vida interior integral, guarda do coração sem reserva, meditação da manhã etc., em uma palavra, a vida cristã completa tal como a compreendiam e praticavam os cristãos dos primeiros séculos.

E esses jovens apóstolos, sucedendo-se uns aos outros, têm continuado, em Marselha, a ser verdadeiramente a alma dessa obra, que já deu à Igreja muitos bispos e lhe dá ainda tantos padres seculares, missionários ou religiosos e milhares de pais de família que são, na cidade fociana, os

fulcros mais importantes das obras paroquiais, e nela formam uma plêiade a qual, sobre ser a honra do comércio, da indústria e das profissões liberais, constitui também verdadeiro foco de apostolado.

Pais de família, dissemos nós. Esta palavra evoca o eco do estribilho que mais ou menos se ouve por toda parte: “O apostolado sobre os moços e moças e mães de família é relativamente fácil; mas é, quase sempre, impossível, quando pretendemos exercê-lo sobre os homens. E, contudo, enquanto não conseguirmos que os chefes de famílias se tornem não só cristãos senão também por sua vez apóstolos, a influência aliás tão apreciável da mãe cristã ficará paralisada ou será efêmera, e nós jamais chegaremos a estabelecer o reinado social de Jesus Cristo. Ora, nesta paróquia, neste bairro, neste hospital, nesta fábrica, nada podemos fazer para levar os homens a tornarem-se profundamente cristãos”.

Confessando, assim, nossa incapacidade, não passamos, acaso, na maioria das vezes, a nós mesmos um atestado da insuficiência dessa vida interior, a única capaz de nos fazer descobrir os meios de impedir que tão grande número de homens escape à ação da Igreja? Aos trabalhos da preparação intensiva de sermões capazes de fazer nascer convicções, amores e resoluções profundas nas inteligências e nos corações dos homens, não preferimos nós os fáceis triunfos oratórios em meio de moços ou de mulheres? Só a vida interior nos poderá sustentar nos trabalhos de uma sementeira obscura e árdua, e aparentemente infrutuosa durante largo tempo. Só ela nos fará compreender o poder de ação que esse trabalho de oração e de penitência nos daria, e quanto multiplicariam a eficácia de nosso apostolado sobre os homens nossos progressos na imitação de todas as virtudes de Jesus Cristo.

Tanta surpresa nos causaram os pormenores que nos contavam acerca de uma obra militar em uma grande cidade da Normandia, que hesitávamos em acreditar em tais triunfos: por exemplo, como era muito maior o número de soldados que iam ao círculo quando havia longa vigília de adoração noturna em reparação das blasfêmias e das libertinagens do quartel, do que quando lá se realizava um concerto musical ou uma representação cênica. Fomos obrigados a ceder perante a evidência. Cessou nossa surpresa quando nos contaram até que ponto o assistente espiritual desse círculo compreendia o Sacrário e que apóstolos ele conseguira formar assim junto da Eucaristia.

Depois desses exemplos, que pensar de certos apóstolos para os quais cinemas, palcos e ginástica parecem constituir como programa de um quinto evangelho para a conversão dos povos?

A falta de outros, o emprego desses meios, para obter adeptos ou para conservar longe do mal, conseguirá, por certo, alguns resultados, mas quase sempre bem restritos e bem efêmeros! Deus nos livre de arrefecer o zelo dos amados colegas que não podem nem conceber nem empregar outro método, e já entreveem (como a mim sucedeu quando ainda sacerdote jovem e sem experiência) seus patronatos desertos se consagram menos tempo em preparar essas recreações modernas, condição *sine qua non* a seus olhos de bom êxito. Limitemo-nos, pois, a acautelá-los contra o perigo de darem importância demasiada a esses meios e auguremos-lhes a graça de compreenderem a tese do cônego Timon-David, do qual já citamos uma conversação conosco.

Um dia (era eu sacerdote apenas havia dois anos), esse venerável padre vira-se obrigado, no fim de uma conversação, a dizer-nos mui fraternalmente, mas não sem certa compaixão: “*Non potestis portare modo*”;[246] somente mais tarde, quando tiver já avançado na vida interior, conseguirá me compreender melhor. Já que, afinal de contas, não pode, atualmente, prescindir desses meios, empregue-os, pois, sem hesitar, à falta de outros. Quanto a mim, facilmente retenho meus jovens operários e burocratas e atraio novos recrutas, conquanto não haja, em nossa sede, senão esses divertimentos antigos e sempre novos que, sem nada custarem, distraem a alma pela mesma simplicidade deles”. “Lembre-se”, acrescentou ele com finura, “que já lhe mostrei, ali arrumados para um canto, os instrumentos musicais que eu também, ao princípio, julgara indispensáveis: a propósito, eis que se dirige para aqui nossa atual filarmônica: vai ter ensejo de apreciá-la”.

Com efeito, após alguns minutos, desfilava diante de nós um grupo de 40 a 50 jovens de 12 a 17 anos. Que algazarra! Quem vingaria reprimir uma gargalhada em presença desse

curioso batalhão, que o olhar risonho do velho cônego contemplava com tanta satisfação? “Olhe”, disse-me ele, “observe aquele que caminha aos recuos à frente do grupo e vem agitando sua grossa bengala, imitando uma batuta, como mestre de música, e depois a leva comicamente à boca como clarinete; é oficial subalterno em licença, um de nossos mais ativos zeladores. Sempre que pode comunga todos os dias e, sobretudo, nunca deixa de fazer sua meia hora de oração mental. Esse anjo de piedade, alma incansável de todos os divertimentos, esforça-se por tirar proveito de todos os seus talentos, a fim de que os recreios dos médios não esmoreçam. Como dispõe de inesgotáveis recursos para esse efeito, sempre mantém vivo o entusiasmo dessa verde juventude. Nada, porém, escapa a seus olhares de subvigilante nem a seu coração de apóstolo”.

Sim, gargalhada irreprimível perante esse grupo de músicos que executavam modinhas triviais conhecidíssimas. O estribilho logo mudava, mal o mestre da música dava o sinal do exemplo. Cada executante simulava um instrumento: uns tinham junto da boca as mãos em forma de pavilhão, outros faziam vibrar entre os lábios uma folha de papel, raras flautas de cana etc. Esquecia-nos de dizer que, à frente dos executantes, vinha um tocando trombone e outro grande caixa de rufo: dois paus, a um dos quais a mão imprimia movimento regular de vaivém, eram o instrumento do primeiro; uma velha lata de petróleo, o instrumento do segundo. Os rostos irradiantes de todos esses jovens mostravam que a brincadeira realmente os encantava. “Sigamos a filarmônica”, disse-me o cônego.

Ao fundo da alameda, erguia-se uma estátua de Nossa Senhora. “De joelhos, meus amigos”, diz o mestre da música. “Um *Ave Maris stella* a nossa Mãe do Céu, depois uma dezena de terço”. Toda aquela rapaziada fica em silêncio durante alguns momentos, depois responde lentamente, com tanta piedade como na capela, às ave-marias. Aqueles jovens meridionais, a maior parte de olhos baixos, alguns minutos antes verdadeiros diabretes, transformam-se, subitamente, em anjos de Fra Angélico.

“Não se esqueça”, diz-me o guia, “de que o termômetro da obra é: Reter mediante recreações simples e entusiastas nossos jovens, mesmo os de mais de vinte anos, conseguir que eles aspirem a recobrar aqui durante suas horas de oração e de recreio uma alma de criança e que se divirtam com coisas de nada; chegar, sobretudo, a fazer rezar, mas verdadeiramente rezar,

mesmo no meio das brincadeiras; todos os nossos zeladores visam a esse fim”.

A banda ergue-se para novas proezas artísticas cujos ecos reboam pelo pátio fora. Uns minutos depois era o jogo da barra que estava em seu auge. Enquanto isso, nós havíamos notado que o oficial, ao erguer-se depois do *Ave Maris stella*, tinha murmurado algumas palavras aos ouvidos de dois ou três jovens, os quais imediata e alegremente, como obedecendo a um uso praticado por todos, foram deixar as blusas do recreio e as alparcatas e se dirigiram à capela a fim de lá passarem um quarto de hora aos pés do Divino Prisioneiro.

“Nossa ambição”, acrescentou, então, o senhor cônego Timon-David, com convicção profunda, “deve tender à formação de zeladores nos quais o amor de Deus tenha a intensidade suficiente para que eles, após terem saído do patronato e constituído família, se conservem apóstolos solícitos em comunicar ao maior número possível de almas os ardores da sua caridade”. “Se nosso apostolado”, continuava aquele santo sacerdote, “visasse apenas a fazer bons cristãos, como seria acanhado nosso ideal! São legiões de apóstolos que nós devemos criar, a fim de que essa célula fundamental da sociedade, que se chama a família, se torne, por sua vez, centro de apostolado. Ora, só vida de sacrifício e de intimidade com Jesus nos dará a força e o segredo de realizar esse programa integral. Somente sob essa condição é que nossa ação será poderosa na sociedade, e então há de cumprir-se a palavra do Mestre: *Ignem veni mittere in terram et quid volo? Si iam accensus esset!*”[247].

Foi só muitos anos mais tarde que nós soubemos compreender o alcance das lições vivas do cônego, tão profundo em sua psicologia como em sua tática, e comparar, sob as vistas de Deus, para quem nada valem os bons êxitos aparentes, os resultados dos diversos meios empregados.

Esses meios podem servir, conforme forem simples como o Evangelho ou complexos como tudo quanto é demasiado humano, para apreciar uma obra e aqueles que a animam.

O jovem Davi avançava para Golias, contra o qual em vão haviam combatido bem armados os valentes de Israel. Uma funda, um cajado, cinco pedras de torrente, nada mais pedia o mancebo. Mas o seu *In nomine Domini exercituum*[248] era já de uma alma capaz de chegar à santidade.

Muito se fala hoje das obras pós-escolares laicas. Por enormes que sejam as somas que o Estado põe oficialmente a sua disposição, por magníficas que sejam suas sedes, etc., nada têm a temer de sua concorrência as obras pós-escolares da Igreja, se estas se basearem na vida interior. Mediante o atrativo do que, sobretudo, fascina o jovem, mediante seu ideal, elas hão de conquistar a elite da juventude.

Terminemos por um último fato. Servir-nos-á ele para analisar o homem de obras que parece arrastar as almas para Nosso Senhor a ponto de fazer delas apóstolos, mas que, na realidade, apenas suscita entusiasmos nascidos da simpatia natural por sua pessoa e da ação magnética que esta exerce em derredor de si. Arroubados de tratarem com um fascinador piedoso, ufanos porque o veem ocupar-se deles, os adeptos formam-lhe como que uma corte e à porfia, mas, sobretudo, em vista de lhe agradarem, aceitam as práticas, mesmo penosas, que parecem refletir a verdadeira devoção.

Uma congregação de admiráveis irmãos catequistas era dirigida por um religioso, cuja vida

se escreveu há pouco. “Minha madre”, disse, um dia, esse homem interior a uma superiora local, “sou de opinião que a irmã X deixe, pelo menos durante um ano, de ensinar catecismo”.

“Mas, meu padre, talvez V. Rev.^a não tenha pensado que essa irmã é a melhor das diretoras. As crianças concorrem de todos os bairros da cidade, atraídas por suas maneiras maravilhosas. Retirá-la do catecismo é provocar a deserção da maior parte desses rapazinhos”.

“Assisti da tribuna a seu catecismo”, responde o padre. “Ela deslumbra, com efeito, as crianças, mas de forma demasiadamente humana. Após um ano de novo noviciado, mais bem formada na vida interior, ela há de santificar, então, sua alma e as almas das crianças pelo zelo e pela utilização dos talentos. Mas, atualmente, ela é, sem o pensar, um obstáculo à ação direta de Nosso Senhor sobre essas almas que se estão preparando para a primeira comunhão. Vamos, madre, vejo que a minha insistência a contrista. Pois bem: aceito uma transação. Conheço a irmã N, alma muito interior, mas sem grandes dotes de inteligência. Peça a sua Superiora Geral que lhe envie por algum tempo. A primeira virá começar por um quarto de hora o catecismo, precisamente para acalmar os seus temores de deserção; depois, pouco a pouco, há de retirar-se completamente. Verá como as crianças rezarão melhor e cantarão mais piedosamente os cânticos. O recolhimento e a docilidade delas hão de refletir então um caráter mais sobrenatural. Esse será o termômetro”.

Quinze dias depois (a superiora pôde comprová-lo), a irmã N dava sozinha as lições e, sem embargo, aumentava o número das crianças. Era verdadeiramente Jesus que dava o catecismo por ela. Por seu olhar, sua modéstia, sua doçura, sua bondade, pela sua maneira de fazer o sinal da cruz, ela “dizia” Nosso Senhor. A irmã X conseguia explicar com talento e tornar interessantes as coisas mais áridas. A irmã N fazia mais. É certo que ela nada negligenciava para preparar suas explicações e expô-las com clareza, mas seu segredo, o que dominava em seu curso, era a unção. E por meio dessa unção é que as almas se põem verdadeiramente em contato com Jesus.

Nos catecismos da irmã N não abundavam essas expansões ruidosas, esses olhares estupefatos, essa fascinação que de igual sorte provocaria qualquer conferência interessantíssima de um explorador ou a comovente narração de uma batalha.

Ao invés, havia uma atmosfera de atenção recolhida. Aquelas crianças estão na sala do catecismo como na igreja. Nenhum meio humano se emprega para impedir a dissipação ou o aborrecimento. Qual é, pois, a influência misteriosa que paira sobre essa assistência? Não nos iludamos, é a influência de Jesus que ali diretamente se exerce. Porque uma alma interior, explicando as lições de catecismo, é a lira que vibra tão somente sob os dedos do artista divino. E nenhuma arte humana, por maravilhosa que seja, é comparável à ação, de Jesus.

f) Importância da formação das elites e da direção espiritual

Voltemos novamente à conversa tão cheia de interesse que tivemos com o cônego Timon-David. Uma palavra caída dos lábios desse fundador de obras deveras experimentado reteve, sem dúvida, a atenção do leitor. O uso desse vocábulo imaginoso e pitoresco “muletas” sintetizava-lhe o pensamento sobre o emprego de certas diversões modernas (teatro, banda, cinema, jogos variados e custosos, discursos laudativos etc.), para atrair e conservar os moços nas obras de juventude.

Tais atrações, além de serem, não raro, causa de esgotamento e de depressão nervosa, muitas vezes, tendem menos a descansar, dilatar a alma ou desenvolver a saúde física que a acariciar a vaidade e superexcitar a imaginação e a sensibilidade.

Além do mais, esse termo “muletas” não se aplicava de maneira alguma a esses jogos sumamente interessantes, embora muito simples, que repousam a alma, fortificam o corpo e deram satisfação a tantas gerações cristãs.

Comparando, sem, todavia, pô-lo perfeitamente ao diapasão das circunstâncias atuais, o aviso do judicioso cônego com o parecer de outros excelentes diretores de obras, houve, talvez, quem perguntasse se ele não generalizava, com exagero, os casos em que as “muletas” se podem suprimir.

Sem falar nas obras instituídas para alívio das misérias corporais, as demais podem ser distribuídas em duas classes: as que se compõem de uma elite, exclusivamente, e aquelas das quais se afastam tão somente as ovelhas maliciosas.

Ainda nesse último caso, supomos que se procure também formar um como núcleo de indivíduos de escol capazes de, por seu fervor, apontarem aos outros o fim primordial da obra: levar todos os membros a uma vida não superficial, mas profundamente cristã.

A não ser assim, seria “Obra profana dirigida por um padre”, no dizer malicioso de respeitável lente de liceu que, atrás de fachada clerical, suspeitava da existência de quase todas as misérias que ele deplorava nos estabelecimentos subtraídos à influência da Igreja.

Esses diretores que, muito facilmente, excluem de suas obras elementos reconhecidos incapazes de incorporar-se à elite, julgam perfeito o termo de “muletas” porque patenteia melhor até que ponto eles julgam secundários certos meios que geralmente rejeitam ou, às vezes, toleram a contragosto.

E quantos argumentos não apresentam para defender sua opinião!

Para eles, a restauração da sociedade, em geral, e de nossa pátria, em particular, há de ser o resultado de uma irradiação mais intensa da santidade da Igreja. Por esse meio, acrescentam eles, muito mais que por conferências apologéticas, é que o cristianismo logrou o desenvolvimento rápido dos primeiros séculos da sua história, a despeito do poder de seus inimigos, dos preconceitos de toda espécie e da corrupção geral.

Cortam pela raiz toda discussão com réplicas deste gênero: “Podeis citar um fato, um só que seja, mostrando que, no decurso daquele período, a Igreja teve de inventar divertimentos para afastar da torpeza dos espetáculos pagãos as almas que devia conquistar?”.

Aludindo a esta sede de ouro e a este entusiasmo pelo cinema que hoje inflama as multidões sequiosas de gozos e de prazeres, dizia-nos um desses diretores: “O *panem et circenses*[249] dos romanos decadentes muito bem poderia traduzir-se por dinheiro e cinema”. Ora, tomai, por exemplo, Santo Ambrósio ou Santo Agostinho, esses dois portentosos sedutores de almas: quem pode descobrir na vida deles, um feito que no-los represente organizando obras com o fim de proporcionarem a suas ovelhas divertimentos capazes de lhes fazer esquecer os prazeres oferecidos pelo paganismo?

E para converter Roma, tão entibiada pelo espírito da Renascença, onde vemos que são Filipe Néri precisasse das “muletas” que excitavam a verve do cônego Timon-David?

Certo é que a primitiva Igreja, como já o deixamos entrever, soube organizar entre os fiéis uma elite incomparável e numerosa cujas virtudes assombravam os pagãos e forçavam a admiração das almas leais, até das mais prevenidas, por seus princípios, tradições ou costumes, contra a religião cristã. Davam-se numerosas conversões, até nas camadas da sociedade onde o sacerdote não podia penetrar.

Diante dessas lições do passado, como não nos perguntarmos a nós mesmos, se, neste nosso século, não temo excessiva confiança, já não digo em determinadas diversões atordoantes, mas em certos meios, como peregrinações, festas aparatosas, congressos, discursos, publicações, sindicatos, atuação política etc., sobremaneira multiplicados em nossos dias, incontestavelmente utilíssimos, mas que seria erro deplorável colocar em primeiro lugar?

A pregação pelo exemplo há de ser sempre a alavanca principal, pois só *exempla trahunt*. [250] Conferências, bons livros, imprensa cristã e os próprios sermões excelentes, tudo deve gravitar em redor deste programa fundamental: “Organizar o apostolado entre o povo **pelo exemplo** de cristãos fervorosos, que fazem reviver a Jesus Cristo, exalando o perfume de suas virtudes”.

Os sacerdotes que, absortos por todas as outras funções de seu ministério, cuidam insuficientemente da principal, isto é, da formação das elites para a grande propaganda pelo bom exemplo, podem assim estranhar que, em nosso país, as três quartas partes dos homens, e em muitos outros países, proporção muito maior, ainda, se imobilizem na indiferença, vendo apenas na Igreja uma instituição respeitável, de certa utilidade social, mas não a mola incomparável de toda a existência individual, o fecho de abóbada das famílias e das nações, e acima de tudo, a protetora máxima da verdade e da vida eterna.

“Qual é essa religião capaz de assim iluminar, fortificar e inflamar o coração humano?”, exclamavam os pagãos extasiados diante dos maravilhosos efeitos que conseguiu produzir a liga tácita da ação pelo bom exemplo.

A força dessa liga que existia entre os primeiros cristãos não provinha, certamente, da única prática do *declina a malo*[251]. A abstenção dos atos condenados pelo decálogo não teria sido capaz de gerar, juntamente com a admiração, o enérgico e poderoso desejo de imitar. É

antes de tudo, ao *fac bonum* que se prende o *exempla trahunt*. Era necessário todo o brilho das virtudes evangélicas, tais quais o Sermão da montanha as tinha proposto ao mundo.

“Se a Igreja”, dizia-nos estadista eminente, mas incrédulo, “soubesse gravar mais profundamente nos corações o testamento de seu Fundador – Amai-vos uns aos outros –, tornar-se-ia a grande potência indispensável às nações”. Não seria o caso de fazer a mesma reflexão a respeito de várias outras virtudes?

Com seu conhecimento profundo das precisões da Igreja, São Pio X, muitas vezes, teve vistas de justeza raríssima. O *Ami du Clergé*[252] lembra interessante conversa do saudoso Pontífice com um grupo de cardeais: “Qual é hoje”, pergunta o papa, “a obra que se vos afigura mais necessária à salvação da sociedade?” “Edificar escolas católicas”, responde um deles. “Não”. “Multiplicar as igrejas”, continua outro. “Ainda não”. “Fomentar o recrutamento sacerdotal”, diz um terceiro. “Não, não”, replica São Pio X. “O que, no momento presente, é mais necessário é ter em cada paróquia um grupo de leigos ao mesmo tempo muito virtuoso, esclarecido, resoluto e deveras apóstolo”[253].

Outros pormenores nos autorizam a firmar que esse santo papa, no fim de sua vida, não esperava a salvação do mundo senão da formação, pelo zelo do clero, de fiéis cheios de apostolado pela palavra e pela ação, mas acima de tudo pelo exemplo. Nas dioceses, onde, antes de ser papa, exerceu o múnus episcopal, dava menos importância ao registro de *status animarum*[254] que à lista dos cristãos convictos, capazes de irradiar apostolado. Era de opinião que se podem formar elites em qualquer lugar e por isso classificava seus padres de acordo com os resultados que seu zelo e sua capacidade neste ponto tinham conseguido.

O aviso do santo pontífice dá singular autoridade à opinião dos diretores de obras da primeira categoria, dos quais falávamos há pouco. Se a única e verdadeira estratégia para agir sobre as massas consiste na formação das elites, o conservar elementos que não se tem séria esperança de afervorar é erro, porque sempre corre-se o risco de abaixar o nível da elite, a ponto de esta não passar de elite de nome.

Os outros diretores que se limitam a afastar os contagiosos também têm seus argumentos para protestar contra a expressão de “muletas”, que designa certos de seus processos e não os menos eficazes aos seus olhos.

Alegam os perigos a que estariam expostas as almas que assim cessariam de abrigar-se nessas obras, a necessidade de se contentarem com um número ínfimo de recrutas não visando senão às elites, a atmosfera deletéria dos meios em que vivem os que eles devem evangelizar etc. Seria injusto e cruel, dizem eles, descuidar das massas e pretender atingi-las somente pela irradiação das elites, sem tentar atuar diretamente sobre os mediócrs, ainda que só fosse para impedir que resvalassem mais baixo ou para suscitar entre estes candidatos às elites.

Ouvimos com atenção e muito respeito essas diversas opiniões de diretores ou diretoras de obras, de boa-fé e de zelo incontestável. Não tentaremos conciliá-las. Escrevendo para nossos

venerandos confrades no sacerdócio, preferimos perguntar-nos que tipo de resposta teria sido dada pelo santo padre Allemand ou padre Timon-David se eles tivessem sido convidados a harmonizar essas duas doutrinas de uma forma justa.

Era este o plano de ambos:

1º. Descobrir entre as centenas de jovens cristãos que constituíam a obra, uma minoria, embora ínfima, mas capaz de desejar ardentemente e praticar seriamente a vida interior;

2º. Cultivar com carinho todo especial essas almas, fazendo-as amar apaixonadamente Nosso Senhor, inculcando-lhes o ideal das virtudes evangélicas e isolando-as o mais possível do contato com outros estudantes, empregados, operários etc., enquanto não tenham alcançado, em sua vida interior, o grau que pudesse imunizá-los eficazmente contra o contágio;

3º. Enfim, chegando o momento, infundir nesses moços o zelo pelas almas, a fim de aproveitá-los para melhor atingir seus companheiros.

Seria demasiadamente longo o precisar o mínimo que esses dois sacerdotes exigiam dos não fervorosos para conservá-los algum tempo na obra. Preferimos chamar a atenção sobre o papel importantíssimo que eles atribuíam à direção espiritual para a consecução de seu plano.

O padre Lallemant, dirigindo individualmente cada moço, sabia suscitar nele, com rara felicidade, santos entusiasmos pela perfeição e convencia-o de que a melhor prova de devoção ao Sagrado Coração é a imitação das virtudes do divino Exemplar.

Quanto ao cônego Timon-David, além de ótimo confessor, muito jeitoso para descobrir e curar as feridas das almas, era também notável diretor espiritual. Ninguém melhor que ele soube inflamar os corações no amor à virtude e excitar os colaboradores a não se contentarem, na direção das almas, com os princípios da teologia moral próprios à via purgativa, mas a utilizarem-se da direção para orientá-las para a via iluminativa. Nada se pode comparar com sua solicitude para fazer dos padres, seus colaboradores, verdadeiros diretores de almas.

Ambos consideravam como insuficientes suas breves exortações antes da absolvição, suas pregações ao conjunto dos moços, a organização da vida litúrgica e até suas conferências tão atraentes a suas elites e julgavam indispensável a direção mensal dada a cada um desses moços.

Eles estavam convencidos de que, depois da oração e da imolação, o meio mais eficaz para se conseguir de Deus essas elites que podem regenerar o mundo é a ação do sacerdote pelo conjunto de seu ministério, mas especialmente pela direção espiritual.

Mas saíamos do quadro restrito das obras de juventude para, de relance, abraçar o imenso campo que a Igreja deve cultivar: obras de todo gênero, paróquias, seminários, comunidades religiosas, missões etc.

Ninguém tem capacidade para se conduzir a si próprio. Todos os homens têm fraquezas a vencer, inclinações a dominar, deveres a cumprir, riscos a correr, ocasiões perigosas a evitar, dificuldades a resolver e dúvidas a esclarecer. Se para tudo isso é preciso um auxílio, um guia, com maior razão para trilhar o caminho da perfeição.

O sacerdote faltaria, às vezes gravemente, a sua obrigação de doutor e de médico das almas, se as privasse do grande socorro suplementar do confessor, desse propulsor indispensável da vida interior que se chama a direção espiritual.

Como é lastimável a sorte das obras cujos diretores, sempre com falta de tempo, dão somente, antes da absolvição, piedosa, mas vaga exortação, muitas vezes a mesma para todos os penitentes, em vez do específico que o médico experimentado e dedicado saberia escolher de acordo com o estado patológico de cada doente.

Apesar de sua fé na eficácia do sacramento, não está o penitente inclinado a ver no ministro apenas um “distribuidor automático”, semelhante a esses aparelhos que, nas estações, apresentam mecanicamente uma guloseima?

Privilegiados são, ao contrário, os círculos, orfanatos, colégios etc., onde o confessor conhece a arte da direção e está convencido de que deve, antes de tudo, pôr essa arte em prática, se quiser conseguir que todas as almas capazes de vibrar por um ideal se entreguem resolutamente aos exercícios da vida interior.

Quantos pais e quantas mães da família têm visto sua ação sobre os filhos aumentar de maneira singular tão somente porque encontraram um verdadeiro diretor.

Quantos tesouros por explorar na alma de um menino! É o momento em que a árvore se vai inclinar, muitas vezes definitivamente, para um lado ou para outro.

Por não terem tido, quando pequenos, direção adaptada a sua idade, numerosos são os adultos que desgraçadamente não será mais possível contar entre as lindas flores do jardim de Jesus. Quantas vocações sacerdotais e religiosas teriam podido desabrochar!

Às vezes, e por várias gerações, em uma paróquia, em uma missão, vai-se continuando o impulso dado por um sacerdote que foi outra coisa que simples distribuidor de absolvições. Com Ars, Mesnil-Saint-Loup, poderíamos citar outras localidades, verdadeiros centros de vida sobrenatural no meio do entibamento geral, porque tiveram a fortuna de possuir um diretor zeloso, prudente e cheio de experiência.

Qual não foi minha admiração, na viagem que fiz ao Japão há uns dez anos, quando tive a felicidade de entrar em contato com alguns membros de numerosas famílias cristãs, descobertas uns cinquenta anos atrás, perto de Nagasaki. Fato extraordinário: cercados de pagãos, obrigados a esconder sua religião, privados de sacerdotes há três séculos, esses fiéis de elite tinham recebido de seus antepassados não só a fé, mas também o fervor. Onde descobrir o impulso inicial bastante poderoso para explicar a força e a persistência de tão extraordinária transmissão? A resposta é fácil. Seus ancestrais tiveram em São Francisco Xavier um maravilhoso diretor de elites.

Como imaginar que certos seminários menores, sem diretor espiritual, possam ser viveiros de futuros levitas? Precisamente por não terem sido, desde os verdes anos, orientados para a perfeição, poderá a maior parte dos seus alunos ultrapassar a mediocridade no exercício de seu ministério sacerdotal?

Oxalá essas almas, a procura de seu caminho, não sejam frustradas no desejo de vida sacerdotal, fascinadas pelo brilho dos talentos naturais de certos professores nos quais se percebia uma ponta de indiferença pela vida interior e de desdém pela direção espiritual contínua.

A prova palpável de que, em numerosas comunidades, ativas ou contemplativas, muitos súditos se arrastam por falta de direção espiritual, está na mudança radical, que mais de uma vez nos foi dado verificar, de certas almas túbias que voltaram ao fervor de sua profissão logo que tiveram um diretor consciencioso.

Certos confessores parecem esquecer-se de que almas consagradas a Deus e pelas quais devem responder, são obrigadas a tender à perfeição e têm necessidade real de auxílio e de estímulo para realizar esses progressos incessantes, a que se podem aplicar estas palavras do salmista *Ascensiones in corde suo disposuit... ibunt de virtute in virtutem*[255] e para se tornarem assim verdadeiros apóstolos de vida interior.

Quantos sacerdotes também seriam muito mais fervorosos em sua vida eucarística e litúrgica e zelosos pelo progresso das almas, se o confessor por eles escolhido lhes manifestasse verdadeira amizade por seu jeito para levá-los, pela persuasão, à direção mensal, tendo presente ainda à mente, a tendência à perfeição a que são obrigados mais que os religiosos.

Quem não terá notado o papel importante atribuído pelos hagiógrafos ao diretor espiritual da maior parte das personagens cuja vida escrevem?

Não seriam mais numerosos os santos na Igreja, se as almas generosas, as almas sacerdotais e religiosas, sobretudo, fossem mais seriamente dirigidas.

Sem a direção íntima do padre sobre os pais de Santa Teresinha do Menino Jesus e, mais tarde, sem a ação direta dos representantes de Deus sobre esta eleita do Senhor, receberia hoje a terra essa chuva de rosas que a inunda?

Em seus escritos, o padre Desurmont repisa muitas vezes este pensamento: “Para certas almas, a salvação está ligada à santidade. Tudo ou nada. O amor ardente de Jesus ou o culto do mundo e a direção de Satã. A santidade ou a reprovação eterna”.

Assim, será temeridade reear dolorosas surpresas no juízo particular para os sacerdotes que, por não estudarem a arte da direção espiritual e não aceitarem o trabalho que sua prática exige, são, até certo ponto, responsáveis da mediocridade ou mesmo da perda das almas?

Bons administradores, excelentes pregadores, cheios de carinhosa solicitude pelos doentes e pelos pobres, descuidaram-se, entretanto, desta grande tática empregada pelo próprio Salvador: transformar a sociedade pelas elites.

O pequeno rebanho de discípulos que Jesus escolheu, ensinou e formou pessoalmente e que depois o Espírito Santo inflamou, bastou para começar a regeneração do mundo.

Saudemos com respeito os bispos cada vez mais numerosos que, seguindo o exemplo de São Pio X, estimam que, em seus seminários maiores, um curso de ascética ou de mística é de mais utilidade do que conferências sociológicas.

Querendo sublinhar a importância da direção, eles exigem que, antes de tudo, os seminaristas, para o progresso pessoal, façam-na fielmente e que todos os mestres professem para com ela a maior estima e a comprovem por sua irradiação de vida interior.

Além disso, querem que todo aspirante ao sacerdócio aprenda o que se refere ao *regimen animarum*,[256] a esta arte que se baseia em princípios solidamente estabelecidos e em conselhos vividos por aqueles que a experimentaram. Dessa *ars artium*,[257] sobretudo, é que se pode dizer que a teoria deve, necessariamente, vir acompanhada da prática, hábil, jeitosa.

Quantas falsas noções, quantos preconceitos a fazer desaparecer concernentes à direção, se consultarmos os autores tidos na Igreja como mestres na vida espiritual.

Há pessoas que sabem muito bem desviar a direção de sua finalidade, logo que o sacerdote deixa o zelo flutuar sem bússola e não segura o leme com mão firme.

Conversas estéreis, edulcoradas, que lisonjeiam o amor próprio, entretêm em uma espécie de quietismo, diminuem o sentido da responsabilidade pessoal; escola de “beatice” e de sentimentalismo, em que se desenvolve o gosto pelas emoções sensíveis, pela religiosidade tecida de exterioridades; como um cartório, onde se costuma consultar sobre os mínimos incidentes da vida, sobre os negócios temporais, sobre minúcias da vida de família. E quantos outros caminhos errados por onde enveredam diretores e dirigidos!

Por isso, o sacerdote deve velar pela integridade do caráter da direção. Tudo deve convergir para o fim claramente indicado nesta definição: A direção consiste no conjunto metódico e seguido dos conselhos que uma pessoa, tendo para isso graça de estado, ciência e experiência (mormente o sacerdote) dá a uma alma reta e generosa para fazê-la progredir na sólida piedade e até na perfeição.

É, antes de tudo, **educação da vontade**, dessa faculdade mestra que santo Tomás chama *vis unitiva*,[258] a única, em última análise, em que reside a união com Nosso Senhor e a imitação de suas virtudes.

O diretor digno desse nome inteira-se não somente das causas íntimas das faltas, mas ainda dos vários pendores da alma.

Analisa-lhe as dificuldades e repugnâncias na luta espiritual. Apresenta com todo o brilho o ideal e escolhe, experimenta e controla os meios de realizá-lo, assinala os obstáculos e as ilusões,

sacode o torpor e a indolência, anima, repreende e consola, sendo preciso, mas tão somente para retemperar a vontade contra o desânimo e o desespero.

A direção prende-se ordinariamente à confissão enquanto a alma, ainda apegada ao pecado, vai continuando na vida purgativa.

Quando a alma se vai orientando seriamente para a vida fervorosa, então a direção pode tornar-se distinta da confissão. É para evitar a confusão entre uma e outra que certos sacerdotes não a querem dar senão depois da absolvição e a concedem só uma vez ao mês aos que se confessam cada semana.

Não entra nos limites deste volume o desenvolver o processo pelo qual se pratica a direção. Porém, certo de que numerosos padres devem tomar mais a sério essa arte espiritual, seria para nós grande alegria, se pudéssemos oferecer a certos de nossos confrades que hesitam em manusear livros volumosos, uma síntese breve e prática do melhor que sobre esse assunto foi publicado[259].

Tal compêndio não só viria facilitar a auscultação e a classificação das almas, mas ainda precisar os meios preconizados para o *duc in altum*[260] adaptado aos principais estados.

Cada alma é como um mundo à parte, com seu matiz próprio. Entretanto, *ex communiter contingentibus*,[261] os cristãos podem ser classificados em vários grupos.

Por julgá-lo útil, tentamos logo mais dar essa classificação, adotando como pedra de toque, de um lado o pecado ou a imperfeição e, de outro, a oração. Oxalá pudéssemos, por esse quadro, levar alguns de nossos venerados confrades a meditar sobre a necessidade de um estudo que lhes comunicaria o conhecimento das regras práticas para dirigirem cada alma segundo o próprio estado.

Para as duas primeiras categorias, se o sacerdote não pode atingir diretamente as almas, pelo menos, se for bom diretor, ele há de guiar muito mais eficazmente os parentes ou amigos empenhados em retirarem do empedernimento entes queridos que Deus ainda não rejeitou definitivamente.

1. Empedernimento

Pecado mortal:

Estagnação nesse pecado por ignorância ou com a consciência maldosamente faseada.;

Abafamento ou ausência de remorsos.

Oração:

Supressão determinada de todo recurso a Deus.

2. Verniz cristão

Pecado mortal:

Considerado como mal de pouca conta e facilmente perdoado;

A alma o comete sem resistência em qualquer ocasião ou tentação;

Confissão quase sem contrição.

Oração:

Maquinal, sem atenção ou quase sempre ditada por algum interesse temporal;
Concentrações raras e superficiais.

3. Piedade medíocre

Pecado mortal:

Fracamente combatido;

Fuga pouco frequente das ocasiões, mas arrependimento sério e confissões sinceras.

Pecado venial:

Pacto com esse pecado, considerado como mal insignificante; logo, tibieza de vontade;
Nada para preveni-lo, arrancá-lo ou descobri-lo.

Oração:

Regularmente bem feita, de vez em quando;

Veleidades passageiras de fervor.

4. Piedade intermitente

Pecado mortal:

Lealmente combatido;

Fuga habitual das ocasiões;

Arrependimento muito vivo;

Penitências pura reparar.

Pecado venial:

Às vezes deliberado;

Combate fraco;

Pesar superficial;

Exame particular sem objeto preciso, sem espírito de continuidade.

Oração:

Resolução insuficiente de fidelidade à meditação que se abandona logo que cheguem as securas ou múltiplas ocupações.

5. Piedade perseverante

Pecado mortal:

Nunca. Quando muito, raríssimas surpresas violentas e repentinas. Muitas vezes, então, pecado mortal duvidoso, acompanhado de ardente compunção e penitência.

Pecado venial:

Vigilância para evitá-lo e combatê-lo;

Raras vezes deliberado;

Vivamente sentido, mas pouco reparado;

Exame particular continuado, visando apenas a fuga dos pecados veniais.

Imperfeições:

A alma evita descobri-las para não combatê-las, ou as desculpa com facilidade; Renúncia admirada, desejada até, mas pouco praticada.

Oração:

Apesar de tudo, fidelidade constante à meditação, muitas vezes afetiva;

Alternativas de consolações espirituais e de securas suportadas com muita mágoa.

6. Fervor

Pecado venial:

Nunca deliberado;

Às vezes de surpresa ou sem advertência;

Vivamente sentido e seriamente reparado.

Imperfeições:

Reprovadas, vigiadas e combatidas com energia para agradar a Deus. Às vezes, entretanto, aceitas, mas logo renegadas;

Frequentes atos de renúncia;

Exame particular visando o aperfeiçoamento de uma virtude.

Oração:

Oração mental gostosamente prolongada;

Meditação antes afetiva e até de simplicidade;

Alternativa de vivas consolações e de provações cruciantes.

7. Perfeição relativa

Imperfeições:

Prevenidas com toda a energia e muito amor;

Sobrevêm apenas com semiadvertência;

Oração:

Vida habitual de oração, com ocupações exteriores;

Sede de renúncia, de aniquilamento, de desapego, de amor divino;

Fome da Eucaristia e desejo ardente do céu;

Graças de oração infusa de vários graus;

Muitas vezes, purificações passivas.

8. Heroicidade

Imperfeições:

De primeiro movimento.

Oração:

Dons sobrenaturais de contemplação, às vezes acompanhados de fenômenos extraordinários;

Purificações passivas acentuadas;

Desprezo de si levado até o esquecimento;

Preferência dada aos padecimentos sobre as alegrias.

9. Santidade consumada

Imperfeições:

Apenas aparentes.

Oração:

Na maioria das vezes, união transformante;

Matrimônio espiritual;

Purificações de amor;

Sede ardente de sofrimentos e de humilhações.

São pouquíssimas as almas de elite que atingem os três últimos estados. O pecado venial nelas é cada vez mais raro. Por isso, compreende-se que os sacerdotes aguardam a ocasião de terem tais dirigidos para então estudarem o que os melhores autores indicam para a direção prudente e segura.

Mas, como desculpar o confessor que, sem zelo para aprender e aplicar o que se refere às quatro classes – piedade medíocre, piedade intermitente, piedade constante e fervor –, deixasse inúmeras almas estagnadas na tibieza lastimável ou estacionárias em grau muito inferior àquele a que Deus as destina?

Quanto aos pontos sobre os quais convém insistir na direção dos principiantes em piedade parecem que podem ser deduzidos, ordinariamente, aos quatro seguintes:

1º. Paz: Examinar se a alma está na paz verdadeira, não na paz que o mundo dá ou que resulta da falta de luta. No caso contrário, estabelecê-la em paz relativa, apesar de suas dificuldades. Essa é a base de toda direção. A calma, o recolhimento e a confiança se referem a este ponto.

2º. Ideal: Uma vez coligidos os elementos necessários a sua classificação e à determinação de seus pontos fracos, forças vivas de gênio e de temperamento e de seu grau de tendência à perfeição, procurar os meios capazes de reavivar o desejo de viver mais seriamente de Jesus Cristo, de derrubar as barreiras que nela se opõem ao desenvolvimento da graça. Em uma palavra, empregar esforços para que a alma aspire ao melhor, sempre superior.

3º. Oração: Indagar da maneira por que a alma faz suas orações e, em particular, analisar o grau de fidelidade à meditação, o gênero de meditação, os obstáculos que nela encontra e os frutos que dela colhe. Identificar o proveito que tira dos sacramentos, da vida litúrgica, das devoções particulares, das orações jaculatórias e do exercício da presença de Deus.

4º. Renúncia: Estudar o método e a matéria do exame particular e a maneira por que se exerce a renúncia, por ódio ao pecado ou por apego à virtude, a guarda do coração, logo a vigilância e o combate espiritual em espírito de oração no decorrer do dia.

A esses quatro pontos pode-se reduzir o que há de essencial para a direção. Pode-se examiná-los todos os quatro cada mês ou limitar-se, alternativamente, a um deles para não parecer demasiadamente longo.

Desse modo, paralisando em uma alma os elementos de morte e reanimando nela os germes de vida, o ministro de Deus, deveras zeloso, cedo ou tarde se apaixona pelo exercício da arte suprema e o divino Espírito Santo, de quem é instrumento fiel, não lhe poupa essas inefáveis consolações que constituem, cá na terra, uma das maiores alegrias do sacerdócio.

Concede-lhas na mesma medida com que se dedica para aplicar às almas os princípios que estudou. Quem mais do que São Paulo saboreou as alegrias do apostolado? Mas também que ardores não lhe devoravam o coração para que escrevesse: *Per triennium nocte et die non cessavi cum lacrymis monens unumquemque vestrum!*[262]

“Meu caro doutor, sei que seu filho se destina ao sacerdócio. Se ele e os colegas dele, quando cuidarem das almas, imitarem seu devotamento e sua consciência profissional para diagnosticar e receitar remédios e regimes que devem restituir ao doente saúde robusta, nem judeus, nem maçons, nem protestantes conseguirão impedir entre nós os triunfos da fé”. Tal é a frase de admiração e de gratidão que um prelado dirigia, em minha presença, ao médico que, depois de extremos esforços, conseguira arrancá-lo de crise mortal e restituir-lhe pouco depois novo vigor.

A aplicação da ciência e o exercício da dedicação receberão, por certo, as bênçãos de Deus. Mas que poder sobre-humano não adquirem esses dois fatores, quando o sacerdote que deles lança mão é dos que não podem compreender seu sacerdócio sem **tendência a santidade**.

Que santa revolução não se verificaria no mundo se, em cada paróquia, à frente de toda comunidade ou de qualquer agrupamento católico, houvesse verdadeiros diretores de almas! Então, até nessas obras (orfanatos, asilos etc.) onde se conservam elementos apenas regulares, existiria sempre, na base do programa: “Formar elites, isolá-las da mediocridade, na medida do possível, enquanto não se logra formá-las para um discreto, mas fecundo, apostolado sobre os outros!”.

Quem quer que se dê ao incômodo de comparar as obras, conforme os resultados que delas espera Jesus Cristo Nosso Senhor, há de, forçosamente, chegar a esta conclusão: Onde existir um foco de verdadeira direção espiritual, não haverá necessidade das famosas “muletas” para uma frutificação maravilhosa.

Ao passo que o emprego simultâneo, em uma obra, de todas as “muletas” possíveis e as mais em voga, poderá, talvez, disfarçar a falta de direção, nunca, porém, logrará atenuar a necessidade dela.

Quanto mais zelosos forem os sacerdotes para se aperfeiçoarem na arte da direção e a ela se dedicaram, tanto mais há de, a seus olhos, atenuar-se a necessidade de certos meios exteriores, úteis no princípio, para entrar em contato com os fiéis, atraí-los, agrupá-los, interessá-los, retê-los e mantê-los sob a influência da Igreja que, sempre fiel a seu fim, só se dá por plenamente satisfeita, quando as almas são intimamente incorporadas no Cristo Jesus.

g) A vida interior pela eucaristia resume toda a fecundidade do apostolado

O fim da Encarnação e, portanto, de todo apostolado, é divinizar a humanidade: *Christus incarnatus est ut homo fieret deus*[263]. *Unigenitus Dei Filius suæ divinitatis volens nos esse participes, naturam nostram assumpsit, ut homines deos faceret factus homo*[264]. Ora, é na Eucaristia, ou melhor, é na vida eucarística, isto é, na vida interior sólida, alimentada no banquete divino, que o apóstolo assimila a vida divina. Aí está a palavra do Mestre, palavra

peremptória que não dá margem a equívocos: *Nisi manducaveritis carnem Filii hominis et biberitis eius sanguinem, non habebitis vitam in vobismetipsis*[265]. A vida eucarística é a vida de Nosso Senhor em nós, não só por meio do indispensável estado de graça, senão também por meio da superabundância de sua ação. *Veni ut vitam habeant et abundantius habeant*[266]. Se a vida divina deve superabundar no apóstolo a fim de que este a difunda pelos fiéis, e se apenas na Eucaristia é que se encontra a fonte dessa vida, como supor logo a eficácia das obras sem a ação da Eucaristia sobre aqueles que, direta ou indiretamente, devem ser os dispensadores dessa vida por meio dessas obras?

Impossível é meditarmos sobre as consequências do dogma da presença real; do sacrifício do altar, da comunhão, sem sermos levados a concluir que Nosso Senhor quis instituir esse sacramento para fazer dele o foco de toda atividade, de toda dedicação, de todo apostolado verdadeiramente útil à Igreja. Se toda a Redenção gravita em volta do Calvário, do Altar promanam todas as graças desse mistério. E o obreiro da palavra evangélica que não vive do Altar apenas tem palavras mortas, palavras que não salvam, porque emanam de coração que não está suficientemente impregnado do sangue redentor.

Não foi sem desígnios profundos que Nosso Senhor, logo após a Ceia, desenvolveu com insistência e precisão por meio da parábola da videira, a inutilidade da ação que não for animada pelo espírito interior. *Sicut palmes non potest ferre fructum a semetipso... sic nec vos nisi in me manseritis*[267]. Mas imediatamente indica quão grande é o valor da ação exercida pelo apóstolo que viva da vida interior, da vida eucarística. *Qui manet in me, et ego in eo, hic fert fructum multum*[268]. *Hic*, mas só esse. Deus não opera poderosamente senão por meio dele. É que, como diz santo Atanásio, “nos tornamos deuses pela carne de Cristo”. Quando o pregador ou o catequista conservam em si o calor do sangue divino, quando seu coração está abrasado pelo fogo que consome o Coração Eucarístico de Jesus, como a palavra deles é então viva, ardente, inflamada! E como os efeitos da eucaristia irradiam, por exemplo, em uma escola ou na sala de hospital, em um patronato etc., quando aqueles que Deus escolheu para essas obras foram reanimar seu zelo na comunhão e se tornaram portadores de Cristo!

Quer se trate do demônio, hábil em conservar as almas na ignorância, quer do espírito, soberbo e impuro que procura embriagá-las de orgulho ou atolá-las na lama, a eucaristia, vida do verdadeiro apóstolo, sempre fará sentir a ação, a nenhuma outra comparável, contra o inimigo da salvação.

O amor aperfeiçoa-se por meio da eucaristia. Esse memorial vivo da Paixão reanima no apóstolo o fogo divino, mal ele tenda a extinguir-se. Faz-lhe reviver o Getsêmani, o Pretório, o Calvário e dá-lhe a ciência da dor e da humilhação. O obreiro apostólico fala aos aflitos uma língua capaz de torná-los participantes das consolações hauridas nessa sublime escola.

Fala a linguagem das virtudes de que Jesus é sempre o exemplar, porque cada uma de suas palavras é uma como gota de sangue eucarístico lançada sobre as almas. Sem esse reflexo da vida eucarística, a palavra do homem de obras apenas conseguirá encantar, sem outro qualquer resultado. Só as faculdades secundárias poderão ser abaladas e os acessos da praça ocupados. Mas a cidadela, isto é, o coração, a vontade, continuará, na maior parte das vezes, inexpugnável.

Ao grau de vida eucarística adquirido por uma alma quase invariavelmente corresponde a

fecundidade de seu apostolado. Com efeito, o sinal distintivo de um apostolado eficaz é o conseguir excitar nas almas a sede de participarem frequente e praticamente do banquete divino. E tal resultado não se obtém senão na medida em que o próprio apóstolo viver verdadeiramente de Jesus-Hóstia.

Semelhante a Santo Tomás mergulhando a cabeça no tabernáculo para descobrir a solução de uma dificuldade, o apóstolo vai também, por sua parte, confiar tudo ao hóspede divino, e sua ação sobre as almas é a realização prática das suas confidências ao autor da vida. Nosso admirável pontífice e pai São Pio X, o papa da comunhão frequente, é também o papa da vida interior. *Instaurare omnia in Christo*[269], tal foi sua primeira palavra, sobretudo aos homens de obras. É o programa de um apóstolo que vive da Eucaristia e não vê os bons êxitos da Igreja senão na proporção dos progressos que as almas fazem na vida eucarística.

Obras de nosso tempo, múltiplas e, sem embargo, tão frequentemente estéreis, por que não haveis vós regenerado a sociedade? Confessemos-lo de novo, contam-vos em bem maior número do que nos séculos precedentes e, todavia, vós não lograstes impedir que a impiedade, em proporções aterradoras, assolasse o campo do pai de família. Por quê? Porque não estais suficientemente fundamentadas na vida interior, na vida eucarística, na vida litúrgica bem compreendida. Os homens de obras que vos dirigem têm podido irradiar lógica, talento e até certa piedade, têm logrado chegar a lançar ondas de luz e a fazer adotar algumas práticas de devoção: resultado já certamente, apreciável. Mas, por falta de irem beber com suficiência à fonte da vida, eles não têm podido comunicar esse calor que determina as vontades. Em vão têm querido fazer nascer essas dedicações obscuras, mas irresistíveis, esses fermentos ativos das coletividades, esses focos de atração sobrenatural que nada logra substituir e que, sem ruído, mas sem descanso, comunicam em redor deles o incêndio e penetram lenta, mas seguramente todas as classes de pessoas que podem atingir. A vida em Jesus desses homens de obras era muito fraca para chegar a tais resultados.

Para preservar as almas do contágio dos séculos precedentes, bastava opor uma piedade comum. Para o vírus atual de violência centuplicada, vírus inoculado pelos atrativos do mundo, faz-se necessário um soro vivificante, sobremaneira mais enérgico. Por falta de laboratórios capazes de produzir contravenenos eficazes, as obras ou se limitaram ao prosseguimento do fervor do sentimento e de grande entusiasmo quase tão depressa extintos como depressa se haviam ateado, ou então não têm podido atingir senão ínfimas minorias. Seminários e noviciados não têm produzido multidões de sacerdotes, de religiosos e de religiosas suficientemente inebriados do vinho eucarístico.

Por isso o fogo que, por meio dessas almas escolhidas, se devia difundir pelos piedosos leigos votados às obras, ficou em estado latente. Deram, sem dúvida, à Igreja apóstolos piedosos. Não lhe deram, porém, senão com muita raridade, obreiros evangélicos que, mediante sua vida eucarística, tivessem aquela piedade integral de guarda de coração e de zelo, ardente, ativa, generosa e prática, que se chama vida interior.

Às vezes, ouve-se qualificar de boa, de excelente, uma paróquia, porque os habitantes dela saúdam delicadamente o sacerdote, lhe respondem com deferência, lhe manifestam alguma simpatia, lhe prestam até, de boa vontade, quando é necessário, um ou outro serviço, mas onde o maior número substitui pelo trabalho a assistência à missa do domingo, onde os sacramentos são

abandonados, onde reina a ignorância da religião, a intemperança e a blasfêmia, onde a moral deixa bastante a desejar. Qual piedade! Paróquia excelente? Podemos, acaso, chamar cristãos a essas pessoas de vida inteiramente pagã?

Operários evangélicos, como é que nós, que deploramos esses tristes resultados, não temos ido com mais frequência a essa escola onde o Verbo ensina os pregadores! Como é que nós não temos haurido mais profundamente, em colóquios íntimos com o Deus da eucaristia, a palavra da vida? Deus não falou por nossa boca. Era fatal. Cessemos de admirar-nos de que nossa palavra humana tenha sido quase estéril.

Nós não nos temos mostrado às almas um reflexo de Jesus e de sua vida na Igreja. Para que o povo cresse em nós teria sido necessário que em redor de nossa fronte brilhasse alguma coisa daquela auréola que iluminava Moisés quando, descendo do Sinai, voltava para o meio dos israelitas. Aos olhos dos hebreus essa auréola era testemunho da intimidade do representante com aquele que o enviava. Para nossa missão, teria sido necessário que nós parecêssemos não só homens probos e convictos, mas também que um raio de eucaristia deixasse adivinhar ao povo o Deus vivo ao qual nada resiste. Retóricos, tribunos, conferencistas, catequistas, professores, nossos resultados têm sido imperfeitos porque nós não temos refletido a intimidade divina.

Apóstolos que lamentamos os maus êxitos de nossas obras e que, sem embargo, sabíamos bem que o homem não é, em última análise, ordinariamente movido senão pelo desejo de ser feliz, perguntemos a nós mesmos se os homens entrevistaram em nós essa irradiação da felicidade eterna e infinita de Deus, que nos teria dado a união com aquele que, embora oculto no sacrário, é, contudo, a alegria da corte celeste.

O Mestre não se esquecia desse alimento de alegria indispensável a seus apóstolos. *Hæc locutus sum vobis, ut gaudium meum sit in vobis, et gaudium vestrum impleatur*[270], disse Ele logo depois da Ceia, para recordar até que ponto a Eucaristia há de ser a fonte de todas as grandes alegrias deste mundo.

Ministros do Senhor para quem foi mudo o sacrário, fria a pedra-de-ara, memorial respeitado, mas quase inerte a santa hóstia, nós temos deixado as almas em suas vias más. E como teríamos podido fazê-las sair do lodo de seus prazeres proibidos? Nós, no entanto, falamos-lhes das alegrias da religião e da boa consciência. Mas, porque não soubemos apagar bastante nossa sede nas águas vivas do Cordeiro, não podemos mais que balbuciar, falando dessas alegrias inefáveis, cujo desejo teria quebrado as cadeias da tríplice concupiscência com muito maior eficácia que nossas palavras terríveis sobre o inferno. Em Deus que é todo amor, as almas, por meio de nós, viram, sobretudo, um legislador austero e um juiz tão inexorável em suas sentenças quanto rigoroso seus castigos. Nossos lábios não souberam falar a linguagem do Coração daquele que ama os homens, porque nossos entretenimentos com esse Coração eram tão raros quanto pouco íntimos.

Não lancemos as culpas sobre o estado de desmoralização profunda da sociedade, já que vemos, por exemplo, o que, em paróquias quase descristianizadas, logrou operar a presença de sacerdotes criteriosos, ativos, dedicados, capazes, mas acima de tudo amantes da eucaristia. A despeito de todos os esforços dos ministros de Satanás, *facti diabolo terribiles*, haurindo a força no foco da força, no braseiro do tabernáculo, esses sacerdotes, infelizmente raros, têm sabido dar

tal têmpera a armas invencíveis que todos os dem nios conjurados têm sido impotentes para quebrá-las.

A oração junto do altar não foi para eles estéril, porque se tornaram capazes de compreender estas palavras de São Francisco de Assis: “A oração é a fonte da graça. A pregação é o canal que distribui as graças que tivermos recebido do céu. Os ministros da palavra de Deus são os escolhidos do grande rei para levar aos povos o que eles próprios tiverem aprendido e recebido da sua boca, **sobretudo junto do sacrário**”.

O grande motivo de esperar   vermos, atualmente, essa geração de homens de obras que já não se contentam apenas com promover comunhões aparatosas; sabem, também, facilitar a eclosão de almas de verdadeiros comungantes.

QUINTA PARTE

ALGUNS PRINCÍPIOS E AVISOS PARA A VIDA INTERIOR

1. Alguns conselhos aos homens de obras para a vida interior

Convicções:

O zelo s  é eficaz na medida em que a ação de Jesus Cristo se lhe vier juntar.

Jesus Cristo é o agente principal; nós apenas somos seus instrumentos.

Jesus Cristo não abençoa as obras em que o homem não confia senão em seus próprios meios.

Jesus Cristo não abençoa as obras mantidas unicamente pela atividade natural.

Jesus Cristo não abençoa as obras em que o amor-próprio trabalha em lugar do amor divino[271].

Ai daquele que se nega às obras a que Deus o chama.

Ai daquele que se intromete nas obras sem estar certo da vontade de Deus.

Ai daquele que, nas obras, quer governar sem verdadeiramente depender de Deus.

Ai daquele que, no exercício das obras, não emprega esforços para se conservar ou recobrar a vida interior.

Ai daquele que não sabe ordenar a vida interior e a vida ativa, de tal sorte que esta não prejudique aquela.

Princípios:

1º Princípio: Não se lançar nas obras por mera atividade natural, mas consultar Deus a fim de se poder ter a consciência de que se procede inspirado pela graça e em conformidade com a expressão moralmente certa de sua vontade.

2º Princípio: É imprudente e nocivo ficar durante muito tempo em um período de ocupações excessivas, o qual lançaria a alma em um estado incompatível com os exercícios essenciais da vida interior. É, então, o caso, sobretudo para os sacerdotes e religiosos, de aplicar, mesmo às mais santas obras, o *Erue eum et proice abs te*[272].'

3º Princípio: À efusão desregrada da vida ativa deve impor-se, violentamente se necessário, um regulamento determinando o emprego habitual do tempo e feito de acordo com algum sacerdote esclarecido, interior e experiente.

4º Princípio: Para proveito próprio e alheio, antes de tudo, é necessário cultivar a vida interior. Quanto mais ocupado se estiver, tanto maior é a necessidade dessa vida. Portanto, maior sede se deve ter dela e mais meios se devem adotar para que essa sede não seja um desses desejos estéreis que Satanás tão habilmente explora para cloroformizar as almas e mantê-las na ilusão.

5º Princípio: Encontra-se acaso a alma acidental e verdadeiramente ocupadíssima, conforme a vontade de Deus, e, portanto, na impossibilidade moral de prolongar os seus exercícios de piedade? Ela possui um termômetro infalível para lhe indicar se realmente se mantém no fervor. Se ela tiver verdadeiramente sede de vida interior, se com a melhor vontade aproveitar todas as ocasiões para cumprir todas as suas práticas essenciais, pode ficar descansada e deve, formalmente, contar com graças especialíssimas, Deus; por certo, lhas reserva e nelas a alma encontrará a força suficiente para avançar na vida espiritual.

6º Princípio: Enquanto o homem de ação não chegar a manter-se no recolhimento e na dependência da graça que por toda a parte o devem acompanhar, encontra-se em um estado insuficiente de vida interior. Nenhuma contenção para esse recolhimento necessário. Basta um relance de olhos habitual, partindo mais do coração que do espírito. Relance de olhos seguro, justo, penetrante, para distinguir se é sob a influência de Jesus que se conserva na ação.

Avisos práticos:

1º. Gravar profundamente no próprio espírito que sem o regulamento de que falamos e sem a vontade firme de cumpri-lo habitualmente, sobretudo quanto à hora de se levantar rigorosamente fixada, a alma não pode continuar a vida interior.

2º. Como base da vida interior e com seu elemento indispensável, pôr a meditação da manhã. Diz Santa Teresa: “Aquele que está firmemente decidido a fazer, a todo custo, a meia hora de meditação pela manhã, já andou metade do caminho”. E, sem meditação, o dia será,

quase forçosamente, de tibieza.

3º. Missa, comunhão, recitação do breviário e funções litúrgicas são minas incomparáveis de vida interior e devem ser exploradas com fé e fervor cada dia crescentes.

4º. Exame particular e exame geral, bem como meditação e vida litúrgica, devem tender sempre para o hábito da guarda do coração, por meio da qual se realiza a união do *vigilate et orate*.^[273] A alma, atenta ao que se passa em seu interior e à presença da Santíssima Trindade nela, adquire o instinto de recorrer a Jesus em todas as circunstâncias, sobretudo quando entrevê o perigo de se dissipar ou enfraquecer.

5º. Daí a necessidade de orar incessantemente por meio das comunhões espirituais e das orações jaculatórias tão fáceis quando se quer, mesmo no meio das ocupações mais absorventes e tão agradáveis em variar, apropriando-as às necessidades especiais do momento presente, às circunstâncias atuais, perigos, dificuldades, fadigas, decepções etc.

6º. Piedoso estudo da Sagrada Escritura, sobretudo do Novo Testemunho. Esse estudo deve encontrar lugar todos os dias, ou pelo menos muitas vezes por semana, na vida sacerdotal. A leitura espiritual da tarde é dever quotidiano que a alma generosa evitará tratar com negligência. O espírito tem necessidade de ser posto em presença das verdades sobrenaturais, dos dogmas geradores, da piedade e das consequências morais que daí derivam e que tão facilmente se esquecem.

7º. Graças a essa guarda do coração que servia de preparação remota, a confissão semanal há de, seguramente, ser impregnada de contrição sincera, de dor verdadeira e de firme propósito cada vez mais leal e resoluto.

8º. O retiro anual é utilíssimo, mas insuficiente. O retiro mensal (de um dia inteiro ou pelo menos de meio dia), verdadeiramente empregado em repor a alma em equilíbrio, é quase indispensável ao homem de obras.

2. A meditação, elemento indispensável da vida interior, portanto do apostolado

Nenhum resultado dará o desejo, vago de vida interior, concebido após a rápida leitura de um volume. É necessário que esse desejo se fixe em resolução precisa, ardente e prática.

Muitíssimas pessoas de obras nos pediram que lhes facilitássemos os meios de realizarem seu projeto de vida interior, mediante o enunciado de algumas resoluções gerais. A resposta a esses desejos equivale a acrescentar uma espécie de apêndice a este volume.

De melhor vontade daremos, sem embargo, essa resposta, persuadido, por um lado, que o homem de obras, sacerdote ou leigo, nenhum proveito verdadeiro tirará da leitura do que deixamos escrito, se não se dispuser realmente a consagrar, cada manhã, alguns momentos à oração mental; e, por outro lado, que o sacerdote, caso queira progredir na vida interior, não pode

tratar com negligência a utilização da vida litúrgica e o exercício da guarda do coração.

Julgamos mais prático adotar, para esses três pontos a forma de resolução pessoal.

Não temos a pretensão de apresentar novo método de oração; tentamos apenas extrair a medula dos melhores métodos.

Resolução de meditação

Quero ser fiel à meditação da manhã.

I. Impor-me-ei essa fidelidade?

Sacerdote, eu ouvi, no meu retiro para a ordenação, estas graves palavras: *Sacerdos alter Christus!* Compreendi então que, se não vivo especialmente de Jesus, não sou sacerdote segundo o seu Coração, não sou uma alma sacerdotal. **Sacerdote**, eu devo viver na intimidade de Jesus. Ele espera isso de mim; *Jaro nen dicam vos servos... vos autem dixi amicos*[274].

Mas a minha vida com Jesus, princípio, meio e fim, somente se desenvolve na proporção em que Ele for a luz de minha razão e de todos os meus atos interiores e exteriores, o amor regulando todos os afetos do meu coração, minha **força** nas provações, lutas, obras, e o alimento dessa vida sobrenatural que me torna participante da própria vida de Deus.

Ora, esta vida com Jesus, assegurada pela minha fidelidade à meditação, sem a meditação e moralmente impossível.

Ousarei acaso ultrajar com uma recusa o Coração daquele que me oferece esse meio de viver em amizade com Ele?

Outro aspeto importante, bem que negativo, da necessidade de minha meditação: Conforme a economia do plano divino, ela é eficaz contra os perigos inerentes a minha fraqueza, às minhas relações com o mundo, a tal ou tal de minhas obrigações.

Se fizer a meditação, fico como revestido de armadura de aço, e invulnerável às flechas inimigas. Sem a meditação, seguramente elas me hão de atingir. Portanto, uma multidão de faltas, em que eu não reparo ou mal noto, me hão de ser imputadas em sua causa.

“Meditação ou risco gravíssimo de condenação para o sacerdote em contato com o mundo”, declarava sem hesitar o piedoso, douto e prudente padre Desurmont, um dos mais experimentados pregadores de retiros eclesiais.

“Para o apóstolo, não há meio termo entre a santidade, se não adquirida, ao menos desejada e em via de consecução (sobretudo mediante a meditação quotidiana), e a perversão progressiva”, diz por sua vez o cardeal Lavignier.

Cada sacerdote pode aplicar a sua meditação a palavra inspirada pelo Espírito Santo ao salmista: *Nisi quod lex tua meditatio mea est, tunc forte periissem in humilitate mea*[275]. Ora, esta lei chega a ponto de obrigar o sacerdote a reproduzir o espírito de nosso Senhor.

O sacerdote vale o que vale sua meditação.

Duas categorias de sacerdotes

1ª: Os sacerdotes cuja resolução é tal que a meditação não é de forma alguma nem omitida, nem mesmo retardada, pelos pretextos de civilidade, de ocupações etc. Só caso raríssimo de força maior a fará adiar para outra meia hora da manhã. Mas nada mais.

Esses verdadeiros sacerdotes empenham-se seriamente em obter resultados apreciáveis em sua meditação, que tornam distinta de ação de graças da missa, de qualquer leitura espiritual e, com mais razão, da composição de um sermão.

Têm eles a santidade eficazmente desejada. E enquanto assim perseverarem, sua salvação está moralmente assegurada.

2ª: Os sacerdotes que, não tendo tomado senão uma semirresolução, adiam e, por isso, facilmente omitem sua meditação, desnaturando-lhe o fim, ou não empregando qualquer esforço verdadeiro para fazê-la bem.

Perspectiva: tibieza fatal, ilusões sutis, consciência adormecida ou falsa... Caminho escorregadio para o abismo.

A qual das duas categorias quero eu pertencer? Se hesito na escolha, é porque frustrado ficou meu reino.

Tudo se liga. Se eu abandono minha meia-hora de meditação, a própria santa Missa – portanto, minha comunhão – em pouco tempo ficará sem frutos pessoais e poderá tornar-se-me imputável como pecado. A recitação penosa, quase mecânica de meu breviário não mais será a ardente e jubilosa expressão de minha vida litúrgica. Pouca vigilância, nenhum recolhimento e, portanto, nenhuma oração jaculatória. Não terei mais leituras espirituais, o apostolado será cada dia menos fecundo. Nenhum exame leal das faltas, e menos ainda exame particular. Confissões rotineiras, às vezes duvidosas... e daí a pouco o sacrilégio!

A cidadela, cada vez menos defendida, fica à mercê dos assaltos de uma legião de inimigos: ao princípio brechas... em pouco tempo, ruínas.

II. Que deve ser minha meditação?

Ascensio mentis in Deum[276]. “O subir dessa sorte”, diz Santo Tomás, “como é ato da razão não especulativa, mas prática, supõe os atos da vontade”.

Consequência: verdadeiro trabalho é, portanto, a oração mental, mormente para os principiantes – trabalho para se apartar um instante do que não é Deus; trabalho para ficar durante meia hora fixo em Deus e chegar a adquirir novo **impulso** para o bem; trabalho, sem dúvida, penoso ao princípio, mas que eu quero generosamente aceitar; trabalho que, de mais a mais, será depressa coroado pela maior consolação deste mundo, a paz na amizade e na união com Jesus.

“A oração”, diz santa Teresa, “é apenas um entretenimento de amizade em que a alma fala intimamente com Aquele por quem ela se sabe amada”.

Entretenimento cordial. Ímpio seria supor que Deus, o qual me dá a necessidade, e por vezes o atrativo desse entretenimento, e mais ainda o impõe a mim, não o quer facilitar a mim. Ainda que eu há muito o haja abandonado, Jesus a ele ternamente me convida e me oferece assistência especial para essa linguagem de minha fé, de minha esperança e de minha caridade que deverá ser, segundo a expressão de Bossuet, minha meditação.

Resistirei, acaso, a esse apelo de um pai que até convida o pródigo a vir escutar sua palavra, para filialmente conversar com ele, para lhe abrir o próprio coração, para ouvir as palpitações do seu?

Entretenimento simples. Hei de estar nele com naturalidade. Portanto, hei de falar a Deus como tíbio, como pecador, como pródigo ou como fervoroso. Com ingenuidade de criança, hei de expor-lhe o estado de minha alma e não hei de falar-lhe senão a linguagem que verdadeiramente traduza o que sou.

Entretenimento prático. O ferreiro mergulha o ferro no fogo, não para torná-lo ardente e luminoso, senão para torná-lo maleável. Assim também a meditação não ilumina minha inteligência e não aquece meu coração senão para tornar minha alma flexível, a fim de poder martelá-la, tirar-lhe as faltas ou a forma do velho homem e dar-lhe as virtudes ou a forma de Jesus Cristo.

Portanto, meu entretenimento há de ter como resultado o elevar minha alma até à santidade de Jesus[277], a fim de que Ele possa afeiçoá-la a sua imagem. *Tu, Domine, Jesus, Tu Ipse, manu mitissima, misericordissima, sed tamen fortissima formans ac pertractans cor meum*[278].

III. Como hei de fazer a meditação?

Para realizar sua definição e fim, seguirei esta marcha lógica: Porei minha razão e, sobretudo, minha fé e meu coração diante de Nosso Senhor ensinando-me uma verdade ou uma virtude. Excitarei minha sede de harmonizar minha alma com o ideal entrevisto. Deplorarei tudo quanto em mim lhe for contrário. Prevendo os obstáculos, decidir-me-ei a quebrá-los. Mas,

persuadido de que sozinho nada conseguirei, obterei, com minhas instâncias, a graça eficaz para lograr bom êxito.

Viajante afadigado, ofegante, procuro matar a sede...

Enfim *vídeo*[279]: Vislumbro uma fonte, mas ela brota de rochedo escarpado...

Sitio: Quanto mais contemplo essa água límpida, que me permitirá continuar meu caminho, tanto mais se me acentua, malgrado os obstáculos, o desejo de apagar minha sede...

Volo: Quero, a todo custo, chegar a essa fonte e esforçar-me por atingi-la. Mas, ai! Devo verificar minha impotência...

Volo tecum: Sobrevém um guia. Ele, para me ajudar, só espera por minhas instâncias. Ele próprio me conduz até pelas passagens difíceis. Em pouco tempo, sacio a sede a largas aspirações.

Assim acontece com as águas vivas da graça que brotam do Coração de Jesus.

Minha leitura espiritual da tarde, elemento tão precioso de vida interior, reavivou meu desejo de fazer a meditação na manhã do dia seguinte... Antes de meu repouso, prevejo sumariamente, mas de maneira nítida e forte, o assunto de minha meditação[280], bem como o fruto particular que dela quero tirar, e excito perante Deus o desejo de tirar proveito dela.

Chegou a hora da meditação[281]. Quero arrancar-me da terra, forçar minha imaginação a representar-me uma cena viva e falante que hei de substituir a minhas preocupações, distrações, etc.[282] Representação rápida e com poucos detalhes, mas suficientemente impressionadora para me empolgar e me lançar na presença desse Deus, cuja atividade toda de amor quer envolver-me e penetrar-me. Desse modo, ficarei em relação com um **interlocutor** vivo[283], adorável e amável.

Imediatamente, ato de adoração profunda. Isto impõe-se. Aniquilamento, contrição, protesto de dependência, com oração humilde e confiante para que esse entretenimento com meu Deus seja abençoado[284].

Video

Empolgado por vossa presença viva, ó Jesus, e assim desembaraçado da ordem puramente natural, vou começar meu entretenimento pela linguagem da fé, mais fecunda que as análises de minha razão. Com esse intento, leio ou recordo cuidadosamente o ponto da meditação. Resumo-o e concentro nele minha atenção.

Sois Vós, ó Jesus, que me falais e me ensinais essa verdade. Quero reavivar e aumentar a minha fé no que Vós me apresentais como absolutamente certo, pois se funda em vossa veracidade.

E tu, minha alma, não cesses de repetir: Creio. Repete-o ainda com mais força. Como a criança que estuda sua lição, repete numerosíssimas vezes que aderes a essa doutrina e a suas consequências para a tua eternidade[285]... Ó Jesus, isso é verdadeiro, absolutamente verdadeiro. Creio-o firmemente. Quero que esse raio do sol da revelação seja como o farol da minha jornada. Tornai minha fé ainda mais ardente. Inspirai-me o desejo veemente de viver desse ideal e santa cólera contra tudo o que se lhe opuser. Quero devorar este alimento de verdade; quero assimilá-lo.

Se, entretanto, após alguns minutos passados a excitar minha fé, eu ficar inerte perante a verdade que me é apresentada, não insistirei. Filialmente expor-vos-ei, meu bom Mestre, quanto essa impotência me custa e vos pedirei que a ela suprais.

Sítio

Da frequência e, sobretudo, da energia de meus atos de fé, verdadeira participação de um raio da inteligência divina, vai depender o grau de estremecimento de meu coração, linguagem da caridade afetiva. Nascem, com efeito, ou espontaneamente ou excitados por minha vontade, os afetos, flores que minha alma de criança lança diante de Jesus que lhe fala: Adoração, reconhecimento, amor, alegria, apego à vontade divina e desapego de tudo mais, aversão, ódio, cólera, esperança, abandono.

Meu coração escolhe um ou muitos desses sentimentos, compenetra-se deles, exprime-os a Vós, ó Jesus, e muitas vezes Vo-los repete, terna, lealmente, mas com simplicidade.

Se minha sensibilidade me oferecer seu auxílio, aceitá-lo-ei. Pode-me ele ser útil, mas não me é necessário. O afeto calmo, mas profundo, é mais seguro e mais fecundo que as comoções superficiais. Estas últimas não dependem de mim e nunca são o termômetro da meditação verdadeira e frutuosa. O que está sempre em meu poder, e o que sobretudo importa, é o esforço para sacudir o torpor de meu coração e fazer-lhe dizer: Meu Deus, quero unir-me a vós. Quero aniquilar-me perante vós. Quero cantar minha gratidão e minha alegria em cumprir vossa vontade. Não mais quero mentir ao dizer-vos que vos amo e que detesto tudo o que vos ofende etc.

Se bem que meu esforço tenha sido leal, pode acontecer que meu coração fique frio e só frouxamente exprima seus afetos. Dir-vos-ei então ingenuamente, ó Jesus, tanto minha humilhação como meu desejo. Prolongarei de boa-vontade meus queixumes, persuadido de que, gemendo assim, em vossa presença, por essa esterilidade, eu adquiro o direito especial a unir-me de maneira efficacíssima, ainda que seca, cega e friamente, aos afetos de vosso divino Coração.

Como é belo, ó Jesus, o ideal que em vós contemplo. Mas minha vida está, porventura, em harmonia com esse exemplar perfeito? Faço esse inquérito sob as vossas vistas profundas, ó Interlocutor divino, que agora todo misericórdia, sereis todo justiça, mais tarde, em nosso encontro no juízo particular; então, com um relance de olhos, perscrutareis os motivos secretos dos atos mínimos de minha existência. Vivo eu de acordo com desse ideal? Se neste momento morresse, ó Jesus, não encontraríeis minha conduta em contradição com ele?

Em que pontos, desejais Vós, meu bom Mestre, que, eu me corrija? Ajudai-me a descobrir os obstáculos que me impedem de vos imitar, e depois as causas internas ou externas e as ocasiões, próximas ou remotas de meus desfalecimentos.

A vista de minhas misérias e de minhas dificuldades obriga meu coração a exprimir-Vos, ó meu adorado Redentor: confusão, dor, tristeza, pesares amargos, sede ardente de procedimento melhor, oferta generosa e sem reserva do meu ser. *Volo placere Deo in omnibus*[286].

Volo

Adentro mais na escola do querer.

É a linguagem de caridade efetiva. Os afetos fizeram nascer em mim o desejo de me corrigir. Vi os obstáculos. Agora, acho-me disposto a dizer: Quero removê-los. Ó Jesus, meu ardor em repetir-vos esse “quero” promana de meu fervor em repetir: “Eu creio, amo, arrependo-me, detesto”.

Se, às vezes, esse *volo* não brotar com a energia que eu desejaria, ó meu querido Salvador, hei de deplorar essa fraqueza de minha vontade e, longe de perder a coragem, não me cansarei de vos repetir quão grande é meu desejo de participar de vossa generosidade no serviço de vosso Pai.

A minha resolução geral de trabalhar em salvar-me e em amar a Deus, juntarei a resolução de aplicar minha meditação às dificuldades, tentações, perigos daquele dia. Mas, sobretudo, hei de empenhar-me em forjar de novo, com amor mais vivo, a resolução[287], objeto de meu exame particular (falta a combater ou virtude a praticar). Hei de fortificá-la com motivos hauridos no Coração do Mestre. Como um verdadeiro estrategista, hei de estabelecer os meios capazes de lhe assegurar a execução, prever as ocasiões e preparar-me para a luta.

Se entrevir uma ocasião especial de dissipação, de imortificação, de humilhação, de tentação, uma decisão grave etc., hei de dispor-me à vigilância e à energia para esse momento e, sobretudo, à união com Jesus e ao recurso a Maria.

Se a despeito dessas precauções ainda chegar a cair, que abismo entre essas quedas de surpresa e as outras! Para trás o desânimo, pois sei que Deus é glorificado por meus atos perpétuos de estar sempre recomeçando a tornar-me mais resoluto, mais desconfiado de mim mesmo, mais suplicante para com Ele. Somente por esse preço é que se logra o bom êxito.

Voto tecum

Obrigado um coxo a caminhar direito é menos absurdo que desejar sair-se bem de qualquer empreendimento sem vós, ó meu Salvador (Santo Agostinho). Minhas resoluções têm ficado estéreis porque o *omnia possum* não tem derivado *do in eo qui me confortat*[288]. Chego, pois, ao ponto de minha meditação, o mais importante, de certo modo: a súplica ou linguagem da

esperança.

Sem a vossa graça, Ó Jesus, eu nada posso. Essa graça, eu não a mereço por título algum. Mas sei que minhas instâncias, em vez de vos aborrecerem, hão de determinar a medida de vosso auxílio, se refletirem minha sede de ser vosso, a desconfiança de mim mesmo e minha confiança ilimitada, louca, direi até, em vosso Coração. Como a Cananéia, eu me prostro a vossos pés, ó bondade infinita. Com sua persistência, toda de esperança e de humildade, eu vos peço, não algumas migalhas, mas, sim, verdadeira participação nesse festim, do qual Vós haveis dito: Meu alimento é fazer a vontade de meu Pai.

Tornado, pela graça, membro de vosso Corpo místico, eu participo de vossa vida e de vossos méritos e eu oro por meio de vós, ó Jesus. Ó Pai santo, eu oro pelo Sangue divino que grita misericórdia: Podereis rejeitar a minha oração? É o grito do mendigo que eu solto para vós, ó riqueza inesgotável: *Exaudi me, quoniam inops et pauper sum ego*[289]. Revesti-me da vossa força e glorificai vosso poder em minha fraqueza. Vossa bondade, vossas promessas e vossos méritos, ó Jesus, minha miséria e minha confiança são os únicos títulos de minha súplica para obter, mediante minha união convosco, a guarda do coração e a força durante este dia.

Sobrevenha, embora, um obstáculo, uma tentação, um sacrifício a impor a qualquer de minhas faculdades, o texto ou o pensamento que eu levo comigo como ramalhete espiritual me fará respirar o perfume de oração que envolveu minhas resoluções, e de novo, nesse momento, soltarei o grito da súplica eficaz. Esse hábito, fruto de minha meditação, será também sua pedra de toque: *A fructibus cognoscetis*.[290]

Só quando eu chegar a viver de fé e de sede habitual de Deus é que o trabalho do *video* será, às vezes, supresso; o *sitio* e o *volo* brotarão logo, desde o princípio da meditação, que se passará, então, em produzir afetos e oferecimentos, em afirmar minha vontade resoluta e depois em mendigar, junto de Jesus diretamente ou por Maria Imaculada, os anjos ou os santos, uma união mais íntima e mais constante com a vontade divina.

Espera-me agora o santo sacrifício. A meditação preparou-me para ele. Minha participação no Calvário em nome da Igreja e minha comunhão serão como uma continuação de minha meditação[291]. Em minha ação de graças, estenderei minhas súplicas aos interesses da Igreja, às almas que estão a meu cargo, aos defuntos, a minhas obras, parentes, amigos benfeitores, inimigos etc.

A recitação das diversas horas de meu querido breviário, em união com a Igreja, por ela e por mim, frequentes e ardentes orações jaculatórias, comunhões espirituais, exame particular, visita ao Santíssimo Sacramento, leitura santa, terço, exame geral etc. virão tornar reto meu caminho, reavivar minhas forças e conservar o impulso dado de manhã a fim de que nada, durante todo o meu dia, escape à ação de Nosso Senhor. Graças a esse impulso, o recurso primeiro frequente, depois habitual a Jesus, diretamente ou por intermédio de sua Mãe, fará cessar as contradições entre minha admiração por sua doutrina e minha vida de emancipação, entre minha piedade e minha conduta.

Reprimimos o nosso coração, o qual, em seu desejo de ser verdadeiramente útil aos homens de obras, desejaria consagrar aqui uma resolução especial ao exame particular.

Não cedemos a esse pensamento, porque temíamos alongar demasiadamente este volume. Todavia, a leitura de Cassiano, de muitos padres da Igreja, bem como de Santo Inácio, de São Francisco de Sales e de São Vicente de Paulo, ressalta claramente que o exame particular e o exame geral são corolários obrigatórios da meditação, e estão ligados à guarda do coração.

De acordo com o próprio diretor, a alma resolveu-se a visar mais diretamente, na meditação e no decurso do dia, tal falta ou tal virtude, fonte principal de outras faltas ou de outras virtudes.

Numerosos são os corcéis que arrastam o carro. A vista a todos constantemente vigia. Mas, no centro das guias, há um sobre o qual se exerce, especialmente, a solicitude do condutor. E, realmente, apenas esse corcel se desvia um pouco para a direita ou para a esquerda, logo os demais se desencaminham.

A análise da alma, mediante o exame particular, para verificar se houve progresso, retrocesso ou estado estacionário sobre um ponto bem escolhido, não é mais que um elemento da guarda do coração.

3. A vida litúrgica, fonte de vida interior, portanto, de apostolado

Resolução de vida litúrgica

Por meio de minha missa, de meu breviário e de minhas outras funções litúrgicas, eu, como membro ou embaixador da Igreja, quero unir-me cada vez mais a sua vida e, desse modo, revestir-me cada vez mais de Jesus e de Jesus crucificado, sobretudo se for seu ministro.

I. Que é a liturgia?

Ó Jesus, sois vós quem eu adoro como centro da liturgia. Sois vós que dais unidade a essa liturgia que eu posso definir: o conjunto dos meios consignados pela Igreja, mormente no missal, no ritual e no breviário, e dos quais ela se serve para exprimir sua religião para com a Trindade adorável, e também para instruir e santificar as almas.

É no próprio seio da Trindade adorável que tu, ó minha alma, deves contemplar a eterna liturgia, pela qual as Três pessoas cantam uma à outra a vida divina e a santidade infinita, nesse hino inefável da geração do Verbo e da processão do Espírito Santo. *Sicut erat in principio...* [292]

Deus quis, porém, ser louvado fora dele. Criou os anjos, e logo suas aclamações reboaram pelo céu: *Sanctus, Sanctus, Sanctus*. [293] Criou o mundo visível, e logo este fez resplandecer sua onipotência: *Cæli enarrant gloriam Dei*. [294]

Adão aparece e começa, em nome da criação, o hino de louvor, eco da eterna liturgia. Abel, Noé, Melquisedeque, Abraão, Moisés, o povo de Deus, Davi e todos os santos da antiga lei cantam à porfia esse hino. A páscoa israelita, os sacrifícios e os holocaustos, o culto solene prestado ao Senhor em seu templo, dão-lhe forma oficial. Hino imperfeito, sobretudo depois da queda, porque: *Non est speciosa laus in ore peccatoris* [295].

Só Vós, ó Jesus, vós sois o hino perfeito, visto como sois a verdadeira glória do Pai. Ninguém pode dignamente glorificar vosso Pai senão por vós. *Per ipsum, et cum ipso, et in ipso est tibi Deo Patri... omnis honor et glória* [296]. Vós sois o traço de união entre a liturgia da terra e a liturgia do céu, à qual associais mais diretamente os vossos eleitos. Vossa Encarnação veio unir, de maneira substancial e viva, a humanidade e a criação inteira à liturgia divina. É um Deus que louva a Deus. Louvor completo e perfeito que tem seu apogeu no sacrifício do Calvário.

Antes de deixar a terra, ó divino Salvador, haveis instituído o sacrifício da nova lei para renovar vossa imolação. Haveis também instituído os sacramentos, a fim de comunicar a vossa vida às almas.

Haveis, porém, deixado a vossa Igreja o cuidado de rodear esse sacrifício e esses sacramentos de símbolos, de cerimônias, de exortações, de orações etc., a fim de que ela, assim,

honre melhor o mistério da Redenção, torne mais fácil para seus filhos a inteligência desse mistério, ajude esses mesmos filhos a tirarem mais proveito dele e excite em suas almas o respeito misturado de temor.

A essa mesma Igreja, haveis também dado a missão de continuar, até a consumação dos séculos, a oração e o louvor que vosso Coração não cessou de fazer subir para vosso Pai durante vossa vida mortal, e que ainda incessantemente lhe oferece no sacrário e nos esplendores da glória celeste.

Com o amor de esposa que ela nutre por vós, com a solicitude de mãe que o vosso Coração depôs nela para nós, desempenhou-se a Igreja dessa dupla tarefa. Assim se formaram essas maravilhosas coleções que encerram todos os tesouros da liturgia.

Desde então, a Igreja une seu louvor ao louvor que os anjos e seus filhos escolhidos tributam a Deus no céu. Assim é que ela preludia a sua ocupação eterna.

Unindo-se ao louvor do Homem-Deus, esse louvor e essa oração da Igreja divinizam-se, e a liturgia da terra vai fundir-se com a liturgia das hierarquias celestes no Coração de Jesus, para se tornar eco desse louvor eterno, o qual jorra do foco de amor infinito que é a Santíssima Trindade.

II. O que é a vida litúrgica?

Senhor, Vós não exigis estritamente de mim senão a observância fiel dos ritos e a pronúncia exata das palavras.

Mas, sem dúvida alguma, desejais que minha boa vontade vos ofereça mais alguma coisa. Quereis que meu espírito e meu coração tirem proveito das riquezas ocultas na liturgia, a fim de que mais intimamente eles se unam a vossa Igreja e cheguem a uma união mais estreita convosco.

Determinado pelo exemplo de vossos servos mais fiéis, eu quero, meu bom Mestre, solícitamente sentar-me à mesa do rico festim a que a Igreja me convida, certo de encontrar no Ofício Divino, nas fórmulas, cerimônias, coletas, epístolas, evangelhos etc., que acompanham o augusto sacrifício da missa e a administração dos sacramentos, um alimento tão sadio, abundante para o desenvolvimento de minha vida interior.

Algumas reflexões sobre o pensamento dominante que encadeia os elementos litúrgicos e sobre os frutos pelos quais se reconhecerão meus progressos, hão de certamente evitar que eu me iluda.

Cada um dos ritos sagrados pode ser comparado a uma pedra preciosa. E como subirá de ponto o valor e o brilho daqueles que se relacionam com a missa e com o ofício, se eu souber

mesclá-los nesse maravilhoso conjunto que se chama o ciclo litúrgico[297]!

Conservada durante um período inteiro sob a influência de um mistério, alimentada pelas coisas mais instrutivas e afetivas que a respeito dele se encontram na Escritura e na tradição, constantemente orientada para a mesma ordem de ideias, minha alma há de necessariamente sentir a influência de tal atenção e encontrar nos sentimentos que a Igreja lhe sugere alimento tão substancial como saboroso para se aproveitar da graça especial, que Deus reserva para cada período, para cada festa desse ciclo.

O mistério penetra em mim, não só como verdade abstrata que se assimila pela meditação, senão também cativando completamente todo o meu ser, pondo até em jogo minhas faculdades sensíveis para excitar meu coração e determinar minha vontade. Não é mais simples lembrança do passado, simples aniversário, mas, sim, fato que se reveste do caráter de acontecimento presente de que a Igreja faz aplicação atual e do qual realmente participa.

No tempo do Natal, por exemplo, festejando junto do altar a vinda do Deus Menino, minha alma pode repetir: *Hodie Christus natus est, hodie Salvator apparuit, hodie in terra canunt Angeli...*[298].

Em cada período do ciclo litúrgico, missal e breviário patenteiam-me novo raio do amor daquele que por nós é, ao mesmo tempo, rei, doutor, médico, consolador, salvador e amigo. No altar, como em Belém, em Nazaré, ou às margens do lago de Tiberíades, Jesus revela-se como luz, amabilidade, ternura, misericórdia. Revela-se, sobretudo, como o amor personificado, porque é o sofrimento personificado, o agonizante de Getsêmani e o reparador do Calvário.

Assim, a liturgia faz desabrochar plenamente a vida eucarística. E vossa Encarnação, que aproximou Deus de nós, ó Jesus, mostrando-no-lo visível em vós, continua, ainda, a prestar-nos o mesmo serviço em cada um dos mistérios que festejamos.

Desse modo, ó Jesus, graças à liturgia, eu partilho da vida da Igreja e da vossa. Por meio dela, todos os anos eu assisto a todos os mistérios de vossa vida oculta, pública, paciente e gloriosa; por meio dela, eu recolho os frutos dessa vida. Além disso, as festas periódicas de Nossa Senhora e dos santos que melhor imitaram vossa vida interior, pondo-me os exemplos deles ante meus olhos, trazem-me, ainda, um acréscimo de luz e de força para reproduzirem mim vossas virtudes e imprimir na alma dos fiéis o espírito de vosso Evangelho.

Como poderia eu realizar em meu apostolado o voto de São Pio X? Como poderiam os fiéis, com o meu auxílio, tornar-se participantes ativos dos santos mistérios e da oração pública e solene da Igreja, o que é, diz esse papa, fonte primária e indispensável do verdadeiro espírito cristão[299], se eu próprio passasse junto dos tesouros da liturgia sem chegar sequer a suspeitar de suas maravilhas?

Para dar maior espírito de unidade a minha vida espiritual e unir-me ainda mais à vida da Igreja, eu procurarei relacionar com a liturgia, tanto quanto possível, meus outros exercícios de

piedade. Por exemplo, escolherei de preferência o assunto de meditação em relação com o período ou a festa do ciclo litúrgico; em minhas visitas ao Santíssimo Sacramento, de preferência terei colóquios, segundo o tempo do ano, com Jesus menino, Jesus glorificado, Jesus vivo em sua Igreja etc. Leituras particulares sobre o mistério ou sobre a vida do santo, cuja memória se honra, hão de concorrer também para esse plano de espiritualidade litúrgica.

Mestre adorável, preservai-me das adulterações da vida litúrgica. São elas prejudiciais a toda vida interior, sobretudo porque atenuam o combate espiritual.

Preservai-me de certa piedade que faz consistir essa vida litúrgica somente nas alegrias poéticas, ou em estudo atraente de arqueologia religiosa, ou então que me incline para o quietismo e para seus resultados, isto é, para o enfraquecimento de tudo quanto dá força à vida interior: temor, esperança, desejo de salvação e de perfeição, luta contra os defeitos e trabalho para adquirir a virtude.

Dai-me a convicção de que, neste século de ocupações absorventes e perigosas, a vida litúrgica, por mais perfeita que seja, de nenhum modo torna dispensável a meditação da manhã.

Afastai de mim o sentimentalismo e o “piedosismo”, que fazem consistir a vida litúrgica nas impressões e nas comoções, e que deixam a vontade escrava da imaginação e da sensibilidade.

Decerto, não exigis que eu fique insensível perante todas as belezas e toda a poesia que a liturgia encerra. Por meio de seus cantos e de suas cerimônias, vossa Igreja dirige-se precisamente às faculdades sensitivas com o objetivo de mais profundamente impressionar a alma de seus filhos, de apresentar melhor à vontade deles os verdadeiros bens, e de elevá-los mais segura, mais fácil e mais completamente para Deus. Eu posso, portanto, saborear toda a frescura inalterável e salutar que se encontra nos dogmas postos em relevo pela liturgia, deixar-me comover perante o espetáculo cheio de majestade de uma solene missa cantada, apreciar as orações na absolvição ou nos ritos tão tocantes do batismo, da extrema unção, do sepultamento etc.

Mas jamais devo perder de vista que todos os recursos patenteados pela santa liturgia são apenas meios para chegar ao fim único de toda vida interior: fazer morrer o velho homem a fim de que vós, Ó Jesus, possais viver e reinar em seu lugar.

Só terei, portanto, a verdadeira vida litúrgica quando, penetrado de espírito litúrgico, eu me utilizar da missa, das orações e ritos oficiais para aumentar minha união com a Igreja e assim progredir na participação da vida interior de Jesus Cristo e, portanto, de suas virtudes e refleti-las melhor aos olhos dos fiéis.

III. Espírito litúrgico

Essa vida litúrgica, ó Jesus, supõe atrativos especiais por tudo quanto se relacione com o culto.

Gratuitamente vós haveis dado esses atrativos a certas pessoas. Outras são menos privilegiadas. Mas, se vo-os pedirem e se recorrerem ao estudo e à reflexão, certamente hão de obtê-los.

A meditação, que hei de fazer mais tarde sobre as vantagens da vida litúrgica, aumentará minha sede de adquirir esse atrativo a todo custo. Por agora, vou fixar meu espírito sobre os aspectos que distinguem essa vida e lhe dão, assim, lugar importante na espiritualidade.

Unir-se, mesmo de longe, com a Igreja, pelo pensamento e pela intenção, ao vosso sacrifício, ó Jesus; fundir a própria oração com a oração oficial e incessante da vossa Igreja, como isso já é sublime! O coração do simples batizado voa mais seguramente para Deus, assim levado por vossos louvores, adorações, ações de graças, reparações e súplicas[300].

“Tomar parte ativa”, são as próprias palavras de São Pio X, “e cooperar nos sagrados mistérios e na oração pública e solene pela assistência piedosa e esclarecida, pela avidez em tirar proveito das festas e das cerimônias, ou, melhor ainda, ajudando a missa, respondendo a ela, ou auxiliando, como se deve, a recitação ou o canto dos ofícios, não é, porventura, o meio de entrar em comunicação mais direta com o pensamento de vossa Igreja e de haurir em sua fonte primária e indispensável: o verdadeiro espírito cristão[301]?”

Mas, ó santa Igreja, apresentar-se cada dia, em virtude da ordenação ou da profissão religiosa, unido aos anjos e aos eleitos, como vosso embaixador oficial, perante o trono de Deus, para exprimir a oração oficial, que nobre missão é essa!

A dignidade é ainda incomparavelmente mais sublime e acima de toda expressão, quando, ministro sagrado, eu me torno outro vós mesmo, ó meu divino Redentor, pela administração dos sacramentos e, sobretudo, pela celebração do santo sacrifício!

1º princípio: membro da Igreja, devo estar convencido de que, quando como cristão[302] tomo parte em cerimônias litúrgicas, eu estou unido a toda a Igreja, não só pela comunhão dos santos, senão também em virtude de cooperação real e ativa em ato de religião que a Igreja, Corpo místico de Jesus Cristo, oferece a Deus como sociedade. E, mediante esta união, a Igreja maternalmente facilita a formação de minha alma nas virtudes cristãs[303].

Vossa Igreja, ó Jesus, forma uma sociedade perfeita, cujos membros, estreitamente unidos entre si, são destinados a constituir uma sociedade ainda mais perfeita e mais santa: a dos eleitos.

Como cristão, eu sou membro desse Corpo, cuja Cabeça e cuja vida Vós sois. Assim é que Vós me considerais, divino Salvador, e eu Vos causo júbilo especial quando, apresentando-me ante vós, Vos considero como meu chefe e considero a mim mesmo como uma das ovelhas desse redil de que sois o único Pastor e que em sua unidade encerra todos os meus irmãos da Igreja

militante, padecente e triunfante.

Vosso apóstolo é que me ensina essa doutrina que me dilata a alma e rasga maiores horizontes a minha espiritualidade. Assim, diz ele, como em um só corpo temos muitos membros, assim, bem que nós sejamos muitos, não somos, todavia, mais que um só corpo em Jesus Cristo e todos reciprocamente membros uns dos outros. Assim como o corpo é um, diz ele em outra parte, e tem muitos membros e todos os membros do corpo, ainda que sejam muitos, são, contudo, um só corpo, assim também Cristo[304].

Nisso consiste a unidade de vossa Igreja, indivisível em seu todo e em suas partes, toda inteira no todo e toda inteira em cada uma das suas partes[305], unida no Espírito Santo, unida a vós, ó Jesus, e, mediante essa união, introduzida na única e eterna sociedade do Pai, do Filho e do Espírito Santo[306].

A Igreja é a assembleia dos fiéis que, sob o governo da mesma autoridade, estão unidos pela mesma fé e pela mesma caridade e tendem para o mesmo fim, isto é, para a incorporação a Cristo, pelos mesmos meios que se resumem na graça, cujos canais ordinários são a oração e os sacramentos.

A grande oração, canal preferido da graça, é a oração litúrgica, a oração da própria Igreja, mais poderosa que a oração dos particulares e mesmo das associações piedosas, por poderosas e recomendadas que sejam no Evangelho a oração solitária e a oração associada[307].

Incorporado à verdadeira Igreja, filho de Deus e membro de Cristo pelo sacramento do batismo, eu adquiro o direito de participar dos demais sacramentos, dos ofícios divinos, dos frutos da missa, das indulgências e das orações da Igreja. Posso tirar lucro de todas as graças e de todos os méritos de meus irmãos.

Pelo batismo, eu estou marcado com um caráter indelével que me deputa para o culto de Deus segundo o rito da religião cristã[308]. Pela consagração batismal, eu me torno membro do reino de Deus e faço parte da raça escolhida, no sacerdócio real, do povo santo[309].

Portanto, como cristão, participo do ministério sagrado, se bem que de maneira remota e indireta, por minhas orações, por minha parte de oblação, por minha participação no sacrifício da missa e nos ofícios litúrgicos, multiplicando pela prática das virtudes, como São Pedro recomenda, os sacrifícios espirituais, praticando tudo com a intenção de agradar a Deus e de me unir a Ele e fazendo de meu corpo a hóstia viva, santa e agradável a Deus[310]. É isso que vós, ó santa Igreja, me fazeis compreender, quando pela bôca do sacerdote dizeis aos fiéis: *Orate fratres ut meum ac vestrum sacrificium acceptabile fiat...* [311]O sacerdote diz, também, no cânon: Lembrai-vos, Senhor..., daqueles que estão aqui... por quem nós vos oferecemos ou que vos oferecem este sacrifício de louvor.

E mais adiante: Recebei, Senhor, com bondade, nós vos pedimos, esta oblação que nós vos fazemos, eu vosso servo e toda a vossa família[312].

A santa liturgia, com efeito, é de tal modo a obra comum de toda a Igreja, isto é, do sacerdócio e do povo, que o mistério dessa unidade está sempre nela realmente presente pela força indestrutível da comunhão dos santos, proposta a nossa fé no símbolo dos apóstolos. O

Ofício Divino e a Santa Missa, que é a parte principal da liturgia, não se podem celebrar sem que toda a Igreja se lhes associe e esteja misteriosamente presente[313].

Por isso, na liturgia, tudo se faz em comum, em nome de todos, para proveito de todos. Todas as suas orações se dizem no plural.

Desse laço íntimo, o qual une todos os membros entre si pela mesma fé e pela participação dos mesmos sacramentos, nasce nas almas a caridade fraterna: sinal distintivo daqueles que querem ser imitadores de Jesus Cristo e caminhar em seu seguimento: Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros[314]. Tanto mais se aperta esse laço entre os membros da Igreja, quanto estes participarem, por meio da comunhão dos santos, da graça e da caridade do que lhes comunica a vida sobrenatural e divina.

Essas verdades são o fundamento da vida litúrgica. Esta, por sua vez, me faz lembrar constantemente delas.

Ó santa Igreja de Deus, que amor por vós não excita em meu coração este pensamento: Eu sou um de vossos membros; eu sou membro de Cristo! Que amor por todos os cristãos Ele não produz em mim, já que esses cristãos são todos meus irmãos e todos nós não fazemos mais do que um em Cristo! Que amor por meu divino chefe Jesus Cristo!

Nada do que vos diz respeito logra deixar-me indiferente. Triste, se vos vejo perseguida, rejubilo com a narração das vossas conquistas e dos vossos triunfos.

Que alegria ao pensar que, santificando-me, eu contribuo para aumentar vossa beleza e trabalho para a santificação de todos os filhos da Igreja, meus irmãos, e até para a salvação da grande família humana!

Ó santa Igreja de Deus, tanto quanto de mim depende, quero que vos torneis mais bela, mais santa e mais numerosa. O esplendor de vosso conjunto depende da perfeição de cada um de vossos filhos, fundidos nessa solidariedade íntima que foi o pensamento dominante da oração de Jesus depois da Ceia e o verdadeiro testamento de coração: *Ut sint unum!... Ut sint consummati in unum!*[315].

Que estima não sinto em mim por vossa oração litúrgica, ó Igreja, minha mãe! Visto que sou um de vossos membros, essa oração é também a minha, sobretudo quando eu assisto a ela ou nela coopero. Tudo o que vós tendes me pertence e tudo o que eu tenho vosso é.

Uma gota de água nada vale. Unida ao oceano, participa de seu poder e de sua imensidade. Assim acontece com minha oração unida à vossa. Aos olhos de Deus, para quem tudo é presente e cujo olhar abrange, ao mesmo tempo, o passado, o presente e o futuro, ela faz uma só coisa com esse concerto universal de louvores que vós fazeis subir desde vosso princípio e continuareis a fazer subir até ao fim dos tempos para o trono do Eterno.

Vós, ó Jesus, quereis que minha piedade seja, de certo modo, utilitária, necessitada e interesseira.

Mas vós, com a ordem das petições do Pai nosso, haveis-me ensinado quanto deseiais que

minha piedade, antes de tudo, seja consagrada a louvar a Deus[316], e que longe de ser egoísta, acanhada e isolada, ela me faça abraçar, em minhas súplicas, todas as necessidades de meus irmãos.

Facilitai-me, mediante a vida litúrgica, essa piedade elevada e generosa que, sem detrimento do combate espiritual, dá a Deus o louvor, em medida ampla; essa piedade caritativa, fraternal e católica que envolva todas as almas e se interesse por todas as solitudes da Igreja.

A vossa missão, ó santa Igreja, é gerar incessantemente novos filhos para vosso divino Esposo e educá-los *in mensuram ætatis plenitudinis Christi*[317]. Por isso é que haveis recebido, e com abundância, todos os meios de realizar esse fim. A importância que vós ligais à liturgia prova a eficácia dela para me iniciar no louvor divino e desenvolver meus progressos espirituais.

Durante a vida pública, Jesus falava como quem tinha autoridade[318]. Assim é que vós também falais, ó santa Igreja, minha mãe. Depositária do tesouro da verdade, tendes a consciência de vossa missão. Dispensadora do sangue redentor, conheceis todos os recursos de santificação que vos confiou o divino Salvador.

Vós não vos dirigis a minha razão para me dizer: “Examina, estuda”. Apelaís para a minha fé, dizendo-me: “Tem confiança em mim. Não sou eu tua mãe? E que mais desejo eu que ver-te crescer cada dia na semelhança com o teu divino modelo? Ora, quem melhor conhece a Cristo do que eu, sua esposa? Onde encontrarás, pois, o espírito do teu Redentor melhor que na liturgia, expressão autêntica de meus pensamentos e de meus sentimentos?”.

Sim, mãe santa e amada, eu me deixarei guiar e formar por vós com simplicidade e confiança de criança, dizendo de mim para mim: “É com minha mãe que eu oro. São suas próprias palavras que ela põe em meus lábios, a fim de fazer penetrar em mim seu espírito e transmitir seus sentimentos a meu coração”.

Ó Igreja santa, hei de alegrar-me, portanto, convosco: *gaudeamus, exsulemus*;^[319] hei de gemer convosco: *ploremus*;^[320] hei de louvar convosco: *confitemini Domino*;^[321] convosco hei de implorar misericórdia: *miserere*;^[322] hei de esperar convosco: *speravi, sperabo*;^[323] convosco hei de amar: *diligam*.^[324] Associar-me-ei com ardor às petições que vós formulardes em vossas admiráveis orações, a fim de que as comoções salutares que desejais fazer brotar das palavras e dos ritos sagrados penetrem mais profundamente em meu coração, tornem esse coração mais maleável aos toques do Espírito Santo e cheguem a fundir minha vontade na de Deus.

2º princípio: Quando, em uma função litúrgica, eu opero como representante da Igreja^[325], Deus deseja que eu lhe exprima minha virtude de religião, tornando-me consciente do mandato oficial de que estou honrado e que, dessa forma, cada vez mais unido à vida da Igreja, eu vá progredindo em todas as virtudes.

Representante de vossa Igreja, a fim de que, em seu nome e em nome de todos os seus

filhos, eu incessantemente ofereça a Deus por meio de vós, ó Jesus, o sacrifício de louvor e de súplica, eu sou, portanto, segundo a bela expressão de São Bernardino de Sena, *persona pública totius Ecclesiae* os[326].

Em cada função litúrgica deve, pois, realizar-se em mim um desdobramento, semelhante àquele que se dá em um embaixador. Em sua vida privada, este é apenas simples particular. Quando, porém, revestido das insígnias do seu cargo, fala ou procede em nome de seu príncipe, torna-se, no mesmo instante, o representante e, de certa forma, a própria pessoa de seu soberano.

Assim ocorre comigo, quando eu desempenho minhas “funções” litúrgicas. Ao meu ser individual ajunta-se uma dignidade que me reveste de mandato público. Eu posso e devo considerar-me, então, como o delegado e deputado oficial da Igreja inteira.

Se rezo, se recito meu ofício, embora em particular, não o faço apenas em meu próprio nome. As fórmulas que emprego não foram escolhidas por mim. É a Igreja que as põe em meus lábios[327]. Portanto, é a Igreja que ora por minha boca, que fala e opera por meu intermédio, como o rei fala e opera por intermédio de seu embaixador. Então, eu sou verdadeiramente, segundo a bela expressão de São Pedro Damiano, a Igreja inteira[328]. Por meu intermédio, a Igreja une-se à divina religião de Jesus Cristo e dirige à Santíssima Trindade a adoração, a ação de graças, a reparação e a súplica.

Portanto, se tenho alguma consciência de minha dignidade, como poderei, por exemplo, começar meu breviário, sem que se opere em meu ser uma ação misteriosa que me eleve acima de mim mesmo, acima do curso natural dos meus pensamentos, para me lançar em cheio na convicção de que eu sou como mediador entre o céu e a terra?[329]

Que desgraça se eu chegasse a esquecer-me dessas verdades! Os santos estavam compenetrados delas[330]. Viviam delas. Deus espera de mim que eu também me lembre delas quando exerço uma função. A Igreja, mediante a vida litúrgica, ajuda-me sem cessar a não perder de vista que sou seu representante, e Deus exige que a esse título corresponda, na prática, minha vida exemplar[331].

Ó meu Deus, penetrai-me de profunda estima por essa missão que a Igreja me confia. Como há de ser grande o estímulo que eu nela encontrarei contra minha pusilanimidade no combate espiritual! Mas concedei-me também o sentimento de minha grandeza como cristão e dai-me uma alma de criança relativamente a vossa Igreja, a fim de que eu possa tirar largo proveito dos tesouros de vida interior acumulados na santa liturgia.

3º princípio: Sacerdote, quando consagro a eucaristia ou administro os sacramentos, eu devo reavivar minha convicção de que sou ministro de Jesus Cristo, portanto *alter Christus*,[332] e ter por certo que de mim depende encontrar, no exercício de minhas funções, graças especiais para adquirir as virtudes exigidas por meu sacerdócio[333](1).

Vossos fiéis, ó Jesus, formam um só Corpo, mas nesse Corpo todos os membros não têm a

mesma função[334], *divisiones gratiarum sunt*[335].

Tendo querido deixar, de modo visível, vosso sacrifício à Igreja, haveis-lhe confiado um sacerdócio cujo fim principal é continuar vossa imolação sobre o altar; distribuir, depois, vosso Sangue por meio dos sacramentos; e santificar vosso Corpo místico, difundindo por ele vossa vida divina.

Sacerdote supremo, Vós, desde toda a eternidade, decidistes escolher-me e consagrar-me para vosso ministro, a fim de exercerdes por meu intermédio vosso sacerdócio. Comunicastes-me vossos poderes, a fim de levardes a efeito, com minha cooperação[336], obra maior que a criação do universo, o milagre da transubstanciação, e de ficardes, por meio dessa maravilha, a hóstia e a religião de vossa Igreja.

Como eu compreendo agora as entusiásticas expressões dos santos padres para manifestar a grandeza da dignidade sacerdotal[337]. Suas palavras logicamente me obrigam a considerar-me, em virtude da comunicação de vosso sacerdócio, como outro vós mesmo: *Sacerdos alter Christus*. [338]

Com efeito, porventura, Vós não vos identificais comigo? Não estão vossa pessoa e a minha unidas de tal modo que estas palavras – Hoc est Corpus meum, Hic est calix Sanguinis mei –, Vós as fazeis vossas quando eu as pronuncio? Eu vos empresto meus lábios, visto que sem mentira posso dizer: Meu corpo, meu sangue. Basta que eu queira consagrar para que vós também o queirais. Vossa vontade está fundida com a minha. No ato maior que podeis fazer sobre a terra, vossa alma está ligada a minha alma. Eu vos empresto o que mais me pertence: minha vontade. E a vossa imediatamente se funde com a minha.

Sois tanto Vós que operais por meu intermédio que se eu ousasse dizer sobre a matéria do sacrifício “Este é o corpo de Jesus Cristo”, em vez de “Este é o meu corpo”, inválida seria a consagração.

A Eucaristia sois vós mesmo, ó Jesus, sob as aparências do pão. E não vem acaso cada missa pôr em relevo a meus olhos que o sacerdote sois vós próprio, ó sacerdote único, sob as aparências de um homem que haveis escolhido para vosso ministro?[339]

Alter Christus! Todas as vezes que eu administro os demais sacramentos, sou levado a fazer reviver em mim essas palavras. Só Vós podeis dizer, na qualidade de Redentor, *Ego te baptizo, ego te absolvo*, e assim exercer poder tão divino como o de criar. Eu também profiro essas palavras. E os anjos estão mais atentos a elas que ao *Fiat* que fecundou o nada[340], visto como elas – oh, maravilha! – são capazes de formar Deus em uma alma e de produzir um filho de Deus participando da vida íntima da divindade.

Em cada função sacerdotal, eu julgo que Vós me estais dizendo: Como poderás tu, ó meu filho, supor que, tendo-te feito *alter Christus* com esses poderes divinos, eu tolere que na direção habitual de tua vida sejas um “sem Cristo” ou até um “contra Cristo?”.

Como pode ser que, no exercício de tuas funções, tu acabas de operar fundido comigo e, alguns instantes depois, Satanás tomasse meu lugar, para fazer de ti, pelo pecado, uma espécie de anticristo ou quem te adormecesse a ponto de te fazer deliberadamente esquecer da obrigação de

me imitares e de trabalhares para te revestir de mim, segundo a expressão do meu Apóstolo?

Absit! [341]Tu podes contar com minha misericórdia quando está em jogo apenas a fragilidade humana em tuas faltas diárias imediatamente lamentadas e reparadas. Mas aceitar friamente um caminho decidido de infidelidades e voltar sem remorsos a tuas funções sublimes é o mesmo que excitar seguramente minha cólera.

Entre tuas funções e dos sacerdotes da antiga lei há um abismo. E, entretanto, se já os meus profetas ameaçavam Sião por causa dos pecados do povo ou de seus governantes, ouve o que resultava da prevaricação dos sacerdotes: *Complevit Dominus furare suum, effudit iram indignationis suae; et succendit ignem in Sion, et devoravit fundamenta ejus... propter iniquitatem sacerdotum eius*[342].

Pondera também com que rigor minha Igreja proíbe ao sacerdote que suba ao altar ou administre os sacramentos, quando em sua consciência existir uma só falta mortal!

Inspirada por mim, ela vai ainda mais além. Mediante seus ritos, põe-te na alternativa da piedade ou da impostura. Tu, ou te deves decidir a viver da vida interior, ou a exprimir-me, do princípio ao fim da missa, o que tu não pensas e a pedir-me o que tu não desejas. Espírito de compunção e de purificação das mínimas faltas, portanto guarda do coração; espírito de adoração, portanto de recolhimento; espírito de fé, de esperança e de amor, portanto direção sobrenatural da conduta exterior e das obras, tudo isto está intimamente ligado às cerimônias sagradas.

Compreendo agora, ó Jesus, que o revestir-me dos ornamentos sagrados, sem estar resolvido a esforçar-me por adquirir as virtudes que eles simbolizam, seria uma espécie de hipocrisia. Eu quero, pois, para o futuro, que, prostrações, sinais, fórmulas, jamais sejam inútil simulacro, ocultando vã frieza, indiferença pela vida interior, e acrescentando a minhas faltas a da exibição mentirosa à face do Eterno.

Apodere-se, pois, de mim o tremor santo cada vez que eu me aproximar de vossos tremendos mistérios e me revestir dos ornamentos litúrgicos. Que as orações com que eu acompanho esses atos, que as fórmulas tão repassadas de unção e de força do missal e do ritual, me convidem a examinar cuidadosamente meu coração, para ver se ele está verdadeiramente em harmonia com o vosso, ó Jesus, mediante o desejo leal e eficaz de vos imitar por minha vida interior.

Ó minha alma, repele, portanto, os subterfúgios que me levem a considerar como suficiente o ser *alter Christus* só durante as funções sagradas e crer que depois, contanto que não seja um “contra Cristo”, eu me possa eximir ao trabalho de me revestir de Jesus Cristo.

Sendo como sou, não só embaixador de Jesus crucificado, mas ainda outro Ele mesmo, atrever-me-ia, porventura, a emboscar-me em uma piedade cômoda e a contentar-me com virtudes burguesas?

Em vão tentaria persuadir-me de que o habitante dos claustros está mais obrigado que eu a fazer esforços para imitar Jesus e adquirir a vida interior. Erro profundo, baseado em uma confusão.

O religioso obriga-se, para tender à santidade, a lançar mão de certos meios: votos de obediência e de pobreza, prática da regra. Como sacerdote, eu não estou sujeito a esses meios, mas estou obrigado a procurar e a realizar o mesmo fim e por mais títulos que a alma consagrada à qual não foi confiada a repartição do sangue divino[343].

Ai, pois de mim, se alimentasse ilusões sem dúvida alguma culpáveis, já que para dissipá-las basta consultar o ensinamento da Igreja e de seus santos. A falsidade dessas ilusões aparecer-me-ia no limiar da eternidade.

Ai de mim, se eu não soubesse aproveitar-me de minhas funções para conhecer vossas exigências ou se ficasse surdo à voz que me fazem ouvir os objetos santos que me rodeiam: altar, confessionário, pias batismais, vasos, roupas e paramentos sagrados. *Imitámini quod tractatis*[344]. *Mundámini, qui fertis vasa Domini*[345]. *Incensum et panes offerunt Deo, et ideo sancti erunt*[346].

Tanto menos desculpável serei em cerrar os ouvidos a esses apelos, ó Jesus, quanto cada uma de minhas funções é ocasião de uma graça atual que vós me ofereceis para modelar minha alma a vossa imagem e semelhança.

É a Igreja que solicita essa graça. É seu coração que, desejoso de corresponder vossa expectativa, me trata como a menina de seus olhos. É ela que, antes de minha ordenação, me põs em destaque as graves consequências de minha identificação convosco.

Impone, Dómine, capiti meo galeam salutis, ad... Præcinge me cingulo puritatis... Ut indulgeris omnia peccata mea. Fac me tuis semper inhærere mandatis et a te numquam separari permittas[347] etc. Já não sou só eu que faço estas súplicas por mim. São todos os verdadeiros fiéis, todas as almas fervorosas a vós consagradas, todos os membros da hierarquia eclesiástica, que fazem de minha pobre oração sua própria oração. Seu brado eleva-se até ao vosso trono. É a voz de vossa esposa que vós escutais. E quando, resolvidos a procurar a vida interior, vossos ministros harmonizam o seu coração com suas funções litúrgicas, vós sempre despachais favoravelmente as súplicas de vossa Igreja por eles.

Em vez de me excluir, por minha negligência voluntária, dos sufrágios que dirijo a vosso Pai pelo conjunto dos fiéis, por ocasião da missa ou da administração dos sacramentos, eu quero aproveitar-me dessas graças, ó Jesus. Na prática de cada um de meus atos de sacerdote, hei de largamente abrir o meu coração à vossa ação. Vós lançareis, então, nele as luzes, as consolações e as energias que, apesar dos obstáculos, hão de permitir-me identificar com os vossos meus juízos, afeições e vontade, como o sacerdócio me identifica convosco, ó Sacerdote eterno, quando por meio de mim, vos fazeis vítima sobre o altar ou redentor das almas.

Vou resumir em algumas palavras os três princípios do espírito litúrgico.

Cum Ecclésia. Quando eu me uno à Igreja como simples cristão, essa união me convida a compenetrar-me dos mesmos sentimentos que ela.

Ecclésia. Quando eu me torno a própria Igreja, procedendo como seu embaixador perante o trono de Deus, sou ainda mais fortemente incitado a fazer minhas as suas aspirações para me tornar menos indigno de me dirigir à Majestade três vezes santa e para exercer, por meio da oração oficial, um apostolado mais fecundo.

Christus. Mas quando, pela participação do sacerdócio de Cristo, eu sou *alter Christus*, que palavras poderão traduzir vossos apelos, ó Jesus, para que eu, cada vez mais, me assemelhe a vós, para que, com essa semelhança, me manifeste aos fiéis e por meio do apostolado do exemplo os arraste em vosso seguimento!

IV. Vantagens da vida litúrgica

a) A vida litúrgica favorece a permanência do sobrenatural em todas as minhas ações

Como é grande, ó meu Deus, a dificuldade que eu sinto para proceder ordinariamente por motivos sobrenaturais! O amor próprio, ajudado por Satanás e pelas criaturas, vem subtrair-me a alma e suas faculdades à dependência de Jesus que vive em mim.

Quantas vezes, em um só dia, essa pureza de intenção, a única que pode tornar meritórias minhas ações e fecundo meu apostolado, chega a viciar-se, por falta de vigilância ou de fidelidade! É somente à custa de esforços contínuos que eu, com o auxílio divino, logro obter que a maior parte de meus atos tenham a graça como princípio vivificante que os dirija para Deus como para seu fim.

Para esses esforços a meditação me é indispensável. Mas que diferença quando eles se exercem no seio da vida litúrgica! A meditação e a vida litúrgica são duas irmãs que mutuamente se auxiliam. A meditação que precede minha missa e meu breviário lança-me no sobrenatural. A vida litúrgica dá-me o meio de fazer passar minha meditação para o meu dia inteiro[348].

Na vossa escola, ó Igreja santa, como me é fácil adquirir o hábito de render a meu Criador e Pai o culto que lhe é devido. Ó esposa daquele que é a adoração, a ação de graças, a reparação e a mediação por excelência, vós, por meio da liturgia me comunicais essa sede que Jesus tinha de glorificar seu Pai. Render glória a Deus, eis o fim primário que vos haveis proposto ao estabelecer a liturgia.

Não é logo evidente que, se eu viver da vida litúrgica, hei de ficar inteiramente impregnado da virtude da religião, já que toda a liturgia não é mais que a realização contínua e pública dessa virtude, a mais excelente depois das virtudes teológicas?

A manifestação da dependência de Deus de todas as minhas faculdades, a piedade, a vigilância, o combate espiritual podem, por certo, desenvolver-se, caso eu me utilize das luzes da fé. Mas como é grande a necessidade que o composto humano tem de ser auxiliado pelo conjunto

de todas as suas faculdades para fixar o espírito nos bens eternos, tornar o coração ávido e entusiasta por tirar proveito deles e excitar a vontade a pedi-los com frequência e a procurá-los sem descanso!

A liturgia cativa meu ser inteiro. Por meio de um conjunto de cerimônias, de genuflexões, de inclinações, de símbolos, de cantos, de textos que se dirigem aos olhos, aos ouvidos, à sensibilidade, à imaginação, à inteligência, ao coração, ela me orienta todo para Deus; ela me recorda que tudo em mim, *os, lingua, mens, sensus, vigor*, [349] se deve referir a Deus.

Tudo isso pelo qual a Igreja me representa os direitos de Deus e seus títulos a meu culto de homenagem filial e de pertença total, desenvolve em mim a virtude de religião e, desta sorte, o espírito sobrenatural.

Na liturgia tudo me fala de Deus, das suas perfeições, de seus benefícios; tudo me conduz a Deus; tudo me mostra sua providência, apresentando sem cessar a minha alma, mediante proações, auxílios, advertências, incitamentos, promessas, luzes e até ameaças, os meios de me santificar.

A liturgia obriga-me também a falar incessantemente a Deus e a manifestar-lhe minha religião por formas variadíssimas.

Se eu me aplico a essa formação litúrgica com o desejo de tirar proveito dela, como não há de criar em mim raízes mais profundas a virtude de religião, após os múltiplos exercícios que cada dia promanam de minhas funções de homem da Igreja? Como não hei de eu chegar a um hábito, a um estado de alma e, portanto, à verdadeira vida interior?

A liturgia é a escola da presença de Deus, e da presença de nosso Deus, tal como a encarnação o manifestou! Ou antes é a Escola dá presença de Jesus e da caridade!

O amor alimenta-se com o conhecimento da amabilidade do ser amado, com as provas de amor que ele nos deu e, sobretudo, diz Santo Tomás, com sua presença.

A liturgia reproduz-nos, explica-nos e aplica-nos as diversas manifestações da vida de Jesus Cristo entre nós. Conserva-nos em uma atmosfera sobrenatural e divina, continuando, por assim dizer, a vida de nosso Senhor e manifestando-nos em todos os mistérios a amabilidade e a ternura de seu Coração.

Sois vós mesmo, ó Jesus, que por meio da liturgia continuais a grande lição e a grande manifestação de amor. Cada vez eu vos contemplo melhor, não à maneira do historiador, isto é, velado pelos séculos, nem como vos conhece muitas vezes o teólogo, por meio de árduas especulações. Vós estais mui perto de mim. Vós sois sempre, ó Emanuel, Deus conosco, com a vossa Igreja, portanto comigo. Vós sois uma pessoa com a qual vive cada membro de vossa Igreja, e que a liturgia me faz ver em todas as circunstâncias no primeiro plano como exemplar e fim do meu amor.

Por meio do ciclo das festas, por meio das lições escolhidas em vosso Evangelho e nos escritos de vossos apóstolos, por meio dos maravilhosos raios com que aureola os vossos sacramentos e, mormente, vossa eucaristia, a Igreja faz viver no meio de nós e faz-nos ouvir as palpitações do vosso Coração.

Crer que Jesus vive em mim e que quer operar em mim, se eu lhe não puser obstáculo; que estímulo de vida sobrenatural me não dá a meditação ao inculcar-me essa verdade! Mas alimentar-me frequentemente no decurso do dia, por via dos meios variados e sensíveis que a liturgia me oferece, alimentar-me com o dogma da graça, de Jesus orando, operando por meio de cada um dos membros de que Ele é a vida, suprindo por eles, portanto por mim, é manter-me sob a influência do sobrenatural, é fazer-me viver da união a Jesus, é estabelecer-me em seu amor!

Amor de complacência, de benevolência, de preferência, de esperança: todas essas formas ressaltam das admiráveis coletas, dos salmos, dos ritos, das cerimônias, das orações e penetram em minha alma.

Como essa maneira de me apresentar Jesus vivo e sempre presente não há de tornar forte e generosa minha vida interior! E quando, para viver do sobrenatural, eu tiver de praticar um ato de desapego ou de abnegação, ou desempenhar-me de uma obrigação difícil, ou suportar um sofrimento ou uma injúria, como esse combate espiritual, essa virtude, essa provação não hão de perder seu lado doloroso e repugnante, se em lugar de ver a cruz nua, eu vos vir nela cravado, ó meu Salvador, e vos ouvir pedir-me, mostrando-me as vossas chagas, esse sacrifício como prova de meu amor!

A liturgia dá-me, ainda, por outro lado, apoio precioso, repetindo-me que meu amor não se exerce isoladamente. Eu não estou só na luta contra o naturalismo que incessantemente tende a arrastar-me consigo. A Igreja, interessando-se por minha incorporação em Cristo, segue-me maternalmente, partilha comigo todos os méritos de milhões de almas com as quais eu estou em comunhão e que falam a mesma língua de amor oficial que eu, e renova-me a segurança de que o céu e o purgatório me acompanham para me animar e assistir.

Para conservar a alma na direção de suas ações para Deus, nada contribui tanto como a lembrança da eternidade.

Na liturgia tudo me recorda *novíssima mea*.^[350] As expressões *vita æterna*, *cælum*, *infernum*, *mors*, *sæculum sæculi* e outras equivalentes nela se empregam a cada passo.

Os sufrágios e os ofícios pelos defuntos, os funerais põem-me diante dos olhos a morte, o juízo, as recompensas e os castigos eternos, o valor do tempo e as purificações indispensáveis, neste mundo ou no purgatório, para entrar no céu.

As festas dos santos falam-me da glória dos que me precederam neste mundo e mostram-me a coroa que me está reservada, se eu lhes seguir os passos e os exemplos.

Por meio dessas lições, a Igreja brada-me sem cessar: Alma querida, contempla os séculos eternos a fim de te conservares fiel a tua divisa – Deus em tudo, sempre e por toda parte.

Divina liturgia, para reconhecer todos os benefícios que te devo, deveria falar de todas as virtudes. Graças aos textos escolhidos da Sagrada Escritura, que incessantemente fazes passar sob meus olhos, graças aos ritos e aos símbolos que me traduzem os divinos mistérios, minha alma vê-se constantemente erguida da terra e orientada ora para as virtudes teologais, ora para o temor de Deus, o horror do pecado e do espírito do mundo, a compunção, a confiança ou a alegria espiritual.

b) A vida litúrgica ajuda-me eficazmente a conformar a minha vida interior com a de Jesus Cristo

Três sentimentos dominam no vosso Coração, ó Mestre adorado: a dependência completa a respeito de vosso Pai e, portanto, a humildade perfeita, a caridade ardente e universal pelos homens e o espírito de sacrifício.

Humildade perfeita: Ao dardes entrada no mundo, haveis dito: Pai, eis-me aqui para fazer a vossa vontade[351]. Amiúde recordais que toda a vossa vida íntima se resume no desejo contínuo de fazerdes em tudo a vontade de vosso Pai[352]. Vós sois a obediência, ó Jesus obediente até à morte e morte de Cruz[353]. Agora ainda obedeceis a vossos sacerdotes. A sua voz desceis à terra: *Obediente domino voci hominis*[354].

Ah! Em que escola me não coloca a liturgia para me obrigar a imitar vossa sujeição, se meu coração se amoldar aos mínimos ritos com o desejo de se formar no espírito de dependência de Deus, de domar sem desfalecimentos este “eu” ávido de liberdade e de tornar dóceis meu entendimento e minha vontade, sempre inclinados a não imitar, ó Jesus, o espírito fundamental que Vós viestes ensinar-me com vossos exemplos, o culto da vontade divina!

Cada vez que eu obrigo minha personalidade a abater-se para obedecer à Igreja como a Vós mesmo, para me unir a vós, que precioso exercício esse para a cultura de minha alma! Que admiráveis efeitos não produzirá essa minha fidelidade às mínimas prescrições de rubricas quando eu tratar de obrigar meu orgulho a dobrar-se nas circunstâncias mais difíceis[355].

Mas há mais. Recordando-me da certeza de vossa vida em mim e da necessidade da vossa graça para tirar fruto até de simples pensamento, a liturgia combate a presunção e a jactância que seriam capazes de devorar completamente minha vida interior. O *per Dominum nostrum*,[356] que serve de conclusão a quase todas as orações da liturgia, virá lembrar-me, caso chegue a esquecê-lo, que eu sozinho nada posso, absolutamente, senão pecar ou praticar atos sem mérito. Tudo me compenetra da necessidade de recorrer frequentemente a Vós. Tudo me repete que Vós exigis de mim esse recurso suplicante para que minha vida não se desnorteie com enganadoras miragens.

A Igreja, mediante a liturgia, insiste solicitamente em persuadir seus filhos da necessidade da súplica. Dessa liturgia, ela faz verdadeiramente a escola da oração, portanto da humildade. Por meio de suas fórmulas, de seus sacramentos e sacramentais, ela me ensina que tudo me é

concedido por vosso precioso Sangue e que o grande meio de eu tirar frutos desse Sangue é unir-me pela oração humilde a vosso vivíssimo desejo de no-lo aplicar.

Fazei que eu tire proveito dessas lições contínuas, ó Jesus, a fim de fortificar o sentimento vivíssimo de minha pequenez e convencer-me de que da hóstia, que é o vosso Corpo místico, eu não sou mais que uma parcela humilde e de que no imenso concerto de louvores a que vós presidis, eu sou apenas uma voz frouxa.

Oxalá eu veja, graças à liturgia, cada vez melhor que só por meio da humildade é que posso tornar essa voz cada dia mais pura e essa parcela cada dia mais *al vinitente*. [357]

A caridade universal de vosso Coração, ó Jesus, estendeu a todos os homens sua missão redentora.

Ao *sitio* que Vós, morrendo, haveis soltado ao mundo e que continuais a fazer ecoar no altar, no sacrário e até no seio de vossa glória, deve corresponder na alma, mesmo do simples cristão, vivos desejos de trabalhar com todas as forças em proveito de seus irmãos; sede ardente pela salvação de todos os homens e pela difusão do Evangelho; zelo enorme no favorecimento das vocações sacerdotais e religiosas; orações instantes para que os fiéis compreendam bem a extensão de seus deveres e as almas consagradas, a necessidade que têm da vida interior.

As almas de vossos ministros, essas, têm obrigação de nutrir esses desejos ainda com mais ardor, pois os ritos lhes recordam que Vós, em vosso Corpo místico, lhes destes lugar escolhido a fim de que eles Vos incorporem no maior número possível de almas; recordam-lhes ainda que eles são corredutores, mediadores obrigados a chorar *inter vestibulum et altare* [358] os pecados do mundo e a santificar-se não só para proveito de si mesmos senão também para poderem santificar os outros, formar, instruir e guiar as almas e fazer circular nelas vossa vida: *Ego sanctifico meipsum ut sint et ipsi sanctificati* [359].

Santa Igreja do Redentor, mãe de todos os meus irmãos, vossos filhos, como poderei eu viver de vossa liturgia, sem participar dos entusiasmos que o Coração do vosso divino Esposo sente pela salvação de suas criaturas e pelo livramento das almas que gemem no purgatório?

É certo que me cabe parte importante dos frutos da missa que celebro e do breviário que recito. Mas vós determinais que a parte principal aproveite, antes de tudo, ao conjunto de almas, objeto de vossa solicitude: *In primis quæ tibi offérimus pro Ecclésia sancta tua cathólica* [360]. Vós lançais mão de mil meios para dilatar meu coração e para conformar minha vida interior à vida de Jesus.

Querida vida litúrgica, aumenta meu amor filial pela santa Igreja e pelo Pai comum dos fiéis. Torna-me mais dedicado e mais submisso a meus superiores hierárquicos e mais unido a todas as suas solitudes. Ajuda-me a não me esquecer de que Jesus vive em cada um daqueles com quem eu estou em contato diário e de que tu, como ele, os trazes no teu coração. Determina-me a irradiar por todos eles indulgência, amparo, paciência, serviço, a fim de refletir a mansidão do meigo Salvador.

Mantém-me no sentimento de que eu não posso ir para o céu senão pela cruz, de que meus louvores, adorações, sacrifícios e outros atos não têm valor para o céu senão pelo Sangue de

Jesus e de que é com todos os cristãos que eu devo ganhar esse céu, visto como é com todos os eleitos que devo gozá-lo e continuar com eles, por meio de Jesus, durante a eternidade, o concerto de louvores ao qual estou associado na terra.

Espírito de sacrifício: Ó Jesus, como sabíeis que a humanidade só pode ser salva pelo sacrifício, de toda a vossa vida terrestre vós haveis feito imolação perpétua.

Identificado convosco, sacerdote convosco quando celebro a missa, ó divino Crucificado, convosco eu também quero ser hóstia: em Vós tudo gravita à roda da vossa cruz. Ela será, pois, o centro e o sol de meus dias, como vosso sacrifício é o ato central da liturgia.

Fazendo-me incessantemente regressar ao pensamento do Calvário, a liturgia será para mim escola de espírito de sacrifício. Fazendo-me partilhar dos sentimentos de vossa Igreja, ela me comunicará os vossos, ó Jesus, e assim realizarei a palavra de São Paulo: *Hoc sentite in vobis quod et in Christo Jesu*[361]; e aquela que me foi dita em minha ordenação: *Imitámini quod tractatis*[362].

O missal, o ritual e o breviário, pelos modos mais variados, pelos inumeráveis sinais da cruz, estão-me continuamente recordando que, depois do pecado, o sacrifício se tornou a lei da humanidade e que só unido ao vosso é que esse sacrifício tem valor. Eu vos darei, portanto, hóstia por hóstia, ó meu divino Redentor. Eu vos farei de mim mesmo a imolação total, fundida com vossa imolação uma vez realizada no Calvário e muitas vezes misticamente renovada nas missas que se sucedem no mundo inteiro.

A liturgia me facilitará esta oblação de mim mesmo e me fará contribuir mais amplamente para completar, por vosso corpo que é a Igreja, o que vos resta a padecer[363].

Eu contribuirei com minha parte para essa grande hóstia feita dos sacrifícios de todos os cristãos. E essa hóstia há de subir até o céu para expiar os pecados do mundo e fazer descer sobre a Igreja militante e padecente os frutos de vossa Redenção.

Assim terei a verdadeira vida litúrgica. Porque revestir-me de vós, ó Jesus, ó Jesus crucificado, unir-me praticamente ao vosso sacrifício, realizando o holocausto de mim mesmo pelo *Abneget semetipsum*, não é porventura, meu divino Salvador, o fim aonde me quer conduzir vossa Igreja ao impregnar-me de vossos sentimentos por meio de suas orações e cerimônias santas, e ao fazer passar para meu coração o que dominava tudo em vós: o espírito de sacrifício?

Assim me tornarei uma dessas pedras vivas e escolhidas, as quais, brunidas pela provação, *Scalpri salubris ictibus et tunsione plurima, Fabri politi malleo*[364], são destinadas a entrar na construção da Jerusalém celeste.

c) *A vida litúrgica faz-me viver a vida do céu*

Conversatio nostra in cælis est[365], dizia São Paulo. Onde aprenderei eu a realizar esse

programa mais facilmente do que na liturgia? Essa liturgia da terra não é, acaso, a imitação da liturgia celeste que João, o discípulo predileto, descreveu no Apocalipse? Quando canto ou rezo o ofício, que faço eu senão desempenhar a mesma função com que os anjos se honram diante do trono do Eterno? Ou melhor, não me lança porventura em adoração, perante a Santíssima Trindade a doxologia de cada salmo, de cada hino, a conclusão de cada oração?

As inumeráveis festas dos santos fazem-me viver como que em uma intimidade com meus irmãos do paraíso, que me protegem e oram por mim. As festas da Santíssima Virgem recordam-me que tenho lá no céu uma Mãe toda boa e todo-poderosa, que não terá descanso enquanto me não vir em segurança a seus pés no reino de seu Filho. Acaso será possível que todas essas festas, que os mistérios do Salvador, Natal, Páscoa, Ascensão sobretudo, não me causem a nostalgia do céu que São Gregório considera como penhor de predestinação?

V. Prática da vida litúrgica

Meu bom Mestre, dignastes-vos fazer-me compreender o que é vida litúrgica. Desculpar-me-ei acaso com as exigências de meu ministério a fim de me subtrair ao esforço que me pedis para pô-la em prática? Certamente, vós me responderíeis, então, que o desempenhar, de harmonia com vossos desejos, as próprias funções litúrgicas não requer mais tempo que o desempenhá-las maquinalmente. Apontar-me-íeis também o exemplo de tantos servos vossos, entre outros o do beato padre Perboyre, os quais, por vós onerados de ocupações contínuas e absorventes em grau realmente intensivo, eram, entretanto, almas litúrgicas de primeira plana.

a) Preparação remota

Fazei, bom Salvador, que meu desejo de vida litúrgica se manifeste por grande espírito de fé em tudo quanto se relacione com o culto divino.

Vossos anjos e vossos santos face a face vos contemplam. Nada logra distrair seu espírito das augustas funções que constituem um dos elementos de seu júbilo indescritível. Mas, sujeito ainda a todas as fraquezas da natureza humana, como hei de eu poder manter-me em vossa presença, quando vos falo com a Igreja, se não desenvolverdes em mim o dom de fé que recebi no batismo?

Jamais, ao que me parece, quererei considerar as funções litúrgicas como tarefa a terminar o mais depressa possível ou a suportar porque me dá certo lucro. Jamais, como espero, ousarei falar ao Deus três vezes santo, ou desempenhar-me dos ritos com desmazelo que eu teria vergonha de manifestar a respeito do mais humilde dos criados. Jamais quererei que sirva de escândalo aquilo que deve servir de edificação. E, todavia, posso, porventura, prever até onde eu iria parar, se começasse a deixar de exercer vigilância sobre mim mesmo pelo que toca ao espírito de fé?

Ó meu Deus, se eu estou já nesse declive, amparai-me, ou antes, dai-me fé tão viva que, empolgado pela importância que os atos litúrgicos têm verdadeiramente a vossos olhos, eu me

rejubile em sentir sua sublimidade entusiasmando cada vez mais minha vontade.

Teria eu, acaso, o mínimo espírito de fé, se nenhum zelo manifestasse no conhecimento das rubricas e em sua observância? Os mais belos pensamentos sobre a liturgia não lograriam, perante vós, ó meu Deus, desculpar minha negligência. Pouco importa que eu não sinta nenhum atrativo natural por esse trabalho; basta-me que vos agrade minha obediência e que eu saiba quanto ela me será proveitosa.

Quando fizer exercícios espirituais, jamais deixarei de examinar-me sobre esse ponto relativo ao missal, ao ritual e ao breviário.

Vossa Igreja, ó Jesus, utilizou-se principalmente das riquezas dos salmos para seu culto. Tenha eu o espírito litúrgico e minha alma, nos fragmentos do saltério, vingará descobrir-vos figurado, sobretudo, em vossa vida paciente.

Ela conhecerá que essa palavra íntima, esses sentimentos que vosso Coração dirigia a Deus durante vossa vida mortal, se encontram em grande número de composições proféticas por vós inspiradas ao salmista.

Ali, ela encontrará maravilhosamente sintetizados de antemão os principais ensinamentos de vosso Evangelho.

Sob os mesmos véus, eu ouvirei a voz da Igreja continuando vossa vida de provações e manifestando a Deus, no decurso de seus sofrimentos e de seus triunfos, sentimentos modelados pelos de seu divino esposo; sentimentos que, em suas tentações, reveses, combates, desânimos e decepções, bem como em suas vitórias e consolações, podem ser assumidos por qualquer alma em quem venha a manifestar-se vossa vida.

Reservando parte de minhas leituras para a Sagrada Escritura, hei de desenvolver dessa sorte meu gosto pela liturgia e facilitar minha atenção às palavras.

A reflexão me ensinará a descobrir, em qualquer composição litúrgica, uma ideia central em redor da qual gravitam os diversos ensinamentos.

Que armas contra a mobilidade de tua imaginação tu poderás assim forjar, ó minha alma, mormente se souberes instruir-te por meio dos símbolos.

A Igreja usa deles para falar aos sentidos a linguagem que os cativa, tornando-lhes sensíveis as verdades representadas. *Agnoscite quod agitis*,^[366] disse-me ela, quando me ordenou. A Igreja, minha mãe, dá às cerimônias, roupas, objetos, vestimentas sagradas, a tudo, voz significativa. Como lograrei eu iluminar a inteligência e atingir o coração dos fiéis que a Igreja quer cativar por meio dessa linguagem tão simples quanto grandiosa, se eu próprio não possuir a chave dessa pregação?

b) Preparação próxima

Ante orationem prępara animam tuam[367]. Imediatamente antes da missa e cada vez que rezo o breviário, ato calmo, mas enérgico de recolhimento, para abstrair-me de tudo o que não se refere a Deus e para fixar n'Ele minha atenção. É Deus aquele a quem eu vou falar.

Mas Ele é também meu Pai. A esse temor reverencial, que a própria rainha dos anjos observa quando fala a seu divino Filho, eu unirei a singela ingenuidade que até ao velho, ao dirigir-se à majestade infinita, dá a alma de criança.

Essa atitude simples e singela perante meu Pai há de ingenuamente refletir minha convicção de estar unido a Jesus Cristo e de representar a Igreja, a despeito de minha indignidade, e minha certeza de ter como companheiros em minha oração os espíritos da milícia celeste: *In conspectu angelorum psallam tibi*[368].

Para ti, ó minha alma, não é então ocasião de raciocinar, de meditar, senão de adquirir alma de criança. Quando chegaste à idade de razão, aceitavas como expressão de verdade absoluta tudo o que tua mãe te dizia. Assim debes agora receber, com a mesma simplicidade e ingenuidade, de tua mãe a Igreja, tudo o que ela te vai apresentar como alimento para tua fé.

É indispensável esse rejuvenescimento da alma! Na proporção em que, cada vez mais, eu adquirir alma de criança, irei também aproveitando dos tesouros da liturgia e me deixarei cativar pela poesia que dela brota. Nessa proporção aumentará, também, em mim o espírito litúrgico.

Então, facilmente, minha alma entrará em adoração e nela se conservará durante a função (cerimônia, breviário, missa, sacramentos etc.) em que tomar parte como membro ou embaixador da Igreja ou como ministro de Deus.

Do modo por que eu entrar em adoração dependem, em grande parte, não só o proveito e o mérito do ato litúrgico, senão também as consolações que Deus une ao desempenho perfeito dele e que me devem amparar em meus trabalhos apostólicos.

Eu quero, portanto, adorar. Eu quero, por impulso de minha vontade, unir-me às adorações do Homem-Deus, a fim de render a Deus essa homenagem. Impulso de coração e não esforço de cabeça.

Eu quero fazer isso com vossa graça, ó Jesus. E essa graça, eu a solicitarei, por exemplo, no breviário, mediante o *Deus in adiutorium*[369] e, na missa, mediante o *Introibo*,[370] pausadamente rezados.

Eu quero. É essa vontade filial e afetuosa, forte e humilde, unida a vivo desejo de vosso auxílio, que vós de mim exigis.

Caso consiga que minha inteligência rasgue largos horizontes à minha fé, ou que minha sensibilidade lhe ofereça qualquer comoção piedosa; minha vontade há de aproveitar-se disso para mais facilmente adorar. Hei de lembrar-me, porém, do princípio seguinte: que a união a Deus reside, em última análise, na parte superior da alma, na vontade, e mesmo que a obscuridade e a segura fossem seu quinhão, essa faculdade, em si mesma seca e fria, desferirá, então, seu voo, apoiando-se unicamente na fé.

c) Desempenho da função litúrgica

Desempenhar bem as funções litúrgicas é dom de vossa munificência, ó meu Deus. *Omnipotens et misericors Deus de cujus munere venit ut tibi a fidelibus tuis digne et laudabiliter serviatur*[371]. Ó Senhor, dignai-vos conceder-me esse dom. Eu quero ficar em adoração durante o ato litúrgico. Essa expressão resume todo o método.

Minha vontade lançou e mantém meu coração na presença da majestade de Deus. E eu resumo todo seu trabalho nas três palavras *digne*, *atente* e *devote*... da oração *Aperi*, as quais exprimem, com muita precisão, qual deve ser a atitude de meu corpo, de minha inteligência e de meu coração.

Digne: Por sua atitude respeitosa, pela pronúncia exata das palavras, pronúncia mais lenta nas partes principais, pela cuidadosa observância das rubricas, pelo tom de minha voz e por minha maneira de fazer os sinais da cruz, as genuflexões etc., meu corpo há de manifestar não só que eu sei a quem falo, o que digo e que apostolado posso, às vezes, exercer[372], mas também que é o meu coração que opera.

Na corte dos reis da terra, até os simples criados consideram grandes os cargos mínimos e assumem, naturalmente, ares majestosos e solenes. Porventura, não hei de chegar a adquirir essa distinção que se manifestará por minha atitude da alma e pela dignidade de

meu porte no exercício de meu cargo, eu que faço parte da guarda de honra do Rei dos reis e do Deus de toda majestade?

Attente: Meu espírito encher-se-á de ardor para tirar proveito, nas palavras e nos ritos sagrados, de tudo quanto possa servir de alimento a meu coração.

Umás vezes, minha atenção há de aplicar-se ao sentido literal dos textos. Quer siga cada frase, quer continuando minha reza, medite longamente sobre uma palavra que me tiver impressionado até que sinta a necessidade de descobrir o mel da devoção em outra flor, em ambos os casos eu me mantenho fiel ao *Mens concordat voci*[373].

Outras vezes, a minha inteligência há de ocupar-se com o mistério do dia ou com a ideia principal do tempo litúrgico.

Mas o papel da inteligência é secundário, comparado com o da vontade, visto como aquela é apenas a provedora que ajuda esta a manter-se em adoração ou a regressar a essa atitude.

Por isso, todas as vezes que me sobrevierem as distrações, eu quero sem impaciência, sem violência, sem precipitação, mas suavemente, como tudo o que se faz com vosso auxílio, ó Jesus, e fortemente, como tudo o que pretende ser generosamente fiel a esse concurso, eu quero

regressar ao ato adorador.

Devote: É o ponto capital. Tudo deve tender a fazer do ofício e de qualquer função litúrgica um exercício de piedade, portanto, ato do coração.

“A precipitação é a morte da devoção”. Falando do breviário, e com mais razão da missa, São Francisco de Sales apresenta essa máxima como princípio. Portanto, hei de impor a mim mesmo a obrigação de consagrar cerca de meia hora a minha missa, a fim de que não só o cânon, como também todas as demais partes dela, seja recitado com piedade. Porei implacavelmente de lado todos os pretextos de apressadamente celebrar esse ato central de meu dia. Se o hábito me fizer truncar certas palavras ou cerimônias, hei de aplicar-me, embora exagerando durante algum tempo, a ir muito devagar nesses pontos defeituosos[374].

Guardadas as devidas proporções, hei de estender essa resolução a todas as minhas outras funções litúrgicas: sacramentos, bênçãos, enterros etc.

Quanto ao breviário, terei cuidado de prever as horas em que deverei rezá-lo. Chegado esse tempo, obrigar-me-ei, custe o que custar, a pôr, então, tudo de parte. A todo custo, quero que essa reza seja verdadeira oração do coração. Ah, sim! Conservai em mim, ó divino Mediador, o horror da precipitação, quando eu desempenhar vosso lugar, ou proceder em nome da Igreja. Dai-me a persuasão de que a precipitação paralisa o grande sacramental chamado liturgia, e o impede de nutrir esse espírito de oração, sem o qual, sob as aparências de sacerdote muito zeloso, eu não poderei deixar de ser, a vossos olhos, mais que túbio ou menos ainda. Gravai em minha consciência esta palavra tão apta para me encher de pavor: *maledictus qui facit opus Dei fraudulenter*[375].

Umaz vezes, com um impulso do coração, eu hei de abraçar, em uma síntese de fé, o sentido geral do mistério recordado pelo ciclo litúrgico e com ele alimentarei minha alma.

Outras vezes, há de ser ato longamente saboreado, ato de fé ou de esperança, de desejo ou de pesar, de oferta ou de amor.

Outras vezes, ainda, um simples olhar me bastará. Olhar íntimo e demorado sobre um mistério, sobre uma perfeição de Deus, sobre um de vossos títulos, ó Jesus, sobre vossa Igreja, sobre meu nada, minhas misérias, minhas necessidades, ou sobre minha dignidade de cristão, de sacerdote, de religioso. Olhar inteiramente diferente do ato da inteligência durante um estudo teológico. Olhar que aumente a fé, e mais ainda o amor. Olhar que é, sem dúvida, um reflexo pálido da visão beatífica, mas olhar que realiza, já neste mundo, o que Vós haveis prometido às almas puras e fervorosas: *Beati mundo corde, quoniam ipsi Deum videbunt*[376].

Desse modo, cada cerimônia se tornará uma diversão pacificante, porque é a verdadeira respiração de minha alma, que as ocupações tendiam a asfixiar.

Santa liturgia, que bálsamo não trazes tu a minha alma mediante as diversas “funções”! Longe de serem servidão onerosa, elas hão de constituir uma das maiores consolações de minha vida.

E como poderia suceder de outra forma? Sempre chamado, graças a ti, à lembrança da dignidade de filho e de embaixador da Igreja, de membro e de ministro de Jesus Cristo, eu hei de ir revestindo-me cada vez mais daquele que é alegria dos eleitos.

Por minha união com ele, eu hei de ir aprendendo a tirar proveito das cruzes desta vida mortal para semear a messe de minha felicidade eterna e, por minha vida litúrgica mais eficaz do que todo e qualquer apostolado, eu tenho a segurança de arrastar após mim outras almas na via da salvação e da santidade.

4. A guarda do coração, ponto capital da vida interior, portanto, essencial para o apostolado

Resolução de guarda do coração

Eu quero, ó Jesus, que meu coração tenha a solicitude habitual de se preservar de toda mancha e de se unir cada vez mais ao vosso Coração, em todas as minhas ocupações, conversações, recreios etc.

O elemento negativo, mas indispensável, dessa resolução faz-me repudiar toda e qualquer mácula no motivo e na prática da ação[377].

O elemento positivo leva minha ambição a ponto de querer, intensificar a fé, a esperança e o amor que animam essa ação.

Essa resolução há de ser o verdadeiro termômetro do valor prático das duas precedentes, porquanto nela se resume minha vida interior no exercício de meu apostolado.

A meditação e a vida litúrgica renovarão meu impulso de me unir a Deus. Porém a guarda do coração é que vai permitir ao viajante o aproveitar-se do alimento, tomado antes da partida ou durante as paradas, para se manter sempre nas boas disposições da partida.

Já sei em que consiste essa guarda do coração.

Mediante ela, realiza-se o *Manete in me et ego in vobis*[378]. Mediante ela, minha união indireta a Deus por suas obras, isto é, pelas relações que eu, consoante sua vontade, tenho com as criaturas, torna-se consequência de minha união direta com Ele pela oração, vida litúrgica e sacramentos. Em ambos os casos, a união procede da fé e da caridade e realiza-se sob a influência da graça. Na união direta, sois Vós mesmo e só Vós, ó meu Deus, o objeto de minha intenção. Na indireta, aplico-me a outros objetos. Mas como faço isso para vos obedecer, esses objetos a que consagro minha atenção tornam-se-me meios queridos por Vós para me unir convosco. Deixo-Vos para voltar a encontra-Vos. Sois sempre Vós que eu procuro, e com desejo

igual, mas em vossa vontade. E essa divina vontade é o único farol que a guarda do coração me faz incessantemente fixar, a fim de dirigir minha atividade em vosso serviço. Em ambos os casos posso, portanto, dizer: *Mihi autem adhærere Deo bonum est*[379].

É um erro, portanto, julgar que para me unir a Vós, ó meu Deus, eu deva adiar a ação ou esperar que ela fique terminada. É um erro supor que, em virtude de sua própria natureza ou devido ao tempo que levam, certos trabalhos possam dominar-me e embaraçar minha liberdade a ponto de tomarem impossível minha união convosco. Não, Vós me quereis livre. Vós não desejais que a ação chegue a dominar-me. Vós quereis que eu seja senhor e não escravo dela. E com esse fim, Vós me ofereceis a graça, caso eu seja fiel à guarda do coração.

Portanto, apenas o senso sobrenatural prático, mediante os múltiplos acontecimentos, circunstâncias e particularidades proporcionadas por vossa providência, me tenha feito discernir que tal ou tal ação está verdadeiramente ligada a vossa vontade, eu hei de considerar como dever o não me subtrair a ela e também o não me comprazer nela. Devo empreendê-la e continuá-la, mas unicamente para fazer vossa vontade, porque o amor próprio lhe viciaria o valor e lhe diminuiria o mérito[380].

I. Necessidade da guarda do coração

Meu Deus, vós sois a santidade, e neste mundo só admitis uma alma a vossa intimidade na medida em que ela se aplicar a destruir ou a evitar tudo o que a poderia manchar.

Preguiça espiritual de elevar o próprio coração até Vós; afeição desordenada pela criatura; modos ríspidos e impaciências; rancor, caprichos, moleza, busca de comodidades: facilidade em falar sem razão verdadeira dos defeitos alheios; dissipação, curiosidade, que em nada se relaciona com a glória de Deus; tagarelice, loquacidade, juízos vãos e temerários acerca do próximo, vã complacência em mim mesmo; desprezo dos outros, crítica de sua conduta, procura da estima e do louvor na intenção que me faz agir; ostentação do que me é vantajoso; presunção, teimosia, ciúme, falta de respeito à autoridade, murmurações; falta de mortificação no beber e no comer etc., que imensa multidão de pecados veniais ou, ao menos, de imperfeições voluntárias poderá invadir-me, se eu deixar de estar vigilante, privando-me, assim, das graças abundantes que Vós, desde a eternidade, me tendes reservado.

Sim, se minha meditação e minha vida litúrgica não me levarem progressivamente a conservar minha alma em guarda até contra as faltas de pura fragilidade, a erguer-me com prontidão assim que minha vontade comece a afrouxar e até a impor sanção a mim mesmo nesse caso, eu posso, ó Jesus, paralisar vossa ação sobre mim.

Essas, comunhões, confissões, outros exercícios de piedade, proteção especial da divina providência relativamente a minha salvação eterna, solicitude de meu anjo da guarda e até vossa maternal vigilância sobre mim, ó minha Mãe imaculada, tudo pode ser paralisado, tornado estéril por minha culpa.

Se me faltar a boa vontade de impor a mim mesmo essa violência à qual vós, ó Jesus, aludis nestas palavras: *Violenti rapiunt illud*[381], logo Satanás procurará, sem descanso,

surpreender meu coração.

Não te iludas, ó minha alma. Certas quedas tuas, que tu qualificas de pura fragilidade, são, quiçá, de natureza diferente aos olhos de Deus, se não tens posto em prática o exercício da guarda do coração e se não tenderes à realização deste programa: quero conseguir reservar para Jesus o motivo de cada uma das minhas ações.

Se não guardo meu coração, quão pavorosas e prolongadas não serão as expiações que eu estou preparando no purgatório!

E que perigo eu não corro sem essa resolução! E que responsabilidade! É tão escorregadio o declive para se chegar ao pecado mortal!

II. Presença de Deus, base da guarda do coração

Trindade Santíssima, se eu, como espero, possuo o estado de graça, vós habitais em meu coração, com toda a vossa glória, com todas as vossas perfeições infinitas, enfim, tal como habitais no céu, bem que oculta sob o véu da fé.

Não há encontrar momento em que Vós não tenhais os olhos fixos em mim para discernir minhas ações.

Vossa misericórdia e vossa justiça operam incessantemente em mim. Para vos vingardes de minhas injúrias, ora me retirais vossas graças de eleição ou cessais de dispor maternalmente os acontecimentos que deveriam redundar em meu proveito, ora me encheis de novos benefícios a fim de atrair-me de novo para vós.

Se vossa habitação em mim fosse, a meus olhos, o fato mais considerável e o mais digno de atrair minha atenção, porventura estaria eu com tanta frequência e durante tanto tempo sem pensar nele?

Não é, acaso, dessa falta de atenção a esse fato fundamental de minha existência que promanaram os maus êxitos que até hoje têm acompanhado minhas tentativas de guarda do coração?

Se as orações jaculatórias se fossem sucedendo regularmente pelo dia adiante, elas me teriam recordado essa habitação, toda de amor, de Deus em mim. Ó minha alma, tens tu, acaso, feito o bastante até hoje para assim nortear tua vida, pelo menos uma vez, em cada hora? Tens aproveitado de tua meditação quotidiana e de tua vida litúrgica para reentrar de vez em quando, por alguns segundos, se mais não fosse possível, no santuário íntimo de teu coração, a fim de adorares ali a beleza infinita, a imensidade, a onipotência, a santidade, a vida, o amor, em uma palavra o bem supremo e perfeito que lá se digna residir e que é teu princípio e teu fim?

Comunhões espirituais, que lugar ocupais vós por meu dia adiante? E, entretanto, vós estais a todos os momentos a minha disposição, não só para me recordar a habitação da Santíssima Trindade em mim, senão também para aumentar essa habitação por nova infusão do sangue

redentor em minha alma!

Que caso tenho eu feito, até hoje, desses tesouros postos minha disposição? Para recolher esses diamantes e ornar com eles meu diadema, seria bastante abaixar-me. Como estou longe dessas almas que, embora continuando seus trabalhos ou suas conversações, voltam milhares de vezes por dia a seu hóspede divino! Elas contraíram esse hábito, e seu coração fixou-se há onde está seu tesouro.

III. A devoção a Nossa Senhora facilita a guarda do coração

Ó minha Mãe imaculada, foi para vós me ajudardes a conservar meu coração unido mediante Jesus à Santíssima Trindade que, no Calvário, a palavra de vosso Filho me proclamou filho vosso.

Eu quero que as invocações, cada vez mais frequentes, que vos hei de dirigir visem sobretudo a essa guarda de meu coração, a fim de purificar as tendências, as intenções, os afetos e os desejos dele.

Não mais quero subtrair-me a esta vossa doce voz: “Detém-te, meu filho, retifica o teu coração. Não, não é verdade que, neste momento, tu procures unicamente a glória de Deus”. Quantas vezes, durante minhas dissipações ou ocupações, vós me não tendes dirigido esse aviso maternal! E quantas vezes, ai, eu não o tenho abafado em meu peito!

Minha Mãe, de hoje para o futuro, eu hei de prestar ouvidos a essa advertência de vosso Coração e, a ela há de corresponder a minha fidelidade com decisão enérgica, rápida e completa. Ainda que essa decisão tenha apenas a duração de um relâmpago, ela me bastará para eu fazer a mim mesmo uma destas duas perguntas: Para quem é a ação presente? Como Jesus procederia em meu lugar? É essa interrogação íntima, passada ao estado de hábito, que constitui a guarda do coração. Ela fará que eu, nas mínimas particularidades, conserve minhas faculdades e suas tendências em uma dependência habitual, cada dia mais perfeita, a respeito de Deus que vive em mim.

IV. Aprendizagem da guarda do coração

Lamento-me por ficar fora da presença de Deus durante longos intervalos no decurso dos meus trabalhos. Lamento-me ao comprovar que, durante esse tempo de vida exteriorizada, me escapam numerosas faltas. Seja qual for o estado de minha alma, mescla de fervor e de imperfeição ou tibieza caracterizada, quero, pois, começar desde já a dar remédio a isso, exercitando-me na guarda do coração.

De manhã, durante a meditação, hei de determinar, resolutamente e com bastante precisão, um momento de meu trabalho, durante o qual, sem deixar de me aplicar com ardor à obra desejada por Deus, hei de esforçar-me por viver de vida interior a mais perfeita possível, de guarda do coração, isto é, de vigilância, sob vossos olhares, ó Jesus, e de recurso a vós, como se

tivesse feito o voto de fazer o mais perfeito.

Hei de começar por cinco minutos, ou até menos, de manhã, e outros cinco de tarde[382], e hei de preocupar-me mais com a perfeição desse exercício que com sua duração; hei de esforçar-me por praticá-lo dia a dia com maior perfeição e de proceder no meio do trabalho, ainda e sobretudo se ele for absorvente, como se eu fosse um santo, pela pureza de intenção, pela guarda do coração e de todas as faculdades, pela generosidade de modos, em uma palavra, como teria procedido o próprio Jesus se tivesse de desempenhar esse mesmo trabalho.

Será isso aprendizagem de vida interior prática. Será protesto contra meu hábito de dissipação e de *evagatio mentis*. [383] Eu quero a Deus. Quero seu reinado. Quero que, chegado o tempo das ocupações exteriores, continue em mim esse reinado. Não mais quero que a alma seja um corredor franqueado a todos os ventos e que se coloque na impossibilidade de viver unida a Deus e de se conservar vigilante, suplicante, generosa.

Durante esses rápidos momentos, minha vista há de estar sem contenção, sim, mas atentamente fixada nas diversas intenções da alma, que, então, será implacável. A boa vontade, por seu turno, há de estar energicamente decidida a não poupar esforço algum para viver vida perfeita durante esse curto intervalo. O coração, por sua vez, há de estar resolvido a recorrer frequentemente a nosso Senhor para se manter nesse ensaio de santidade.

Esse exercício há de ser cordial, alegre e praticado com dilatação da alma. É certo que a mortificação e a vigilância me serão necessárias para me conservar na presença de Deus e recusar a minhas faculdades e sentidos tudo quanto cheira a natural. Mas não me hei de contentar só com esse lado negativo. Sobretudo, hei de esforçar-me em impregnar o exercício com essa intensidade de amor que, fazendo-me praticar com o maior esmero o *age quod agis* [384], primeiro pela pureza de intenção e depois com ardor, impessoalidade e generosidade sempre crescentes, dará, ao mesmo tempo, a minhas obras toda a perfeição e todo o valor.

À noite, no exame geral (ou no exame particular, tomar como objeto dele esse exercício), farei uma análise rigorosa do que foram esses minutos de guarda do coração, mais íntima, sem reservas, perto de Jesus. Se verificar que não fui bastante vigilante, bastante fervoroso, bastante suplicante, bastante amante, durante essa tentativa de guarda de coração, isto é, de vida interior unida à vida ativa, hei de infligir, então, a mim mesmo uma sanção, uma pequena penitência, pelo menos, a privação de um pouco de vinho ou de sobremesa, às escondidas de qualquer olhar estranho, ou curta oração com os braços em cruz, ou algumas palmadas secas com régua ou outro objeto duro.

Que resultados admiráveis não produzirá esse exercício! Que escola de guarda do coração!

Que novas luzes sobre pecados e imperfeições, de cuja existência eu sequer suspeitava!

Esses abençoados instantes hão de ir, pouco a pouco, irradiando virtualmente sobre os instantes que se seguirem.

Contudo, não os prolongarei senão quando tiver, primeiramente, quase esgotado os horizontes de santidade, de perfeição de execução e de intensidade de amor que eu tenha podido entrever.

Assim irá se desenvolvendo minha sede de não mais me contentar com poucos minutos e, auxiliado por Vós, ó Jesus, hei de chegar a familiarizar-me com esse exercício salutar e a contrair o hábito dele, hábito que tornará pura minha alma e me fará viver sempre Convosco.

V. Condições da guarda do coração

Vigilância enérgica, calma, doce e leal; grande desconfiança de mim e das criaturas; renovação frequente de minha resolução; novos começos incansáveis, cheios de confiança na misericórdia de Jesus para a alma que verdadeiramente luta por chegar à guarda do coração; certeza crescente de que não combato sozinho, mas unido a Jesus que vive em mim, a Maria, minha mãe, a meu anjo da guarda e aos santos; convicção de que todos esses poderosos aliados me assistirão em todos os momentos, contanto que eu procure essa guarda do coração e não me afaste de sua assistência; enfim recurso cordial e frequente a todos esses auxílios divinos, a fim de que eles me ajudem a fazer *quod Deus vult*, e a fazê-lo *quomodo Deus vult et quia Deus vult*[385].

Ó Jesus, como minha vida conseguirá transformar-se, se eu guardar meu coração unido a vós!

Minha inteligência poderá ficar absorvida na ação presente; não importa: eu quero chegar à realização do que tenho verificado em almas imensamente ocupadas e cujo coração, entretanto, não cessava de respirar em Vós.

Se chegar a compreender bem o que é a guarda do coração, a respiração de minha alma nessa atmosfera de amor que Vós sois, ó Jesus, longe de diminuir a liberdade de ação necessária a minhas faculdades para o desempenho de todos os deveres de meu próprio estado, só concorrerá para aumentar e tornar minha vida límpida, alegre, enérgica e serena.

Em vez de ser escravo das paixões e das impressões, tornar-me-ei cada dia mais livre. E da minha liberdade, assim aperfeiçoada, eu poderei, ó meu Deus, fazer-Vos, e com frequência, a homenagem de dependência, de reparação e de amor, em união com Jesus Cristo, o qual durante toda a sua vida mortal pôs em prática esse espírito de dependência, transformado agora em glória infinita e eterna: *propter quod Deus exaltavit illum*[386].

5. Necessidade, para o apóstolo, de ardente devoção a Maria imaculada

Membro da Ordem de Cister, tão estreitamente consagrada a Maria, filho de São Bernardo, apóstolo incomparável da Europa durante meio século, poderemos nós acaso olvidar que o santo abade de Claraval atribuía a Maria todos os seus progressos na união com Jesus e todas as suas vitórias no apostolado?

Todos sabem o que, junto dos povos e dos reis, no seio dos concílios e sobre o coração dos

papas, foi o apostolado do mais ilustre dos filhos do patriarca São Bento.

Todos exaltam a santidade, o gênio, a ciência profunda dos livros santos e a unção penetrante dos escritos do último dos padres da Igreja.

Porém, o que, sobretudo, sintetiza a admiração dos séculos pelo santo doutor é o título de *cytharista Mariæ* que lhe foi outorgado.

“Cantor de Maria”, ele não foi excedido por nenhum outro daqueles que celebraram as glórias da Mãe de Deus. São Bernardino de Sena e São Francisco de Sales, bem como Bossuet, Santo Afonso, São Luís Grignon de Montfort, entre outros, vão largamente haurir os tesouros de São Bernardo quando querem falar dela e procurar argumentos para apoiar essa verdade que o santo doutor põe em relevo: “Tudo nos vem por Maria”.

“Vejam, meus irmãos, quais são os sentimentos de devoção com que Deus quis que nós honrássemos a Maria, Ele que pôs nela toda a plenitude de seus bens. Se em nós existe qualquer esperança, qualquer graça, qualquer penhor de salvação, reconheçamos que tudo isso jorra sobre nós daquela que está cumulada de delícias... Tirai esse sol que alumia o mundo, e não mais haverá dia. Tirai Maria, essa estrela do mar, de nosso grande e imenso mar, e que fica senão profunda obscuridade, sombra de morte e trevas espessas? É, pois, do mais íntimo de nossos corações, do próprio âmago de nossas entranhas e com todos os nossos votos, que nós devemos honrar a Virgem Maria, pois tal é a vontade daquele que quis que tudo tivéssemos nós por meio dela”[387].

Apoiados nessa doutrina, não hesitamos em dizer que, faça o que fizer o apóstolo por sua salvação e por seu progresso espiritual e pela fecundidade de seu apostolado, ele se arrisca a construir somente sobre areia, se sua atividade não se fundar em especialíssima devoção para com Nossa Senhora.

a) Quanto à vida interior pessoal. O apóstolo será insuficientemente devoto de sua Mãe, se sua confiança nela nada tiver de entusiasta e se o culto que lhe render for quase todo exterior. Como seu Filho, *intuetur cor*, ela não vê mais que nossos corações, e não nos julga seus verdadeiros filhos senão pela força com que nosso amor corresponde ao seu.

Coração firmemente convencido das grandezas, dos privilégios e das funções daquela que é a um tempo Mãe de Deus e Mãe dos homens;

Coração compenetrado dessa verdade, que a luta contra as faltas, a aquisição das virtudes, o reinado de Jesus Cristo nas almas e, portanto, a segurança da salvação e da santificação estão em proporção com o grau de devoção por Maria[388];

Coração cativado por esse pensamento que tudo é mais fácil, mais seguro, mais suave e mais rápido na vida interior, quando se opera com Maria[389];

Coração transbordando confiança filial, aconteça o que acontecer, naquela cujas delicadezas, predileções, ternuras, misericórdias e generosidades ele por experiência

conhece[390];

Coração cada dia mais inflamado em amor para com aquela que ele não separa de nenhuma das suas alegrias, que une a todas as suas penas e por quem passam todas as suas afeições;

Todos esses sentimentos refletem bem o coração de São Bernardo, exemplo do homem de obras. Quem não conhece as palavras que brotaram da alma desse santo abade quando, explicando aos seus monges o Evangelho *Missus est*, ele exclama:

“Ó vós que compreendeis que no fluxo e refluxo deste mundo flutuais em meio de ressacas e tempestades e não caminhais em terra firme, fixai os olhos sobre essa estrela para não perecerdes na tormenta. Se os ventos das tentações se desencadearem, se fordes de encontro aos escolhos das tribulações, olhai para a estrela, invocai Maria. Se vos virdes sacudido pelas ondas do orgulho, da ambição, da maledicência, da inveja, olhai para a estrela, invocai Maria. Se a cólera ou a avareza ou a cobiça assaltarem a frágil barquinha de vossa alma, erguei os olhos para Maria. Se, acabrunhado pela enormidade de vossas faltas, confundido pelas hediondas chagas de vossa consciência, horrorizado pelo pavor do juízo, começardes a ser absorvido pelo abismo da tristeza e da desesperança, pensai em Maria. Nos perigos, nas angústias, nas dúvidas, pensai em Maria, invocai Maria. Jamais saia Maria dos vossos lábios, jamais fique Maria longe de vosso coração; e, para obterdes o sufrágio de suas preces, não olvideis o exemplo de sua vida. Seguindo-a, não vos transviareis; invocando-a, não desesperareis; contemplando-a, não errareis. Por ela amparado, jamais caireis; sob sua proteção, nada vos causará temor; guiado por ela, nunca vos cansareis; se ela vos for propícia, chegareis, certamente, ao porto”.

Obrigado a restringir-nos, e desejando, sem embargo, facultar aos nossos colegas no apostolado uma espécie de resumo dos conselhos de São Bernardo para chegar a ser verdadeiro filho de Maria, julgamos que o mais acertado é induzi-los fraternalmente a ler com atenção o tão sólido e precioso volume *La vie spirituelle: À l'École du Bx. L.-M. Grignon de Montfort*, escrito pelo padre Lhoumeau[391].

Não falando das obras de Santo Afonso e dos comentários do padre Desurmont, dos escritos do padre Faber e do padre Giraud de La Salette, que livro reflete melhor que o do padre Lhoumeau os escritos de São Bernardo, que ele cita a cada passo? Base teológica bastante sólida, união, caráter prático, nada ali falta para lograr o resultado que incansavelmente procurava o abade de Claraval: afeiçoar o coração de seus filhos à imagem do seu é dar-lhes o caráter dominante dos autores cistercienses: a necessidade do recurso habitual a Maria e a vida de união com ela.

Terminemos com as palavras consoladoras que a admirável cisterciense Santa Gertrudes, à qual dom Guéranger chama “a Magna”, ouviu dos lábios da Santíssima Virgem: “Ninguém deve chamar a meu dulcíssimo Jesus meu filho único, senão meu primogênito. Foi Ele quem eu concebi primeiro em meu seio, mas, após Ele, ou antes por Ele, eu vos concebi a todos para serdes seus irmãos e meus filhos, adotando-vos nas entranhas de minha caridade maternal”. Nas obras dessa santa padroeira das monjas trapistas, tudo reflete o espírito de seu bem-aventurado pai São Bernardo, relativamente à vida de união a Maria.

b) Quanto à fecundidade do apostolado. Quer deva tirar as almas do pecado, quer deva fazer desabrochar nelas as virtudes, sempre o homem de obras há de considerar como seu alvo principal, a exemplo de São Paulo, o gerar nosso Senhor nessas almas. Visto como, diz Bossuet, Deus quis, uma vez, dar-nos Jesus Cristo por meio da Santíssima Virgem, essa ordem não mais é suscetível de mudança: ela gerou a Cabeça; deve, pois, gerar também os membros.

Isolar Maria do apostolado equivaleria ao desconhecimento de uma das partes essenciais do plano divino. “Todos os predestinados”, diz Santo Agostinho, “estão neste mundo ocultos no seio da Santíssima Virgem, onde são guardados, alimentados, conservados e engrandecidos por essa boa Mãe até que ela os gere para a glória depois da morte”.

“Após a Encarnação”, conclui justamente São Bernardino de Sena, “Maria adquiriu uma espécie de jurisdição sobre toda a missão temporal do Espírito Santo, de tal sorte que nenhuma criatura recebe graças senão pelas mãos dela”.

Por sua vez, o verdadeiro devoto de Maria torna-se onipotente sobre o Coração de sua Mãe. Sendo assim, que apóstolo duvidará da eficácia de seu apostolado se, mediante a devoção, dispuser da onipotência de Maria sobre o sangue do Redentor?

Por isso é que nós vemos todos os grandes conquistadores de almas animados de devoção extraordinária pela Santíssima Virgem. Querem, acaso, afastar uma alma do pecado? Que calor persuasivo eles não têm, identificados como estão, pelo horror do mal e pelo amor da pureza, com aquela que a si mesma chamou a Imaculada Conceição!

Pela voz de Maria é que o Precursor reconheceu a presença de Jesus e exultou de prazer no seio materno. Com que tons Maria não falará a seus verdadeiros filhos para abrirem a Jesus corações até então cerrados?

Que palavras não saberão encontrar os íntimos da Mãe de misericórdia para impedir que a desesperança se apodere das almas que de há muito abusam das graças!

Trata-se de um infeliz que desconhece Maria? A segurança com que o homem de obras mostra-a como verdadeira Mãe e refúgio dos pecadores rasga a tal respeito novos e amplos horizontes.

O santo pároco de Ars encontrava, às vezes, pecadores que, obcecados pela ilusão, se defendiam em qualquer prática exterior de devoção à Santíssima Virgem, para se tranquilizar, pecar mais facilmente e não temer as chamas eternas. Sua palavra tornava-se, então, dominadora, tanto para mostrar ao culpado a monstruosidade de presunção tão injuriosa à Mãe de misericórdia, como para levá-los a servirem-se desse ato de devoção a fim de implorar a graça de se livrarem dos enrols da serpente infernal.

Em caso igual, o homem de obras pouco devoto de Maria, com suas palavras incisivas e frias, somente logrará levar o pobre náufrago a abandonar essa prática que talvez lhe pudesse servir de tábua de salvação.

Se Maria viver no coração de um apóstolo, pode esse obreiro evangélico ficar seguro de que terá a eloquência maternal para tocar almas nas quais se frustraram todos os demais meios.

Parece que, por delicadeza admirável, Nosso Senhor quer reservar à mediação de sua Mãe as conquistas mais difíceis do apostolado e concedê-las apenas àqueles que vivem intimamente com ela. *Per te ad nîhilum redegit inimicos nostros*. [392]

O verdadeiro filho de Maria jamais carecerá de argumentos, de meios ou de expedientes quando, em casos quase desesperados, tenha de fortificar os fracos e consolar os inconsoláveis.

O decreto que acrescentou à ladainha lauretana a invocação *Mater boni consílii*, [393] funda-se nos títulos de *Cælestíum gratíarum thesauraria* [394] e de *Consolatrix universalis* [395] que Maria merece. “Mãe do bom conselho”, só aos seus verdadeiros devotos é que ela, como em Caná, faculta o segredo de obterem, para distribuí-lo, o vinho da força e da alegria.

Mas é, sobretudo, quando se necessita falar às almas do amor de Deus que a “raptora dos corações”, *Raptrix cordium*, conforme a expressão de São Bernardo, a Esposa do Amor substancial, põe nos lábios de seus íntimos palavras de fogo que ateiam o amor de Jesus e, por meio desse amor, fazem germinar todas as virtudes.

Apóstolos, nós devemos apaixonadamente amar aquela a quem Pio IX chama *Virgo sacerdos* [396] e cuja dignidade ultrapassa em tudo a dignidade dos sacerdotes e dos pontífices. E esse amor nos dará o direito de jamais considerarmos perdida uma obra, se a tivermos começado com Maria e se com ela a quisermos consolidar. Maria, com efeito, está na base e no topo de tudo quanto interesse ao reino de Deus por seu Filho.

Longe, porém, de nós o julgar que é com ela que trabalhamos, se apenas nos cingirmos a erguer-lhe altares ou a entoar cânticos em sua honra. O que ela exige de nós é devoção que nos permita afirmar com sinceridade que vivemos habitualmente unidos a ela, que recorremos a seu conselho, que nossas afeições passam por seu coração e que nossas súplicas se fazem quase sempre por ela. Mas o que Maria espera, sobretudo, de nossa devoção é a imitação de todas as virtudes que nela admiramos e o abandono sem reservas em suas mãos para que ela nos revista de seu divino Filho.

Se cumprirmos essa condição do recurso habitual a Maria, imitaremos esse general do exército do povo de Deus, o qual, antes de marchar contra o inimigo, dizia a Débora: “Se vierdes comigo, eu irei; do contrário, não irei” e faremos, então, verdadeiramente todas as nossas obras com ela. E ela não só entrará nas decisões principais, como também em todos os casos imprevistos e em todos os pormenores de execução.

Unidos àquela cuja invocação de Nossa Senhora do Sagrado Coração resume, em nossa opinião, todos os demais títulos, jamais correremos o risco de desvirtuar nossas obras permitindo que elas, indo de encontro a nossa vida interior, se tornem um perigo para nossas almas e possam servir-nos mais para nossa glória do que para a glória de nosso Deus. Ao contrário, iremos por meio das obras adquirindo a vida interior e, desse modo, cada vez mais intimamente nos uniremos àquela que há de assegurar-nos a posse de seu Filho durante a eternidade.

EPÍLOGO

Vamos depor aos pés do trono de Maria imaculada este modesto trabalho.

É no coração da Santíssima Virgem, tal como no-lo mostra a gravura bizantina do século VI, que nós nos comprazeremos em meditar o ideal perfeito do apostolado.

A Virgem tem em seu peito o Verbo encarnado aureolado por um círculo luminoso. Como o Pai eterno, ela conserva sempre em si mesma o Verbo que deu ao mundo.

Conforme a expressão de Rohault de Fleury, “O Salvador brilha no meio do peito dela como uma eucaristia cujos véus se despedaçassem”. Jesus vive nela. É seu coração, sua respiração, seu centro e sua vida: imagem da vida interior.

O divino adolescente exerce, porém, o apostolado. Sua atitude, o rolo de seu Evangelho que tem na mão esquerda, o gesto de sua mão direita, seu olhar, tudo indica que Ele ensina. E a Virgem se une a sua palavra.

A expressão de seu rosto parece dizer que ela quer também falar. Seus olhos grandes, abertos, procuram almas às quais possa comunicar seu Filho: imagem da vida ativa pela pregação e pelo ensino.

Suas mãos estendidas, como as dos orantes das catacumbas ou as do sacerdote que oferece a Vítima santa, recordam-nos que é, sobretudo, pela oração e pela união ao sacrifício de Jesus que nossa vida interior será profunda, e frutuoso nosso apostolado.

Ela vive de Jesus, por Jesus, de sua vida, de seu amor, da união a seu sacrifício, e Jesus fala nela e por ela. Jesus é a sua vida e ela é o porta-Verbo, o porta-voz, a custódia de Jesus.

É dessa forma que a alma votada à obra por excelência, o apostolado, deve viver de Deus, a fim de que sempre possa falar eficazmente d’Ele, e a vida ativa, repitamo-lo ainda, mais não é que o extravasamento da vida interior dessa alma.

REGINA APOSTOLORUM

(Rainha dos apóstolos)



*Salve, Virgo parens, stillans melle alvearium; in te suum p̄suit tabernáculum Verbum
illuminans mundum; Verbum Patris tecum portemus intime.*

*Salve, clarum Solis justítiæ speculum; eo ferventius Jesum agendo manifestemus quo plus
de Jesu contemplando vivemus.*

*Salve Cordis Jesu vivum receptáculum; ex hoc divino fonte per te hauriamus sp̄ritum
sacrificií et precum.*

*Salve, stans juxta crucem consors sacerdótii; fac ut per Eucharistiam vivat in nobis
Christus, ut sancti simus sanctificantes.*

Na exposição do Congresso Marial de Roma (1904-1905), podia-se admirar a santa imagem que aqui reproduzimos. Na opinião do senhor Wuescher-Becchi, membro da Academia Pontifícia Romana de Arqueologia, essa imagem representa a *Panaghia Parthenos*[397] das Blachernes, uma das mais célebres e antigas imagens, objeto de incomparável valor, o qual constitui um dos mais insignes monumentos ao culto à augusta Mãe de Deus.

O original, dádiva da imperatriz Pulquéria (450-453), encontrava-se em uma das mais belas e ricas igrejas de Constantinopla, e ainda ali se conservava nos fins do século XIV. Além da denominação de *Parthenos*, tinha essa imagem, também, a de *Nicopotas*. Ainda se encontra, com bastante frequência, reproduções dessa célebre pintura na Rússia, em Kiev, Novgorod e Moscou, por exemplo, e na Grécia, mormente nas moedas bizantinas dos imperadores Aleixo Comneno e Miguel Ducas, entre outras.

(Das Atas do Congresso Marial de Roma)

[1] Servo de Deus Jean Joseph Allemand (1772-1882).

[2] Isto é, o Ofício Divino, a Liturgia das Horas.

[3] “Trabalho manual”.

[4] “Sedento de Deus”.

[5] Georges Clemenceau (1841-1929), primeiro-ministro francês em dois períodos, conhecido por suas ferrenhas posições republicanas e anticlericais.

[6] “Nós, estultos por causa de Cristo...” (I Cor 4,10).

[7] Primeira Grande Guerra, de 1914 a 1918.

[8] *Apostolat de Catéchismes et vie intérieure. Thèse et exemple para um Abbé de Citeaux*

[9] *Vie intérieure, base de tout apostolat.*

[10] *Prêtre et Apôtre.*

[11] *Frère Ainé.*

[12] *Prêtres aux armées.*

[13] Isto é “amigo do povo”.

[14] Sociedade cinematográfica francesa, fundada em 1896.

[15] “Um Mosteiro”.

[16] Em tradução livre, "Para ser como Maria, seja simples como as criaturas, e não se demore com o que não conduz a Deus ou não que receber Deus."

[17] Em tradução livre, “O tempo é curto, meus filhos...
Esta é a última hora.
140 mil pobres criaturas a cada dia!”

[18] Em tradução livre, “Que os coros angélicos te acolham!”.

[19] Em tradução livre, “Tudo é d’Ele, tudo por Ele, tudo n’Ele”. Inspirado em I Cor 8,6.

[20] *Factus est homo ut homo fieret deus* (Santo Agostinho. Sermão 9 da Natividade).

[21] *Deus cujus Spiritu totum corpus sanctificatur et régitur*, isto é, “Deus, cujo Espírito santifica e rege todo o corpo...” (Da Oração *Pro omni gradu Ecclesiæ*, isto é, “Por todos os níveis da Igreja”, do Missal pré-conciliar).

[22] *Ad communem legem id pèritnet qua Deus Providentíssimus ut hómínes plerumque fere per hómínes salvandos decrevit... ut nimirum quemádmódum Chrysóstomus aít, per hómínes a Deo discamus* (Carta de Leão XIII, de 22 de janeiro de 1899, ao cardeal Gibbons).

[23] Ocorrida em 31 de maio de 1925, por Pio XI.

[24] “De muito boa vontade darei o que é meu, e me darei a mim mesmo pelas vossas almas” (II Cor 12,15).

[25] “Ai de mim, se eu não evangelizar” (I Cor 9,16).

[26] “Que servirá a um homem ganhar o mundo inteiro, se vem a prejudicar sua vida” (Mt 16,26).

[27] Ou *Filoteia*, conhecida obra espiritual de São Francisco de Sales.

[28] “Por Nosso Senhor Jesus Cristo. Por Ele, com Ele e n’Ele (Da Liturgia).

[29] “Tudo foi feito por Ele, e sem Ele nada foi feito” (Jo 1,3).

[30] “Eu vim para que tenham vida” (Jo 10,10); “Nele estava a vida” (Jo 1,4); “Eu sou a vida” (Jo 14,6).

[31] “Pela obra operada”, isto é, as obras de Deus têm eficácia em si mesmas, por virem d’Ele. Independem do ministro ou do meio.

[32] “A fortiori ratione”, isto é, “com uma razão mais forte”.

[33] Gálatas 2,20.

[34] “Aversão às criaturas”.

[35] “Encontro com Deus”.

[36] “Quem permanece em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto” (Jo 15,5).

[37] “Feri, dulcíssimo Senhor Jesus...”

[38] Essa tibieza é perfeitamente distinta da segura e da repugnância que, às vezes, malgrado seu, sentem os fervorosos. Os pecados veniais que escapam à fragilidade e são **combatidos** e imediatamente detectados apenas cometidos tampouco manifestam a **tibieza de vontade**.

A alma assim tibia tem duas vontades diversas, boa uma e má a outra; uma ardente e a outra fria. Por um lado, quer a salvação e por isso evita os pecados mortais evidentes; por outro lado, não quer as exigências do amor de Deus, pelo contrário, quer as comodidades de uma vida livre e fácil; e por isso toma a liberdade de cometer pecados veniais deliberados...

Quando essa tibieza **não é combatida**, o fato mesmo de não o ser mostra que na alma existe má vontade, não total, senão parcial: isto é, que há uma parte da vontade que está dizendo a Deus: “Neste ou naquele ponto, não quero cessar de vos desagradar” (Pe. Desurmont, C. Ss. R., *Le retour continuel à Dieu – O Retorno contínuo a Deus*, sem tradução para o Português).

[39] “Guarda teu coração acima de todas as coisas, porque dele procede a vida” (Pr 4,23).

[40] “Faze o que estás fazendo”, isto é, “aplica-te inteiramente à ação presente”.

[41] Para onde e a quê irei?

[42] “Desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou” (Jo 6,38).

[43] “Cristo não agradou a si mesmo” (Rm 15,3).

[44] “Discípulos de Cristo” (Rm 4,20).

[45] Isaías 58, 8,9.11.

[46] “Sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15,5).

[47] “Tudo posso, naquele que me conforta” (Fp 4,13).

[48] *Ad contemplandum quippe Creatorem suum homo conditus fuerat ut ejus serper spéciern quæret atque in soliditate amoris illius habitaret* (São Gregório, Moral: I. VIII, c. XII).

[49] “[Deus] enviou ao mundo seu Filho único, para que vivamos por Ele” (I Jo 4,9).

[50] “O fim da criatura humana é unir-se a Deus: toda a sua felicidade nisso consiste” (Santo Tomás).

[51] “Veem a cruz, mas não veem a unção” (São Bernardo).

[52] *Semper memineris Dei, et cælum mens tua evadit* (Santo Efrém). *Mens animæ paradisus est, in qua dum cælestia meditatur quasí in paradiso voluptatis delectatur* (Hugo de São Vítor).

[53] Santo Tomás. Suma Teológica. 2ª 2æ, q. 180, a. 4.

[54] “Viva consigo mesmo”.

[55] “O Reino dos Céus é arrebatado à força, e são os violentos que o conquistam” (Mt 11,12).

[56] *Major labor est resistere vitiis et passionibus quam corporalibus insudare laboribus* (São

Gregório). Em tradução livre, “Maior trabalho é resistir aos vícios e paixões que suar no trabalho corporal”.

[57] “Para onde e a quê irei?”

[58] *Invisibilem enim tamquam videns sustinuit* (Hb 11,27). Em tradução livre, “... com tanta segurança, como se estivesse vendo o invisível”.

[59] Texto a citar de dom Festugière, O. S. B.: “Sejam quais forem as dificuldades da vida ativa, só os inexperientes é que ousam negar as provações da vida interior. Muitos ativos, apesar de sinceramente piedosos, confessam que, muitas vezes, o que mais lhes custa na vida, não é a ação, mas a parte obrigatória da oração. Quando chega a hora da ação, sentem-se como que aliviados”.

[60] “Nossa conversação está nos céus” (Fp 3,20). Nas traduções atuais da Vulgata, vemos *Noster enim municipatus in cælis est*, traduzido por “Nós, porém, somos cidadãos do céu”.

[61] *Est homo constitutus inter res mundi hujus et bona spirituális, in quibus æterna beatitudo consistit, ita quod, quanto plus inhæret, uni eorum, tanto plus recedit ab áltero et e contrário* (Suma Teológica. 1ª. 2æ. q. 108, a. 4).

[62] Isto é, “coração endurecido” (Salmo 4,3).

[63] *Condelector enim legi Dei secundum interiorem hominem; video autem aliam legem in membris meis repugnantem legi mentis meæ et captivantem me in lege peccati, quæ est in membris meis. Infelix ego homo! Quis me liberabit de corpore mortis huius?* (Rm 7,22-24), isto é, “Deleito-me na lei de Deus, no íntimo do meu ser. Sinto, porém, em meus membros outra lei, que luta contra a lei do meu espírito e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros. Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte?”.

[64] *Alio modo (homo potest vivere) per hoc quod totaliter divinis rebus inhæret, et hoc supra hóminem* (Santo Tomás. Suma Teológica. 2ª. 2æ, q. 188 a. 8. ad. 5).

[65] Em outro capítulo, veremos o que é essa vida interior que dá às obras sua fecundidade.

[66] “Minha irmã deixa-me sozinha a servir” (Lc 10,40).

[67] “Dize-lhe, pois, que me ajude” (Lc 10,40).

[68] “Para quê esse desperdício?” (Mt 26, 8).

[69] *Et pro eis ego sanctifico meipsum, ut sint et ipsi sanctificati in veritate* (Jo 17,19).

[70] *Lumière et flamme* (Padre León, O. M.).

[71] Hoje, Nam Ky, sul do Vietnã. Saigon era a capital da região.

[72] *Homo apost.*, VII, 16.

[73] São Gregório. Homilia 12 *in Ezequiel*.

- [74] Santo Tomás. Suma Teológica. 2ª. 2æ. q. 182. a. 2, ad 3.
- [75] “Ai de mim, se eu não evangelizar” (I Cor 9,16).
- [76] “Caridade primeiro para consigo mesmo”.
- [77] “Sê para ti mesmo em toda parte” (São Bernardo. 1. II. De Consid., c III).
- [78] “Todo para si mesmo primeiro, e assim todo para os outros” (Godofredo. *Vida de São Bernardo*).
- [79] *A te tua inchoetur consideratio ne frustra extendaris in alia, te neglecto... Tu tibi primus, tu ultimus... in acquisitione salutis, nemo tibi germanior est único matris tuæ* (São Bernardo. 1. II, De Consid., c. III).
- [80] Padre Lallemant. *Doutrina Espiritual*.
- [81] “Interiores”.
- [82] “... retirava-se a lugares solitários para orar” (Lc 5,16).
- [83] “... passou aí toda a noite, orando a Deus” (Lc 6,12).
- [84] “Maria escolheu a boa parte” (Lc 10,42).
- [85] “Nós atenderemos sem cessar à oração e ao ministério da palavra” (At 6,4).
- [86] A vida contemplativa é melhor que a vida ativa e preferível a ela.
- [87] Vida mais sublime, mais segura, mais rica, mais suave, mais estável.
- [88] Em tradução livre: “O princípio o qual Deus é procurado (buscado)”.
- [89] Marta, num só lugar, entregava-se corporalmente a vários trabalhos. Maria, pela caridade, trabalha em muitos lugares e em numerosas obras. Contemplando e amando Deus, tudo vê, a tudo se estende, tudo compreende e abraça. Pode-se, logo, dizer que, em comparação com Maria, Marta inquieta-se com poucas coisas (Ricardo de São Vítor. In *Cant.*, 8).
- [90] Cf. Lc 10,41-42.
- [91] “Com ela me vieram todos os bens” (Sb 7,11).
- [92] “... escolheu a boa parte” (Lc 10,42).
- [93] “Que não lhe será tirada” (Lc 10,42).
- [94] São Bernardo (Hom. Símile est... hom, neg.).

[95] Cf. Mt 5,48.

[96] “Tomai para exemplo o ilustre soberano de todas as coisas, enviando a um tempo seu Verbo e retendo-o com Ele” (São Bernardo. 1, II, *De Consid.*, III).

[97] “Todos nós recebemos de sua plenitude” (Jo 1,16).

[98] “Vosso verbo é vossa consideração: parte ela de vós sem sair de vós” (São Bernardo. 1, II, *De Consid.*, III).

[99] Cf. I Jo 1,1.

[100] “Antes de permitir a sua língua que fale, o apóstolo deve elevar a Deus sua alma ávida, a fim de exalar o que tiver bebido e de disseminar aquilo de que estiver repleto (Santo Agostinho. *Doct. Christ.*, 1., IV).

[101] Pseudo Dionísio. *Cæl. Hier.*, c. III.

[102] São Bernardo. Sermão 18, in Cant.

[103] “Há, hoje, na Igreja muitos canais, mas reservatórios, mui poucos” (São Bernardo. *Ibid.*).

[104] Manifestum est autem majorem perfectionem requiri ad hoc quod aliquis perfectionem aliis tributat quam ad hoc ut aliquis in se ipso perfectus sit, sicut majus est posse fácere áliquem talem quam esse tálem et omnis causa pótiór est suo effectu (Santo Tomás. *Opusc. de perf. vit. Spir.*).

[105] *Oportet quod prædicator sit imbutus et dulcoratus in se, et post állis proponat* (São Boaventura. *Illus. Eccl.*, sermão 17).

[106] “Faze-te ao alto” (cf. Lc 5,4). Em traduções mais atuais, vemos “Avança para águas mais profundas”.

[107] *Sicut per contemplationem amandus est Deus, ita per actualement vitam diligendus est próximus, ac per hoc, sic non pössumus sine utraque esse víta, sicut et sine utraque dilectione esse nequaquam pössumus* (Santo Isidoro. *Different.*, livro II, XXXIV, n. 135).

[108] *Concedendum ergo est nullum esse posse vitæ stúdiúm recte institutum ad perfectionem obtinendam, quod non áliquíd de actione et de contemplatione partícipet* (Suarez. *I De Relig. tract.*, 1, I. c. v, n. 5).

[109] *Cum áliquis a contemplativa víta ad activam vocatur, non fit per modum subtractionis, sed per modum additionis* (Santo Tomás. *Suma Teológica*. 2, 2æ. q. 182, a. 1).

[110] Interiori quadam, quam ubique ipse circurnferebat solitúdine fruebatur, totus quodámmodo extérius laborabat, et totus intérius Deo vacabat (Godofredo. *Vida de São Bernardo*. 1, I, c. v, et 1, III).

[111] “Põe-me como um selo sobre teu coração, como um selo sobre teus braços” (Ct 8,6).

[112] 3^a. p. q. 67, a. 2, ad Iurn.

[113] Santo Tomás.

[114] São Boaventura.

[115] Santo Ambrósio.

[116] Padre León, *passim*, *op. cit.*

[117] “Vim lançar fogo à terra” (Lc 12,49).

[118] Santo Tomás. *Suma Teológica*. 2^a. 2^æ, q. 188, a. 6.

[119] Tomo III, livro 1.

[120] São Boaventura. *Vida de São Francisco*. Capítulo IX.

[121] *Quamdiu fecistis uni de his fratribus meis minimis mihi fecistis* (Mt 25,40), isto é, “Todas as vezes que fizestes isso a um destes meus irmãos pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes”.

[122] *Ego autem in medio vestrum sum sicut qui ministrat* (Lc 22,27), isto é, “Eu estou no meio de vós, como aquele que serve”.

[123] *Filius hominis non venit ministrari sed ministrare* (Mt 20,28), isto é, “O Filho do Homem veio, não para ser servido, mas para servir”.

[124] *Et vidimus eum, et non erat aspectus, ut desiderávimus eum. Despectus erat et novissimus virorum, vir dolorum et sciens infirmitatem, et quasi abscondebamus vultum coram eo; despectus, unde nec reputabamus eum* (Is 53,2-3), isto é, “Nós o vimos e não atraía nossos olhares, seu aspecto não podia seduzir-nos. Era desprezado, era a escória da humanidade, homem das dores, experimentado nos sofrimentos; como aqueles, diante dos quais se cobre o rosto, era amaldiçoado e não fazíamos caso dele”.

[125] Padre León, O. F. M. Cap. *Lumière et flamme*. Note-se bem que, nesta citação, se trata de vida ativa cheia de espírito de fé, fecundada pela caridade e, por isso mesmo, promanando de uma vida interior intensa.

[126] “Ostentação de forças, carreira rapidíssima, porém fora de caminho” (Santo Agostinho, in *Psalm.*, XXXI).

[127] *En quo tráhere te possunt hæ occupationes maledictæ, si tamen pergis ut coepisti, ita dare te totum illis, nil tui tibi relinquens* (São Bernardo. *De Consid.*, 1. II. c. II).

[128] Dos ensinamentos de Santo Tomás, infere-se que, quando a alma em estado de graça pratica um ato em si bom, mas sem o grau de fervor que Deus tem direito de esperar dela no estado em que se encontra, esse ato, em certo sentido, dispõe a diminuir nela o grau de caridade que possui. Os textos: “Maldito aquele que faz a obra de Deus com negligência” [cf. Jr 48,10] e

“Porque tu és túbio... começo a expelir-te de minha boca” [cf. Ap 3,16] assim se explicam.

Demais, cada pecado venial, sem diminuir o estado de graça, diminui-lhe, todavia, o fervor. E assim dispõe para o pecado mortal. Ora, sem vida interior séria, cometem-se numerosos pecados veniais não combatidos, muitas vezes até não percebidos e, entretanto, imputáveis à alma dissipada ou relaxada que cessou de viver o *Vigilate et orate* [cf. Mt 26,41].

Assim se encontra em Santo Tomás a explicação da expressão “Ocupações malditas” vista acima, e de tudo o que explana a sequência do presente capítulo.

[129] “Se quisesse ainda agradar aos homens, não seria servo de Cristo” (Gl 1,10).

[130] “Na presença dos anjos, eu vos cantarei” (Sl 137,1).

[131] “O Senhor não estava no tremor de terra” (I Rs 19,11).

[132] Cf. Mt 11,28.

[133] Cf. Sl 34,3.

[134] Cf. Lc 19,10.

[135] “Temei Jesus que passa e não volta mais”.

[136] Cf. I Cor 2,14: “O homem animal não aceita as coisas do Espírito de Deus”.

[137] Cf. Lm 4,5: “Os que foram educados no fausto têm por leito o esterco”.

[138] Padre Lallemant. Doct. Spirit.

[139] Idem.

[140] Cf. I Cor 15,28: “[Deus] lhe sujeitou todas as coisas, a fim de que Deus seja tudo em todos”.

[141] Cf. Gl 2,20: “Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim”.

[142] É mais difícil viver bem quando se tem encargo de almas, por causa dos perigos interiores (Santo Tomás. Suma Teológica. 2ª. 2ª., q. 184, a. 18). *Quo amplior atque diffusior actio sacerdotis curati, eo periculósior et exitiósior, nisi spíritus contemplationis fulciatur* (Cardeal Fischer. Opusc. de ut. Contempl.).

[143] “Revesti-vos da armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do demônio” (Ef 6,11ss).

[144] “Para que possais resistir no dia mau”.

[145] “E manter-vos inabaláveis no cumprimento do vosso dever”.

[146] “Cingi a cintura com a verdade”.

[147] “Vesti o corpo com a couraça da justiça”.

[148] “Calçai os pés de prontidão para anunciar o Evangelho”.

[149] “Sobretudo, abraçai o escudo da fé, com que possais apagar todos os dardos inflamados do Maligno”.

[150] Em tradução livre: “Tomai vós o elmo da salvação” está no imperativo, é uma ordem; elmo é a proteção bélica da cabeça nas frentes medievais (o capacete).

[151] “A espada do Espírito, que é a Palavra de Deus”.

[152] “Vinde à parte, para algum lugar deserto e descansai um pouco” (Mc 6,31).

[153] “Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei” (Mt 11,28). Aproveitando o ensejo desses apelos de Nosso Senhor às almas de boa vontade, chamo a atenção especial delas para o 3º conselho prático que formulamos no capítulo 1º da 5ª parte, próxima ao fim deste livro.

[154] “Tu, portanto, meu filho, procura progredir na graça” (II Tm 2,1).

[155] “Agi varonilmente e fortaleça-se o vosso coração” (Sl 30,25). Em traduções mais modernas, “Animai-vos e sede fortes de coração”.

[156] “Desprezei tudo e tenho em conta de esterco” (Fp 3,8).

[157] “O amor é forte como a morte” (Ct 8,6).

[158] “[O diabo] anda ao redor de vós como o leão que ruge... resisti-lhe firmes na fé” (I Pd 5,8-9).

[159] “Combati o bom combate” (II Tm 4,7).

[160] “Quando me sinto fraco, então é que sou forte” (II Cor 12,10).

[161] Encíclica de São Pio X, de 11 de junho de 1905, aos bispos da Itália.

[162] “Permaneçei em Mim” (Jo 15,4).

[163] “Transbordo de gozo em todas as nossas tribulações” (II Cor 7,4).

[164] “Caçador de almas”.

[165] Santo Inácio.

[166] “Filhinhos meus, por quem de novo sinto dores de parto, até que Cristo seja formado em vós” (Gl 4,19).

[167] “Vim, vi, venci”.

[168] “Não temais”.

[169] “Renova a tua juventude como a da águia” (Sl 102,5).

[170] São João Maria Vianney.

[171] “Enviei-vos a ceifar onde não tendes trabalhado; outros trabalharam e vós entrastes em seus trabalhos” (Jo 4,38).

[172] “Fará também as obras que eu faço, e fará ainda maiores do que estas” (Jo 14,12).

[173] “Pela obra operada”.

[174] “Pela ação de quem age”.

[175] “Quem permanece em mim e eu nele”.

[176] “Esse dá muito fruto” (Cf. Jo 15,5).

[177] Cântico espiritual, estrofe XXIX.

[178] “Cumularei os sacerdotes de abundantes vítimas gordas, e meu povo se fartará de meus bens” (Jr 31,14).

[179] “Sem mim, nada podeis fazer “ (Jo 15,5).

[180] “Estas três coisas permanecem: a palavra, o exemplo e a oração, mas a maior das três é a oração”.

[181] Cf. At 6,4.

[182] Mt 9,37.

[183] “Pedi, pois, ao Senhor da messe que envie operários para sua messe” (Mt 9,38).

[184] “Ide, ensinai... pregai” (Cf. Mt 10,7).

[185] Encíclica de São Pio X aos bispos da Itália, de 11 de junho de 1905.

[186] “O que falta às tribulações de Cristo, completo em minha carne, por seu Corpo que é a Igreja” (Cl 1,24).

[187] “Os sofrimentos de Cristo estavam completos, mas só na cabeça; faltam, ainda, os sofrimentos de Cristo em seus membros místicos”.

[188] Mt 5,13.

[189] “Que coisa pura poderá vir do impuro?” (Eclo 34,4).

[190] “Por vossa causa, o nome de Deus é blasfemado entre os pagãos” (Rm 2,24).

[191] *Qui enim sui loci necessitate exitur summa dicere, hac eadem necessitate compéllitur summa monstrare* (São Gregório. Pastor, 2º p., c. III).

[192] Literalmente: “Forma o coração do rebanho”. Cf. I Pd 5,3.

[193] “Que vejam vossas boas obras e deem glória ao Pai” (Mt 5,16).

[194] “Mostra-te, em tudo, modelo de bom comportamento” (Tt 2,7).

[195] “Torna-te modelo para os fiéis, no modo de falar e de viver, na caridade, na fé, na castidade” (I Tm 4,12).

[196] “O que observastes em mim, isso praticai” (Fp 4,9).

[197] “Tornai-vos meus imitadores, como eu o sou de Cristo” (I Cor 11,1).

[198] “Quem de vós me acusará de pecado?” (Jo 8,46).

[199] “[Jesus] começou a fazer e a ensinar” (At 1,1).

[200] “Um operário que não tem de que se envergonhar” (II Tm 2,15).

[201] Encíclica de S. S. Leão XIII, de 8 de setembro de 1899.

[202] Encíclica de São Pio X, aos bispos da Itália, de 11 de junho de 1905.

[203] Cf. Is 45,15.

[204] *De Sp. Sancto*, c. IX, nº 23.

[205] “João não fez milagre algum” (Jo 10,41).

[206] “Saía dele uma força que curava a todos” (Lc 6,19).

[207] Em tradução livre: “Estando sozinho em seu coração, estava só em qualquer lugar”.

[208] “Anunciar as mensagens de Deus” (I Pd 4,11).

[209]

[210] “As palavras que vos digo não as digo de mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, é que realiza as suas próprias obras” (Jo 14,10).

[211] A vida desse capitão de dragões, o qual, em 1870, durante a batalha de Gravelotte, fez o voto de se fazer trapista e que na Trapa apenas quis ser leigo, vem narrada no excelente livro: *Du champ de bataille à la Trappe* (Perrin e Cia. editores, Paris).

[212] “Nossa conversação está nos céus” (Fp 3,20). Nas traduções atuais da Vulgata, vemos *Noster enim municipatus in cælis est*, traduzido por “Nós, porém, somos cidadãos do céu”.

[213] “Oceano de bondade” (Ladainha ao Sacratíssimo Coração de Jesus).

[214] “Apareceu a bondade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com os homens” (Tt 3,4).

[215] “Imagem de sua bondade” (Sb 7,26).

[216] De “efusivo”, que se pode difundir ou que tem ação enérgica, mas fugaz. Podendo ser, se espalhar rapidamente e pelo maior espaço possível, levando Deus aos outros.

[217] “Por sua bondade e o zelo de sua alma, apaziguou” (Eclo 45,29).

[218] *Conf. espir.*

[219] *Tratado da vida espiritual*. II, c. X.

[220] Jo 10,16.

[221] “Sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15,5).

[222] “Importa que ele cresça e eu diminua” (Jo 3,30).

[223] “Não vos façais chamar ‘Rabi’, porque um só é vosso preceptor... O maior dentre vós será vosso servo” Mt 23, 8.11).

[224] Santo Agostinho.

[225] “Pequeno rebanho”.

[226] Homilia de São Beda. Livro IV, cap. LIV, sobre Lc 12.

[227] Cf. Mt 20; Lc 22.

[228] Lc 9,55

[229] Primeira Guerra Mundial, de 1914 a 1918.

[230] “Estou pregado à cruz de Cristo” (Gl 2,19).

[231] “Trazemos sempre em nosso corpo os traços da morte de Jesus para que também a vida de Jesus se manifeste em nosso corpo” (II Cor 4,10).

[232] “Cristo não agradou a si mesmo” (Rm 15,3).

[233] Mt 15,8.

[234] Lc 13,3

[235] I Cor 1,23.

[236] “O homem vê a aparência; Deus, porém, vê o coração” (Da Liturgia das Horas).

[237] “Renuncie-se a si mesmo” (Mt 16,24).

[238] Ninguém dá o que não tem.

[239] “Quanto a essa espécie de demônio, só se pode expulsar à força de oração e de jejum” (Mt 17,20).

[240] “Tenho procurado entre eles alguém que construísse o muro e se detivesse sobre a brecha diante de mim, em favor da terra, a fim de prevenir a sua destruição, mas não encontrei ninguém” (Ez 22,30).

[241] Reclinando-se no peito do Senhor, sorveu na fonte do peito do Senhor as palavras do evangelho e difundiu no mundo a graça do verbo de Deus.

[242] “Tirareis águas das fontes do Salvador” (Is 12,3).

[243] Referência a I Cor 13.

[244] Pio X. Exortação ao clero católico, de 4 de agosto de 1908.

[245] Sermão de São João Batista: O brilho só é uma vaidade, o calor só é pouca coisa; a luz com o calor é a perfeição. [...] É, sobretudo, aos apóstolos que foi dito: Brilhe a vossa luz diante dos homens. Eles devem, com efeito, ser ardentes, muito ardentes.

[246] “Não podeis suportá-lo agora”.

[247] “Eu vim lançar fogo à terra, e que tenho eu a desejar se ele já está aceso?” (Lc 12,49).

[248] “Vou contra ti em nome do Senhor dos exércitos” (I Sm 17,45).

[249] “Pão e circo”.

[250] “Exemplos arrastam”.

[251] “Aparta-te do mal” (Sl 36,27).

[252] Pregação, de 20 de janeiro de 1921.

“O amigo do clero”. Publicação semanal destinada ao clero francês, publicada entre 1878 e 1969.

[253] Quando se comparam certas passagens da primeira encíclica de São Pio X com várias palavras por ele mais tarde proferidas, compreende-se que, na conversa a que acabamos de aludir, é do fervor dos sacerdotes que ele espera a formação das elites de que fala e com elas é que conta depois (mais do que com outro qualquer meio) para aumentar o número dos verdadeiros fiéis. Conseguido esse resultado, assegurados estão o recrutamento sacerdotal e a multiplicação das escolas e das igrejas.

Quando a quantidade não é consequência da qualidade, corre-se o grave perigo de uma religiosidade vã, enganadora, cheia de exterioridades.

[254] Livro de registro dos paroquianos.

[255] Cf. Sl 83, 6.8.

[256] “O regime das almas”, isto é, o governo, a direção espiritual das almas.

[257] “Arte das artes”.

[258] “Virtude unitiva”.

[259] Eis alguns autores que falaram da direção espiritual: Cassiano, São Gregório Magno, São Bernardo, São Boaventura, São Vicente Ferrer, Santa Teresa, São Francisco de Sales, São Vicente de Paulo, Santo Afonso, São Jerónimo, Santa Joana de Chantal, Bossuet, Fénelon, Dupanloup etc, em suas cartas.

Nota do revisor: O autor cita, originalmente, diversas outras obras, todas publicadas em Francês que, pela antiguidade e a falta de traduções já não estariam acessíveis ao público brasileiro ou lusófono. Optamos por restringir esta referência à menção geral de autores cujas obras podem ser encontradas mais facilmente.

[260] “Avançar para águas mais profundas” (Lc 5,4).

[261] Em tradução livre: “No sentido comum das coisas”.

[262] “Por três anos não cessei, noite e dia, de admoestar, com lágrimas, a cada um de vós” (At 20,31).

[263] “Cristo se encarnou para que o homem se tornasse deus” (Santo Agostinho).

[264] “Querendo que nós nos tornássemos participantes de sua divindade, o Filho unigênito de Deus assumiu nossa natureza a fim de que, feito homem, fizesse dos homens deuses” (Santo Tomás de Aquino. Ofício da Solenidade de Corpus Christi).

[265] “Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes seu sangue, não tereis a vida em vós mesmos” (Jo 6,53).

[266] “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

[267] “O ramo não pode dar fruto por si mesmo... Assim também vós, se não permanecerdes em mim”(Jo 15,4).

[268] “Quem permanecer em mim, e eu nele, esse dá muito fruto” (Jo 15,5).

[269] “Instaurar todas as coisas em Cristo”.

[270] “Disse-vos essas coisas para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa” (Jo 15,11).

[271] Padre Desurmont, C.Ss.R.

[272] “Arranca-o e lança-o longe de ti” (Mt 5,29).

[273] “Vigiai e orai”.

[274] “Já não vos chamo servos... mas chamei-vos amigos” (Jo 15,15).

[275] “Se em vossa Lei não tivesse encontrado as minhas delícias, já teria perecido em minha aflição” (Sl 118,92).

[276] Ascensão do espírito para Deus.

[277] Bela expressão de Alvarez da Paz sobre o fim da meditação.

[278] “Vós, Senhor Jesus, Vós mesmo, com vossa mão dulcíssima, misericordiosíssima, contudo fortíssima, haveis de formar e moldar meu coração” (Santo Agostinho).

[279] *Video*: vejo; *Sitio*: tenho sede; *Volo*: quero; *Volo tecum*: quero convosco.

[280] Quase sempre é indispensável um livro de meditação para impedir a divagação do espírito.

Muitos livros antigos e modernos apresentam todos os caracteres de verdadeiros livros de meditação e não somente de leitura espiritual. Cada ponto encerra uma verdade empolgante apresentada com nitidez, força e concisão, de tal sorte que, após a reflexão, traz consigo o

entretenimento afetuoso e prático com Deus.

Basta um só ponto para meia hora, e esse ponto deve resumir-se em um texto bíblico ou litúrgico, ou em uma ideia principal adaptada ao meu estado.

Antes de tudo, escolher os fins últimos e o pecado, ao menos uma vez por mês. Depois a vocação, os deveres do estado, os vícios capitais, as virtudes principais, os atributos de Deus, os mistérios do rosário ou outra qualquer cena do Evangelho, sobretudo da Paixão. Nas solenidades litúrgicas, o assunto está naturalmente indicado.

[281] O *clauso ostio* [“fecha tua porta”, cf. Mt 6,6] de Nosso Senhor convida-me a preferir, para fazer a meditação, o lugar onde estiver mais à vontade: igreja, quarto, jardim etc.

[282] Por ex.: Nosso Senhor mostrando o seu Sagrado Coração e dizendo: *Ego sum resurrectio et vita* [“Eu sou a ressurreição e a vida”; cf. Jo 11,25] ou “Eis o Coração que tanto amou os homens” ou, ainda, uma cena de sua vida: Belém, Tabor, Calvário etc. Se, após esforço leal e curto, não se conseguir essa representação, passe-se adiante; Deus suprirá.

[283] O bom êxito da oração quase sempre depende do cuidado em considerar o interlocutor como presente e vivo e em cessar de tratá-lo como afastado e passivo, isto é, quase uma abstração.

[284] Persuadamo-nos firmemente de que Deus, para esse entretenimento, não exige senão a boa vontade. A alma que, importunada pelas distrações, volta, cada dia, paciente e fielmente para seu divino interlocutor faz excelente meditação – Deus supre tudo.

[285] Assim se enraízam as convicções fortes e se preparam os dons de espírito de fé viva e de intuição sobrenatural.

[286] “Quero agradar a Deus em todas as coisas”. Nessas palavras, Suárez resume o fruto de todos os tratados ascéticos. Esses atos de *sítio* dispõem a alma para a resolução de nada recusar a Deus.

[287] É melhor que a mesma resolução dure meses inteiros, ou de um retiro ao outro. O exame particular, em forma de curto entretenimento com Nosso Senhor, completa a meditação, e fazendo verificar progressos ou retrocessos, facilita extraordinariamente o caminho para a frente.

[288] “Tudo posso, naquele que me conforta” (Fp 4,13).

[289] “Inclinai, Senhor, vossos ouvidos e atendei-me, porque sou pobre e miserável” (Sl 85,1).

[290] Referência a Mateus 7,16: “Por seus frutos os conhecereis”.

[291] A meditação é o braseiro onde se vai reavivar a guarda do coração.

Mediante a fidelidade a essa meditação, todos os demais exercícios de piedade serão vivificados. A alma irá, pouco a pouco, adquirindo a vigilância e o espírito de oração, isto é, o hábito de recorrer a Deus cada dia com maior frequência.

A união com Deus ria meditação gerará uma união íntima com Ele, mesmo durante as ocupações mais absorventes.

Vivendo a alma assim unida a Nosso Senhor pela guarda do coração, atrairá a si cada vez mais os dons do Espírito Santo e as virtudes infusas, e talvez Deus venha a chamá-la a grau mais elevado de oração.

O excelente livro *As Vias da oração mental*, de D. Vital Lehodey, define bem o que se requer para a ascensão da alma pelos diversos graus de oração, e dá as regras para discernir se uma oração superior é verdadeiramente dom de Deus ou fruto da ilusão.

Antes de falar da oração afetiva, primeiro grau das orações mais elevadas, às quais Deus ordinariamente não chama senão as almas chegadas à guarda do coração mediante a meditação, padre Rigoleuc, S. J., indica, no livro tão estimado de suas *Obras espirituais*, dez maneiras de falar com Deus, quando, após tentativa séria, alguém se encontra na **impossibilidade moral** de fazer a meditação sobre o assunto preparado de véspera.

Resumamos esse piedoso autor:

1ª maneira: Tomar um livro espiritual (Novo Testamento ou Imitação de Cristo) e ler algumas linhas com intervalos; meditar um pouco no que se leu; procurar penetrar-lhe o sentido e gravá-lo no espírito; tirar daí qualquer afeto santo, amor ou penitência etc., e propor praticar qualquer virtude que mais agrade; evitar o ler muito ou o meditar muito; demorar-se em cada pausa, enquanto o espírito nela encontrar entretenimento agradável e útil.

2ª maneira: Tomar qualquer expressão da Escritura Sagrada, ou qualquer oração vocal: Pai nosso, Ave Maria, Credo, por exemplo, e pronunciá-la, demorando-se em cada palavra; tirar dela diversos sentimentos de piedade nos quais se demore enquanto neles achar gosto; no fim, pedir a Deus alguma graça ou virtude, segundo o assunto meditado; não se demorar muito, com repugnância e enfado, em uma palavra – quando nela já não se encontrar com que deleitar-se, passe-se docemente a outra; quando sentir-se tocado por algum sentimento bom, demorar-se enquanto ele dura, sem estar com desejo de passar adiante; não é necessário fazer sempre atos novos, basta algumas vezes conservar-se perante Deus, ruminando em silêncio as palavras já meditadas, ou saboreando os sentimentos que elas produzirem no coração.

3ª maneira: Quando o assunto preparado não fornece entretenimento suficiente, fazer atos de fé, adoração, ação de graças, esperança, amor etc., dando-lhe a extensão que se quiser e demorando-se um pouco em cada um para saboreá-lo.

4ª maneira: Quando não se souber mais meditar nem produzir afeto (impotência e esterilidade), protestar perante Deus que se tem a intenção de fazer tantos atos de contrição, por exemplo, quantas vezes se respirar, se fizerem passar as contas de terço entre os dedos ou se pronunciar qualquer oração curta; renovar de quando em quando esse protesto; se Deus der outro qualquer bom sentimento, recebê-lo com humildade e demorar-se nele.

5ª maneira: Nas penas e nas securas, estando estéril e impotente para pensar ou operar, abandonar-se generosamente ao sofrimento sem se inquietar ou fazer esforço para sair dele, sem fazer outros atos senão esse abandono de si mesmo nas mãos de Deus para sofrer essa provação e

todas aquelas que a Ele aprouverem ou, então, unir a oração à agonia de Nosso Senhor no Horto e a seu desamparo na cruz; persuadir-se que nela se está cravado com o próprio Salvador e animar-se com o exemplo d'Ele a lá se conservar e a sofrer constantemente até a morte.

6ª maneira: Revista do próprio interior – reconhecer as próprias faltas, paixões, fraquezas, enfermidades, impotências, misérias, nada; adorar os juízos de Deus acerca do estado em que a pessoa se encontra; submeter-se a sua santa vontade; bendizê-lo igualmente tanto pelos castigos de sua justiça como pelos favores da sua misericórdia; humilhar-se perante sua suprema Majestade; confessar-lhe sinceramente as próprias infidelidades e pecados e pedir-Lhe perdão; retratar os próprios erros e juízos falsos; detestar todo o mal que se fez e propor corrigir-se para o futuro.

Esta oração é por demais livre e recebe toda sorte de afetos. Pode-se fazer em qualquer ocasião, sobretudo após um acidente inesperado para se submeter aos castigos da justiça de Deus, ou após o embaraço da ação para voltar ao recolhimento.

7ª maneira: Viva representação dos fins últimos. Considerar-se na agonia entre o tempo e a eternidade, entre a vida passada e o julgamento de Deus. Que quereria ter feito? Como quereria ter vivido? Pensar na pena que se há de sentir; recordar-se dos pecados, desregramentos, abuso das graças; como se quereria ter procedido em tal ou tal ocasião? Propor remediar eficazmente o que causar motivos de temor; figurar-se: enterrado; em putrefação; esquecido de todos; diante do tribunal de Jesus Cristo; no purgatório; no inferno – quanto mais viva for a representação, tanto mais proveitosa a meditação será. É necessária esta morte mística para descarnar a alma e ressuscitá-la, isto é, libertar-se da corrupção do vício. É preciso passar por este purgatório para chegar ao gozo de Deus nesta vida.

8ª maneira: Aplicação do espírito a Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento – saudar Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento com todo o respeito que a presença real exige e unir-se a Ele e a todas as suas divinas operações na Eucaristia, em que não cessa de adorar, louvar e amar seu Pai em nome de todos os homens e em estado de vítima; conceber seu recolhimento, vida oculta, privação de tudo, obediência, humildade etc.; excitar-se à imitação dessas virtudes e propor fazê-lo nas ocasiões; oferecer Jesus Cristo ao Pai Eterno, como única vítima digna d'Ele e pela qual nós podemos render-lhe, homenagem, reconhecer seus benefícios, satisfazer sua justiça e obrigar sua misericórdia a socorrer-nos; oferecer a si mesmo para lhe sacrificar o ser, vida, empregos; apresentar-lhe um ato de virtude que se proponha fazer: qualquer mortificação que se esteja resolvido a praticar para se vencer, e isso pelos mesmos fins pelos quais Nosso Senhor se imola no Santíssimo Sacramento; fazer essa oblação com desejo ardente de aumentar, tanto quanto se for capaz, a glória que Ele presta a seu Pai nesse augusto mistério; terminar pela comunhão espiritual.

Meditação excelente, sobretudo pela visita ao Santíssimo Sacramento. Deve-se torná-la familiar, porque nossa felicidade nesta vida depende da união a Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento.

8ª maneira: Faz-se em nome de Jesus Cristo. Excita nossa confiança em Deus e faz-nos entrar no espírito e nos sentimentos de Nosso Senhor. Funda-se em nós sermos aliados do Filho de Deus, seus irmãos, membros de seu Corpo místico, em Ele nos ceder todos os seus méritos e nos legar todas as recompensas que seu Pai lhe deve por seus trabalhos e por sua morte. É isso que

nos torna capazes de honrar a Deus com culto digno de Deus e nos dá o direito de tratar com Deus e de exigir, de alguma forma, suas graças como por justiça. Não temos direito como criaturas, menos ainda como pecadores, porque há desproporção infinita entre Deus e a criatura e oposição infinita entre Deus e o pecador, mas na qualidade de aliados do Verbo encarnado, de seus irmãos, de seus membros, podemos aparecer diante de Deus com confiança, tratar familiarmente com Ele e obrigá-lo a escutar-nos favoravelmente, a ouvir nossas súplicas e a conceder-nos suas graças, devido à aliança e à união que temos com seu Filho. Portanto, aparecer perante Deus, ou para adorá-Lo, ou para amá-Lo, ou para louvá-Lo por intermédio de Jesus Cristo, operando em nós como a Cabeça nos seus membros e elevando-nos, por seu espírito, a um estado todo divino, ou para pedir qualquer favor em virtude dos méritos de seu Filho. E, com esse intuito, representar-lhe os serviços que esse seu muito amado Filho lhe prestou, sua vida, sua morte, seus sofrimentos, cuja recompensa só nos pertence pela entrega que Ele nos fez dela. Nesse espírito, recitar o Ofício Divino.

10ª maneira: Simples atenção à presença de Deus e meditação. Antes de se aplicar em meditar o assunto preparado, pôs-se na presença de Deus sem se ocupar em nenhum outro pensamento distinto, nem excitar outro sentimento senão o de respeito e de amor a Deus que a sua presença inspira; contentar-se com conservar-se assim diante de Deus, em silêncio, nesse simples repouso de espírito, enquanto nele se encontrar gosto; em seguida, meditar segundo a maneira ordinária. Bom é começar assim todas as meditações, e útil o fazê-lo depois de cada ponto. Repousar nosso espírito assim nesta simples atenção a Deus. Assim o orante se estabelece no recolhimento interior; acostuma-se a fixar o próprio espírito em Deus e prepara-se, pouco a pouco, para a contemplação. Mas não se deve conservar assim por pura preguiça e para não ter o trabalho de meditar.

[292] “Como era no princípio...”.

[293] “Santo, Santo, Santo”.

[294] “Os céus narram a glória de Deus”.

[295] “O louvor não é belo na boca do pecador” (Eclo 15,9).

[296] Por Ele, com Ele e n’Ele, toda a honra e toda a glória vos são rendidas, ó Deus Pai (Cânon da Missa).

[297] A Igreja, inspirada por Deus e instruída pelos santos apóstolos, dispôs de tal sorte o ano que a par da vida, dos mistérios, da pregação e da doutrina de Jesus Cristo, nele se encontra o verdadeiro fruto de tudo isso nas admiráveis virtudes de seus servos e nos exemplos de seus santos, e também misteriosa síntese do Antigo e do Novo Testamento e de toda a história eclesiástica. Devido a isso, todas as estações são frutuosas para os cristãos: tudo aí está cheio de Jesus Cristo... Nessa variedade, que vai toda terminar na unidade tão recomendada por Jesus Cristo, a alma inocente e piedosa, além das alegrias celestes, encontra ainda alimento sólido e renovação perpétua de seu fervor (Bossuet, Oração fúnebre de Maria Teresa da Áustria).

[298] Hoje nasceu Jesus Cristo, hoje apareceu o Salvador, hoje os anjos cantam na terra (Ofício do Natal).

[299] Motu próprio de São Pio XI, de 22 de novembro de 1903.

[300] O unir-se à oração de outrem pode levar a uma oração avançada. A prova é um camponês que se havia oferecido para levar as bagagens de Santo Inácio e de seus companheiros. Vendo que os padres, chegando a uma estalagem, apressavam-se em procurar qualquer recanto tranquilo para se recolherem diante de Deus, fazia o mesmo e, como eles, se ajoelhava. Os padres, um dia, perguntaram-lhe o que fazia ele quando assim se recolhia: “Nada mais faço”, respondeu, “do que dizer: Senhor, estes são santos e eu sou seu animal de carga; o que eles fazem, quero eu também fazer; eis o que eu ofereço, então, a Deus” (Cf. Rodrigues. Perfeição cristã. 1ª parte, tratado 5º, cap. XIX).

Se esse homem, mediante esse exercício, continuo, chegou a grau eminente de oração e de espiritualidade, com mais razão até o analfabeto, unindo-se à vida litúrgica da Igreja, pode tirar grandes proveitos dela.

Um irmão leigo de Claraval guardava ovelhas durante a noite da Assunção. Uniu-se como pôde, sobretudo por meio da reza da saudação angélica, das matinas que os monges cantavam e cujos ecos longínquos chegavam até ele. Deus revelou a São Bernardo que devoção tão humilde e tão simples dele de tal sorte tinha agradado a Nossa Senhora que esta a havia preferido à oração dos religiosos, mesmo fervorosos como eram. (Exórdium magnum Ord. Cisterc. 4ª, c. XIII).

[301] Motu próprio de São Pio X, de 22 de novembro de 1903.

[302] O sacerdote, o próprio pontífice, mesmo o simples fiel, não depende senão de seu caráter de cristão, quando, sem exercer qualquer função, assiste a uma cerimônia e sabe tirar proveito dela.

[303] Compreenderemos melhor a eficácia da liturgia para nos fazer viver da graça e nos facilitar a vida interior se nos lembrarmos de que toda oração oficial, toda cerimônia instituída pela Igreja possui o poder de impetração de si mesmo irresistível, *per se* efficacíssima. Aqui, o poder posto em execução para obter tal graça não é apenas o gesto individual, a oração isolada de uma alma mesmo excelentemente disposta: é também o gesto da Igreja, tornando-se suplicante conosco, é a voz da esposa muito amada, que alegra sempre o Coração de Deus e que é sempre ouvida de alguma forma.

Se devêssemos resumir isso em duas palavras, diríamos que o poder de impetração da oração litúrgica é constituído por dois elementos: o *opus operantis* da alma que se utiliza do **grande sacramental** da liturgia e o *opus operantis Ecclesiæ*. As duas ações – a da alma e a da Igreja – são como duas forças que se combinam e que em um mesmo impulso são levadas para Deus.

[304] Cf. I Cor 12,12.

[305] *Unusquisque fidelium quasi quædam minor videtur esse Ecclesia, dum salvo unitatis arcanæ mystério, etiam cuncta Redemptionis humanæ unus homo suscipit Sacramenta* (Pedro Damiano. Opus XI, cap. X; Patr. lat., t. CXLV, col. 239).

[306] São Pedro Damiano, citado por Dom Gréa em *La Sainte Liturgie*, p. 51.

[307] Santo Inácio. Epístola aos Efésios, nº 5. Santo Afonso de Ligório preferia uma oração do breviário a cem orações privadas.

[308] *Charactere sacramentali insignitur homo ut ad cultum Dei deputatus secundum ritum Christianæ religionis* (Cardel Billot. *De Ecclesiæ Sacram.*, t. I, thes. 2).

[309] *Vos autem genus electum, regale sacerdotium, gens sancta, populus acquisitionis* (I Pd 2,9).

[310] *Sacerdotium sanctum, offerre spirituales hostias, acceptabiles Deo per Iesum Christum* (I Pd 2,5).

[311] “Orai, irmãos, para que o meu e o vosso sacrifício sejam aceitos...”.

[312] *Memento, Domine... et domnium circumstantium pro quibus tibi offerimus vel qui tibi offerunt hoc sacrificium laudis... Hanc igitur oblationem servitutis nostræ sed et cunctæ familiæ tuæ quæsumus, Domine, ut placatus accipias* (Cânion da missa). “Nós oferecemos tudo com o sacerdote, nós consentimos em tudo o que ele faz, em tudo o que ele diz. E que diz ele? ‘Orai, irmãos. para que o meu sacrifício e o vosso sejam agradáveis ao Senhor nosso Deus’. E vós, que respondeis? ‘Que o Senhor o receba das vossas mãos!’ O quê? ‘O meu sacrifício e o vosso!’ E que diz o sacerdote ainda? ‘Lembra-vos dos vossos servos por quem nós vos oferecemos’. É tudo? O sacerdote acrescenta: ‘Ou que vos oferecem este sacrifício’. Ofereçamos, pois, também com ele. Ofereçamos a Jesus Cristo; ofereçamo-nos a nós mesmos, com toda sua Igreja Católica, espalhada por toda a terra” (Bossuet. *Méditations sur l’Évangile*. Cène, Ire partie, LXIIIe jour).

[313] São Pedro Damiano, citado por Dom Gréa. *La Sainte Liturgie*, p. 51.

[314] Jo 13,35.

[315] “Que todos sejam um... que sejam perfeitos na unidade” (Jo 17, 21.23).

[316] *Creatus est homo ad hunc finem, ut Dominum Deum suum laudet, ac revereatur eique serviens tandem salvus fiat* (Exercícios espirituais de Santo Inácio) – Em tradução livre: “O homem foi criado para esse fim, para que cante louvores ao Senhor, seu Deus, e o respeite, para que, servindo-o longamente, seja salvo”.

Nosso fim é o serviço de Nosso Senhor, e não é senão para servi-lo melhor que nós devemos corrigir-nos de nossas faltas e adquirir as virtudes: a santidade não é mais que um meio de melhor serviço (Bem-aventurado [hoje santo] padre Pedro Julião Eymard).

[317] “À estatura da maturidade de Cristo” (Ef 4,13).

[318] Cf. Mt 7,29.

[319] “Alegremo-nos, exultemos”.

[320] “Choremos”.

[321] “Agradecemos a Deus”.

[322] “Tende piedade”.

[323] “Confiante, confiarei”.

[324] “Eu amo”.

[325] Desse modo, são delegados da Igreja os clérigos e os religiosos obrigados ao breviário, mesmo quando o rezam privadamente. Da mesma forma, em suas igrejas canonicamente eretas, aqueles que estão obrigados ao ofício do coro e às missas capitulares ou conventuais. E aqueles que, embora não tenham recebido ordens, desempenham funções delas por tolerância da Igreja, como os que ajudam a missa.

[326] Sermão XX.

[327] *Sacerdos personam induit Ecclesiæ, verba illius gerit, vocem assumit* (Guilherme de Paris. *De Sacram. Ordinis*). Em tradução livre: “Revestido da pessoa da Igreja, o sacerdote usa suas palavras, assume sua voz”.

[328] *Per unitatem fidei, sacerdos Ecclesia tota est et eius vices gerit* (São Pedro Damiano, *Opúsculo XI*, cap. X; *Patr. lat.*, tomo CXLV, col. 239); *Quid mirum si sacerdos quilibet... vicem Ecclesiæ solus expleat... cum per unitatis intimæ sacramentum, tota spirituáliter sit Ecclesia* (São Pedro Damiano, *op. cit.*).

[329] *Medius stat sacerdos inter Deum et humanam naturam; illinc veniéntia beneficia ad nos déferens et nostras petitiones illuc pérferens* (São João Crisóstomo. Hom. V, nº 1, em: *Vidi Dominum*).

[330] Por que o sacerdote, que reza seu breviário, embora esteja sozinho, diz: *Dominus vobiscum*? E por que responde: *Et cum spiritu tuo*, em vez de responder: *Et cum spiritu meo*? “Não”, diz São Pedro Damiano, “o sacerdote não está só. Quando celebra ou reza, tem diante de si toda a Igreja misteriosamente presente, e é a ela que o sacerdote saúda, dizendo-lhe: *Dominus vobiscum*. Depois, como ele representa a Igreja, esta lhe responde, pela própria boca dele: *Et cum spiritu tuo* (São Pedro Damiano, em *Dominus vobiscum*, 6, 10 etc.). São os pensamentos do santo que nós reproduzimos nesta seção.

[331] *Laudate Dominum; sed laudate de vobis, id est, ut non sola lingua et vox vestra laudet Deum, sed et conscientia vestra, vita vestra, facta vestra* (Santo Agostinho. *Enarratio in Psalmi. Salmo CXLVIII*, nº 2). Assim como os homens exigem de vós a santidade quando vos apresentais como embaixador de Deus junto deles, assim também Deus a exige de vós quando diante dele apareceis como intercessor dos homens. O intercessor é parlamentar da miséria terrestre delegado ante a justiça divina. Ora, para que um parlamentar seja favoravelmente acolhido, diz Santo Tomás, duas condições são necessárias. A primeira é ser digno representante do povo que o envia; a segunda é ser amigo do príncipe para junto do qual é enviado. Sacerdote sem qualquer estima por vossa santidade, sois vós, porventura, digno representante do povo cristão quando não sois expressão acabada das virtudes cristãs? Sois vós amigo de Deus, quando sequer chegais a ser servo fiel? E se assim acontece com um mediador indiferente, que

acontecerá, com mais razão, a um mediador culpável? Porque quem poderá exprimir, então, as anomalias de sua situação funesta? “Reze por mim, meu padre; muito é vosso crédito junto de Deus”, dizem-vos as almas boas. Quereis conhecer a eficácia desta salvaguarda piedosamente invocada? *Plus placet Deo latratus canum quam oratio talium clericorum* (Santo Agostinho. Sermão 37, citado por Padre Jean Baptiste Caussette, *Manreze du Prêtre*, 1.er jour, 2.ème discours).

[332] “Um outro Cristo”.

[333] O que dizemos do sacerdote aplica-se também, guardadas as devidas proporções, ao diácono e ao subdiácono. **Nota do revisor:** Recorde-se o leitor que, à época em que esta obra foi escrita, não estavam extintas as chamadas Ordens Menores, de que o subdiaconato fazia parte.

[334] Cf. Rm 12,4.

[335] Cf. I Cor 12,4.

[336] Cf. I Cor 3,9.

[337] Ao falarem da dignidade do sacerdote, os santos padres parecem ter esgotado sua eloquência. O pensamento deles pode-se resumir nestas palavras: “Essa dignidade sobrepuja tudo o que foi criado: só Deus é maior” - *Sublimitas sacerdotis nullis comparationibus potest aequipari* (Santo Ambrósio. *Dign. Sacerd.*, cap. 11). **Nota do revisor:** Seguiam-se, aqui, na tradução original, diversas outras menções, que suprimimos para preservar a fluidez do texto. O sentido do que desejou exprimir o autor já está bem claro.

[338] “O sacerdote é outro Cristo”.

[339] *Nil aliud sacrificex at quarn Christi simulacrum* (Pet. Blea. *Tract. rythm. de Euch.*, cap. VII).

[340] *Majus opus est ex impio justum facere quam creare caelum et terram* (Santo Agostinho).

[341] “Longe!”, “Fora!”. O sentido é de “Jamais!”, de algo inaceitável.

[342] Cf. Lm 4,11.13.

[343] *Vos estis sal terrae; quod si sal evanuerit, in quo salietur? Vos estis lux mundi.* (Mt 5,13-14). *Exemplum esto fidelium in verbo, in conversatione, in charitate, in fide, in castitate* (I Tm 4,12). **Nota do revisor:** Seguiam-se, aqui, novamente, diversas outras citações latinas de santos e doutos escritores, que omitimos, sem prejuízo do conteúdo da obra.

[344] Do Pontifical Romano. Em tradução livre: “Imitai o que manuseais”.

[345] “Purificai-vos, vós que levais os vasos do Senhor” (Is 52,11).

[346] Cf. Lv 21,6.

[347] Em tradução livre: “Põe, Senhor, sobre minha cabeça o capacete da salvação... cinge-me

com o cingulo da pureza...Perdoai todos os meus pecados. Fazei que eu sempre obedeça aos teus mandatos e não permita que jamais me separe e Vós” etc. São preces do sacerdote ao paramentar-se.

[348] Eu faço bem minha meditação para celebrar bem a missa, e celebro a missa e rezo piedosamente o breviário para, no dia seguinte, fazer bem a meditação (Padre Olivaint).

[349] “Olhos, língua, mente, sentidos, energia”.

[350] “Meu fim”.

[351] Cf. Hb 10,5-7.

[352] Cf. Jo 4,34; 6,38; 8,29.

[353] Cf. Fp 2,8.

[354] Cf. Js 10,14.

[355] Cf. Lc 16,10.

[356] “Por Deus, nosso Senhor”.

[357] Isto é, viva, brilhante.

[358] Cf. Jl 2,17.

[359] Cf. Jo 17,19.

[360] Cânon da Missa.

[361] Fp 2,5.

[362] Do Pontifical romano “Imitai o que manuseais”.

[363] Cf. Cl 1,24.

[364] Hino da Dedicção de uma Igreja.

[365] “Nossa conversação está nos céus” (Fp 3,20). Nas traduções atuais da Vulgata, vemos *Noster enim municipatus in cælis est*, traduzido por “Nós, porém, somos cidadãos do céu”.

[366] “Reconhece o que fazes”.

[367] “Antes da oração, prepara tua alma” (Eclo 18,23).

[368] “Na presença dos anjos, eu vos cantarei” (Sl 137,1).

[369] “Vinde, ó Deus, em meu auxílio”.

[370] De “Introibo ad altare Dei”, isto é, “Subirei ao altar de Deus”. Sl 42/43,4.

[371] Oração do 12º domingo depois de Pentecostes, conforme o Missal pré-Conciliar.

[372] Apostolado ou **escândalo**: sobre grande número de almas que veem a religião por meio de vago intelectualismo ou ritualismo, o sermão feito por um sacerdote medíocre é, na maioria das vezes, muito menos eficaz que o apostolado do verdadeiro sacerdote cuja grande fé, compunção e piedade irradiam por ocasião de um batizado, de um enterro e, sobretudo, de uma missa. Palavras e ritos são flechas capazes de excitar esses corações. A liturgia assim vivida reflete-lhes o mistério como certo, o invisível como existente e convida-os a invocar esse Jesus quase desconhecido para eles, mas com o qual sentem que esse verdadeiro sacerdote está em íntima comunicação.

Pelo contrário, há atenuação ou perda de sua fé quando elas, desanimadas, exclamam: “Não, realmente não é possível que esse sacerdote acredite que há um Deus e o tema, visto como celebra, batiza, recita orações e faz as cerimônias de tal modo”. Que responsabilidades! E quem ousará sustentar que escândalos tais não serão objeto de julgamento rigoroso?

Como é grande a influência que sobre os fiéis exerce a manifestação do temor reverencial ou, pelo contrário, o desmazelo nas funções sagradas!

Sendo estudante em uma escola universitária, e subtraído a toda e qualquer influência clerical, por acaso tivemos o ensejo de ver, sem que ele notasse, um sacerdote rezar seu breviário. Foi uma revelação para nós sua atitude cheia de respeito e de religião, e imensamente sentimos, desde então, manifestar-se em nós a necessidade de orar, e de orar procurando imitar esse sacerdote. A Igreja aparecia-nos como que concretizada nesse digno ministro em comunicação com seu Deus.

“Ao invés”, confessava-nos ultimamente uma alma leal, “vendo a rapidez com que meu pároco despachava sua missa, fiquei perturbado e persuadido de que ele não deveria ter fé. Desde então, cessei de poder orar, até de crer, e uma espécie de repugnância, causada pelo temor de ver mais uma vez esse sacerdote celebrar, tem-me conservado, desde esse momento, afastado da igreja”.

[373] “Esteja o pensamento de acordo com a voz” (Regra de São Bento).

[374] Querendo fazer a caricatura de uma pessoa que fala com volubilidade e que não sabe o que diz, um literato do século passado, tão afamado por sua impiedade como pelo realismo de suas descrições, não encontra melhor comparação do que esta do padre que engrola sua missa.

[375] “Maldito aquele que faz a obra de Deus com negligência” (Jr 48,10).

[376] “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus” (Mt 5,8).

[377] **P. Corno se adquire a pureza de intenção?**

R. Adquire-se por meio de grande atenção sobre nós mesmos, no começo e, sobretudo, no progresso de nossas ações.

P. Por que é necessária essa atenção no começo de nossas ações?

R. Porque se essas ações forem agradáveis, úteis e conformes às inclinações da natureza, logo essa atenção espontaneamente se dirige para elas, unicamente em virtude do prazer ou do interesse. Ora, que atenção e até que domínio não é necessário temos sobre nós mesmos, para impedir que nossa vontade seja logo no começo arrastada pela impressão dos motivos naturais que a lisonjeiam, solicitam-na, deslumbram-na?

P. Por que haveis acrescentado que essa ação é, sobretudo, necessária durante o progresso de nossas ações?

R. Porque, embora se haja tido a força de se renunciar logo no princípio a qualquer atrativo lisonjeiro para os sentidos e para o amor próprio a fim de seguir, em tudo, só as vistas da fé, por meio de intenções puras, se na continuação nos esquecermos de nos observar de perto, como o gozo atual do prazer que se sente ou do interesse que se encontra no decurso de certas ações vem sempre causar novas impressões, o coração pouco a pouco se amolece e a natureza, se bem que mortificada pelas primeiras renúncias, desperta e retoma sua ascensão. Em pouco tempo, o amor próprio introduz em nós, sutilmente e quase sem darmos por isso, seus objetivos interesseiros, pondo-os em lugar dos motivos bons pelos quais havíamos empreendido e começado nossas ações. Aqui ocorre, em inúmeros casos, o que diz São Paulo: que depois de se ter começado pelo espírito, acaba-se pela carne, isto é, com motivações baixas, terrenas ou interesseiras (Padre Caussade).

[378] Cf. Jo 15,4.

[379] “Para mim, a felicidade é aproximar-me de Deus” (Sl 72,28).

[380] Encontram-se ocultas no bem, diz o padre Desurmont, um deleite, uma honra, uma glória, um não sei quê cuja natureza é extremamente apetitosa, na maioria das vezes mais apetitosa ainda que o mal. A alma não desconfia desse verme roedor, desse egoísmo requintado que sufoca a graça atual.

O Senhor, tanto por bondade para conosco como pelo desejo de sua glória, declarou-se, por sua parte indiferente, a todos os bens particulares. E decidiu que uma só coisa lhe agradava: sua vontade, de tal sorte que um nada conforme a essa vontade poderá merecer o céu e prodígios operados sem ela ficarão sem recompensa. Por isso mesmo, é necessário que, em tudo, nos proponhamos não simplesmente o bem, mas o bem querido por Deus, isto é, sua vontade. (*Le retour continuel à Dieu*).

[381] “São os violentos que o conquistam” (Mt 11,12).

[382] É praticamente aquilo a que Bossuet chama “momento de solidão afetiva, o qual devemos procurar, a todo custo, pelo dia adiante”. É o que, tão instantaneamente, aconselhava São Francisco de Sales, sob o nome de retiros espirituais. “É nesse exercício do retiro espiritual e de orações jaculatórias que consiste a grande obra da devoção. Esse exercício pode suprir a falta de todas as demais orações, mas a falta dele quase sempre não pode ser reparada por outro qualquer meio. Sem ele, a vida ativa será mal feita... e o trabalho é apenas um embaraço... (*Introdução à vida devota*, 2ª parte, cap. III).

[383] Em tradução livre, “distração mental”.

[384] “Faze o que estás fazendo”, isto é, “aplica-te inteiramente à ação presente”.

[385] O que Deus quer, como Ele o quer e porque Ele o quer.

[386] “Por isso, Deus o exaltou soberanamente” (Fp 2,9).

[387] Sermão *in Nativitate Beate Vergini Mariæ*, em *Aquæductu* (São Bernardo).

[388] Ninguém se salva senão por vós, Mãe de Deus. Ninguém recebe o dom de Deus senão por vós, ó cheia de graça (São Germano). A santidade cresce em razão da devoção que se professa por Maria (padre Faber).

[389] Com Maria, fazem-se mais progressos no amor de Jesus em um mês que em vários anos, vivendo-se menos unido a essa boa Mãe (São Luís de Montfort).

[390] *Filioli hæc mea máxima fidúcia est, hæc tota ratio spei meæ*, isto é, “Meus filhos, ela é a base de toda minha confiança e toda a razão da minha esperança” (São Bernardo).

[391] Em tradução livre: “A vida espiritual: na Escola do Bem-aventurado Luís Maria Grignion de Montfort” (sem versão portuguesa). O padre Antoine Lhomeau foi superior geral da congregação fundada pelo então beato, hoje santo, Luís de Montfort.

[392] Em tradução livre: “Por ti, são reduzidos a nada nossos inimigos”.

[393] “Mãe do bom conselho”.

[394] “Tesoureira das graças celestes”.

[395] “Consoladora universal”.

[396] “Virgem sacerdote”.

[397] “Virgem Toda Santa”.